UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Guilherme Flynn Paciornik

Movimentos sociais e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: um estudo de caso na zona sul da cidade de São Paulo, a Casa dos Meninos

Campinas, SP
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Guilherme Flynn Paciornik

Movimentos sociais e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: um estudo de caso na zona sul da cidade de São Paulo, a Casa dos Meninos

Orientador: Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Guilherme Flynn Paciornik, e orientada pelo Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos

_____

Orientador

Campinas, SP
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/338

P119m

Paciornik, Guilherme Flynn, 1980-
Movimentos sociais e as novas tecnologias da informação e comunicação : um estudo de caso na zona sul da cidade de São Paulo, a Casa dos Meninos / Guilherme Flynn Paciornik. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Laymert Garcia dos Santos.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Casa dos Meninos . 2. Movimentos sociais. 3. Tecnologias da informação e comunicação . 4. Tecnologias - Aspectos sociais. 5. Tecnologia da informação. I. Santos, Laymert Garcia dos,1948-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Social movements and the new information and communication technologies : a case study in the south region of São Paulo city, The Casa dos Meninos
Palavras-chave em inglês:
Social movements
Information and communication technologies
Tecnology - Social aspects
Information technology
Área de concentração: Sociologia
Titulação: Mestre em Sociologia
Banca examinadora:
Laymert Garcia dos Santos [Orientador]
Pedro Peixoto Ferreira
Marcus Abílio Gomes Pereira
Data de defesa: 02-10-2013
Programa de Pós-Graduação: Sociologia

Guilherme Flynn Paciornik

Movimentos sociais e as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: um estudo de caso na zona sul da cidade de São Paulo, a Casa dos Meninos

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 2/10/2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos
(orientador)

Prof. Dr. Pedro Peixoto Ferreira
DS/IFCH/Unicamp

Prof. Dr. Marcus Abílio Gomes Pereira
UFMG

SUPLENTES:

Prof. Dr. Pablo Ortellado (USP)

Profa. Dra. Marta Mourão Kanashiro (DS/IFCH/Unicamp)

Outubro/2013

Resumo

A pesquisa descreve os usos de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) pela Casa dos Meninos, movimento social da zona sul da cidade de São Paulo, e os compara com usos descritos na recente bibliografia sobre relação entre movimentos sociais e TICs, bem como com os usos praticados por outros movimentos sociais no Brasil. Analisa-se também uma teoria que busque compreender mais a fundo a tecnologia em si, os objetos técnicos, para a partir desta pensar o contemporâneo como marcado por duas principais alienações, a do trabalho e a da tecnologia, que se combinam e realimentam. Por fim, por meio da combinação entre as observações do campo e da teoria, examinam-se potenciais e potencialidades num futuro próximo e a médio prazo das TICs e das tecnologias de forma mais geral para o conjunto dos movimentos sociais brasileiros.

Palavras-chave: movimentos sociais; TIC; tecnologia; sociologia da tecnologia; Casa dos Meninos

Abstract

This research describes uses of new Information and Communications Technology (TICs), by a social movement in the South side of São Paulo, called Casa dos Meninos, and compares them both to uses described in the recent bibliography on relations among social movements and TICs as to uses practiced by other social movements in Brazil. It also analyzes a theory that encompasses in depth technology in itself, the technical objects, and from there discusses the contemporary as branded by two main alienations; labour and technology which combine and feed one another. Finally, through the combination of field observation and theory it examines potentials for TICs and technology as a whole in the near future and medium term for the whole of Brazilian social movements.

Keywords: *social movements; ICTs; technology; sociology of technology; Casa dos Meninos*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, a todos que lutam, lutaram e lutarão por um mundo melhor.
Ao Cleodon Silva, inventor e comunista, que viu antes e viu longe, que nunca confundiu riqueza com dinheiro, e que permanece vivo nas lutas da Casa dos Meninos e de tantos outros.
à Casa dos Meninos que tão bem me recebeu. Em particular obrigado à Fátima Rodrigues, Daiane Araújo dos Santos, Luana Bhering e Josiane Oliveira, por me darem um conhecimento que a academia em si não é capaz.
A meu pai Silvio Davi Paciornik, que, além de doar o material genético e cultural, me deu ricas aulas sobre história e princípios dos computadores e da computação, desde análise de processadores digitais, até álgebra de Boole.
A minha mãe Maria Helena Moraes de Barros Flynn, por tudo, simplesmente tudo, desde me fazer um fanático por leitura, e até por minhas idiossincrasias.
A meu irmão Vitor Flynn, que sempre me incentivou à ousadia e que foi fundamental tanto na leitura do texto quanto na diagramação e nos desenhos que ilustram este texto.
Aos três acima amor é uma palavra insuficiente.
A Laura Sánchez Garcia, pelo apoio incondicional, que em muitos momentos acreditou até mais do que eu nesse trabalho.
A Antonio Gracias Vieira Filho, vulgo Tunico, por sua aula de disciplina na escrita do projeto, sem o qual provavelmente este texto não existiria. A Alexandre Vega, Joana Saruê e à Nana, simplesmente por existirem e fazerem parte de minha vida.
A Rodrigo Linharez, por sua amizade monicceliana, que nunca concordou em uma palavra sobre tecnologia comigo, mas que nunca deixou de ser meu amigo.
A todos e tantos do Ônibus Hacker, laboratório móvel de utopias, em particular Pedro Belasco, que me convidou e me ensinou muito sobre eletricidade e sobre hardware, Livia Ascava, anja; Fabricio Zuardi, que muito me ensinou sobre software; Pedro Markun e sua política irreverentemente séria; Priscilla Cavalieri; Dani Silva; Guilherme Cianfarani; Capi Etheriel; Henrique Trevisani e Gabriela Nardy, entre outros.
Ao Laymert Garcia dos Santos, por suas críticas e orientações generosas e por me apresentar outras formas de se pensar a técnica.
Ao povo do CTeME que me ajudou a questionar cânones e a ter uma relação diferente com a academia.
A Vera da Silva Telles por seus comentários no projeto.

A Gustavo Amigo (Smeg) e à Babi Lopes, que me ajudaram na construção do blog dessa pesquisa, e que sempre me ouviram e incentivaram.
A Carlos Henrique Menegozzo (Virtude) e Márcio Rosa que sempre discutiram teoria comigo.
Aos amigos Cesar Habert Paciornik, Ramon Szermeta e Eduardo Valdoski.
A Natália Guerreiro e Evorah Cardoso por suas generosas revisões.
A Carolina Peters pela transcrição de entrevistas.
Aos demais integrantes do Instituto Lidas e da Casa dos Meninos, entre outros, à Dona Maria Lima de Araújo e Jenivan de Souza, à Arivonaldo Vieira e Inaê Batistoni.
A Helena Picazzio pela calma que me trouxe quando eu precisava de calma.
A todos que batalharam para que houvesse financiamento de pesquisa em teoria social com verba pública, e a Capes que executa essa conquista.
A tantas e tantos que fica até difícil listar, às pessoas do Coletivo Rosa Zumbi, Intervozes, aos militantes da DS, à Transparência Hacker, entre tantos outros.

SUMARIO

1 **Introdução**

3 *Uma nova cena?*

7 *Breve nota metodológica e terminológica*

11 **Capítulo 1**

11 **A Casa dos Meninos no Jardim São Luis: um breve histórico**

13 *O Jardim São Luis*

13 *A Casa dos Meninos – um breve histórico*

14 *O espaço físico da Casa dos Meninos*

15 *Cleodon Silva, militante histórico e inventor*

26 *Principais projetos da Casa dos Meninos no período entre 1999 e 2010: formação de identidade*

35 *A prática e a teoria política da Casa dos Meninos*

36 *Juventude*

38 *Tecnologia*

41 *Território*

47 **Capítulo 2**

Perfil atual e principais projetos da Casa dos Meninos

49 *A Casa dos Meninos hoje*

51 *Projetos com a Escola Municipal Procópio Ferreira, eleição de representantes e Acervo Digital.*

62 *Projeto Acervo e Redes Digitais*

66 *2011 -2012 Anos de crise na Casa dos Meninos*

66 *2013 – Ascensão e ampliação do trabalho*

69 **Capítulo 3**

Movimentos Sociais e Novas Tecnologias

71 *Movimentos Sociais*

72 *O Brasil - Um futuro que não é mais como antigamente*

74 *Relação entre Estado, movimentos sociais e partidos*

76 *América Latina*

78 *Bibliografia relacionando movimentos sociais e TICs*

83 *Bibliografia relacionando movimentos sociais e TICs no Brasil*

90 *A Casa dos Meninos, os movimentos sociais, e as teorias sobre movimentos sociais e as TICs*

95 **Capítulo 4**

Técnica, tecnologia e o contemporâneo

97 *Origens da Técnica*

99 *Uma chave para se pensar o contemporâneo, o pensamento de Gilbert Simondon*

103 *Comparação do conceito de alienação em Marx e Simondon*

112 *Passagem para o Contemporâneo*

116 *O digital*

128 *A Casa dos Meninos, as técnicas e a tecnologia*

132 *Tecnologia e Educação na prática da Casa dos Meninos*

133 **Capítulo 5**

Metodologia e reflexões metodológicas

135 *Um projeto a partir dos e para os movimentos sociais*

137 *Uma segunda qualificação*

138 *Relação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa*

141 *Devolutiva dos resultados de pesquisa*

141 *Formação para melhor entendimento e capacidade de discussão sobre* tecnologias *digitais*

142 *Como cheguei ao tema.*

144 *Novas epistemologias, novas metodologias, novos programas de pesquisa*

145 *Caminhos mais coletivos: Uma possibilidade.*

148 *Difusão Científica: Ciência para quê? Ciência para quem?*

149 *Reconhecimento e redistribuição*

155 **Considerações finais e conclusões**

157 *Movimentos Sociais*

162 *Tecnologia*

163 *A teoria dos movimentos sociais e das relações destes com as TICs*

164 *Casa dos Meninos*

169 **Bibliografia**

177 **Anexos**

179 *Anexo 1 – entrevista com Cleodon Silva transcrição*

215 *Anexo 2 – Entrevista com Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 23 de Junho de 2012 – transcrição*

237 *Anexo 3 – Cordel sobre criação de Reco-Reco – Poesia e planta técnica*

243 *Anexo 4 – Capas de outros cordéis de Cleodon Silva*

245 *Anexo 5 – Roteiro de perguntas para Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 19-04-2012*

247 *Anexo 6 – Roteiro de perguntas finais para da Casa dos Meninos 07-07-2013*

249 *Anexo 7 – Metodologia diagnóstico criança e adolescente*

255 *Anexo 8 – Formulário do Movimento Creche Para Todos*

INTRODUÇÃO



Uma nova cena?

Em 1988, o sociólogo Eder Sader escreveu uma obra que se tornaria clássica nos estudos sobre movimentos sociais no Brasil. Trata-se de *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Desde então, houve mudanças, tanto na cena quanto nos personagens. Nos últimos anos de regime ditatorial, foi possível presenciar a organização e atuação de movimentos sociais que demandavam as mais diversas pautas. Entre elas, ganharam destaque as reivindicações por moradia e o movimento contra o aumento do custo de vida, a carestia. Esses movimentos tinham um comportamento marcado pela cobrança de políticas públicas voltadas aos extratos mais pobres da população, bem como de fiscalização da execução das mesmas (Gutierres, 2006).

Caso burilemos um pouco mais a metáfora dramatúrgica do título de Sader, poderíamos dizer que ninguém se lembrou de escrever para o Brasil uma versão de *Seis personagens à procura de um autor*, de Pirandello. Os personagens ainda existem, mas os enredos que davam significado às suas meta-narrativas estão em constante discussão e atualização. A organização dos atos da peça mudou, a relação entre os personagens também, assim como a forma como os espectadores podem apreciá-la. Os principais figurinos e o papel de cada personagem se transformaram tanto em razão das modificações maiores do regime de produção capitalista, quanto com o cenário político latino-americano e brasileiro, e ainda pelo aparecimento e crescimento exponencial das Organizações Não-Governamentais (ONGs). Estas últimas possuem formas de atuação e de discussão política bem diversas dos movimentos sociais da década de 1980 (Gutierres, 2006).

Um dos objetivos centrais deste texto é discutir de que forma e por quais vias o campo dos conflitos e demandas sociais é ou não afetado ou reconfigurado pelas possibilidades abertas com as novas Tecnologias da Informação e Comunicação, doravante chamadas apenas , as TICs. De que forma o palco central e as possibilidades dos autores são modificados pelo domínio e manipulação, a nível local, das informações públicas? Ou por meio do acesso, por parte do conjunto da sociedade, a informações em tempo real através de novos meios de comunicação? Ou, ainda, com o baixo custo de reprodução e difusão de discussões? Quais outros atores entram em cena nesse campo social, e de que modo isso afeta a dinâmica dos movimentos sociais?

Se tomarmos por verdade que as cenas e personagens se alteram, será que as possibilidades abertas pelo uso das TICs poderão contribuir para que, em breve,

seja possível escrever um *Quando e como novos personagens entrarão no centro da nova cena?*

Acredito que sim. Estamos numa época de profunda transformação política, social e econômica ocasionada, entre as últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, pela introdução de tecnologias digitais em praticamente todas as esferas do fazer humano, da produção à comunicação, passando pela circulação de mercadorias, pelo lazer, pela produção e usufruto de bens simbólicos e culturais. O uso em particular de um conjunto dessas tecnologias, as novas TICs, pelos movimentos sociais, pelas lutas populares e por movimentos transnacionais é um uso ainda incipiente, e que vai transformar profundamente a forma de organização, de financiamento, de comunicação, e provavelmente a cultura política desses movimentos, modificando conjuntamente suas possibilidades e devires políticos. Essa crescente adoção de tecnologia pelos movimentos sociais não se dá puramente por vontade política, mas é, sim, profundamente limitada por *condições objetivas* e materiais, em particular no que diz respeito: às condições econômicas de compra e manutenção de equipamentos e serviços; às condições geográficas – em suas interfaces tecnopolíticas – de existência de conexão em banda larga à rede internet; às condições educacionais para participar de comunidades de desenvolvimento de softwares, de diálogo e disputa em línguas estrangeiras, assim como de domínio de matemática necessária à programação; e da situação geracional dos membros da direção de organizações políticas.

Entre outras alienações que grassam na sociedade brasileira do início do século XXI, duas se destacam. A primeira delas, consolidada na literatura, é a alienação do trabalho, e a segunda, que deve motivar discussões futuras e ser mais bem compreendida, a alienação da tecnologia. Aos que tentam construir uma teoria crítica que vise não só a compreender o contemporâneo, mas também participar do processo de sua transformação, torna-se necessário levar em conta ambas as alienações em suas formulações teóricas.

Há já uma considerável fortuna crítica em teoria social sobre os efeitos negativos da tecnologia sobre o social, sobre seus usos para a exploração do trabalho, seus usos para alijar o trabalhador de seu emprego, para criação de mecanismos de vigilância e de controle. Há também considerável discussão sobre os perigos da tecnologia na expansão sem controles promovida pelo capital – riscos biotecnológicos, ecológicos e sociais. Sem ignorar a existência dessa discussão que trata de riscos, controle e exploração da tecnologia, a intenção neste texto é inversa. Ao invés de se buscar o difundido uso da técnica pelo capital e por dispositivos

de poder e vigilância, a pesquisa procurou se debruçar sobre os modos empíricos de apropriação da tecnologia por contestantes do poder estabelecido, por aqueles que buscam transformar o sistema – e, dentro desse conjunto, por um subgrupo em particular: os movimentos sociais. O central aqui é buscar, fixar, esmerilhar *potências* da tecnologia para a teoria social e para os movimentos sociais. Como pano de fundo desta dissertação, subjaz a hipótese de que, na junção entre tamanho, enraizamento, organicidade e premência das pautas dos "movimentos sociais tradicionais"; entre as possibilidades abertas pelas TICs, de redução de custos de organização e comunicação; bem como entre as possibilidades abertas por um conjunto de discussões realizadas pelos novos movimentos da cultura digital, habita um grande potencial teórico e político cuja concretização está em aberto.

Por que a Casa dos Meninos como objeto de estudo? Em primeiro lugar, e antes de qualquer coisa, porque considero que a história de Cleodon Silva e da Casa dos Meninos é uma história que merece ser contada. Nos últimos 30 anos, Cleodon Silva (1949-2011) usou, de forma ao mesmo tempo sistemática e inventiva, a tecnologia para, entre outras coisas: combater a ditadura, organizar a oposição sindical metalúrgica, organizar o sistema público de creches na gestão da prefeita Luiza Erundina em São Paulo, identificar individualmente empresas poluidoras da bacia do Rio Tietê, organizar espaços de lutas pelos direitos da criança e do adolescente, organizar a juventude em comunidades de periferia, e para a discussão de educação. Já os integrantes da Casa dos Meninos, entidade sediada no Jardim São Luís, na zona sul de São Paulo, compartilharam os últimos 12 anos de luta de Cleodon Silva e continuam desenvolvendo suas próprias teorias e ferramentas tecnológicas de luta cotidiana. A partir do tripé *juventude*, *tecnologia* e *território*, organizam a população local em diversas lutas, e se apropriam de forma não proprietária da tecnologia, desenvolvendo, a partir das discussões na comunidade, sistemas de informação, mapas, sites, cruzamento de banco de dados e ferramentas diversas. Criaram antenas wi-fi de latas e uma rede local não-proprietária de internet, que em breve será intranet também. Realizam formação com jovens da comunidade sobre software livre, georreferenciamento e tecnologias audiovisuais. Digitalizaram todo o acervo didático de uma escola da região e discutem uma proposta emancipadora de educação, que vise à autonomia intelectual e que compreenda o território e as tecnologias, em oposição a um tipo de educação voltada à formação de mão-de-obra. Foram capazes, por exemplo, de criar movimentos sociais em prol de creches a partir de georreferenciamento e visualização, por parte da população, das desigualdades vivenciadas, feito alcan-

çado em 2008. Querem *resgatar* a tecnologia do capital e devolvê-la de forma não alienada para a população.

Não importam as dimensões limitadas do grupo: em questão de tecnologia e movimentos sociais, trazem contribuições e discussões importantes, que não pude achar em outros locais ou na bibliografia. Cleodon Silva era capaz de trabalhar com georreferenciamento em 1988 usando mapas em papel e o sistema operacional DOS, sem uma interface gráfica mais desenvolvida. No que diz respeito ao georreferenciamento, os integrantes da Casa dos Meninos possuem um conhecimento muito grande e que tampouco achei similar na bibliografia.

A primeira parte desta dissertação, o campo, compreendida nos capítulos 1 e 2, é muito mais importante que qualquer ilação teórica dos capítulos seguintes. Décadas de luta acumulam mais saber e nuances do que dois anos e meio de pesquisa são capazes de explicitar. O estudo de campo foi colocado antes da discussão teórica para que outros pesquisadores possam, a partir do mesmo material, fazer suas próprias análises e derivar suas próprias conclusões. Há nesta parte do texto um salutar cheiro de terra, de asfalto e de gente.

O objetivo aqui é estudar um movimento que coloca as TICs no centro de sua prática e de seu discurso, e que, importante sublinhar, coloca as TICs a serviço de pautas tradicionais, como a luta por creches, educação, direitos da criança e do adolescente etc. A escolha de um movimento situado no meio termo entre movimentos sociais com baixo ou nenhum uso das TICs e novos movimentos criados *a partir* das novas TICs se deve também ao fato de haver extensa bibliografia dedicada a movimentos sociais entre as décadas de 1970 e 1990, bem como considerável material recente sobre movimentos novos com alto uso de TICs, mas pouca bibliografia em português que analise a interface entre ambos os tipos de movimento, ou que fale da apropriação das TICs por parte dos movimentos com pautas semelhantes às da década de 1980. Além disso, o recorte se justifica em face do tendencial aumento do uso de TICs para diversas atividades[1], e de não existirem motivos para se presumir que as atividades dos movimentos sociais mais tradicionais ficarão de fora desse aumento no futuro próximo.

A partir da comparação das práticas da Casa dos Meninos com as descritas na literatura acadêmica, pretendo identificar práticas e discursos comuns a ambas, assim como as que são autóctones, de apropriação das TICs no contexto brasileiro, e possibilidades de apropriação das mesmas por parte de outros movimentos sociais tradicionais.

1. CETIC. Pesquisa "TIC Domicílios 2011". Disponível em < http://cetic.br/usuarios/tic/2011-total--brasil>. Acesso realizado em: 21/08/2013.

Breve nota metodológica e terminológica

Esta dissertação se enquadra no campo da teoria crítica, mas se informa por uma série de outras teorias, tanto a respeito da tecnologia como sobre os movimentos sociais. Cabe dizer que se enquadra mais normativamente dentro da teoria crítica segundo o pressuposto de que a esta não cabe apenas compreender o mundo, mas transformá-lo; do que em grande parte de seus demais postulados e discussões correntes e concorrentes. Para definir essa normatividade da teoria crítica, o postulado de Boaventura de Souza Santos é preciso: é necessário buscar "minimizar a neutralidade e maximizar a objetividade".

"*Minimizar a neutralidade*", ideia compreendida como ter clareza que todo discurso ou teoria social possui implicações políticas, e que toda afirmação tem pressupostos lógicos, ontológicos e epistemológicos, ou seja, normativos. Se não há neutralidade possível, a atitude teoricamente mais transparente é a de explicitar o local de fala: os valores que orientaram a seleção do objeto de pesquisa e os próprios motivos de se produzir teoria social.

"*Maximizar a objetividade*", compreendida como jamais sobrepor os valores que orientam a teoria aos resultados empíricos. Cabe explicitar ao máximo quais objetos empíricos e teóricos estão em análise e quais métodos foram utilizados para se chegar às conclusões sobre esses objetos.

Entretanto, mesmo que a realidade seja objetiva, as percepções sobre ela são subjetivas. É oscilar entre o ingênuo e a má fé, numa sociedade cindida como a ocidental contemporânea, com múltiplos mecanismos de formação de subjetividades, imaginar uma teoria social única. E é de se especular, inclusive, se seria interessante ou desejável que tal existisse. A própria teleologia epistemológica de ciência alguma é algo estático e inerte, pelo contrário, é um campo de conflitos.

A presente pesquisa apresentou, portanto, caráter exploratório, valendo-se de uma etnografia para apreender o campo, de uma discussão de conceitos de tecnologia e de uma revisão de bibliografia sobre movimentos sociais e sobre as relações entre movimentos sociais e TICs. Foi conduzido um segundo trabalho de campo, em paralelo ao estudo de caso central, que consistiu em cinco visitas ao coletivo sobre rodas Ônibus Hacker, com o intuito de captar outros discursos sobre práticas políticas e tecnologias, e para melhor entender e comparar o uso de TICs realizado pela Casa dos Meninos.

Sobre os termos "homem" e "humano", será usado o primeiro quando se quiser denominar um ser da espécie humana do gênero masculino, e "humano" como o termo geral que engloba a nossa coletividade de espécie. Entendo que o uso de

"o homem" para se referir ao conjunto dos integrantes da espécie reproduz uma metonímia de parte pelo todo que reforça uma dominação de gênero.

Quanto aos conceitos utilizados, se Spitzer afirma que "a polissemia das palavras e expressões são o vestígio visível das lutas pelo poder de nomear que se travam no seio de todos os universos sociais", então a luta pela significação "tecnologia" e "movimento social" é uma luta ainda em aberto. Busquei dar uma definição simples dos conceitos adotados de TICs e de movimento social no capítulo 3.

O conjunto dos textos usados na elaboração desta dissertação será enviado em cópia digital para os integrantes da Casa dos Meninos, para que, independentemente de diferenças em trajetórias acadêmicas, eles possam explorar o material da forma como melhor entenderem. Quando não houver uma cópia digital disponível, será enviada a referência.

Como parte desta pesquisa, estão previstas devolutivas no local de estudo para os sujeitos envolvidos e abertas a movimentos da região que se interessarem.

A entrevista com Cleodon realizada em novembro de 2009 por Agnes Mariano, e gentilmente cedida para minha pesquisa pelos integrantes da Casa dos Meninos e pela ex-mulher de Cleodon Silva, Rosângela Batistone, é um material excelente para se conhecer um pouco mais da visão e história desse militante, e por esse motivo é reproduzida na íntegra como anexo. Ademais, recomendo fortemente a leitura desse interessantíssimo material.

Sobre a estrutura desta dissertação, o primeiro capítulo descreve a região em que se situa o bairro do Jardim São Luis, no distrito do Campo Limpo. Esse segmento traz ainda aspectos da história de vida de Cleodon Silva, da própria Casa dos Meninos, bem como as principais reflexões políticas, discursos e práticas dos integrantes da Casa desenvolvidos no período 1999-2010.

O segundo capítulo descreve o principal projeto conduzido entre 2011 e 2013 pela Casa dos Meninos, a parceria com a Escola Municipal Procópio Ferreira. Particular atenção é dirigida ao momento de eleição de representantes na escola, e ao projeto Acervo Digital – projeto, este, que reúne a instalação de uma rede de internet através de antenas caseiras por eles mesmos fabricadas e a construção de um espaço digital para acervos didáticos (livros digitais, filmagens de aulas da escola) e de organização política e compartilhamento cultural. Essas etapas do projeto já foram realizadas. Para o próximo período, está prevista a construção de uma intranet que lhes permitirá ter controle e autonomia sobre a comunicação digital dentro do território.

O terceiro capítulo recompõe aspectos da atual discussão sobre movimentos sociais na bibliografia e das relações entre movimentos sociais e novas tecnologias, descrevendo alguns outros atores políticos encontrados na pesquisa e comparando afirmações da bibliografia com as práticas e com o momento político vivenciado na Casa dos Meninos.

O quarto capítulo traz uma discussão sobre a técnica, a tecnologia, os objetos técnicos e os modos de se pensar o contemporâneo a partir das formas que a tecnologia assumiu no digital. Para tanto, apresenta e discute a contribuição do pensador Gilbert Simondon, autor de um pensamento capaz de refletir tanto sobre os sentidos e formas mais gerais do desenvolvimento técnico, como de se debruçar sobre os próprios objetos técnicos e compreender seus mecanismos e funcionamentos internos. É por meio da comparação entre o conceito de alienação na teoria de Simondon e na de Marx que se propõe que o contemporâneo é simultaneamente marcado por duas alienações, a do trabalho e a da tecnologia, que se sobrepõem e se retroalimentam.

O quinto capítulo se dedica a descrever a metodologia utilizada e apresentar notas metodológicas e reflexões levantadas a partir do estudo de campo, bem como a partir do estudo sobre tecnologia, propondo indagações no sentido de teorias mais coletivas e menos eurocêntricas para se pensar a ação coletiva.

As considerações finais e conclusões sintetizam as discussões presentes nos capítulos anteriores e propõem que o futuro está aberto no que diz respeito a *como* serão as feições finais da junção – já em andamento – entre o popular e o digital. Defende-se que o futuro está aberto também no que diz respeito a *como* se dará a apropriação das TICs pelos movimentos sociais tradicionais brasileiros, se de forma alienada e proprietária, ou se de forma livre, compartilhada e desalienante.

Partindo da riqueza e diversidade do material audiovisual obtido, foi criado na internet um espaço complementar a este texto para acomodá-lo, em particular vídeos, áudios e mapas que ficavam sobremaneira reduzidos no formato A4, quase mandatório no atual costume acadêmico. Mesmo os trechos que não dialogam diretamente com os objetos aqui analisados podem eventualmente ser de interesse para outros pesquisadores.

CAPÍTULO 1
A CASA DOS MENINOS NO JARDIM SÃO LUIS: UM BREVE HISTÓRICO

A Casa dos Meninos é um laboratório de construção do novo
Cleodon Silva



O Jardim São Luis

O Jardim São Luis[2] é um distrito na zona sul da cidade de São Paulo situado a cerca de 18 quilômetros da Praça da Sé. Limita-se ao norte com o distrito do Campo Limpo e ao sudoeste, com o distrito do Capão Redondo. De acordo com a divisão territorial da prefeitura de São Paulo, faz parte da Subprefeitura do M'Boi Mirim. Sua área é de 24,70 km² e, no último censo do IBGE, em 2010, figurava com 267.871 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 10.845 habitantes por km², mais alta que a média paulistana, de 7.430 hab/km²; Abrigava 2,4% dos 11.253.503 moradores da cidade.[3]

2. O nome Jardim São Luis é grafado de forma diferente por instâncias e áreas diferentes do poder público, a Saúde tende a usar a grafia com z, Luiz; outras áreas escrevem com acento no i, Luís. Optei por Luis sem z e sem acento pois esta é a grafia utilizada pela Casa dos Meninos

3. IBGE. *Censo de 2010*.

A Casa dos Meninos – um breve histórico

A Casa dos Meninos é uma associação, fundada em 1962, no Jardim São Luis por um grupo de empresários preocupados com uma questão que então emergia envolta em gravidade: o alto número de crianças em situação de abandono. A Casa surgiu como um orfanato masculino que abrigava 50 meninos abandonados por suas famílias, derivando daí o nome que a identifica até hoje. Permaneceu subsidiada por esse grupo de empresários até 1978, quando eles se afastaram da associação e esta foi assumida por moradores do bairro, mantendo um caráter de forte preocupação com a assistência social no local e assumindo uma estrutura típica de ONG.

Em 1999, a direção da Casa convida o Instituto Lidas, de Cleodon Silva – doravante Silva, como era conhecido pelos amigos e militantes – para o que seria um pontual curso de informática para qualificação profissional dos jovens da região. Silva aceita realizar o projeto, mas sob algumas condições. Em primeiro lugar, como o espaço não contasse com internet, Silva estabeleceu que, sem a instalação da rede, não aceitaria fazer o projeto. Além disso, os computadores disponíveis eram velhos PCs 486 – diante desse cenário, Silva estipulou que, sem a configuração mínima de um PC com processador Pentium e com modem para acessar a internet, ele também não levaria o curso adiante. Por fim, Silva expõe que o conteúdo do curso não deveria ser apenas informática, mas a informática em suas relações com o território. A direção da Casa dos Meninos aceita os termos e assim se inicia a parceria com o Instituto Lidas, que mudaria em definitivo a história da Casa dos Meninos e um tanto da história do bairro.

Em 2001, Silva é convidado para a diretoria da Casa, em um processo descrito por ele nos seguintes termos: "Os nomes para a diretoria eram nomes que se colocava, mas, na verdade, não tinha funcionamento. A diretoria era 'para in-

glês ver', como a maioria das ONGs". A partir de então, os projetos e processos de mudança se aceleraram. Em 2003, uma parte da juventude local que já havia participado de projetos na Casa começa a se aproximar da direção e se confrontar com a então principal diretora, Diana. Em 2006, dá-se uma saída coletiva de cinco educadores que eram, segundo a ex-presidente da Casa Fátima Rodrigues, "mais ligados ao modelo tradicional de ONG". Um grupo de jovens entre 15 e 20 anos assume a Casa – ainda segundo Rodrigues, "cometendo responsabilidades e irresponsabilidades". Em 2008, o conjunto da direção decide cessar os convênios com a Secretaria de Assistência Social e buscar a autonomia financeira por outros meios, deixando de depender centralmente de uma única fonte governamental.

Em grossos traços, esse é o caminho percorrido pela Casa, no que tange à direção política da associação. Abaixo, apresentarei melhor quem foi Cleodon Silva e quais os projetos que fazem desse conjunto de experiências um objeto de interesse.

O espaço físico da Casa dos Meninos

A Casa dos Meninos se situa na Rua Yoshimara Minamoto, número 656, dentro do distrito do Jardim São Luis, e no bairro do Jardim Fim de Semana. A construção principal situa-se no topo de um terreno em declive, gramado e arborizado, com a casa perpendicular à rua, suas doze janelas da frente ao fundo, e cinco grupos de dois bancos de madeira a se estender ao longo da lateral da casa. O terreno é triangular, e entre a vegetação destacam-se um grande pinheiro, que balança sob o forte vento de uma área pouco verticalizada, uma árvore com flores de um vermelho forte, e um pequeno arbusto com flores brancas. Para além da construção principal, há uma segunda construção, menor, mas também de dois andares, em cujo primeiro andar funciona uma sala para reuniões e estudos dos representantes da Escola Procópio Ferreira, um dos projetos em andamento que será descrito mais adiante, e que tem em seu segundo andar um conjunto de documentos do movimento de defesa dos direitos da criança e do adolescente de toda a cidade de São Paulo, acervo, este que deve ser transferido no próximo período para o arquivo do Centro de Documentação e Memória (Cedem), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), na Praça da Sé, no centro da cidade de São Paulo.

Para esta pesquisa, foi elaborado um pequeno vídeo apresentando o espaço físico da Casa dos Meninos e um pouco do que lá existe. Esse vídeo pode ser visto em: http://vimeo.com/45852671.

Cleodon Silva, militante histórico e inventor

Discutir as práticas da Casa dos Meninos nos últimos tempos sem resgatar parte da trajetória de Cleodon Silva é se aventurar em uma história incompleta. Muito do que há de novo e interessante na discussão da Casa é fruto da experiência de vida e de militância de Silva. Considerável parte do histórico a seguir, bem como todos os trechos que figuram como citações, foram extraídos da entrevista com Silva realizada pela pesquisadora Agnes Mariano, em 2009. Complementam o texto documentos do Instituto Lidas, material presente no site do Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP)[4] e notas de minhas conversas com Silva. Os grifos no texto são de minha autoria.

Silva nasceu em 1949, na cidade de Garanhuns, estado de Pernambuco, filho de um enfermeiro e uma servente do hospital local. Já adolescente, um ano antes do golpe militar de 1964, começa a se envolver com representação política estudantil secundarista. Nos dias do golpe, 31 de março para 1º de abril de 1964, o jovem ajuda a interromper as atividades na escola, a espalhar cartazes de greve pela cidade, e é então que vê, pela primeira vez, no que constituiu momento marcante, um mimeógrafo no sindicato dos bancários locais. Nesse mesmo dia, vê também a violência política pela primeira vez: os militares enchem a rua de metralhadoras, invadem o sindicato dos bancários e fazem uma fogueira na rua com todos os livros ali encontrados. Silva passa os dois anos seguintes praticamente internado na biblioteca local, estudando política, filosofia, sociologia, entre outros temas. Em 1967, Nilmário Miranda (que posteriormente foi ministro de Direitos Humanos do Governo Lula) chega a Garanhuns com material de propaganda marxista, que é devorado pelos jovens locais alinhados mais à esquerda, incluindo Silva.

Ainda em 1967, Silva participa da organização do congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) no estado de Pernambuco. Nesse encontro, duas particularidades o marcam. A primeira – e se trata da segunda menção política a um objeto técnico na sua entrevista autobiográfica – é o uso do rádio. Em dado momento do congresso, um estudante consegue sintonizar a Rádio Havana e todos ouvem um discurso de Fidel Castro. A segunda particularidade era a premência do que entendia como "situação concreta". Durante o congresso, as discussões orbitavam na aliança operário-estudantil-camponesa e em oposição ao acordo MEC-USAID, que se lia como uma infiltração imperialista no ensino brasileiro. *É então que Silva pede a palavra e levanta o problema da situação concreta do aluno na sala de aula e as dificuldades encontradas nos locais de ensino, pois avaliava que, embora os pontos até então discutidos fossem importantes, eles*

4. Instituto que, entre outras atividades, recolhe, preserva e conta a história das lutas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (Monsp) nas décadas de 1970 e 1980. Mais informações em: <http://www.iiep.org.br>. Acesso realizado em: 21/08/2013.

ficariam no abstrato, não desceriam aos problemas da forma como eram percebidos pelos alunos no dia a dia: "Eu verifiquei que o pensamento na situação concreta é importante. Se tirar isso, vai ficar etéreo. Vai ficar sem lugar".

Nesse mesmo congresso, Silva recebe de outro militante dois livros que o marcam: *A concepção materialista de História*, de Plekhanov, e *ABC do Comunismo*, de Bukharin. Devora ambos e passa a se afirmar, já sem dúvida alguma, como comunista.

Em 1969, ingressa no Grupo Armado de Propaganda (GAP), sua primeira agremiação de esquerda. Em uma ação no Recife, participa de um tiroteio contra as forças do regime. Nesse momento, Silva também se via politicamente próximo à Política Operária (Polop), a qual passa a integrar. Ainda em 1969, criticando a falta de ação e o excesso de estudo que via na Polop, passa para o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), onde é designado para compor a Comissão de Campo. Isso porque, a partir daquele ano, Silva começa a trabalhar em uma entidade dirigida pelas mulheres dos usineiros pernambucanos, a Cooperar na Arte (Cooperarte). A vivência o faz tomar contato com as condições dos trabalhadores do plantio de cana-de-açúcar no estado. *Realiza, pela primeira vez, um feito que, muitos anos depois, repetiria: transformar um trabalho de caráter assistencialista, para o qual havia sido convidado, em um trabalho de formação política.* Não dura muito no emprego: durante uma das primeiras reuniões de discussão política que promove no horário de trabalho, é interrompido por um capataz com uma espingarda calibre 44 e um revólver .38, e é "gentilmente" carregado de jipe para Recife, e demitido.

No ano de 1969, tem um filho com sua então namorada, que passa a ser sua esposa.

Em 1970, Silva começa seu primeiro trabalho com dados públicos, por meio de um concurso da Fundação Instituto de Administração Municipal (Fiam), onde atua no plano plurianual da cidade de Caruaru para os anos de 1971 e 1972. Ainda em 1970, sai da Comissão de Campo e decide ir para a Comissão de Fábrica do PCBR. Ninguém de sua célula política concorda com o deslocamento, mas isso não impede que o militante o realize mesmo assim. Por meio de um contato, Zé de Brito, junto à Aliança Libertadora Nacional (ALN), do militante Carlos Marighella, consegue um emprego numa fábrica de fertilizantes. Quando Zé de Brito e os demais militantes da ALN naquela fábrica são presos, Silva descobre que *a ALN estava fabricando, em turno extra e com as mesmas máquinas que lá havia, espingardas, das diversas peças até a munição, graças à inventividade de um ferreiro militante que*

lá trabalhava e ao qual Silva inclusive ensinou a escrever o próprio nome. Depois dessa experiência, Silva ainda trabalhou em diversas fábricas, por quase vinte anos.

Como o clima no Recife estivesse crescentemente tenso – e Silva já aparecesse em sete processos com seu nome de guerra –, por sugestão e com ajuda de um padre da Ação Católica Operária, Silva vem para São Paulo. Antes de partir, é praticamente expulso do PCBR por se recusar a revelar o paradeiro de um militante que estava com a morte decretada pela própria organização.

Chega a São Paulo em 1971, com contatos junto à Polop e à Pastoral Operária, destacadamente Waldemar Rossi, militante renomado. Numa solução engenhosa, passa a adotar o próprio sobrenome como nome de guerra: "Comecei a usar o sobrenome: Silva. E Silva é o anonimato assinado. Isso me ajudou bastante". Por conta de sua militância, fica oito anos sem poder ver o filho, e, em certo momento, recebe carta de sua esposa, constantemente seguida por agentes dos órgãos repressivos à paisana, pedindo o divórcio.

Silva segue o trabalho nas fábricas, e paulatinamente vai se aproximando da gestão de processos, do controle de qualidade. Sempre trabalhando clandestino na organização de trabalhadores, começa a compreender e a se interessar mais e mais pelos processos produtivos. Conta que, certa vez, um sócio da Ardea, a empresa onde então trabalhava, lhe mostrou um máquina gigantesca, de meio quarteirão, que tinham acabado de perder, pois um processo novo, um simples conta-gotas de plástico, a tinha tornado completamente desnecessária. "Para mim, foi uma aula de produção, do sucateamento das coisas. Uma inovação, a invenção do conta-gotas, sucateou uma máquina que tinha o tamanho de um quarteirão", recorda o militante, e complementa: "*Quando vi aquela coisa toda, a dinâmica da produção, eu ficava me perguntando quais as informações necessárias e como os trabalhadores iriam dar conta de assumir. Não só a questão do domínio da técnica, mas saber a hora que interessa a substituição de uma tecnologia por outra. Como operar tudo isso e tomar decisões políticas que iriam implicar em uma economia, ou impacto no meio ambiente, ou, enfim, todas essas questões que são colocadas*. Tinha gente que trabalhava lá há 10 anos e nunca conheceu o outro lado da fábrica. Nem sabe, nem consegue ter na cabeça o fluxo da produção da fábrica em que trabalha".

Por esse tempo, Silva começa a refletir também sobre o impacto que a adoção de novas tecnologias causava na saúde do trabalhador, observando que, "no Brasil, a violência da produção capitalista tem números de uma guerra civil". Outro exemplo que utilizava, mais recentemente, era o das nanotecnologias, alertando

para seu difundido uso em contraste com o fato de não haver "nem um estudo do que é que essas nano-partículas vão provocar no organismo".

Em fins de 1972 e início de 1973, o militante integra a primeira turma do curso de metalurgia do Senai e passa a trabalhar na Vidraria Santa Marina, onde participa de mais uma série de cursos. *"Então, aprendi. Eu entrava dentro de uma fábrica, batia o olho e já fazia, já identificava na hora todos os circuitos: elétrico, hidráulico, pneumático. Enfim, todos os fluxos da fábrica eu imediatamente levantava*", recorda.

Sua curiosidade se desenvolve cada vez mais, e Silva termina por aprofundar-se no tema da automatização pneumática e, a partir daí, no processo de retroalimentação: "Isso me chamou muito a atenção. A questão de um sinal que se emite, chega a determinado local, produz algo que, por sua vez, devolve o sinal. *A questão da retroalimentação foi uma coisa que me marcou muito e fiquei com aquilo na cabeça, no sentido da utilização dessa questão em outras áreas*".

Em 1973, enamora-se novamente por uma militante. Silva passa os primeiros quatro meses em que moraram juntos sem saber o verdadeiro nome de sua companheira, por questões de segurança, em mais uma expressão emblemática da violência decorrente do repressivo regime militar.

Silva também atua na direção do movimento de Oposição Metalúrgica de São Paulo (OSM), grupo de oposição ao chamado sindicalismo pelego, entre 1971 e 1972, afastando-se e retornando em 1975. A OSM tinha uma visão particular e crítica ao modo tradicional de se fazer sindicalismo, mesmo quando comparada a grupos de esquerda. À proposta do grupo de metalúrgicos do ABC e de seu presidente Lula da necessidade de um "representante sindical", contrapunham a proposta de "comissão de fábrica". As referências políticas para as formulações da OSM e de Silva eram, entre outras, a Comuna de Paris, os sovietes, os Comitês de Turim, a Central Operária Boliviana, experiências nas quais a construção pela base surgia como um dos elementos centrais. Eram referências bem diversas das que hoje são mais discutidas pela historiografia. Novamente a dimensão local, de ligação com a base, aparece na biografia de Silva.

Em 1975, começa a desenvolver formas de comunicação operária: "Chegava em casa, tinha uma máquina de escrever, estêncil, fazia tudo no estêncil ainda. Eu escrevia o boletim, datilografava no estêncil, rodava e ainda conseguia colocar alguma figura. Desenhava uma figura no estêncil. Tem uma técnica especial para isso. Rodava no reco-reco, não era nem mimeógrafo. Eu tirava 100 cópias em 20 minutos, saía como se tivesse sido feito numa gráfica. A qualidade do boletim

[era tal, que] você olhava e pensava que saía de um offset ou de um mimeógrafo elétrico". Silva busca, nos turnos, o melhor momento para distribuir os boletins sem ser visto, e chega ao horário do almoço, quando a chefia não poderia saber, ao certo, se alguém da turma da manhã tinha deixado o material, ou se tinha sido trazido por alguém da turma da tarde. Trabalhando na Arno, Silva fazia os boletins sozinho: "É a questão da criatividade e da análise do momento, das possibilidades do momento. Quer dizer, eu aprendi a tecnologia de imprimir, os macetes da relação dentro da fábrica, os fluxos. Não existia um método para se chegar a isso, não existia nenhuma metodologia para isso, mas eu estava desenvolvendo, desenvolvi todo um conjunto".

Em 1978, vivencia ativamente sua primeira greve. Trabalhava, então, na metalúrgica Barbará, na zona sul de São Paulo. Nesse período, desenvolve outros mecanismos de comunicação operária interna à fábrica: comprava os jornais, tirava fotocópias e montava uma publicação alternativa. "Nas minhas idas ao banheiro, eu recortava os artigos e, com um bastão de cola, montava os artigos do jornal de interesse ali. Quando estavam anunciando as primeiras greves, eu montava um jornalzinho dentro do banheiro da fábrica, cortando, e colocava em um plástico, colocava as coisas e escrevia uma pergunta, alguma coisa entre uma matéria e outra, com caneta mesmo. Colocava dentro de um plástico, porque o pessoal trabalhava muito com óleo, [colocava] o plástico e um desenho do outro lado. O pessoal lia, inclusive, na hora do trabalho. *Se chegasse um chefe, era só virar a página com o desenho da peça que você estava produzindo. Então tinha esquema de burlar a vigilância e o controle patronal*", recapitula.

Ainda em 1978, a OSM ganha as eleições sindicais, mas não toma posse. A ditadura intervém, através do Ministério do Trabalho, e empossa novamente Joaquim Santos Andrade, o pelego Joaquinzão, como presidente do sindicato. O documentário "Braços cruzados, máquinas paradas", de 1979, dirigido por Roberto Gervitz e Sérgio Toledo, registra esse momento histórico, contando, inclusive, com uma fala de Silva no episódio dessa eleição sindical.

A partir das ações da greve de 1979, durante uma das quais morreu o trabalhador Santo Dias, pelas mãos da repressão policial, e com a entrada do Partido Comunista no sindicato, junto ao grupo de Joaquinzão, principia um momento de mais atritos e até violência física entre as próprias frações de esquerda que disputavam os sindicatos. No fim de 1979, acaba também a Polop como grupo político organizado, embora parte desse grupo tenha se mantido na militância sindical em São Paulo.

Entre 1978 e 1989-90, um fenômeno curioso se espalha pela cidade. São os cordéis militantes que passam a circular de quando em vez pelos espaços operários e políticos da cidade, sempre com uma imagem na capa e com uma poesia sobre a luta, a situação de classe e a situação política – situação que poderia advir de uma fábrica ou do Brasil como um todo. Os cordéis são assinados por um nome que ninguém conhecia e tão cedo não viria a conhecer: Pedro Macambira (Figuras 1 a 4).

Os cordéis de Pedro Macambira tinham títulos sugestivos, como: *O candidato honesto que engana todo mundo*, *Conversa de três pelegos com satanás*, *A greve da Barbará e o carrasco Diamantino*, *A aparição de Paraíba e os abusos da Jurubatuba*, *Nós e os patrões, um desafio de morte* e *Reco-reco: máquina de bater em patrão,* este último um cordel no qual ensina os operários a construir sua própria imprensa, inclusive com plantas técnicas da construção de reco-recos.

Apenas em 1985, Cleodon Silva admite ser Pedro Macambira seu pseudônimo. Anos depois, esse material foi coletado e impresso, com prefácio do sociólogo Florestan Fernandes. Os cordéis e o prefácio estão disponíveis no site: http://www.iiep.org.br/index1.html.

Com a fama de ser da direção da OSM, somada ainda com a assunção da identidade de Pedro Macambira, começa a ficar cada vez mais difícil para Silva conseguir emprego em fábricas. Passa a ter de se transformar para cada entrevista na qual vai: "Tive que aprender e desenvolver toda uma técnica de falsificação de carteira profissional. A minha questão era falsificar para trabalhar".

Em 1987, em mais uma disputa do sindicato dos Metalúrgicos, a OSM conseguiu a lista de filiados do Sindicato, e coube a Silva passar os dados daquela fita magnética para disquetes – na época 3:4, os "bolachões". Silva viajou até Belo Horizonte para transferir os dados na sede do sindicato dos bancários, tendo sucesso na operação e voltando a São Paulo com caixas e caixas de disquetes com a informação dos filiados.

Na capital paulista, encontra um programador que trabalhava com banco de dados, e acompanha os passos desse profissional enquanto ele fazia a transferência e lia os disquetes. "Fiquei ouvindo o programador discutir com o computador como se este fosse uma pessoa, e [fiquei] pensando naquilo", relata. Foi a primeira vez que ouviu falar em banco de dados e em como organizar a informação. Pouco depois, duas preocupações o levam a procurar um programador: a primeira era a realização do mapeamento das empresas metalúrgicas na cidade, criando microrregiões, para que os militantes pudessem ter maior conhecimento das fábricas









Figuras 1 a 4 – Cordéis de Pedro Macambira

nesses espaços delimitados; e a segunda, no campo da saúde, se tratava de referenciar os trabalhadores das fábricas ao sistema público de saúde, pois os médicos das fábricas cumpriam antes o dever de informar os patrões sobre as doenças, ao invés de assessorar os trabalhadores, ficando muito difícil demonstrar que uma doença fora causada pelo processo produtivo de uma fábrica e responsabilizá-la por isso. O trabalhador era demitido antes dos sintomas se agravarem.

O programador procurado então lhe explicou que, com a informação disponível de dada forma, era possível fazer uma programação que contemplasse tais e tais quesitos. Segundo Silva, "foi um estalo! Pronto, isso mudou minha vida, *foi quando eu vi pela primeira vez a lógica da programação, a articulação dos códigos de programação. Mudou tudo na minha vida. Tudo que eu estava fazendo, todos os limites que eu estava encontrando foram sendo quebrados*". É a partir daí que começa seu trabalho de localização da informação no espaço urbano, programando ainda em DOS e relacionando o dado que estava no computador com o mapa em papel que estava ao lado. Seu relato dá conta de que, à época, a localização via satélite da coordenada geográfica tinha um erro, uma margem propositadamente colocada pelos Estados Unidos que estavam no controle do sistema.

Silva foi aos poucos migrando para a discussão de sistemas de informação. Em 1988, funda o Instituto Lidas – Ligas em Defesa do Ambiente e da Saúde, originariamente voltado para a questão do ambiente e saúde do trabalhador, mas que, a partir de 1990, começa a se dedicar também à questão de políticas urbanas com ênfase nos filhos de trabalhadores. O Lidas existe até hoje e sempre serviu como um ambiente de trabalho para Silva, auxiliando tanto em suas necessidades materiais como no financiamento das luta nas quais se envolvia.[5] Em 1992, pelo instituto, Silva apresentou um projeto junto à ECO 92 que partia de uma ideia interessante, cuja realização ainda não tinha sido feita antes: fazer o cruzamento da malha urbana de ruas com o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas e com o cadastro industrial do Senai de empresas com mais de cinco trabalhadores. Na época, a representação na tela do computador ainda não era em mapas, não se visualizava com imagens gráficas. "Com esse cruzamento, a partir do código nacional de atividade econômica e do endereço de uma empresa, *se achasse numa sub-bacia, num córrego, mercúrio, chumbo ou metais pesados, poderia inferir, por tipo de atividade produtiva e insumos utilizados nessa produção, exatamente qual era a empresa que estava poluindo*". Como era de se esperar, o projeto foi muito mal aceito pelos empresários e pela área do governo responsável pelo Programa de Despoluição do Tietê à época, pois a ideia central do programa não era, segun-

5. Mais informações sobre histórico, funcionamento e outros dados podem ser encontrados em <http://www.lidas.org.br>. Acessado em: 21/08/2013.

do Silva, a efetiva despoluição do Tietê: "O programa de despoluição foi usado por uma determinada faixa de empresários, que pegava o dinheiro da despoluição do Tietê para reequipar, fazer inovação tecnológica na maquinaria. Foi usada essa grande massa de dinheiro por interesses particulares".

Em moldes semelhantes, durante o governo de Luiza Erundina na cidade de São Paulo, entre 1989 e 1993, Silva fez o georreferenciamento de crianças nas creches, usando dados como local de moradia e trabalho do pai e da mãe, de forma que as crianças pudessem ir de fato para a creche mais conveniente e com o menor deslocamento possível. Note-se que esse cruzamento de dados sobre moradia e local de trabalho para determinar escolas mais convenientes é algo que o sistema informatizado escolar público da cidade de São Paulo, o Educação OnLine, ainda não fazia até o ano de 2012.

Outra experiência que o marcou foi georreferenciar, para o Sindicato dos Motoristas de São Paulo, todos os dados profissionais e de moradia dos filiados – quem era da comissão de garagem, quem era da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) etc. "Foi um fiasco", conta Silva. Em um primeiro momento, os representantes do Sindicato ficaram maravilhados, mas, pouco depois, admitiram que fizeram um pacto para recusar o sistema. A justificativa era simples, conta Silva: "Porque se uma tendência (interna do sindicato) pegasse aquilo ia acabar com as outras. A questão da transparência, um monte de coisas ficava muito visível. Foi uma grande decepção na minha vida". E a história se repetiu em outras experiências com o sindicalismo. "Dentro do movimento sindical, não tem vez. Nesse movimento, não entra. *Não é nem o geoprocessamento, é a questão da transparência. Não entra nesse movimento sindical que nós temos*", analisa, e ilustra: "[Em certo sindicato], era a coisa mais horrorosa que tem. Queria utilizar tudo só do ponto de vista do controle, realmente na questão do controlar, monopolizar e estabelecer o pensamento único". Ainda assim, Silva produziu mapas de risco para alguns sindicatos, como o Sindicato dos Trabalhadores da USP (Sintusp), para o qual, numa interface saúde do trabalhador - local de trabalho, realizou os mapas de algumas unidades, como a Física e a Química.

Silva argumenta que as tecnologias de comunicação mais presentes, como então o telefone, poderiam ampliar a transparência do movimento sindical até nos momentos que a historiografia hoje caracteriza como centrais para o restabelecimento da democracia, como as assembleias metalúrgicas do final da década de 1970 em São Bernardo, no estádio da Vila Euclides. O militante afirma que nunca estivemos de fato tão próximos, como hoje, da possibilidade de concretizar o

mote: "trabalhadores de todo o mundo: uni-vos". Para ele, "todas as condições estão dadas, o capitalismo desenvolveu a possibilidade de produzir a aproximação de todos os trabalhadores do mundo". Mas alerta: "*Ainda estamos na ditadura dos dirigentes*".[6]

Em 1993, Silva participa de uma última greve como metalúrgico, é demitido e desiste de procurar trabalho na área, coisa cada vez mais difícil de conseguir, dada sua história. Passa a viver, ou como dizia, "sobreviver", basicamente do geoprocessamento de dados: "Era mais para pagar as dívidas. E estava sempre assim, correndo da mão para a boca, da mão para a boca".

Nesse mesmo período, uma dúvida política assume o centro de seus questionamentos: "*Eu estava com muitos dados e sem um método de apropriação. Porque a grande questão é como se apropriar, como o cidadão comum se apropria das bases de dados hoje*". E foi aí, ao ler um artigo de Milton Santos na revista de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que lhe adveio mais uma epifania voltada para a dimensão local. O artigo era "Elementos espaciais, uma questão de método" e, segundo Silva, "encaixou tudo o que eu estava fazendo, tudo, com o método desenvolvido por Milton Santos. *Ele trazia a questão dos elementos espaciais básicos e a relação do indivíduo com o território. Começou o conceito da 'área de vivência', que é até onde ele absorve a informação em termos territoriais*. É na área onde ele corta o cabelo, ele compra, bebe, joga, se diverte. É nessa área de predominância de circulação que ele pega as informações. Vai juntando e constrói, nesse ambiente, o saber popular, que é a base da movimentação dele. *Quando eu descobri isso, descobri a possibilidade de juntar o saber popular e agregar o saber científico, na mesma escala. E aí se dá a revolução, se dá um salto de qualidade, porque o saber popular começa a ter base científica. E o saber científico começa a ter a possibilidade de reforçar, de utilizar a força do saber popular*".

Em 1999, Silva é convidado para dar um curso de informática na zona sul de São Paulo, por meio de uma parceria entre o Instituto Lidas e o que era então mais uma ONG assistencialista na periferia, chamada Casa dos Meninos. Desencadeia-se, então, mais uma reviravolta na vida de Silva, que será narrada a seguir, por meio dos projetos desenvolvidos na Casa dos Meninos de 1999 para cá.

Foi esse sujeito brevemente descrito acima que abriu a porta de sua casa para mim no dia seis de maio de 2010 e disse coisas como: "as novas tecnologias podem modificar a cultura política da esquerda", "o instrumental para fiscalização efetiva da direção pela base não existia, hoje existe", "os mapas construídos em tempo real [com os jovens da periferia], são subjetivos, mas constroem encami-

6. Essa é uma reflexão interessante para se pensar através da teoria de Foucault. Mesmo dentro de uma sociedade disciplinar, há formas mais ou menos violentas de exercício do poder. O que acontece quando dentro de uma sociedade há uma súbita escalada de violência no exercício do poder, como aconteceu nos países latino-americanos nas décadas de 1960 e 1970? Como um processo de individuação se metamorfoseia com uma ruptura deste tipo? E como isso impacta subjetividades e culturas políticas, inclusive as de contestação ao regime?

nhamentos objetivos" e "vai haver uma tentativa [das velhas elites] *de colocar o usuário de tecnologias da informação como se fosse um usuário de drogas. Mas de drogas digitais*, o que vai ser um problema muito grave, uma tentativa de, tal qual o rádio e a televisão antes, alienar o usuário" e "*estamos num momento critico na possibilidade de uso de TI de forma emancipadora, da constituição dos indivíduos como sujeitos. Inclusive o papel da esquerda. Temos de encontrar um caminho*", entre tantas outras.

Em sete de junho de 2011, após uma internação por problemas cardíacos, Cleodon Silva morreu aos 61 anos de idade. Ainda em 2011, um coletivo de hackers e de desenvolvimento de software livre, ligado a diversos Pontos de Cultura e ao Pontão de Cultura Nós Digitais, surge com sede principal em São Carlos e é batizado como Lab Macambira, em homenagem ao pseudônimo literário e revolucionário de Cleodon Silva[7]. Há também um vídeo em homenagem a Cleodon Silva produzido pelo IIEP[8], que cuida também do "Projeto Memória da Oposição Sindical Metalúrgica". Célio Turino, que foi Secretário de Cidadania Cultural do Ministério da Cultura nas gestões de Gilberto Gil e Juca Ferreira (a secretaria responsável pelo Programa Cultura Viva, o programa dos Pontos de Cultura) deu, em novembro de 2012, uma entrevista à revista Fórum[9], na qual homenageia Cleodon Silva e propõe que a plataforma para o Cadastro Nacional dos Pontos de Cultura seja chamada Plataforma Macambira como tributo ao codinome que Silva adotou em sua luta contra a ditadura. Também muitos dos coletivos novos de cultura digital e dos pontos de cultura o conheciam. Uirá Porã, da prefeitura de Fortaleza e figura constante nas discussões de cultura digital e pontos de cultura, o lembrou no programa de televisão na internet organizado pelo coletivo Fora do Eixo, a POSTV, durante o Festival Internacional de Software Livre (FISL) em Porto Alegre, em julho de 2012. Fred do movimento de midialivrismo o citou em sua fala na Oficina de Inclusão Digital e Participação Social em Porto Alegre, em novembro de 2012. Em 2013, a Subprefeitura do M'Boi Mirim pediu à Casa dos Meninos que escolhesse uma praça sem nome na região, e há na região dezenas de praças sem nome, para que esta fosse nomeada pelo poder púbico como "Praça Cleodon Silva". A escolha está em processo, e provavelmente a praça escolhida será uma próxima ao endereço da Casa dos Meninos.

O fim da entrevista dada a Agnes Mariano também é bastante esclarecedor de uma personalidade que, mesmo depois de apanhar tanto nos desvãos da vida e da política, não deixa nunca de sorrir, pois falando sobre a questão mais atual, do questionamento dos governos a partir das TICs, Cleodon Silva concluiu a entre-

7. Pode ser visitado em < http://labmacambira.sourceforge.net/>

8. O vídeo pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=D7Lz82m2m2I>

9. A entrevista pode ser lida em <http://revistaforum.com.br/brasilvivo/2012/11/30/a-lei-cultura-viva-venceu-mais-uma-etapa-na-sua-corrida-de-obstaculos-agora-e-a-vez-da-plataforma-macambira/#.ULgtowItio4.twitter>

vista: "Agora o bicho pegou. É essa a minha alegria e é a questão velha lá que eu levantei no primeiro congresso da UBES: a questão de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta. Tenho o que comemorar. Está pegando, está pegando".

Principais projetos da Casa dos Meninos no período entre 1999 e 2010: formação de identidade

Dentre o conjunto dos projetos realizados pela Casa dos Meninos nos últimos treze anos, de 1999 a 2011, os próprios integrantes da Casa destacam cinco que foram transformadores das práticas do local e forjadores da identidade que hoje ostentam. São estes:

Informática e Cidadania

O projeto Informática e Cidadania, realizado em 1999, foi o primeiro projeto da Casa dos Meninos em parceria com o Instituto Lidas e, por conseguinte, em parceria com Cleodon Silva. A lógica central da Casa ainda era a de uma ONG assistencialista (mais à frente delinearei por que os próprios integrantes atuais da Casa percebem isso como um problema), e os cursos cobravam R$ 20 de cada jovem que quisesse deles participar. O curso, ao focar não só a informática, mas a relação desta com cidadania, gerou um interesse diferenciado e foi aos poucos criando uma rede na região com escolas municipais e algumas ONGs. Esse projeto marcou a Casa dos Meninos como articuladora local e ganhou em 2000 um prêmio do Klick Educação, site especializado em educação. Com o recurso do prêmio, a Casa comprou uma série de equipamentos relativamente caros, como computadores de ponta, scanner, com os quais montou um kit. Um mês mais tarde, o kit inteiro foi roubado de dentro da Casa.

Agente Jovem

O programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano foi concebido pelo Governo Federal durante a gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), e implantado em todas as capitais e vários municípios. Era ligado ao Ministério da Previdência e Assistência Social. A configuração deste programa na parceria com a Casa dos Meninos foi, segundo os entrevistados, a de uma bolsa mensal de R$ 60 para os jovens trabalharem quatro horas diárias, de segunda a sexta-feira, por um período total de 12 meses. O objetivo era trabalhar a produção de projetos para a comunidade e a questão da cidadania. No primeiro

ano de Agente Jovem na Casa dos Meninos, surgem algumas discussões políticas e 13 projetos. A primeira discussão central era a de que esses projetos não deveriam ser voltados para dentro da Casa, mas para fora, para o bairro. "Tem que ser para a comunidade e não para a entidade", como disse Fátima Rodrigues, em entrevista. A segunda discussão central se deu ao fim do projeto, em torno das soluções de continuidade, ou seja, de como seguir trabalhando com os mesmo jovens e tudo não se transformar, ainda nos termos da ex-presidente da Casa, "brincadeira de boneca". "O jovem vem aqui, vê possibilidades de fazer diferença e fazer diferente e depois é mandado para casa", explica Rodrigues, para quem os projetos não deveriam mais ser por períodos curtos, mas preferencialmente por períodos que permitissem de fato alguma continuidade formativa. Os 13 projetos do Agente Jovem abrangeram atividades de diversos tipos, como, por exemplo, um projeto de visita, duas vezes por semana, para animar e brincar com as crianças no hospital do Campo Limpo, nos moldes do Programa "Doutores da Alegria". Outro projeto era a criação de jardins públicos no bairro, e houve ainda um que trabalhava com cinema nas escolas e nas ruas da região.

Cooperativa de Logística Urbana (Cooplurb)

O projeto é considerado por Fátima como o mais significativo do processo político da Casa dos Meninos na última década, por proporcionar que uma grande parcela dos jovens envolvidos permanecessem na Casa, e também por estabelecer a política que passou a orientar os projetos seguintes, bem como o método a partir de então utilizado.

A Cooplurb possuía três grandes objetivos. O primeiro era reunir informações que pudessem ser distribuídas para a sociedade civil, criando o que passaram a chamar de *Base Comum de Conhecimento Cidadão* (BCCC), plataforma que reuniria diversos tipos de conhecimento de diversas áreas e fontes e as situaria sobre mapas. Essa base seria abastecida por jovens que, duas vezes por semana, colheriam informações no entorno de suas casas e as disponibilizariam num sistema via internet. Seria esta base a que permitiria uma aproximação do conjunto de informações e conhecimentos científicos já existentes em diversos sistemas de informação com o saber popular existente em cada morador. Seria também a partir desta Base que o território se "desocultaria" para cada jovem e cada morador, e adquiriria uma inteligibilidade política maior. É na BCCC que estaria, na prática, a articulação da "área de vivência", proposta por Milton Santos, com os sistemas de informação públicas (IBGE, prefeitura, estado etc.)

e com o acréscimo de dados locais e de geoprocessamento realizado pela Casa dos Meninos.

Em texto conjunto com Diamantino Pereira e Gustavo Souza, Cleodon Silva definia a BCCC como:

> Base que deve cumprir o papel de permitir que todos os cidadãos possam ter acesso ao conjunto das informações necessárias para fundamentar seus desejos de mudança.
> […]
> A estrutura desse sistema de informações deve ter como ponto de partida: uma divisão territorial de base censitária reconhecida pelos cidadãos no cotidiano de suas relações; um conjunto de informações existentes e disponíveis estruturadas com metodologia reconhecida pelos poderes públicos e pela comunidade; um padrão e um campo relacional que seja necessariamente o território de vivência do cidadão; uma tecnologia amigável desenvolvida em softwares livres capaz de suportar as bases de dados; uma pedagogia de utilização dessas informações; e, agentes de difusão.

O segundo objetivo da Cooplurb era, a partir do conjunto de informações organizadas nesse formato, dialogar e, quando necessário, confrontar e contestar os poderes públicos.

Por fim, o terceiro objetivo estabelecia a meta de que o projeto fosse capaz de se auto sustentar, ou seja, que fosse realizado algum nível de trabalho capaz de custear as idas a campo. A ideia, posta em prática em diversos projetos posteriores, é que jovens do local circulassem dentro da sua área de vivência e recolhessem informação acurada sobre o território, alimentando um banco de dados georreferenciado e completo, que serviria tanto para organização política e contestação, quanto como uma base que pudesse ter parte dos dados vendida pelos próprios cooperados, fomentando o comércio local e trazendo renda a esses jovens. Ao ato de passagem pelo território para preenchimento do banco de dados, os integrantes da Casa chamam de "percorrida".

Um exemplo de uso político da "percorrida" foi o Movimento Creche para Todos, de 2008. A partir de "percorridas" com um formulário especificamente criado para esse fim, e do georreferenciamento dessas informações, foi possível mostrar às mães e parentes de crianças sem creche o quanto essas crianças estavam concentradas num território muito pequeno dentro do distrito.

É aí que está a diferença central entre os grandes dados e os números da cidade e dos distritos, de um lado, e a informação georreferenciada de forma inteligível e próxima às pessoas, de outro. O número oficial de mais de cem mil crianças sem creche na cidade, ou mesmo o número de milhares de crianças sem creche no distrito do M'Boi Mirim, não dariam tal visibilidade e concretude à pauta. Os dados da "percorrida" auxiliaram na criação de um movimento local, e, de fato, uma creche está em fase final de construção junto à Escola Municipal Procópio Ferreira.

Outro uso possível da BCCC que os integrantes da Casa vislumbram é a socialização de riquezas dentro do território. Nesse sentido, eles fazem questão de frisar que usam de um conceito de riqueza maior e mais complexo do que o meramente financeiro, pois avaliam que em toda casa de morador há riquezas, sejam estas livros, saberes específicos, equipamentos eletrônicos, sobras de material de construção ou mesmo um espaço livre na garagem que pode sediar um grupo de estudos ou o acesso a acervos digitais construídos. Chegou-se a desenvolver um sistema digital para organizar a troca de livros (físicos, os volumes impressos) de casa a casa, mas tiveram problemas com a padronização dos registros, pois o sistema ISBN da Biblioteca Nacional não estava aberto e disponível[10]. Outro exemplo de algo que só um sistema muito próximo ao território e ao saber local (com dados que não poderiam ser obtidos diretamente junto ao poder público), como o BCCC, poderia realizar, é o das sobras de material de construção. Argumentam que é uma prática muito comum na periferia realizar pequenas reformas ou subir um andar nas casas através dos famosos "puxadinhos", e que quase sempre sobram materiais como areia, cimento e cascalho, que ficam anos acumulados nos quintais, e que, dado o declive da região, acabam escorrendo parcialmente para a rua quando chove. É possível, como disse Fátima, "literalmente andar na rua sobre riqueza do território sendo desperdiçada". Outra possibilidade mencionada seriam aulas de conhecimentos específicos (marcenaria, informática, inglês ou qualquer outro saber) e um sistema georreferenciado na internet para organizar essas trocas locais. Os integrantes da casa planejam, antes mesmo da criação de uma BCCC com uma arquitetura robusta de software, criar sistemas que deem conta de socializar essas riquezas. Afirmam que, no fundo, organizar essas trocas não se trata apenas de manter o dinheiro na região ou diminuir desperdícios, mas se insere em uma mudança cultural mais profunda, da substituição de uma cultura capitalista e de acumulação por uma cultura mais solidária.

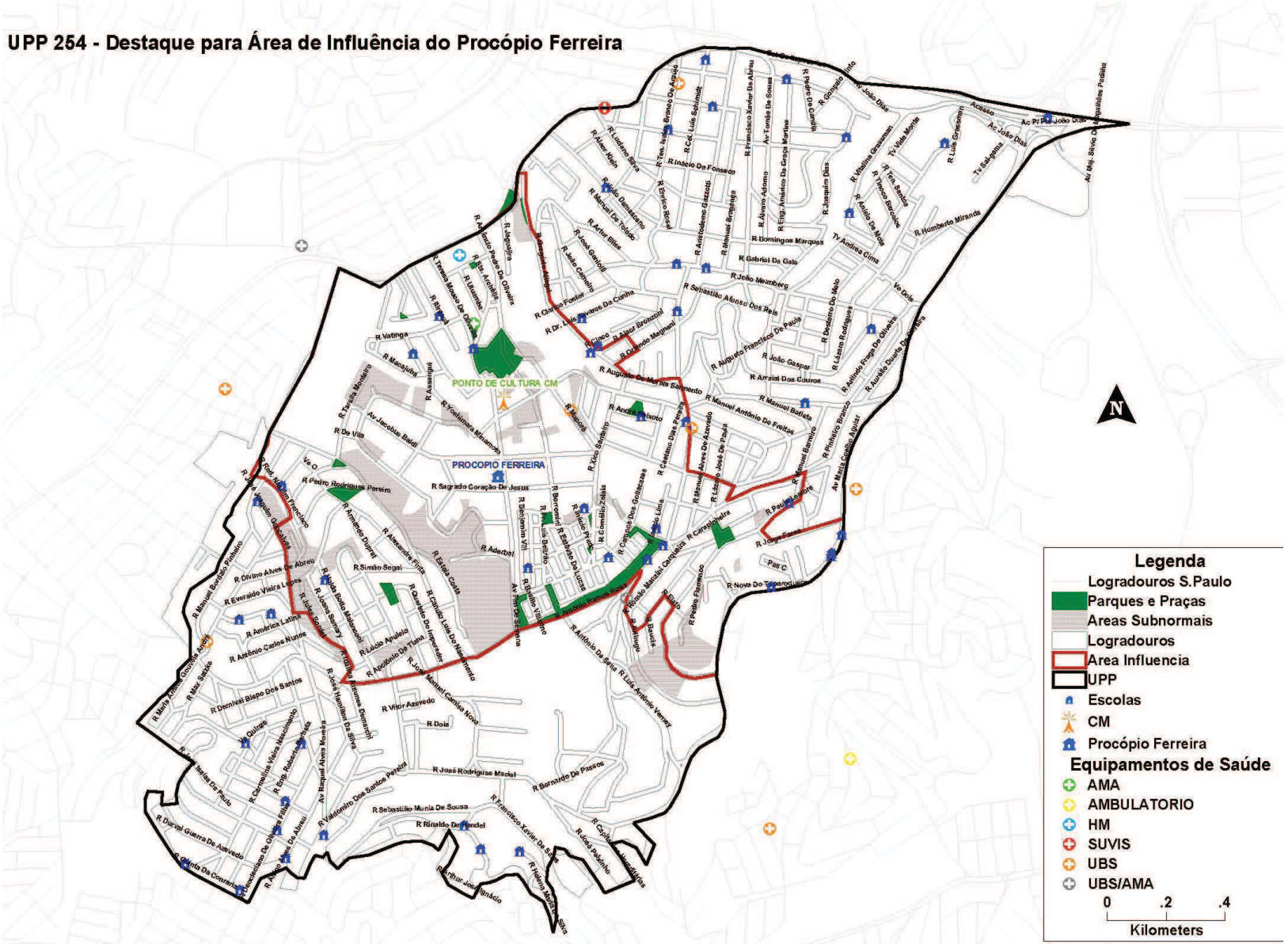
10. Fizeram uma reunião com a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, mas esta não resolveu parte dos problemas do sistema e do acesso público a este.

Além da idealização da BCCC, foi no projeto Cooplurb que se descobriu um ajuste das informações sobre tamanho do território e dados públicos existentes que pôde tornar palpável e visível o conceito de "área de vivência"[11]. A partir do método e das áreas presentes na pesquisa "Origem e Destino", realizada pela Companhia do Metrô de São Paulo, os envolvidos no projeto derivaram um tamanho otimizado entre território local e presença de dados públicos georreferenciáveis nessa escala. Essa junção foi chamada de Unidade de Planejamento Participativo (UPP). A localização exata da área onde se concentram os trabalhos da Casa dos Meninos é a UPP de número 254, entre as 270 nas quais a cidade de São Paulo se divide. O uso da UPP é justificado pelos integrantes da Casa a partir de uma crítica do uso do conceito de "bairro", uma vez que afirmam que o "bairro" é um termo muito ruim para se trabalhar em georreferenciamento, porque não tem os limites claramente definidos – esse ponto é por eles ilustrado com o fato de as pessoas frequentemente se referirem a um mesmo endereço como pertencente a bairros diferentes, ou mesmo em correspondências de empresas, públicas e privadas, em que um mesmo endereço pode figurar com nomes diferentes no campo "bairro" (os exemplos são derivados de contas de gás, luz e telefone, entre outras). Para integrantes da Casa, a menor divisão territorial adequada para se trabalhar com georreferenciamento é o setor censitário desenhado pelo IBGE, pois é bastante completo (segundo eles, é um dos sistemas mais completos de informação sobre o território no mundo), contando com cerca de 2.500 informações, sobre uma área de aproximadamente 300 domicílios. Os distritos entre os quais a prefeitura divide a cidade (e os respectivos dados públicos) respeitam os setores censitários, e diversos dados de outros agentes públicos e privados também. Entre o setor censitário, muito pequeno para configurar uma "área de vivência", e o distrito, tão grande que causaria perda de identificação entre as pessoas e o território, foi considerado que a UPP apresentava tamanho intermediário otimizado e útil para dar inteligibilidade ao conceito de "área de vivência".

A partir da Cooplurb, diversos outros trabalhos da Casa passaram a utilizar a área da UPP-254, a unidade dentro da qual, acreditam, é possível cruzar mais informações, bem como dar maior inteligibilidade a essa informação para os jovens e moradores. (Mapa 2) A Cooplurb teve muita dificuldade de se legalizar e se manter com estatuto de cooperativa, e hoje está desativada como entidade jurídica, mas é basicamente a partir dos métodos então desenvolvidos, e dos jovens que se formaram nesse processo, que a Casa dos Meninos se sustenta hoje,

11. Conceito este apropriado da discussão de Milton Santos, e que será esmiuçado na parte sobre "território" mais à frente neste texto.

Mapa 1 – Unidade de Planejamento Participativo – UPP 254 [Elaboração: Casa dos Meninos, 2011.]



e a construção efetiva de uma BCCC virou um marco e um objetivo político que orienta as discussões e lutas.

Em 2004 a Câmara dos Vereadores de São Paulo concedeu o Prêmio Milton Santos à Casa dos Meninos pelo projeto da Cooplurb.[12],[13]

Plano de Bairro

O projeto do Plano de Bairro foi iniciado em 2008, tendo como base o Plano Diretor da cidade de São Paulo, e constituído por meio de uma parceria com um escritório de arquitetura e com outra liderança local. O levantamento de dados para o projeto ocorreu em duas etapas: uma primeira pesquisa quantitativa (metragem, número e quantidade de andares das casas etc.) e uma pesquisa qualitativa, realizada em uma amostra dos domicílios. A Casa dos Meninos levantou os dados minuciosos que o projeto exigia, mas os integrantes do escritório de arquitetura não quiseram que os jovens da zona Sul participassem das demais etapas do projeto – digitalização, tabulação e análise dos dados –, coisa que os integrantes da Casa consideravam fundamental. Essa diferença de visões criou um conflito entre a Casa dos Meninos e o escritório de arquitetura, de forma que o projeto do Plano de Bairro foi interrompido. Ainda assim, essa experiência de construir um plano a partir do bairro, e não do poder público – que, segundo os integrantes da Casa, é única na cidade de São Paulo,– aprofundou os métodos e o conhecimento da Casa dos Meninos sobre o território.

Conferência Permanente dos Direitos da Criança e do Adolescente

A Conferência Permanente surgiu da crítica ao que era considerado um longo espaçamento entre as conferências oficiais de direitos da criança e do adolescente – realizadas a cada dois anos – e como forma de resposta às organizações sociais da sociedade civil durante os períodos de intervalo. "Os jovens não têm seus direitos desrespeitados somente a cada dois anos", justifica Luana Bhering, integrante da Casa. O grupo, que já participava da organização da Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente (CDCA) de forma local desde 2003, passou a ter um trabalho reconhecido na cidade inteira em 2007, com a construção de um "Diagnóstico dos direitos da criança e do adolescente da cidade"[14], bem como com a construção do site www.conferenciapermanente.com. No site, se uma pessoa se cadastra e coloca seu CEP, tem acesso às discussões e metas previstas na sua área de vivência, e pode votar naquelas que achar prioritárias, além de poder acompanhar o andamento político da resolução dos problemas elencados.

12. Para uma discussão dos detalhes desse projeto com maior profundida, ver texto de Diamantino Souza e Cleodon Silva Disponíveis em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-24525.htm>. Acessado em: 22/08/2013.

13. A Casa dos Meninos ganhou o prêmio, mas, na prática, não levou. Isso porque parte do prêmio, além de um troféu de metal, era a recomendação à prefeitura, por parte da Câmara, para que adotasse o projeto, já que era referência para a cidade. No entanto, a prefeitura não adotou a sugestão da Câmara dos Vereadores e não transformou a Cooplurb em política pública.

14. O diagnóstico pode ser visto em <http://www.conferenciapermanente.com/diagnostico-2007/>. Acesso realizado em: 22/08/2013.

A ideia do sistema é ter um instrumento que permita acúmulo constante da discussão e da evolução da situação dos direitos das crianças e dos adolescentes, para que se possa medir e cobrar do poder público o estágio de realização de cada meta discutida e votada. A ideia parte de uma crítica do modelo vigente de Conferência, no qual há que se rediscutir todas as questões a cada vez que a conferência da cidade se reúne. É uma forma de, por um lado, incluir acúmulo progressivo e histórico nas discussões e, por outro, trazê-la para o cotidiano das pessoas, do movimento de direitos da criança e do adolescente e de combater o descrédito dos espaços de participação popular, tornando-os mais dinâmicos e acurados em termos informacionais.

Em 2009, Silva monitorava cerca de 1300 acessos diários ao site do "Diagnóstico". A referência se tornou tão forte que, nas eleições de 2012 para o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente da cidade de São Paulo, realizadas em 09 de julho, novamente a Casa dos Meninos elegeu uma representante de sua prática para o corpo do Conselho. Luana Bhering foi eleita com 3236 votos para o Segmento de Estudos e Pesquisas. Além disso, hoje o espaço físico da Casa dos Meninos é depositário de parte da documentação histórica da luta dos direitos da criança e do adolescente da cidade.

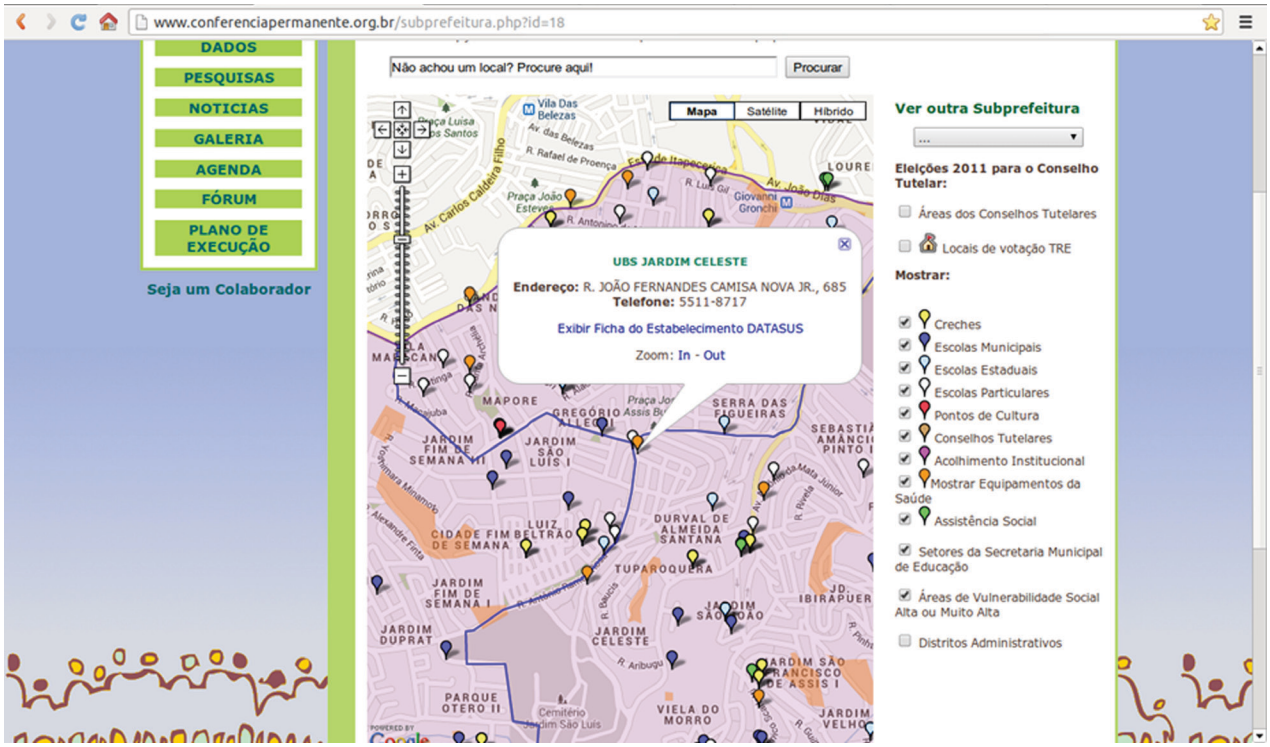


Figura 5 – Captura de tela do site ConferenciaPermanente.

No site do Diagnóstico, já havia compilação e cruzamento de dados de dezenas de fontes diferentes, e a criação de um agregado relativamente simples para a região de cada subprefeitura, para que tanto os conselheiros tutelares como os militantes do movimento dos direitos da criança e do adolescente pudessem se apropriar dos dados centrais de seu território para seu trabalho.

Os dados eram de amplo escopo e abarcavam, entre outras questões: demografia e vulnerabilidade social, com dados do Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) e IBGE; renda, com dados do Cadastro Central de Empresas (Cempre); direito a vida e saúde, com dados da Secretaria Municipal da Saúde (SMS) e do Ministério da Saúde (MS); direito à liberdade e à dignidade, com dados da SMS e do MS; direito à convivência familiar e comunitária, com dados de conselhos tutelares e da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS); direito à educação e cultura, com dados da Secretaria Municipal de Educação (SME) e da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). Cito apenas estes entre tantos outros dados, todos agregados por subprefeitura e disponíveis para download em formato pdf.

Na Figura 5, uma captura de tela do site conferenciapermanente.org.br, consultado em agosto de 2013, pode-se ver um mapa com uma parte da subprefeitura do M'Boi Mirim (o trecho onde se encontra a Casa dos Meninos compreende o único Ponto de Cultura assinalado em vermelho no mapa). Os pontos coloridos são a visualização georreferenciada de equipamentos que podem ser adicionados ou removidos pelos usuários, clicando nos quadrados ao lado dos equipamentos na lista de seleção à direita da imagem (creches, escolas municipais etc). Os tipos de divisão e de equipamentos selecionados tinham em vista o público atendido, conselheiros tutelares e militantes dos direitos da criança e do adolescente. Ao se passar o cursor sobre os pontos coloridos, uma janela interna ao mapa se abre, mostrando o nome daquele equipamento (no caso da imagem selecionada acima, a UBS Jardim Celeste), seu endereço, telefone e, quando for o caso, um link para as características do equipamento ou seu cadastro junto ao órgão ou sistema de informação por ele responsável. No menu à esquerda da imagem, há diversas opções para outras partes do site, não necessariamente georreferenciadas. Ao se clicar sobre "Plano de Execução", por exemplo, se é levado para uma página com as cinco resoluções prioritárias da Conferência dos Direitos da Criança e do Adolescente, eleitas por voto naquela subprefeitura e se pode acompanhar o andamento de cada uma dessas resoluções prioritárias.

Segundo os integrantes da Casa dos Meninos, além de ser uma forma de dar perenidade à Conferência, o site pode auxiliar as populações de cada local nas cobranças e acompanhamento de serviços públicos. Nesse sentido, um exemplo que fornecem é o da falta de médicos em postos de saúde. Nesse caso, um cidadão pode ir até o site, clicar na unidade em questão e ver o cadastro atualizado dessa unidade no Datasus, sistema de informações do Sistema Único de Saúde (SUS). No contraste entre a situação vivenciada e aquela registrada no sistema, a população encontra formas de aprimorar questionamentos e cobranças (no caso da UBS mostrada na imagem, a UBS Jardim Celeste, uma consulta em 07 de Agosto de 2013 mostrou que há cinco médicos na UBS, e que a última atualização do sistema tinha sido em 06/08/2013, um dia antes da consulta).

Voltando os olhos ao plano geral da cidade, a ferramenta também torna mais fácil visualizar diferenças regionais na presença de equipamentos. Um exemplo bastante significativo é a incrível aglutinação de Pontos de Cultura na subprefeitura de Pinheiros em comparação à Subprefeitura do M'Boi Mirim.

O site estava ativo em 2013, mas desatualizado em relação à última Conferência devido à falta de apoio para a continuidade do projeto. A consequência disso é a perda de acessos em relação aos índices que o site apresentava em 2007. Houve atrasos por parte do poder público na realização da etapa da cidade de São Paulo da IX Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, e essa etapa não foi realizada em 2011.

A prática e a teoria política da Casa dos Meninos

O que a Casa dos Meninos coloca como central em sua teoria e prática

Cleodon Silva costumava dizer que a Casa dos Meninos é um *laboratório de construção do novo,* o que significava um espaço de experimentação política para construção de uma nova prática e uma nova cultura política; que soubesse se utilizar efetivamente das potências trazidas pelas tecnologias, compreender de fato o território e organizar a política através da vivência concreta do povo e da classe; e que também conseguisse se livrar de uma série de vícios políticos de cupulismo, falta de transparência e de discussão coletiva que Silva via na cultura política da esquerda brasileira, e que chamava de *ditadura dos dirigentes.*

Dentre os processos descritos brevemente acima, os atuais integrantes destacam a centralidade da Cooplurb. "A nossa visão estratégica é uma Cooplurb que de fato cubra o território da cidade toda", diz Fátima Rodrigues. Isso porque a avaliação na Casa é a de que esse processo concretizou, na prática, o que conside-

ram ser o tripé de sua atuação: *juventude, território e tecnologia.* A Cooplurb seria o que poderia dar materialidade a esses três elementos, dentro da visão maior de criação de uma nova cultura política de esquerda, que transforme e dê potência para os processos de luta contra as desigualdades do sistema capitalista.

Juventude, Tecnologia, Território

Como é em torno desse tripé que declaradamente a Casa dos Meninos organiza seu trabalho e sua luta, torna-se importante detalhar como concebem e como empregam cada uma dessas noções.

Juventude

Os integrantes da Casa dos Meninos defendem o foco no trabalho com a juventude principalmente por conta de entenderem esse segmento da sociedade como em processo de formação e, portanto, mais disposto a se engajar em lutas de transformação. Além disso, existe uma discussão capitaneada por Silva de que a ditadura militar teria formado uma geração inteira já nascida dentro de uma cultura política do *não-poder*, e que os que nasceram depois da instalação da ditadura, em sua maior parte, quando não reproduzem uma cultura de não-participação, produzem uma cultura de participação de viés um tanto autoritário. Isso apareceria inclusive, de forma difusa, na cultura política de parte da esquerda.

Construir uma *referência jovem*, termo pleno de significado no discurso da Casa, seria formar politicamente um conjunto de jovens que se apropriem das tecnologias e dos elementos do espaço de vivência, do território. Jovens capazes de engajar e mobilizar os demais nas lutas por igualdade, equipamentos esportivos, escolas, creches, e principalmente na luta para que os jovens se percebam como sujeitos de sua própria história. Essa tentativa se materializa em todos os projetos e oficinas que realizam, ao evidenciar aos próprios jovens as capacidades que possuem de realizar coisas concretas. Tenta-se, em contraposição à cultura do *não-poder*, concretizar uma cultura do *poder-fazer* – mais um termo por eles cunhado e pleno de significado dentro do discurso proferido. Essa cultura do poder-fazer também seria resultado da junção entre tecnologia, juventude e território, tentativa de criar condições materiais para que exerçam o saber popular que já possuem, aliando a este saberes científicos, estatísticos, tecnológicos e sobre o território.

A Casa dos Meninos não exclui a ideia de representação, mas propõe a criação de uma cultura de representação diferente e, nesse sentido, defende um conceito

de representação que avaliam ser menos dotado de assimetria, e que foi construído através de uma busca etimológica do termo, definindo representação como: "tornar presente aquilo que está ausente".

Seus integrantes possuem também uma concepção própria de formação política, uma concepção que, acreditam, envolve uma prática muito distinta da que julgam comum na esquerda, a de "um espaço fechado de leitura e discussão de textos". Aos olhos de Rodrigues, essa prática "gera a suspensão do jovem do território para um espaço formativo intelectual". É preconizado, pois, o inverso: partir-se da prática e da percepção do território que o jovem já possui, ao lado da leitura de textos, e com isso construir uma visão maior dos mecanismos de dominação e desigualdade que marcam a sociedade capitalista contemporânea. É necessário conhecer o cotidiano do jovem para realizar uma formação política que de fato dialogue com seus problemas concretos. O que ele vê quando vai para a escola? O que ele faz quando lá está? O que ele vê ao sair? Onde ele mora? A formação não tem como objetivo um processo com começo, meio e fim, cujo produto final seria um quadro político (jargão da esquerda para indicar um militante com capacidade de intervenção política), mas sim a criação de uma cultura política. Trata-se de um processo aberto, permanente e que envolve todos os que participam, inclusive eles próprios da Casa.

Os integrantes da Casa fazem questão de deixar claro que a juventude com a qual trabalham é uma juventude filha da classe trabalhadora, e que atuar com essa juventude significa deixar em evidência o que significa pertencer a uma classe, bem como remontar tanto a origem geográfica dos pais e avôs dos jovens (parte da compreensão de território) como as categorias profissionais desses pais e avôs. Nessa iniciativa, tentam mostrar aos jovens que tanto a juventude local como o próprio território são marcados por uma história de lutas, e por um conjunto muito limitado de perspectivas de futuro. Nesse sentido, realizaram junto com os alunos da Escola Municipal Procópio Ferreira, uma "Pesquisa da Profissão dos Pais". A avaliação é a de que um dos grandes problemas da própria escola e dos professores, algumas vezes até dos próprios pais, é não acreditar de fato nos jovens, no seu futuro e nas possibilidades destes de transformar seus futuros. Os membros da Casa gostam de contar a história de quando estava prevista para acontecer uma feira de profissões na escola, e a Casa foi chamada para ajudar a construir a feira. Uma pessoa da diretoria da escola falou: "Mas não vão trazer arquitetos, cientistas e engenheiros aqui para não iludir os meninos, vamos trazer pedreiros, marceneiros, balconistas". Essa história é usada como emblema de

como o próprio sistema educacional vê esses jovens. Outro exemplo que citam é a reação da diretora de outra escola da região ao projeto da Casa. Maravilhada, acabou percebendo o quanto de desesperança havia na sua própria visão sobre os jovens em questão. Um exemplo contrário é a fala, bem nos moldes dos movimentos sociais da década de 1980, de Seu Ademar, coordenador da Associação Visão e Ação, associação de moradores do Pró-Morar (outra parte do bairro, mais próxima ao cemitério do Jardim São Luis do que ao Hospital do Campo Limpo): "Acho que desse trabalho da Casa dos Meninos vão surgir camaradas".

E aqui aparece um elemento que os integrantes da Casa reforçam com certa frequência como de muita importância em relação aos jovens locais: *"Não é para eles, é com eles"*. Eles serão também os atores dos processos de luta e transformação coletiva, por isso não se trata da assistência a indivíduos, para que estes sejam mais bem formados para o mercado de trabalho e sofram menos na vida. É exatamente essa a visão que os integrantes da Casa veem nas ONGs, e que combatem. Em sua avaliação, a formação desses jovens é a possibilidade de mudança do futuro de todos. E isso faz toda a diferença: realmente tentar compreender e colocar esses jovens como protagonistas. Enfatizam sobremaneira que não se trata de ganho instrumental de serviços públicos, mas, sim, de conceber e implementar outras formas da população local se relacionar com qualquer tipo de poder, entre eles o poder público e o capital.

Tecnologia

A visão de uso de tecnologia que a Casa dos Meninos advoga é uma visão essencialmente não determinística, que considera os sujeitos no território capazes de se apropriar e de criar ferramentas para a sua luta. Como diz Fátima: "*Tecnologia você sabe, né, pode ir para a esquerda, para a direita, para baixo, para cima*". A tecnologia é vista sempre como um *meio* para aprofundar as lutas de transformação, mas como um meio que modifica profundamente as possibilidades da própria luta, uma vez que, além de diminuir as justificativas da assimetria informacional entre direção e base, possibilita, de forma mais fácil, que as discussões tenham continuidade do exato ponto onde pararam, através dos espaços digitais. Neles, o *tempo mesmo* da política é modificado, sendo possível estendê-lo de forma que todos possam falar e ser ouvidos, e não somente os que se privilegiam de uma situação de representação para ocupar o conjunto do tempo de fala de uma reunião presencial.

Nesse sentido, os integrantes da Casa afirmam que hoje é possível estender o tempo de uma reunião, de modo a permitir maior capacidade de escuta para

propostas diferentes e minoritárias, através da criação de espaços digitais nos quais constem toda a pauta e as opiniões diferentes em disputa. Isso conformaria um momento de formação de opiniões políticas anterior ao momento presencial de decisão de uma reunião ou assembleia, bem como um momento posterior de avaliação e continuidade dos debates.

Esse tipo de espaço digital, amplo e consultável o tempo inteiro, poderia também auxiliar a quebrar os "cordões de isolamento" e "currais políticos" que as tendências internas de sindicatos, movimentos e partidos colocam para que suas bases escutem somente as suas propostas (de cada tendência interna) no processo de construção das decisões coletivas.

Em outro exemplo sobre o tempo da política, Luana fala das Conferências dos Direitos da Criança e do Adolescente: "Há a conferência, e depois dela o processo de *conferir*". Muitas vezes, o ânimo e o fio das discussões perdem-se logo após a Conferência. O que aparece como elo forte entre os atores, durante o momento de realização da Conferência, esfria no cotidiano quando cada ator político volta para seu território. Para estender no tempo e no espaço as discussões da Conferência é que foi criado o anteriormente referido www.conferenciapermanente.com/. É prolongar indefinidamente o momento da Conferência e o estágio exato em que foi deixado cada item e cada pauta, para serem continuados no cotidiano, por cada entidade ou ator político em sua localidade, mas sem perder de vista o processo maior e o estágio das discussões deste.

A tecnologia, no discurso da Casa dos Meninos, também traz a possibilidade de construir condições mais objetivas para que exista a confiança na questão financeira, com a construção de espaços de *transparência* financeira. Afirmam que toda decisão financeira é uma decisão política, e que todos os integrantes de uma iniciativa política devem ter à sua disposição o acesso integral, em tempo também integral, às contas da entidade. Assim como devem alimentar o espaço de transparência financeira com cada gasto que realizam, e saber sempre a situação financeira da entidade. Dizem que "quem não faz conta, não se dá conta", e criticam o que chamam de baixa transparência de diversas ONGs, sindicatos, movimentos e partidos nos quais só a diretoria e o financeiro têm acesso à íntegra das entradas, saídas e caixa. Nesse sentido construíram e mantêm a Central de Informação Compartilhada (CIC), onde se pode ver desde as prestações de contas de cada projeto, em informações detalhadas, com anexo de notas fiscais quando necessário, até situações mais gerais de caixa da entidade. A CIC pode ser alimentada por cada integrante da Casa, e sua identificação é registrada por

meio de um sistema de *login* no site. Ganha-se transparência sem se perder a responsabilidade por cada entrada ou saída, através da visualização das entradas e retiradas de cada um no sistema. Podem também ser gerados relatórios, pois os dados estão num formato aberto e há ferramentas internas para cruzamento de dados.

Há também, no sentido da transparência política, um espaço chamado Reunião Digital, disponível em tempo integral na internet a todos integrantes da Casa. Esse site possui acesso por login, e nele é mantido um repertório comum, coletivo, de decisões políticas e orientações anteriores, com toda a informação e contatos que possuem, e grande parte das relatorias de reuniões da qual participaram. Funciona também, como o nome diz, como um espaço digital de reunião, o que ganha importância quando parte dos integrantes não se encontra no local. Cabe notar que a Casa possui integrantes também no Rio de Janeiro e em Pilar do Sul, bem como parceiros espalhados pelo território nacional. A ideia vai além da transparência: trata-se também de tentar diminuir a perda política e informacional que existe normalmente quando um integrante se afasta. Esses dois espaços servem como transparência informacional e como mecanismos contra o cupulismo e contra insulamentos burocráticos.

Na intersecção entre tecnologia e território, está o *georreferenciamento* digital, que, nas palavras de Fátima:

> Consiste na localização, realizada de forma computacional, das coordenadas geográficas, sendo estas longitude e latitude terrestres. Suas etapas são:
> 1. Organizar o banco de dados que se quer georreferenciar, sendo necessárias as informações: nome do logradouro, número e CEP – informações estas padronizadas de acordo com a base de logradouros existente;
> 2. Para georreferenciar um ponto ou uma área é necessário ter a cartografia digital dos logradouros;
> 3. Utilizando-se de um programa de geoprocessamento e com a base de logradouros, o programa realiza os cálculos geográficos para estabelecer as coordenadas de determinado ponto;
> 4. Após o programa realizar os cálculos, o banco de dados fica com o registro de suas coordenadas geográficas, por exemplo, a entidade Casa dos Meninos localiza-se nas coordenadas: long = -46747212 e lat = -23653037. Com estas coordenadas há diversos programas e sistemas que colocam na cartografia digital o ponto ou área, por exemplo, o Google Maps;

> Distinguem-se então dois processos, sendo o primeiro o encontro das coordenadas geográficas, e o outro a "plotagem" dos pontos em mapas digitais.

Território

No que diz respeito ao *território*, afirmam que tanto o capital, as empresas, como o governo possuem um domínio deste muito maior do que a sociedade civil organizada, e que um dos esforços centrais da Casa é criar condições, tanto conceituais como instrumentais, para uma melhor apropriação do território por parte da população. Usam como exemplo a abertura de um supermercado. Argumentam que, quando uma empresa abre um supermercado num local, ela sabe exatamente por que está abrindo naquele exato local e não em outro, sabe quais as características socioeconômicas da população local, os fluxos de carros, transportes públicos e de pedestres. Ainda que de forma diferente, também o governo tende a saber a demanda e as características de um espaço ao implantar um serviço público (o que não quer dizer que o faça motivado apenas por demanda de serviços). São justamente a população e os movimentos sociais que têm a maior dificuldade em conhecer e se apropriar do território em suas demandas e lutas. Nesse sentido, é significativa uma das frases que proferem com frequência: "A gente só muda o que a gente conhece".

No trabalho de formação que a Casa dos Meninos realiza com jovens, para que estes se apropriem do território, consta o estudo do Censo do IBGE e dos dados recortados para a área em questão, a construção de uma maquete topográfica da área de vivência do jovem ou da área de influência de uma escola, de uma pesquisa de campo no território e de uma pesquisa da origem social e geográfica dos moradores daquela comunidade.

Um conceito central na forma de tratamento da informação de diversas fontes com as quais trabalham é o de *desagregação territorial da informação*, que é exatamente o que torna as desigualdades visíveis e o tamanho da área tratada mais inteligível para aqueles nela moram ou trabalham.[15] (em anexo, no final, está a "Metodologia do Diagnóstico da Situação da Criança e Adolescente na cidade de São Paulo")

Na definição do território, o centro da reflexão e os conceitos trabalhados no cotidiano da Casa advêm da obra do geógrafo Milton Santos, em particular seu texto "O espaço e seus elementos: Questões de método", de 1985.

As questões colocadas nesse texto por Milton Santos serão aqui analisadas para além das práticas da Casa dos Meninos, servindo à preparação para a dis-

15. Um exemplo que Silva usava era o do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), construído pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) para permitir a comparação entre municípios, este ao mesmo tempo ocultava as enormes diferenças internas dentro de um município, O exemplo que Silva usa no "Diagnóstico" citado acima, é que a cidade de São Paulo possuía no IDH-M de 2000 o índice de 0,844, considerado muito alto, mas desagregando a informação dentro da cidade se encontra tanto o Jardim Paulista, zona rica, com um IDH-M de 0,850, como, ao mesmo tempo, o Jardim Ângela, com IDH-M de 0,402, um IDH-M considerado muito baixo.

cussão de metodologia dos próximos capítulos. No referido texto, Santos afirma que o espaço deve ser considerado como uma totalidade, e que exatamente para isso é necessário que possa ser dividido para a análise. Para o geógrafo, são cinco os elementos analíticos centrais do espaço: *os homens, as firmas, as instituições,* o chamado *meio ecológico* e as *infraestruturas*. Nesse quadro, tem-se "as *firmas* responsáveis pela produção de bens, serviços e ideias" (Santos, 1985. p. 30); as *instituições,* pelas normas, ordens e legitimações; o *meio-ecológico* seria "o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano", e as *infraestruturas* "são o trabalho materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc.".(Santos, 1985. pg 31) Na teoria de Santos, esses elementos não seriam dados fixos e irredutíveis uns aos outros, mas, sim, fatores complexos, muitas vezes redutíveis uns aos outros, variantes no tempo e na posição interna ao sistema. Em outras palavras, seriam *variáveis:* "o valor da variável não é função dela própria, mas do seu papel no interior de um conjunto."

Essas considerações geram uma grande complexidade para o pensar, pois mesmo descoberta ou discutida geneticamente uma forma operatória central, uma lógica maior (como a do sistema capitalista de extração de mais-valia e divisão em classes, por exemplo), não é possível *a priori* inferir os impactos desse mecanismo maior num subsistema. O próprio elemento humano passa a ter de ser considerado de forma mais relacional. Nas palavras de Santos, "Homens que tiveram a mesma formação e que têm as mesmas virtualidades, mas estão situados em lugares diferentes, não têm a mesma condição como produtores, como consumidores e até mesmo como cidadãos". (Santos, 1985. p. 32)

Em resumo, o *lugar* tem voz, o lugar modifica e deve, portanto, ser compreendido como elemento de análise: "cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular". Numa estrutura de pensamento destas, torna-se incrivelmente difícil definir causalidades, já que todas as análises têm de ser multivariáveis: "a questão não é, pois, de levar em conta causalidades, mas contextos" (Santos, 1985. p. 32). E o contexto seria não a descrição dos elementos em um dado lugar, algo como a "estrutura" de um lugar, mas a relação entre os elementos em um dado lugar, em um certo momento do *tempo*.

> O contexto leva em conta o movimento do todo. Em outras palavras, se nós estudamos ao mesmo tempo diversas relações, como, por exemplo, entre homens e natureza; ou entre firmas e homens (capital e trabalho); ou entre firmas e Estado (poder econômico e poder político); ou entre Estado e cidadãos; estaremos

> fazendo uma análise multivariável e considerando, ao mesmo tempo, que cada variável tem um valor por si mesma; isso, porém, de fato, não se dá. Somente através do movimento do conjunto, isto é do todo, ou do contexto, é que podemos corretamente valorizar cada parte e analisá-la, para, em seguida, reconhecer concretamente esse todo. (Santos, 1985, p. 34).

As consequências para refletir sobre as TICs e os movimentos sociais, caso se leve em conta as ponderações de Milton Santos, são gigantescas. Mais que definir os termos, seria necessário um conhecimento dos demais elementos de um local e de suas relações internas no atual período do tempo, para se começar a inferir sobre como um fator afetará o outro (TICs e movimentos sociais, no caso desta pesquisa) e sobre como essa relação entre esses dois termos modificará o sistema ou subsistema.

Mais à frente em seu texto, Santos se debruça sobre as técnicas, que são também variáveis, e há um ponto de curiosa proximidade com o pensamento de Simondon que discutirei no quarto capítulo. Diz o geógrafo que "um primeiro dado a levar em conta é que a evolução técnica e a do capital não se fazem paralelamente para todas as variáveis" (Santos, 1985. p. 37). Outra tarefa apresentada é levar em conta que a mudança de um elemento do sistema significa necessariamente a mudança do sistema como um todo: "[…] quando uma variável muda o seu movimento, isso remete imediatamente ao todo, modificando-o, fazendo-o outro, ainda que, sempre e sempre, ele constitua uma totalidade" (idem. p. 37).

Ao definir a relação entre técnica e lugar, o autor coloca que "cada lugar é uma combinação de técnicas qualitativamente diferentes, individualmente dotadas de um tempo específico – daí as diferenças entre lugares" (idem. p. 38).

Como um todo, o espaço "é um sistema complexo, um sistema de estruturas, submetido, em sua evolução, à evolução das suas próprias estruturas" (idem. p. 38) e cada local dentro do espaço é, por si só, também um sistema com características próprias e que receberá de forma particular cada modificação do sistema maior que o contém. Diz Santos que "a ação externa ou endógena é apenas um detonador, um vetor que traz para dentro do sistema um novo impulso, mas que por si só não tem as condições de valorizar esse impulso" (idem. p. 39). Novamente, apenas este pequeno trecho, caso se concorde em considerá-lo como um elemento interessante para a análise, significaria que qualquer teoria feita para refletir como a relação entre os elementos se dá em outros sistemas, como no

caso dos sistemas e subsistemas dentro da Europa e dentro dos Estados Unidos, necessitaria de uma modificação levando em conta os dados concretos das relações entre os elementos no espaço no Brasil ou na América Latina para readquirir capacidade hermenêutica para a análise desses espaços.

Após outra série de interessantes reflexões sobre como se dá a relação entre o local e o geral, e as modificações em cada sistema (trecho no qual cita até a cibernética), no desfecho do texto, Milton Santos demonstra que era generoso demais, inteligente demais e elegante demais para colocar tantas dificuldades para o exercício do pensamento e não propor soluções, e a solução que propõe pode, de certa forma, ser lida como uma ciência mais coletiva:

> Um esquema de método pretende ser, também, uma hipótese de trabalho, aplicável; 1 – por uma equipe de pesquisadores; 2 –a uma realidade concreta; 3- realidade que é reconhecível, a um dado momento, através de um certo número de fenômenos e dados que a representam. (SANTOS, 1985. p. 41)

Por fim, no livro de entrevistas *Milton Santos - Encontros*, o geógrafo critica certa falta de preocupação e de atenção no trato do *espaço* por parte de filósofos e sociólogos. Afirma que as especificidades daquele não seriam levadas em consideração nas análises destes. Chega a criticar nominalmente Paul Virilio por sua declaração de que "o espaço não existe, existe apenas o tempo". Não pretendo aqui me aprofundar nesse texto de Santos, mas faço questão de declarar que, ao menos em minha formação de cientista social, a crítica procede. Na minha individuação acadêmica, pouco aprendi a trabalhar de forma mais consistente com esse elemento, o espaço. E muito pouco da bibliografia analisada nos capítulos seguintes leva em consideração o espaço na definição dos conceitos de técnica, tecnologia e movimento social.

As Referências políticas e teóricas da Casa dos Meninos

A principal referência política e teórica dos atuais integrantes da Casa dos Meninos é o próprio Cleodon Silva.

Para além dele, são citados como referências, na ordem em que foram listados: o marxismo e o comunismo através de das contribuições de Marx e de Lênin; o educador Paulo Freire; a militante Rosa Luxemburgo, por conta da situação de mulher e da mulher; e o processo de luta do Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica na cidade de São Paulo nas décadas de 1970 e 1980, movimento do

qual Silva fez parte e que conta até hoje com encontros, discussões e com uma rede de solidariedade política.

Como referências teóricas, foram também citados os seguintes autores e textos: Milton Santos, em particular seus textos "O Espaço e seus elementos: questão de método"[16] e "O Espaço do Cidadão"; Pierre Lévy, "O que é virtual?"; Álvaro Vieira Pinto, "O Conceito de Tecnologia – Vol. I e II"; Ladislau Dowbor, "Sistemas Municipais de Informação"[17]; Dava Sobel, "Longitude"; Edgar Morin, "A Cabeça Bem Feita"; Carlos Montano, "O Terceiro setor e a Questão Social"; John Holloway; "Mudar o mundo sem tomar o poder"; George Orwell, "A Revolução dos Bichos"; István Mészáros, "A Educação Para Além do Capital"; e A.Thalheimer, "Introdução ao Materialismo Dialético".

16. Texto disponível em: <http://www.lidas.org.br/atuacao_milton.htm>. Acesso realizado em 23/08/2013.

17. Texto disponível em: <http://www.lidas.org.br/atuacao_ladis.htm>. Acesso realizado em 23/08/2013.

CAPÍTULO 2
PERFIL ATUAL E PRINCIPAIS PROJETOS DA CASA DOS MENINOS

Um movimento social que apenas move as pessoas é meramente uma revolta. Um movimento que transforma tanto as pessoas como as instituições é uma revolução.
Martin Luther King Jr.



A Casa dos Meninos hoje

A Casa dos Meninos hoje é praticamente uma Casa das Meninas. Do núcleo duro de trabalho cotidiano, 11 pessoas, as mais presentes no conjunto de visitas que realizei e na eleição de representantes na Escola Procópio foram meninas. Nas atividades que presenciei no passado, antes deste processo de pesquisa, também estavam presentes Arivonado e a Inaê.

O "núcleo político", como chamam, era em 2011 composto por Fátima Rodrigues, de 29 anos; Cíntia Rosa de Lima; Luana Bhering; Daiane Araújo dos Santos, que é a atual presidente e possui 22 anos; Rodrigo Behring Fabríco; José Carlos Ferrari Lucas Alves, que mora no Rio de Janeiro; Arivonaldo Vieira, com 28 anos; Josiane Oliveira, que tem 21 anos; Maria Lima de Araújo, que mora em frente a Casa e é uma espécie de memória viva do bairro, conta com 63 anos; e Inaê Batistoni, que tem 28 anos. Consideram central no trabalho e resultado de muito acúmulo de discussão a existência desse núcleo político, que são as pessoas com maior domínio do histórico e das discussões principais, assim como as pessoas com maior compromisso e dedicação ao processo político de transformação que acreditam que a Casa representa. Afirmam que o Núcleo Político é mais importante que a Casa, é a discussão coletiva que orienta aquelas pessoas a estar no espaço da Casa, que esse coletivo e as ideias que compartilham são mais importantes que a entidade em si. Sobre a organização deste Núcleo Político, Fátima afirma que as reuniões são semanais, que nunca recusaram um pedido de ingresso e que a fala de todos integrantes é ouvida e respeitada. Em agosto de 2013 os integrantes desse Núcleo Político estavam discutindo que este passasse a se chamar "Núcleo Político Cleodon Silva".

Há ainda um grupo menos orgânico, do qual fazem parte Janaína Silva Oliveira e Ítalo de Amorim Rodrigues, estudantes da escola Procópio Ferreira; Jenivan de Souza, responsável por parte da tecnologia de informação, configuração das redes de internet e construção de antenas de wi-fi; e Guilherme Maia Lopes, que mora em Pilar do Sul, mas está constantemente em contato com a Casa e foi um dos responsáveis por fazer a ponte entre a Casa dos Meninos e parte da cultura digital, em particular com o software livre.

O reconhecimento que obtiveram como Ponto de Cultura[18] do Ministério da Cultura foi também forjador de identidade, com a visita do Ministro Gilberto Gil em 2004 à Casa dos Meninos que, ao ver as práticas e projetos lá realizados, proferiu: "Isto aqui é um ponto de cultura, apesar de vocês não trabalharem com expressões artísticas [música, dança, pintura, escultura etc] o que vocês fazem é

18. Pontos de Cultura, segundo o Ministério da Cultura, "são entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura que desenvolvem ações de impacto sócio-cultural em suas comunidades". O edital de seleção coloca, como uma das condições de participação, a aquisição de um conjunto de equipamentos multimídias em software livre, e produção e circulação de conteúdo neste formato. http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/, consultado em 30 de maio de 2010

cultura.". Bem como com a visita do Secretario de Cidadania Cultural do MinC, Célio Turino, em 2009. E com o contato prolongado e trabalho com a rede de Pontos de Cultura espalhados pelo país. Mesmo sem receber do governo estadual as duas últimas parcelas do segundo convênio de Ponto de Cultura para o qual foram selecionados[19], mantém na fachada da Casa e nos documentos que escrevem o nome Ponto de Cultura Casa dos Meninos.

19. O edital de pontos de cultura para o qual foram selecionados, em 2009, se deu através de uma parceria entre o Ministério da Cultura e a Secretaria Estadual da Cultura de São Paulo. Nesta parceria o Ministério da Cultura entrava com dois terços do recurso e com o desenho do programa e a Secretaria Estadual da Cultura entrava com o terço restante e com a gestão dos pagamentos. A seleção dos Pontos foi realizada em conjunto.

A Casa dos Meninos conta hoje com vinte computadores, sendo dois laptops, um servidor e dezessete desktops, dos quais dez são apenas terminais. Os laptops e a maioria dos desktops utilizam Linux. Os demais, cerca de quatro computadores para uso de sistema bancário e do software Maptitude (para geoprocessamento), utilizam Windows como sistema operacional. Além do Maptitude, outros softwares utilizados são o FOX, para atualização de cadastros; Kino, para transmissões de vídeo ao vivo; os editores de vídeo Camtasia (para Windows) e Blender (para Linux); e o I3Geo, um software livre desenvolvido pelo Ministério do Meio Ambiente para mapas e georreferenciamento; além de editores de texto e de planilhas matemáticas, tanto em software livre, como em software proprietário.

As reuniões presenciais são quinzenais, e o contato por internet é constante.

Desde junho de 2011, com a morte de Silva e uma série de outros fatores, a Casa tem passado um momento difícil. No final de 2011, o servidor que funcionava na Casa dos Meninos foi alvo de um vírus de computador, e todos os sites e sistemas que existiam funcionando foram derrubados. Dos principais sites e sistemas que possuem, elencam como principais o site da Conferência e o site do Diagnóstico, descritos acima, e também o do Acervo Digital da Escola Procópio Ferreira, descrito mais detalhadamente no próximo tópico. Esses sites já tiveram o funcionamento restabelecido. Há vários outros sites que ainda estão fora do ar, o da própria casa, o do encontro da juventude da UPP-254, e da Reunião Digital, entre outros, e que lentamente estão reativando conforme conseguem.

Estatutariamente, até para questão de editais e de apresentação externa, há um corpo diretivo nomeado, com diretoria financeira, presidência, mas para fins internos e deliberativos é entre os membros ativos uma democracia na qual o voto de ninguém vale mais do que os demais e onde não há voto de Minerva. Uma peculiaridade e uma diferença para com grande parte das ONGs locais e movimentos sociais é que a presidente atual, Daiane, é uma jovem, tem 22 anos, e é moradora do local onde atua.

Na questão financeira passam por um momento difícil desde que abriram mão dos convênios com a Assistência Social, em 2008. Decidiram que para ter

independência de governos e empresas no máximo 50% da receita da Casa pode vir de editais e instrumentos semelhantes, sendo o restante suprido a partir do próprio trabalho de geoprocessamento que os jovens realizam através do Instituto Lidas. Afirmam que mesmo que não entrem, por exemplo, cinco mil reais por mês na Casa dos Meninos, sempre saem cinco mil reais, devido ao trabalho militante de integrantes e parceiros espalhados pelo território, que realizam serviços que no mercado custariam dinheiro, como a formatação de balanços para o cumprimento de editais. Neste trabalho vêem um valor que afirmam que não é financeiro, e afirmam que há que se buscar formas não financeirizadas de valor. Citam na questão uma fala de Cleodon Silva: "A revolução não cabe orçamento".

Dois projetos estão hoje em andamento via Lidas, o geoprocessamento de informações e banco de dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-econômicos) e o projeto chamado CulturaEduca, que é um site grande de georreferenciamento de diversos bancos de dados públicos, de vários ministérios, com ênfase em dados e equipamentos culturais no entorno das escolas, e com espaço para participação e discussão das próprias escolas dentro do site[20]. Este projeto é realizado junto ao Ministério da Cultura e em parceria com o Ministério da Educação. Independentemente da dificuldade da atual situação financeira a Casa dos Meninos está aberta todos os dias durante o horário comercial, há sempre ao menos uma pessoa lá para receber membros da escola local, da associação de moradores, pesquisadores e o público em geral.

20. O site e o mapa piloto de Recife já realizado podem ser vistos em culturaeduca.cc

Projetos com a Escola Municipal Procópio Ferreira, eleição de representantes e Acervo Digital.

O centro de atuação da Casa dos Meninos no período entre o fim de 2010 e o começo de 2013 foi a Escola Municipal de Ensino Procópio Ferreira, localizada no Jardim Fim de Semana, dentro do distrito do Jardim São Luis, na zona sul da cidade de São Paulo. Seu endereço é Avenida Fim de Semana, número 527. Esta escola se diferencia de muitas outras escolas municipais por contar com 1513 alunos, sendo uma das mais populosas entre as escolas municipais (a média é de pouco mais de 700 alunos). Em 2009, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, médio da rede municipal de São Paulo para a oitava série era de 4,2 numa escala que vai de 0 a 10, e o da EMEF Procópio Ferreira era de 3.6. O que é ainda mais preocupante é que, em 2005, o Ideb médio da cidade para a oitava série era de 4,1 e o da EMEF Procópio Ferreira era de 4,0, ou seja, o Ideb da escola piorou nos últimos anos e se distanciou da média da cidade. Os motivos

para esta piora são diversos, desde a constante troca de diretores de escola (esta situação se alterou com a entrada da atual diretora da escola, Cynthia Hori, que permaneceu mais de dois anos no cargo, mas saiu no primeiro semestre de 2013), passando pela inviabilidade do uso dos espaços de lazer e educação física da escola, pois a quadra de futebol e de outros esportes é frequentemente ocupada de forma indevida por jovens de mais idade, moradores dos arredores - até diversos motivos que passam pelas condições da própria comunidade e não da escola, como a inexistência de outros espaços de lazer no entorno, situação de precariedade de moradia e de baixos índices sociais na Favela do Fim de Semana, a maior da região e de onde vem a maior parte dos alunos desta escola.

Em finais do ano de 2010, a Casa dos Meninos e a direção da EMEF Procópio Ferreira começaram uma parceria visando mudar esta situação, e avaliaram então que tal mudança passa tanto por dentro da escola como por fora dela, e que a atuação deve ser conjunta entre a escola, os alunos, os parentes desses alunos e a comunidade em geral do bairro. Dentro dessa parceria já foram realizadas algumas etapas importantes, como a discussão e criação de um modelo diferente de representação dos alunos, que permite aproximar professores, alunos, direção e comunidade através da existência de uma interlocução discutida e eleita em cada classe de cada ano, da quinta-série à oitava, assim como das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse processo de eleição de representes já se elaborou um vídeo explicativo, uma série de demandas discutidas em sala e um espaço digital de reunião, que pode ser visto em www.rd.comunidadeprocopioferreira.org.br.

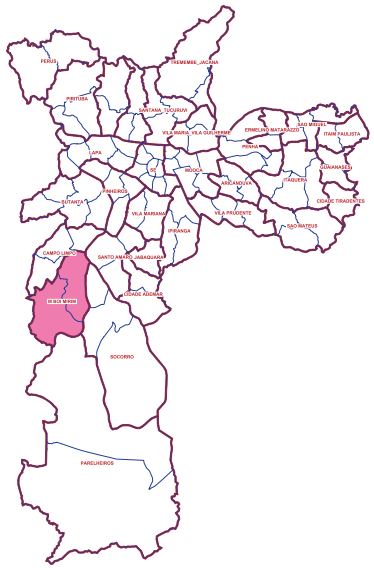
Para além da eleição de representantes, a parceria já contou com um momento de integração escola-comunidade, que foi a realização da pintura do muro da escola, um momento importante tanto para os alunos, que viram que são capazes de criar arte e modificar o ambiente da escola, como para a comunidade, que viu a transformação de mais um espaço cinza em um belo painel. E pela criação de uma aglutinação dos dados do território tendo como base a escola e o georreferenciamento do local de moradia dos alunos desta, um mapa chamado "área de influência da escola" que orienta os projetos no território com os alunos da escola.

Descrição do entorno, da Escola Procópio Ferreira e da Eleição de Representantes

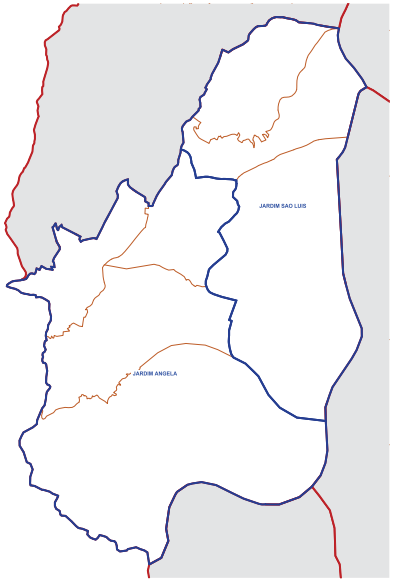
Entorno da escola e pátio

A avenida na qual se situa a Escola Municipal Procópio Ferreira, a Avenida Fim de Semana, começa no Cemitério São Luis, passa pela favela do Fim de Semana,

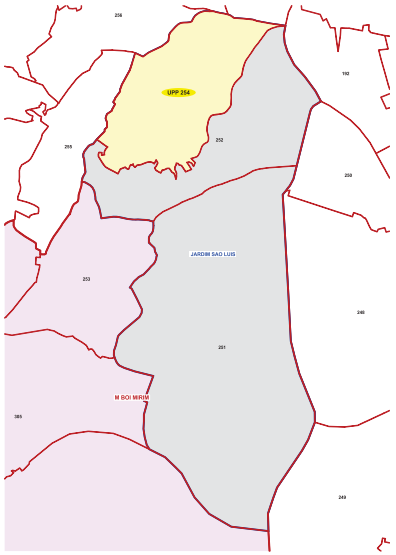
Localização da Área de Influência da EMEF Procópio Ferreira no Município de São Paulo



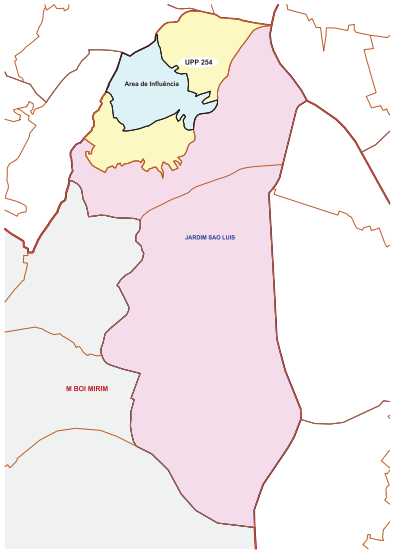
Subprefeitura de M'Boi Mirim



Distritos da Subprefeitura



UPP 254 no Distrito de Jardim São Luis



Área de Influência na UPP 254

Produção e edição: CASA DOS MENINOS

Agosto/2013

Mapa 2 Localização da área de influência da Escola Municipal Procópio Ferreira na Cidade de São Paulo

poucas centenas de metros depois fica a escola. Depois dessa a avenida segue em reta até a rua Yoshimara Minamoto, onde fica a Casa dos Meninos, e muda de nome para rua Teresa Mouco de Oliveira que desce em curva sutil até o Hospital do Campo Limpo, na Estrada de Itapecerica, onde acaba. No entorno imediato, bem pouco verticalizado, há poucos prédios de até quatro andares, muitas residências, diversas vendinhas de secos e molhados, um mercado Tetra com um caixa 24 horas (dizem que os caixas são intermitentes na região, porque são assaltados e o banco os leva embora de novo. O caixa do Banco do Brasil mais próximo, segundo membros da equipe da Casa, fica a cerca de três quilômetros, no Centro Empresarial). O movimento de pessoas e carros durante o dia não é muito intenso. Há uma creche em construção ao lado da escola, a qual já chamam de Procopiozinho.

Há uma grande desigualdade interna dentro do trecho específico do bairro no qual a Casa mais atua: alguns galpões, um posto da polícia próximo ao hospital do Campo Limpo, casas com muro e jardim, uma favela relativamente grande, algumas construções do programa "Minha Casa, Minha Vida" já avançadas e um pouco mais abaixo do endereço da Casa, numa rua transversal, placas e anúncios de mais uma série de construções. Há no entorno carros mais novos, como um Honda Fit ano 2011 que estava estacionado quase todo dia próximo a entrada da Casa, numa casa na Avenida Fim de Semana quase sempre um Audi 2010 estava estacionado; e carros mais velhos, como um Ford Scort 1997 descendo a rua Yoshimara Minamoto. Conforme se distancia da avenida central e se vai para dentro do bairro, mais os carros envelhecem.

Ao lado esquerdo da escola, para quem entra pela Avenida Fim de Semana, há um parquinho com brinquedos infantis que estão quebrados há vários anos, segundo um funcionário de uma terceirizada com quem conversei e também segundo a equipe da Casa dos Meninos.

A escola possui um muro de frente baixo, dividido ao meio por uma entrada de carros que é também a entrada de pedestres; ao lado direito da entrada estão pintados no muro desenhos feitos por crianças e jovens, ao lado esquerdo, no mesmo muro, estão pintados grafites e a frase, grande, cobrindo boa parte do muro; "Todos os filhos são filhos de todos".

Em frente à escola está uma obra de um prédio de quatro andares, do programa "Minha Casa, Minha Vida". O letreiro informa que o financiamento da obra é da Caixa Econômica Federal e do FGTS, que o custo total é de R$ 6.311.876,60, e que serão oitenta as famílias beneficiadas.

A escola é uma construção grande com cerca de trinta metros de frente e quarenta de fundo, há apenas um piso, o térreo, mas como o terreno é em declive há pequenos lances de escada conforme o terreno do entorno desce. Os detalhes da fachada são em azul e laranja. Há uma brinquedoteca.

No pátio de estacionamento dos professores há carros novos, a maior parte de modelos entre 2005 e 2012, de várias marcas. Não há bancos para sentar no pátio externo da escola.

Reunião com a Diretora Cynthia Hori, antes da eleição de representantes de classe

No dia da eleição de representantes houve uma reunião, antes das eleições, com a Diretora da Escola, Cynthia Hori, a qual eu fui convidado a assistir. A reunião foi iniciada com uma avaliação elogiosa da diretora sobre o trabalho da Casa dos Meninos e posteriormente houve uma avaliação por parte de Fátima e de Daiane sobre o processo de eleições de representantes de sala em 2012. A reunião foi interrompida em seu começo pela coordenadora pedagógica, de nome Luci, pois as aulas da oitava B foram paradas porque alguns alunos soltaram uma bomba de cheiro. As aulas deles foram suspensas e, como o Conselho Tutelar que atende a região estava com fila de atendimento no dia, foi chamada a Guarda Civil Metropolitana para conversar com os alunos daquela classe.[21]

Um vídeo foi feito em conjunto com os alunos e a diretora preparando a eleição e convidando os alunos para esta.[22]

A fala de Fátima na reunião foi no sentido de que não se pode querer condicionar a realidade a nossos desejos e que "m*uitos projetos de ONGs vão isolando o meio para realizar o projeto.*"

Fátima afirmou também que muitos professores falam: "-Por que não faz Grêmio?" ao que ela sempre responde: "Por que o processo que já existe historicamente está desmoralizado, desgastado". Considera que os professores estão muito enraizados numa descrença e fornece como exemplo uma professora de história que disse que não quer se envolver em nada, pois já foi muito politizada, e avalia que isso de nada adiantou. Sobre essa descrença, Fátima perguntou: "*Como fazer a crítica, como criar uma solução que perpasse essa situação? Como trazer esse conjunto de alunos para pensar a escola?*". E ela mesma respondeu: "É para isso que o representante tem que sair da escola, pensar além."

Os integrantes da Casa dos Meninos perceberam uma diferença de interesse e de participação grande entre as séries da Escola: Na quinta série todos querem participar, na sexta série, menos alunos se interessam, na sétima série menos ain-

21. Foi uma cena desagradável ver homens fardados e armados dando, literalmente, "bronca" em crianças de 12 anos.

22. Este vídeo pode ser visto em http://www.youtube.com/watch?v=eToze6jaE5Y

da, e na oitava série estão, conforme disseram, os alunos estão "totalmente cansados". Afirmam que na oitava série, momento na vida no qual os alunos deviam estar almejando mais liberdade, até pelos conteúdos ensinados, são justamente estes que *"não acreditam em nada do que você fala"*. Por outro lado avaliam que a quinta série:*"está muito no oba-oba também, não quer dizer que estão com o projeto na cabeça. Qualquer ação na comunidade eles iam"*.

Já com os alunos da Educação de Jovens e Adultos-EJA, que estudam à noite não foi possível realizar um bom diálogo no ano de 2011, pois a descrença das alunos do EJA é maior ainda.

Avaliaram que no ano de 2011 a eleição foi "bem bagunçada. O voto foi aberto, colocava-se na lousa". Falaram também que houve ameaça de alunos contra outros alunos, e troca de votos por balas e chocolates. Afirmam que os próprios representantes de sala, e mais uma série de alunos, fizeram uma avaliação crítica do processo, e gravaram junto com a Casa dos Meninos vídeos avaliativos. Para as eleições de 2012 ano não conseguiram terminar um sistema de votação digital, pois faltou concluir o sistema de senhas.

O final da fala da Daiane nesta reunião chamou muito minha atenção: *"Ficamos até as três da manhã da véspera preparando o material. Estou tão ansiosa com o processo que nem estou com sono"*.[23]

23. O que me pareceu com um exemplo sintomático do grau de preocupação e envolvimento que têm com o processo

No intervalo entre a eleição da manhã e a da tarde realizei uma conversa com a Fátima, na Casa dos Meninos, no final desta conversa, justificando a sua insistência em forçar a eleição de representantes de classe na escola naquele dia mesmo (pois havia uma certa relutância da direção, uma vontade de deixar o processo para outro dia) – Fátima afirmou: *"O normal é dificuldade, senão fica-se frustrado entre o desejo e a realidade, e fica-se atrasando tudo para atingir uma perfeição que não existe"*.

No decorrer da conversa de intervalo, e de almoço, Fátima falou sobre os sistemas digitais municipais de educação. Contou que existe um sistema da prefeitura de cadastro da educação, chamado EOL, Escola Online, e que nunca houve um controle parecido [no sentido de um controle muito intenso e hierárquico] e que nesse sistema a escola não tem nenhuma autonomia na entrada e saída de alunos, matrículas e transferências, tudo tem que passar pela coordenadoria, a própria autorização da matrícula também é realizada pela coordenação regional. Se uma família de aluno pede ingresso esta é mandada para a coordenação, e a coordenação consulta no mapa para verificar a escola mais próxima.

Fátima afirma que o EOL "É um exemplo de um sistema burro. Construído de cima e não a partir das pessoas. [Os Dirigentes da Secretaria Municipal de

Educação e operadores do sistema] não levam em conta o relevo, e as vezes é uma subida enorme ao invés de uma reta um pouco mais longa.". O sistema tampouco leva em conta dados como violência, local de trabalho dos pais, a presença de transportes públicos. Fátima afirma que há muitas reclamações em relação a este sistema, principalmente por parte de pais com filhos cursando a educação infantil, que há pessoas com três filhos em três escolas diferentes.

Porém, por outro lado, ainda de acordo com Fátima, "é um sistema que aglutina tudo, dá para ver muita coisa. Depende do nível da senha. O diretor vê tudo da escola.". A Casa dos Meninos entrou no cadastro da escola Procópio Ferreira no EOL e baixou todos os dados disponíveis. Realizaram uma "análise por proximidade", e o Zé, que é da equipe da Casa, do Lidas, e mora no Rio de Janeiro, realizou o cruzamento de dados. Baixaram os dados dos 1500 alunos e os georreferenciaram. Foi a partir deste mapeamento do local de residência dos alunos, que puderam criar o mapa da área de influência da escola e posteriormente colocar as antenas que confeccionaram para o Projeto Intranet e Acervos Digitais da Escola Municipal Procópio Ferreira.

Escola – descrição geral

As aulas da quinta e sexta série são de manhã e as da sétima e oitava são à tarde, as aulas do EJA são à noite. Os corredores das salas de aula são de cerca de dois metros de largura, iluminados por luzes fluorescentes brancas, do tipo bastão, mesmo num dia de sol forte lá fora. O corredor central é mais amplo, de cerca de quatro metros, o pé-direito é de um pouco mais de três metros. Há no dia um movimento frenético de pessoas na escola, alunos, professores, operários que instalavam com furadeiras no teto os aparelhos de wi-fi (fazendo um barulho deveras alto em pleno horário de aula), as pessoas da Casa dos Meninos, as inspetoras e demais pessoal do operacional da escola, os funcionários de limpeza de uma empresa terceirizada (não são funcionários públicos contratualmente), três membros da Guarda Civil Municipal – GCM que vieram falar com os estudantes da oitava B.

Na parte da manhã, mais fria, apenas um ou outro aluno vestia a camiseta do uniforme escolar fornecida pela prefeitura; na parte da tarde a utilização dos uniformes é mais freqüente. O uniforme consiste numa camiseta branca com o brasão da prefeitura municipal de São Paulo e a inscrição "educação" abaixo deste.

Professores passam completamente carregados de livros, mapas e kits de giz e apagador.

Os terceirizados possuem o site interativaservice.com.br bordado em seus uniformes. Há também terceirizados com jaleco da Inclui. Em certo momento do dia havia alguns terceirizados aparentemente impacientes aguardando em frente à sala da diretora

O professor Gideão, atual Vice-Diretor, e que já foi diretor da escola, faz o tipo "generalzão" segundo informes. Canta o hino nacional com os alunos todos os dias.

Numa das paredes da escola há um trabalho discutindo se a brincadeira Cabra-cega é coletiva ou competitiva, outro convidando para a Casa de Cultura do Jardim São Luis, batismo e troca de cordas da Capoeira.

Num sentido muito amplo, a própria escola, em sua versão moderna enquanto instituição, é uma tecnologia de informação e comunicação. A arquitetura do prédio é quase o reverso do panóptico de Bentham, não se vê longe em quase nenhum lugar com exceção do pátio interno coberto[24].

24. Para quem conhece um Centro Educacional Unificado, CEU, com janelas amplas e arejadas, a diferença arquitetônica é considerável.

Sala dos professores

Há aproximadamente 50 professores na escola. A sala dos professores possui janelas gradeadas, como todas as janelas na escola e o pátio interno. No intervalo havia na sala sete professoras e três professores. Há quadro de anúncios repleto de informes dos mais diversos tipos; fora dele, com certo destaque na parede, um cartaz que anuncia e fornece as regras do Prêmio Paulo Freire 2012. Quando entramos na sala a discussão versava sobre quem entrou em greve e quem não entrou para decidir como se dará a reposição de aulas que seria no sábado.[25] Há também cartazes defendendo o JEIF - sistema de definição e remuneração de atividades pedagógicas e horários extra-classe.

25. A categoria dos professores municipais entrou em greve no primeiro semestre de 2012 por aumento salarial, redução do número de alunos por sala de aula e melhoria urgente do atendimento médico hospitalar, entre outras reivindicações.

Coordenação pedagógica

Lúcia é a coordenadora pedagógica e está envolvida no projeto com a Casa dos Meninos.

Há na sala uma reprodução do quadro "Caipira picando fumo" de Almeida Júnior, uma do quadro "Operários", de Tarsila do Amaral, e uma do quadro "Colhedores de café" de Cândido Portinari. Há também um quadro com os bustos de quatorze negras aparentemente ornamentadas como Mães de Santo.

Na outra parede, no quadro de recados, havia poucas notas, incluindo uma reunião com a Casa dos Meninos.

Com exceção da mesa bastante abarrotada da coordenadora pedagógica, há apenas quatro caixas de papéis no chão, que está extremamente limpo.

Entre pilhas e pilhas de material didático sobre uma grande cômoda, duas pilhas não distribuídas da Revista Veja da semana corrente e da semana passada. Um catálogo da Editora Bose dos livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático para 2013.

Objetos Técnicos presentes nesta sala

Três caixas das quais saíam fios, uma escrita SINALTOC (provavelmente um relógio digital ligado ao sistema de som para tocar o sinal entre aulas e avisando o recreio), uma escrita MUSITOC Power R; e uma escrita PROGTOC VCJ. Há também dois computadores e duas impressoras.

Sala da Diretora

Há na sala da diretora uma série de quadros de alunos representando vasos gregos, minóicos e marajoaras. Na parede está afixado um quadro de um prêmio de primeiro lugar conferido à escola num programa de saúde bucal do governo.

Inspetora Jô

É a funcionária que se senta em uma mesa de madeira ao lado de uma grade que fecha o corredor de salas de aula da oitava série. Em sua mesa está inscrito em corretor branco (do tipo *liquid paper*), provavelmente por algum aluno, "Ispetora Jô" em letras grandes. Em cada letra desse texto, como se fosse um jogo de caça-palavras, está cruzado em caneta esferográfica um insulto para com essa funcionária.

Eleições na Sala da Oitava C

Três alunas da oitava série C vêm até a Daiane no corredor central avisar que não terão a aula do próximo período porque o professor de educação física faltou, e pedem que se aproveite esse horário para fazer a eleição de representantes, mesmo sem professores presentes.

Na sala de aula há dois cartazes a esquerda de quem entra, o primeiro é um cartaz da própria eleição de representantes e outro, da própria escola, que pede que não se use celulares na sala de aula. A sala mede cerca de oito metros de comprimento por cinco de largura. O pé direito é de um pouco mais de três metros. As janelas que dão para o pátio externo e estacionamento são no alto da sala, no sentido do comprimento, a cerca de uns dois metros e cinquenta de altura e permitem que a claridade entre, mas não que se olhe através delas. As portas são

de metal pintado em azul, as paredes são pintadas de verde até a altura de um metro e setenta, e brancas daí para cima. As carteiras, de metal e madeira, são distribuídas de forma assimétrica. Há muitas marcas de tênis nas paredes. Há um abecedário escrito em letras maiúsculas e minúsculas pregado de comprido no alto da parede na frente da sala. A lata de lixo é uma lata um pouco amassada de tinta acrílica. São 21 alunos presentes neste momento na sala

São eleitos na sala Beatriz com 14 votos, Tairone com 16, Vanessa com 11, Vinicius com 18 e Wandeman com 17 votos. Não houve suplentes eleitos nesta sala. Anotam-se os nomes e se pega o e-mail dos representantes e o número de celular, registra-se também a operadora de cada celular (em virtude dos custos de telecomunicação é comum só se ligar para números de uma operadora com um celular habilitado por essa mesma operadora, por conta dos custos reduzidos desse tipo de ligação).

Logo após a eleição, Daiane se dirige à classe, dizendo que vão, após a eleição, realizar um questionário por e-mail com os representantes eleitos, para descobrir os melhores horários para os representantes para as reuniões quinzenais que passarão a acontecer. Diz ainda que a comunicação vai acontecer o tempo inteiro pela internet. "*Vocês já conhecem a ferramenta. É uma mistura de twitter e facebook*." [refere-se ao site do acervo da comunidade Procópio Ferreira, criado especificamente para este projeto].

O primeiro ponto de pauta é a discussão de currículo. Os representantes vão ter prioridade para receber a internet grátis via antena. "Não é para ser dedo duro, é para pensar conjuntamente a escola. Vai haver atividades extra-classe como acompanhar o curso do Rio Tietê."

Os alunos se recusam a tirar uma foto conjunta, "sou contra foto" diz um.

Muitos alunos alegam que não podem ficar depois das aulas para reunião dos representantes porque trabalham.

Eleições na Sala da sexta série C

Havia na sala 25 alunos, dos quais 10 eram candidatos. Discutiram antes, com a professora, o que é representante e cada candidato a representante foi a frente da classe apresentar propostas. Um menino chorou porque não foi eleito. (Fui chamado para ajudar a contar e escrever os votos na lousa).

De forma bem pouco elaborada, dir-se-ia que aproximadamente havia na sala 15% de negros, 60% de pardos e mulatos, 25% de brancos e nenhum oriental.

Ao término do processo a professora pediu uma salva de palmas para os representantes eleitos (e não para o processo em si).

Um menino gritou de forma um tanto serelepe um 'Viva o povo!' ao final do processo.

Pergunto à sala se alguém já participou de algum processo de eleição, um menino diz que já apertou os botões da urna eletrônica para sua mãe, alguns dizem que já votaram no próprio Procópio, no ano anterior, na eleição de representantes.

Vídeo do Processo

Na parte da tarde foi realizada a apresentação de um vídeo de sete minutos produzido em conjunto com alunos especialmente para a eleição de representantes para todas as salas da quinta e sexta séries na Sala de Informática.

Sala de informática

Afixado na parede está um aviso de atenção com três regras: "1 - Não desligue a chave se houver computadores ligados", "2- Registrar no livro atividade do aluno quando a POIE não estiver" (A POIE é a monitoria da sala de informática), e "3 - Proibido alterar a configuração dos computadores" (o que parece particularmente grave em relação à formação de uma cultura digital desde o início passiva em relação às ferramentas).

Há na sala um telão, um projetor de tipo datashow, uma lousa, dois aparelhos de ar condicionado, um equipamento wireless Cisco "Small Business", duas impressoras (Kyocera e Minolta). Uma pequena central de rede e a incômoda e cada vez mais onipresente câmera de segurança. Um sensor de movimento. Iluminando todo este grupo havia seis conjuntos de lâmpadas fluorescentes brancas, dos quais quatro estavam funcionando. Há na sala 22 computadores, dos quais 21 da Marca Positivo com Windows 7 e chip Intel Core i5, e o outro um modelo mais antigo cuja marca não foi possível ler. Na tela de cada computador a mensagem comum "Service desk Educação – Central de Atendimento 0800-77-76377, 0800-77-SMESP".

O cabo que liga o computador do monitor ao som havia sumido, "Sempre somem" comentou Lúcia.

Uma professora possuía, e utilizava, um pequeno megafone portátil que ficava acoplado a seu cinto, para dirigir a entrada e saída de sua turma da sala de informática.

Ao fim do período da tarde apareceu na Escola o Seu Ademar, da Visão e Ação, associação de moradores do Pró-Morar.

Objetos Técnicos na escola

Seguindo a preocupação de Nielsen, descrita um pouco mais em pormenor no capítulo 3, procurei registrar os objetos técnicos presentes na escola e o uso ou não uso destes. Surpreendeu-me, e eu jamais observei com este tipo de atenção, a quantidade incrível de objetos técnicos na escola, fora os que entram e saem com os alunos e professores (como celulares no caso de ambos e carros no caso apenas dos segundos).

É cada vez mais difícil saber quantos objetos técnicos estão numa sala; caso se considere o software como um objeto técnico fica mais difícil ainda. Inclusive realizando trabalhos de vigilância e acúmulo de dados sobre o aluno, aumentando a vigilância sobre o mesmo. Ao lado da sala da diretora há um pequeno aparelho azul com a inscrição RPE e a marca da IBM no mostrador digital, uma tela simples de cristal líquido diz "fora de operação". Quando perguntei sobre o aparelho um ex-aluno, Ítalo, que faz parte hoje da Casa dos Meninos, me relatou que esse aparelho está assim faz anos.

No dia estava sendo instalado um sistema de internet sem fio na escola, um conjunto de aparelhos da empresa multinacional Cisco. Outro objeto técnico presente é o portão elétrico que se abre através de campainha dentro do balcão.

(A presença de celulares é tão grande que me faz refletir se seria possível realizar eleições locais por SMS? Considerar um uso de celulares em processos eleitorais e em processos participativos. Para além dos usos em protesto que a literatura já registra. Foram através de celulares que iniciou a revolta do pão em Maputo[26])

Comentando a situação da escola, a questão de disciplina, as trocas de professores, a ausência de espaço esportivo e do entorno, a favela do Fim de Semana, certa feita Fátima observou: "*Como é que esses jovens não se rebelam*?"

Projeto Acervo e Redes Digitais

A continuação do trabalho da Casa dos Meninos, na sequência das eleições de representantes na Escola Procópio Ferreira, é o Projeto Acervo e Redes Digitais. Neste projeto destacam-se duas vertentes complementares, sendo a primeira a criação e reunião digital de acervo didático amplo, e a segunda o compartilhamento desse acervo através de redes digitais de intranet[27] e internet. A proposta de criação de um espaço digital que contará com uma estrutura de servidor (um computador), que aglutinará todos os conteúdos didáticos necessários para a escola, assim como os produzidos no processo de desenvolvimento do projeto. Este espaço possibilitará que todos os alunos, pais/responsáveis, pro-

26. Em fins de agosto, começo de setembro de 2010, ocorreu em Maputo, Moçambique, uma série de ações contra o aumento do preço do pão, culminando com a paralisação da cidade em 01 de setembro. A ferramenta central de convocação do protesto foram mensagens SMS de celular. Uma delas era: "Moçambicano, prepara-te para a greve geral 01/09/2010. Reivindicamos a descida do preço do pão, água, luz e diversos. Envie para outros moçambicanos. Despertar".

27. A intranet prevista funciona de forma diferente de uma Rede Mesh ou Rede de Malha, por, ao invés de roteadores wi-fi nos nodos da rede, na Intranet da área de influência da Escola Procópio Ferreira estão antenas caseiras. A solução de protocolos e da relação pontos de acesso – clientes de verá ser semelhante a de uma rede Mesh, usando o protocolo OSLR e o protocolo padrão de redes 802.11.

fessores, direção e toda a comunidade da área de influência da EMEF Procópio Ferreira, tenham acesso, a partir de seu local de moradia e em tempo integral, aos vídeos de aula, materiais didáticos, e outros materiais que forem elencados pela direção, professores e alunos da escola como importantes, e que serão organizados complementando os conteúdos contidos nas grades curriculares de ensino da Escola Procópio Ferreira, da quinta série/sexto ano à oitava série/nono ano. Já foram gravadas mais de dez vídeo-aulas de matemática e alguns de história. É possível ver um vídeo sobre a África feito por uma professora de história dentro deste projeto[28]. Bem como material produzido especificamente pelo projeto, para além dos vídeos de aula dos professores, tanto discussões de alunos, quanto vídeos elaborados pelos alunos em referência à escola. A segunda vertente é a Rede digital, uma intranet que tem o papel de compartilhamento, fazendo a ligação entre todo este conteúdo armazenado no servidor e os computadores dos alunos e de todos que estiverem envolvidos com o projeto na área de influência da Escola Procópio Ferreira. E, por fim, a própria Internet que serve como auxílio para pesquisa de conteúdos didáticos, para além do acervo.

O projeto prevê que o modelo, a avaliação e os resultados obtidos sejam repassados gratuitamente para outras localidades com realidade semelhante, bem como para a rede pública de ensino como um todo, possibilitando também a troca de saberes pela vivência de cada local.

Até agosto de 2013, vários passos já aconteceram. *O conjunto dos livros da escola já foi digitalizado e sete antenas de rede, produzidas na própria Casa dos Meninos com latas de leite em pó vazias, já estão sendo usadas como amplificador de sinal, espalhadas no território do entorno da escola* (Mapa 2). Ou seja, a parte de hardware já está construída e operante, o ambiente digital também já está funcional e agora só há a necessidade de um software servidor para resolver a comunicação entre o servidor na Casa e os computadores espalhados na área de influência da EMEF Procópio Ferreira. A intranet e a internet funcionarão paralelamente e a intranet não é apenas um plano de contingência, é uma afirmação ideológica no sentido de se recuperar parte do controle. Segundo Luana "A intranet é nosso baú de ouro… um grande desafio é o livro, o livro didático, que não é público".

Se os protocolos de rede definem o controle sobre essa rede, logo uma modificação nos protocolos, a substituição de endereços da internet mais ampla por endereços locais pode inverter mecanismos de controle. (Quando se está na internet, se está sob controle do ICANN[29] e de outros controladores de DNS[30] para se chegar aos endereços na rede. Quando se está dentro do ambiente fechado

28. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=EIJIQNpZ2WU

29. *Internet Corporation for Asigned Names and Numbers* (Corporação da Internet para Atribuição de Nomes e Números) O ICANN foi criado em 1998 e é responsável por grande parte da atribuição de endereços de internet através do DNS (abaixo), tem responsabilidades na gerenciamento raiz do DNS, como códigos de países(ccTLD) e genéricos (gTLD). É subordinado ao Departamento de Comércio do Governo dos Estados Unidos da América.

30. DNS *Domain Name System* (Sistema de Nomes de Domínios). É o sistema hierárquico de organização de nomes de domínios. Segundo Galloway em *Protocol*, de 2004, é a mais vasta biblioteca organizativa já criada pela humanidade, e também um dos protocolos mais hierarquizados já constituídos.

do Facebook, a liberdade de ação está parcialmente controlada pelos protocolos internos da própria arquitetura desta ferramenta de rede social, e em parte controlada por censura humana a *posteriori* em relação a conteúdo que viole seus termos de uso). Numa intranet sob o controle local, um usuário não pode ser desligado por uma companhia provedora de internet, e os administradores desta rede possuem plena liberdade de trânsito de arquivos e de quais tipos de arquivos serão transitados.

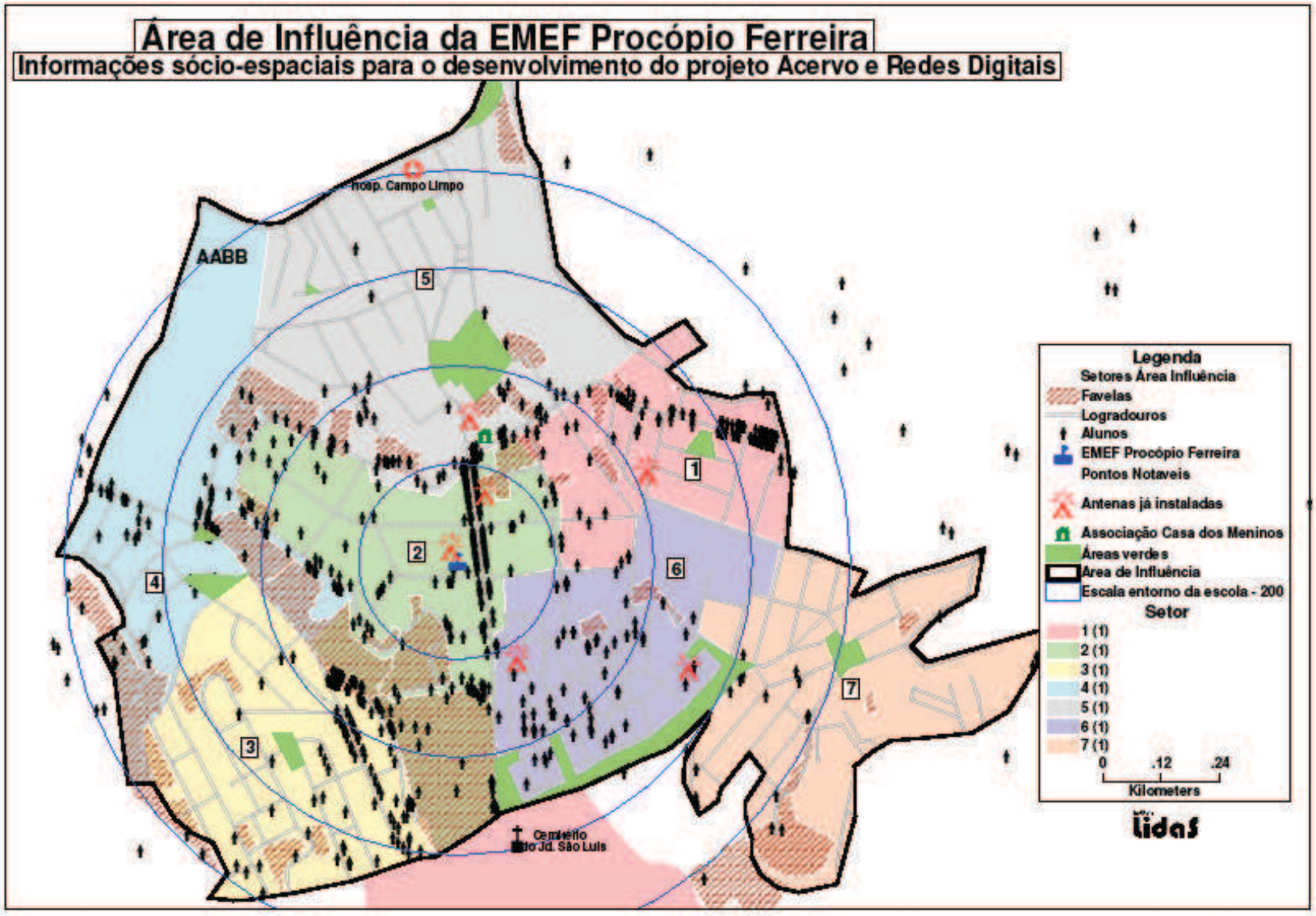
Viagem a Salesópolis

Foi efetuada, ainda em 2012, uma viagem à nascente do Rio Tietê com os representantes eleitos na escola Procópio Ferreira. A ideia era - além de compreender ainda melhor o território e suas diferenças geográficas- entender processos, que os fatos do mundo são históricos e mudam no decorrer do tempo e do espaço. A metáfora é que o Rio Tiête, que nasce limpo, fica sujo a 40 quilômetros de São Paulo e depois, através de processos naturais, fica limpo novamente, é como a situação de pobreza que afeta a região. A princípio, nem a região nem a pobreza existiam, depois passaram a existir, e a reflexão que colocam é: quais os passos para que essa pobreza e essas condições deixem de existir? Além de mim, dois professores e cerca de quarenta alunos participaram da viagem.

A Casa dos Meninos financiou do bolso, do trabalho de georreferenciamento que fazem no Instituto Lidas, essa viagem.

Conversei e observei bastante os alunos durante essa excursão, parte deles afirmou nunca ter ido tão longe de casa (as idades variavam de 11 a 16 anos), para muitos era a primeira viagem educativa que realizavam. No trajeto, no ônibus, diversos alunos passaram mal e vomitaram. Na chegada de Salesópolis duas educadoras do complexo turístico da Usina de energia e da nascente do Tiête subiram no ônibus e tiveram dificuldades para conquistar a escuta e o comportamento dos alunos, um exemplo: " Aqui é favela" foi a resposta de uma menina, de cerca de onze anos, à educadora dentro do ônibus, para explicar porque não aceitariam a ordem de sentar (dentro do ônibus em movimento).

Na volta da viagem, cerca de duas semanas depois, foi feita a apresentação de dois trabalhos, ambos audiovisuais, um no programa PowerPoint da empresa Microsoft, e outro editado no formato wmv com o software Camtasia. Depoimentos dos alunos sobre como a viagem foi cansativa, mas interessante e diferente, podem ser vistos no site: www.rd.comunidadeprocopioferreira.org.br.



Mapa 3 – Área de influência
da Escola Municipal de Ensino
Procópio Ferreira

2011-2012 Anos de crise na Casa dos Meninos

Os integrantes da Casa dos Meninos relatam que de forma geral os anos de 2011 e 2012 foram anos bastante difíceis, houve perda de capacidade de articulação política e uma queda no uso do software livre e na produção de ferramentas. Como Luana colocou: "Desde que o Silva morreu não conseguimos mais produzir e utilizar novas ferramentas. O Silva tinha um jeito...conseguia conversar e fazer parcerias com desenvolvedores de ferramentas.". Para além disso, começou um processo de paulatina separação do Instituto Lidas e da Casa dos Meninos.

Separação entre a Casa dos Meninos e o Instituto Lidas

A partir da morte de Cleodon Silva, em 2011, passando por todo o ano de 2012 e atingindo um pico em 2013, o que era junto passou a ser separado. Está havendo uma paulatina separação entre integrantes que são simultaneamente da Casa dos Meninos e do Instituto Lidas, e que trabalhavam e militavam juntos faz quase dez anos, devido principalmente a visões divergentes sobre como organizar o trabalho com um todo. O processo de transição está em andamento e o desfecho mais provável, até o fechamento deste texto, é que Inaê e Arivonaldo fiquem somente no Instituto Lidas, e que Josiane, Fátima, Daiane e Luana fiquem somente na Casa dos Meninos. Que o Lidas fique no Projeto CulturaEduca, e a Casa dos Meninos nos Projetos do Acervo e Redes Digitais do Procópio Ferreira e com as parcerias na área de educação na cidade de São Paulo. Há também a possibilidade que o Instituto Lidas deixe de existir e outra entidade seja construída. Como o Lidas se ocupava sobremaneira de construir projetos que financiavam parte da militância da Casa dos Meninos (os integrantes da Casa também trabalhavam no Lidas e os integrantes do Lidas também militavam na Casa. Apesar de serem entidades diferentes e com propósitos diferentes, na prática havia uma grande intersecção de pessoas e projetos, muitas vezes os mapas de uma entidade eram assinados pela outra).[31]

31. Como este trabalho focou centralmente nos projetos desenvolvidos na Casa dos Meninos, o Instituto Lidas foi pouco citado, excetuando-se na parte sobre a história de Cleodon Silva.

2013 – Ascensão e ampliação do trabalho

Após os anos de crise de 2011 e 2012, no fim de 2012 houve uma melhora, e o ano de 2013 começou com diversos bons auspícios para o trabalho da Casa dos Meninos e para o trabalho do Instituto Lidas. No Lidas, o Projeto CulturaEduca se desenvolveu bastante, desenvolveu tecnologias de automatização da padronização de bancos de dados, aprofundou o uso de software livre no trabalho cotidiano através do uso mais sistemático da linguagem de programação *python,*

do ambiente para desenvolvimento de georreferenciamento em *python* chamado *GeoDjango,* e do banco SQL[32] *PostGis*, que avaliam ser o melhor para se trabalhar com georreferenciamento. E, principalmente, passaram a usar um sistema de mapas que é aberto, livre e colaborativo, o *Open Street Maps*, ao invés do sistema proprietário do Google, o GoogleMaps. Por seu escopo e desenho, o CulturaEduca tem a possibilidade de ser referência em projetos de dados públicos abertos e georreferenciados, tanto no Brasil, como em toda América Latina.

Já a Casa dos Meninos e os integrantes que lá permaneceram foram paulatinamente retomando a capacidade de desenvolver ferramentas. Ainda em 2012, a Casa ampliou o trabalho para outra escola da região, a Escola Municipal Professor Airton Arantes Ribeiro Junior, e passou a trabalhar cada vez mais próxima à Associação de Moradores Visão e Ação. No começo de 2013, a Casa dos Meninos assistiu, depois de mais de dois anos de atuação na Escola Procópio Ferreira, seu trabalho em educação ser reconhecido por outras escolas da região e da cidade e, em maio, fechou parceria para oficinas de georreferenciamento do território com a Diretoria Regional de Educação-DRE de Itaquera e Aricanduva (zona leste da cidade de São Paulo), parceria que já conta com a adesão de 31 escolas dessa região. Em agosto de 2013, a Subprefeitura do M'Boi Mirim também demonstrou interesse em firmar uma parceria com a Casa dos Meninos e expandir o trabalho na região. Na mesma data e da mesma forma a DRE Campo Limpo (que conta com 178 escolas em seu território) também demonstrou o mesmo interesse.

Os projetos com as duas DRE e a Subprefeitura vão se consolidar na escrita e implantação de um módulo do Programa Mais Educação (programa do Ministério da Educação que visa ampliar o tempo de permanência das crianças na escola através de diversos tipos de atividade de formação complementar e cultural)[33], chamado Módulo de Estudo do Território, que contará com dois níveis de formação, o primeiro reproduzindo o trabalho que já fazem de apropriação do território: estudo do Censo do IBGE, construção de maquete topográfica, pesquisa de campo e pesquisa de origem social e demográfica da comunidade ao redor da escola. E o segundo nível de formação dividido em três opções diferentes entre as quais os alunos poderão escolher: confecção de jornal da escola, produção de vídeos com foco em produção de vídeo-aulas e de informática.

32. *Structured Query Language*, (linguagem de consulta estruturada): Uma linguagem padronizada de relação entre banco de dados, que facilita tanto a combinação de bancos como a migração entre plataformas dos bancos relacionados.

33. A descrição do projeto pode ser vista em <www.portal.mec.gov.br>. Consultado em 03 de Agosto de 2013.

CAPÍTULO 3
MOVIMENTOS SOCIAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

O homem coletivo sente a necessidade de lutar
Chico Science



Movimentos Sociais

O conceito "movimento social" é, por origem e por personalidade, um conceito de difícil definição. Não se trata de esforços teóricos insuficientes por parte dos pesquisadores da área, mas sim de seu próprio desejo de abrangência. Definir um conceito que ao mesmo tempo dê conta de movimentos urbanos e rurais; de moradia e de terra; de raça, gênero, etnia e orientação sexual; de redistribuição e de reconhecimento; dos movimentos dos países desenvolvidos e dos em desenvolvimento; de movimentos espalhados no espaço, no tempo e nas culturas; das práticas consolidadas e das emergentes; é uma tarefa árdua para qualquer cabeça pensante e qualquer vertente conceitual ou boa filosofia. Toda definição que encontrei ou me parece ter um quê de vaga ou de contingente. Os conceitos "ativismo" e "ação coletiva" modificam a questão, mas não a resolvem.

O conceito de movimento social que utilizo neste texto é o de "redes de interações formais e informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos ou organizações, engajados em conflitos culturais ou políticos e baseados no compartilhamento de identidades coletivas"[34]. Esse conceito é uma variação daquele definido por Diani (1992. p. 17), e é utilizado por ser capaz de auxiliar na análise dos tipos de atores encontrados no estudo de campo. A modificação que realizei foi a de não diferenciar Organização de Movimento Social (OMS) de Movimento Social, é o motivo desta alteração é uso muito mais fluido do conceito pela literatura recente associando movimentos sociais e novas TICs, bem como da literatura brasileira sobre a questão.

Para que fique junto ao conceito de movimento social utilizado, defino aqui a que me refiro quando falo de novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs. Estão incluídas no conceito de TICs utilizado as tecnologias de telecomunicações, como a telefonia, satélite e rádio, e as tecnologias de manipulação de informação (bancos de dados integrados, processadores, etc.), computadores de uso genérico, telefones celulares, redes de informação (internet, por exemplo) e softwares como provedores de e-mail, ferramentas de redes sociais *online,* aplicativos de comunicação instantânea do tipo *Messenger,* programas para análise de bancos de dados, aplicativos para georreferenciamento de informações, entre outros. As novas TICs são comumente associadas às tecnologias digitais. Quando citar as novas TICs, estarei me referindo às tecnologias digitais.[35] O rádio, que ainda é analógico, aparecerá brevemente neste capítulo e na conclusão.

Algumas impressões fortes sobre o estágio da discussão de ação coletiva e movimentos sociais me marcaram. A primeira é que a teoria da ação coletiva

34. A tradução deste trecho, e de todos os trechos da bibliografia que não estavam em português no original, é uma tradução livre. A decisão de não deixar no corpo do texto passagens em língua estrangeira, com exceção de títulos de artigos e livros, veio de conversa com os sujeitos de pesquisa descrita no capítlo 5, sobre metodologia.

35. Glossário de Harvard, <http://cyber.law.harvard.edu/readinessguide/glossary.html.>. Consultado em 22 de junho de 2010.

e dos movimentos sociais está num momento excitante no qual estão abertas as disputas pela afirmação de novos paradigmas. Ainda decorrente dessa impressão, me ficou uma forte idéia de que não há nenhum postulado *ad hoc* para se pensar a ação coletiva e os movimentos sociais, mas sim que o conjunto de teorias e elementos de análise propostos pode ser pensado como um caixa de ferramentas que o teórico social tem hoje à sua disposição, e cujas ferramentas podem ser utilizadas de acordo com que aspecto da ação coletiva irá pesquisar e de como responderá à pergunta *como* e à pergunta *por quê* de se estudar a ação coletiva. Esta caixa já possui uma rica diversidade de conceitos e possibilidades analíticas que serão analisadas mais à frente: repertórios de ação coletiva, estruturas de mobilização, *frames* (ou processos de enquadramento), estrutura de oportunidades políticas, múltiplas afiliações, trajetória, identidade coletiva, repertórios de interação, projeto político, entre tantas outras, e esse repertório está crescendo.

A segunda impressão é que se pode pensar a relação entre a teoria produzida nos Estados Unidos e na Europa em relação às teorias elaboradas fora desse eixo em termos tanto de dominação como de luta por reconhecimento. Criticar a forma como os conceitos migram e são utilizados, bem como repensar o funcionamento das categorias centrais de análise na realidade brasileira e latino americana, em particular a relação Estado-partido-movimento social me parecem tarefas extremamente necessárias - e nesse quesito corre-se o eterno risco de se homogeneizar para fins analíticos a teoria até então elaborada, para poder dela divergir. Nesse sentido, por salvaguarda, é bom selecionar um punhado de autores que forneçam respaldo a estas afirmações mais gerais. Em particular, repensar o Estado e as formas de relação deste com os movimentos sociais é uma tarefa que diversos autores têm repetidamente colocado como fundamental.

Por fim, a partir desse momento de expansão paradigmática, estão presentes duas propostas para os que pensam a ação coletiva: a primeira é a busca de métodos mais coletivos de produção do conhecimento e de se encarar o papel da divulgação deste conhecimento produzido; a segunda consiste numa verdadeira luta em termos de reconhecimento para as teorias produzidas fora do eixo União Européia – Estados Unidos.

O Brasil - Um futuro que não é mais como antigamente

No livro publicado sobre a cidade de São Paulo, "São Paulo: Novos percursos e atores", Lúcio Kowarick e Eduardo Marques traçam, na introdução, uma breve

análise crítica do que foi escrito sobre a cidade. No que diz respeito aos movimentos sociais, uma citação deste texto torna-se quase obrigatória para iniciar a discussão:

> A maioria das análises sobre movimentos teve implícita ou explicitamente um caráter apologético e dicotômico (Estado = mal X movimento = bem), imputando aos movimentos sociais urbanos um papel político que jamais tiveram e tomando um horizonte histórico de feições genético-finalistas, desembocando na liberação dos oprimidos e, em última instância, na superação das formas capitalistas de produção (2011. p. 12)

Nessa linha pode-se refletir que hoje a teoria da ação coletiva brasileira tem saudade do futuro que o passado nos prometia: a emancipação total de toda e qualquer amarra, a base material e de ideário para a transição para uma sociedade efetivamente sem classes. O projeto socialista e comunista se emaranhava mentalmente com as conquistas já efetivas da social-democracia nos países europeus, estes dois eixos se mesclavam nos textos e palavras de ordem dos movimentos, assim como nos textos e exegeses dos analistas na academia.

Nos parágrafos finais e conclusões, na parte por excelência normativa dos textos, as conquistas e indicadores de lá eram parte dos sonhos e desejos daqui.

É desejo, implícito ou explícito, da teoria social crítica que todo habitante tenha educação, que a habitação seja um direito, que os sistemas de saúde, justiça, legislativo e executivo funcionem com transparência, prestação de contas e eficiência. Porém cada vez mais efetivamente nos damos conta que os caminhos políticos dessas conquistas deverão ser bem diferentes, e que elementos centrais da teoria como "estado", "sistema político", "partido" e "movimentos sociais" dificilmente podem ser simplesmente derivados da teoria formulada na Europa e Estados Unidos.

Parte das grandes narrativas, ou meta-narrativas, sofreu profunda alteração após o ano de 1989, com a queda do muro de Berlim. Modificaram-se as narrativas que davam sentido à experiência tanto de partidos como de movimentos sociais. Mudou a forma como se orientava, e ainda se orienta, parte da imbricação desejo-análise dentro da academia. Os efeitos dessa mudança nas grandes narrativas, em termos identitários para os movimentos sociais, são ainda um campo fértil a ser explorado.

Relação entre Estado, movimentos sociais e partidos

A atual estrutura partidária brasileira se desenvolveu já nos anos 1980 e parte dela é resultado dos movimentos sociais. Muito diferentemente dos EUA, nos quais a estrutura partidária estava em vigor há diversas décadas quando os movimentos sociais que alteraram os paradigmas da teoria social americana se elevaram (em particular os movimentos dos direitos civis na longa resposta às leis Jim Crow de segregação racial que vigoraram de 1876 até 1965). Também a formação político-institucional e histórica recente da Europa ocidental, numa situação de reconstrução após uma guerra mundial e tendo como vizinhos os países comunistas da cortina de ferro, delineou um conjunto de configurações de Estado bem diversas das condições latino-americanas, com a presença de um Estado de Bem-Estar Social forte, e a resolução parcial ou completa de parte das questões sociais que ainda são candentes na América Latina, como habitação, educação, saúde, assistência social. Dessa miscelânea constitutiva que pôde surgir uma situação de tendência à preponderância de questões identitárias nos movimentos sociais, assim como de tendências à reificação do Estado na produção teórica, e de tratar muitas vezes teoricamente o Estado como um eixo central de oposição para os movimentos sociais.

A relação entre Estado, partido e movimento social cada vez menos deve ser um ponto de partida da teoria, mas sim um ponto de chegada. Essa é uma mudança ainda em curso e grande parte da literatura oscila entre uma visão dicotômica e reificada e formas mais complexas de compreensão do papel do Estado. Os próprios Tarrow, Tilly e McAdam, no seu texto "Dynamics of Contention" de 2001, colocam a questão da seguinte forma: "governos parecem repetidamente na análise como poderosos atores, mas não como a dinâmica, contestada, e continuamente recriada entidade, que sabemos que ele é". O mesmo Tarrow, alguns anos antes, havia escrito em *El poder em movimiento: Los movimientos sociales, La acción colectiva y la política*[36], diversas passagens como "…vulnerabilidade do Estado à ação coletiva" e "…o processo leva a respostas por parte do Estado". Maria da Glória Gohn, em seu texto de 2008, sobre a teoria recente acerca de movimentos sociais na América Latina, também reproduz, de certa forma, essa dicotomia Estado – movimentos sociais, ao relatar um processo de certa pressão por parte do Estado para institucionalização dos movimentos sociais em organizações, no que analisa serem políticas (do Estado) de inclusão conservadora.

Abers e Bulow, em texto de 2011, ainda no prelo, recolocam, e com ênfase, a visão de que na teoria de ação coletiva muitas vezes o Estado não é visto como

36. A versão espanhola é de 1997 e a original de 1994.

relevante e em outras vezes é visto como um inimigo ao qual os movimentos sociais se opõem. Uma idéia rica e muito prolífica do artigo é a de que redes podem cruzar a "fronteiras entre estado e sociedade".

Já Jack Goldstone, em sua introdução para o livro *States, parties and social movements*[37] de 2003, percebe os movimentos como um elemento da política normal nas sociedades modernas, vendo a fronteira entre a política institucional e a política não institucional como difusa e permeável. Sobre a questão da não-institucionalização de alguns dos principais movimentos sociais nos EUA na década de 1960 e 70, os dos direitos civis e os estudantis, coloca um ponto interessante: eram movimentos que não podiam votar. O autor não afirma que isso por si só explica o caráter pouco afeito desses movimentos em relação ao Estado, mas afirma que esse é um dado constituinte da relação entre movimentos sociais e estado nos Estados Unidos.

37. "Estados, partidos e movimentos sociais", em tradução livre.

Luciana Tatagiba, no seu texto *Relação entre movimentos sociais e instituições políticas na cidade de São Paulo: o caso do movimento de moradia* também aponta que, mesmo sem ser necessário abrir mão das categorias de Estado, partido e movimentos sociais, é importante "evitar, a todo custo, análises dicotômicas e simplificadoras".

Outra proposta interessante é a de Agnes Heller, em texto do final dos anos 1980, *A sociologia como desfetichização da modernidade*. A autora propõe passarmos a nos reportar às instâncias de poder do Estado (legislativo, executivo e judiciário), e não mais somente ao ente Estado, nas análises sociológicas.

Mais um exemplo de des-reificação do Estado na teoria social, e separação desse ente em diferentes instâncias, com diferentes funcionamentos para com os movimentos sociais, é o texto de Bruce Wilson e Juan Cordero de 2006, chamado *Legal opportunity structures and social movements*[38]. Nesta obra, os autores não tratam com o "Estado" como um todo, mas com a divisão de poderes dentro deste. Avaliam que a criação da Quarta Sala da Suprema Corte da Costa Rica gerou oportunidades legais para movimentos sociais de pouca força nesse país e que o surgimento desta instância jurídica estatal em particular auxiliou efetivamente na redistribuição de poder.

38. "Estrutura de oportunidades jurídicas e movimentos sociais", tradução livre.

Por fim, num último exemplo de des-reificação do conceito de Estado para percepção de novas relações entre este e os movimentos sociais, cito o texto de Abers, Serafim e Tatagiba, "Novas relações Estado-sociedade no governo federal brasileiro", de 2011, no qual as autoras apresentam o conceito de Estado *heterogêneo*, um Estado que possuindo diversos setores, políticas diferentes por áreas, e

diversas formas de atuação, pode ter compartilhamento parcial de projetos políticos com movimentos da sociedade civil. E os movimentos sociais pensariam de forma estratégica sua relação com o Estado, através da seleção de práticas dentro de um *repertório de interação*. As autoras propõem ainda que, além do fato de diferentes movimentos poderem possuir diferentes relações com o Estado, há situações nas quais o Estado seria inclusive *indutor* de movimentos, como em um dos casos analisados pelas autoras, o da questão da segurança pública no Brasil.

Aprofundando um pouco mais a espacialização e divisão em esferas distintas, e somando no caso do Brasil os entes federados (Governo Federal, Estados e municípios), poderíamos pensar ainda outras porosidades nesse mesmo Estado, e diferentes possibilidades de sua ocupação nas diversas lutas por redistribuição e reconhecimento, sem necessariamente cair num modelo de ciclo de protestos de acordo com a ocupação por elites aliadas ou não dos níveis estatais e nacionais (em suas várias configurações possíveis), como o proposto por Dyke no texto de 2003 *Protest Cycles and party politics: The effects of elite allies and antagonists on students protests in the United States*[39].

39. "Ciclos de protesto e políticas de partidos: Os efeitos de elites aliadas e antagonistas nos protestos estudantis nos Estados Unidos", tradução livre.

América Latina

Se voltarmos a análise para a situação política empírica recente da América Latina e as possibilidades de se pensar as formas atuais de ação coletiva a partir desta, recolocar o conceito de Estado numa forma menos reificada novamente se faz quase um imperativo.

Ao refletirmos num plano extremamente amplo a experiência política da América Latina, podemos analiticamente imaginar grandes ondas de cenários políticos, mesmo que não se inclua mais para o passado a onda de independências no começo do século XIX e de governos populistas na primeira metade do século XX. Olhando-se somente para a segunda metade do século XX, pode-se identificar uma onda de ditaduras militares, à qual se seguiu uma onda de governos neoliberais e aparenta, a partir de 1999, estar se consolidando uma onda de governos progressistas de diversas vertentes. Essa onda mais recente pode ser pensada como um rechaço à violação, privação de direitos e degradação que se consolidaram de formas diferentes nas duas primeiras ondas, em particular à onda neoliberal, com suas políticas de diminuição do Estado em benefício da iniciativa privada, que seria mais "eficaz" na prestação de certos serviços que o Estado, políticas estas em boa parte propostas por países do norte e pelo FMI. Esta onda mais atual também pode ser pensada como uma retomada do uso do

Estado, por diversas frentes e projetos políticos diferentes, como um espaço privilegiado de luta por reconhecimento e redistribuição, num período de ampla fragmentação dos macroprojetos políticos e das grandes narrativas. Seriam exemplos dessa onda de utilização e retomada do Estado como local de expressão, luta e redistribuição e, em alguns casos, de unificação de lutas diversas cindidas: a eleição de Hugo Chavéz na Venezuela em 1999, a eleição da frente sandinista na Nicarágua em 2006, a eleição de Rafael Correa no Equador em 2007, a de Fernando Lugo no Paraguai em 2008, a de Maurício Funes com a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional em El Salvador em 2009, a de Pepe Mujica no Uruguai em 2009, e a de Ollanta Humala no Peru em 2011. Os casos do Brasil, Chile (no qual a última eleição, em 2010, já mudou a direção política do país, elegendo um presidente mais associado a um perfil conservador) e da Argentina também podem ser considerados parte dessa onda, apesar de suas especificidades.

Um caso paradigmático é o da Bolívia, no qual em 2005 uma frente de movimentos denominada MAS-IPSP (Movimento ao Socialismo – Instrumento Político para a Soberania dos Povos) ganhou as eleições através de seu candidato Evo Morales. Desde então ocorreram diversas mudanças e projetos que muitas vezes desafiam a própria concepção formalista vigente de Estado, como no caso da aprovação da Constituição de 2009, que instituiu um Estado Plurinacional no qual se reconhece não mais uma esfera de universalidade jurídica, mas uma multiplicidade de esferas culturais e jurídicas com validades internas às nações indígenas existentes. Reflexões a partir dessa experiência foram publicadas em 2010 por Álvaro García Linera, Raúl Prada, Luis Tapia e Oscar Vega Camacho, sob o título "El Estado. Campo de lucha". A CLACSO editou o volume. Uma peculiaridade é que Álvaro García Linera é o atual vice-presidente da Bolívia.

Análise de Redes

A análise de redes tem se mostrado uma tendência promissora na discussão da ação coletiva. Em seu texto "Movimentos sociais e articuladoras no associativismo do século XXI" Lavalle, Gurza e Bichir propõem que não só os movimentos sociais ainda são objetos importantes de pesquisa, como afirmam em sua análise de rede de organizações na cidade de São Paulo, que "os movimentos continuam a usufruir extraordinária centralidade" na rede em termos de poder e influência. É uma bela fotografia de como se dão as interações e quem ocupa cada ponto da rede em um momento do tempo. Dessa análise surgem perguntas interessantes, por exemplo: Como colocar a diacronia nas redes? Como verificar a influência

de outras redes na composição e modificação no tempo de uma rede estudada? O problema é que para colocar a diacronia na rede é preciso de um esforço maior ainda, e nesse sentido as propostas de novas metodologias coletivas no espaço e no tempo podem ser cruciais para um estudo que pesquise como as redes se formam e se fortalecem, como evoluem no tempo. As redes não podem ser pensadas como um conjunto de indivíduos no espaço, neste sentido pode ser interessante pesquisar como elas são condicionadas por redes e estruturas previamente existentes, como em seu desenvolvimento elas geram, modificam ou absorvem outras redes em suas cercanias, sejam estas locais, nacionais ou internacionais. Um exemplo é ver como se relacionam as redes do governo local, as dos partidos dentro e fora do governo (como as que Eduardo Marques já pesquisou para a cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro) e as redes compostas por movimentos sociais, auxiliadoras e organizações em geral. O conceito de *múltipla afiliação* (participação simultânea ou ao longo do tempo em mais de uma espaço de organização, seja este movimento social, partido ou governo), conforme exposto por Ann Miche em "Leadership in the intersections"[40], pode ser um método interessante para ver pontos de interconexão entre redes, identificar trajetórias de lideranças e pesquisar como suas múltiplas afiliações vão refletindo nos nodos e tramas das redes pelas quais passam, ou mesmo onde e quando ocupam lugar simultaneamente em mais de uma rede e como isso modifica o comportamento e o sistema de estabelecimento de laços dentro dessas próprias redes (um militante de um movimento social numa Secretaria de governo, um assessor parlamentar diretamente ligado a um movimento, um membro de movimento social que ganha a disputa interna em um partido). Pode-se também investigar sobreposição de redes e influência mútua, não só através da participação ativa e cotidiana de militantes de movimentos sociais na vida partidária, mas também por posição destes nas eleições internas do partido (ou nos congressos, quando houver) e na participação ativa em campanhas eleitorais abertas.

40. "Liderança nas intersecções", tradução livre.

Bibliografia relacionando movimentos sociais e TICs

Nos últimos 15 anos, muita discussão tem sido feita a respeito das implicações das TICs sobre os movimentos de reivindicação, protesto e transformação da sociedade (Diani, 1999; Levy, 1999; Garret, 2006; Joyce, 2010; Nielsen, 2010). Até o momento, o debate não é conclusivo a respeito da questão das TICs recolocarem os movimentos sociais como atores importantes e estarem aumentando novamente a participação política (Garrett, 2006; Nielsen, 2010). Por outro

lado, há quase um consenso de que as TICs, por suas características que veremos adiante, abrem um conjunto grande de possibilidades para os movimentos de reivindicação, transformação e protesto (Lévy, 1999; Rodriguéz, 2002; Joyce, 2010; Kavada, 2010; Nielsen, 2010).

Há autores que sugerem uma associação de origem entre o uso atual das TICs e os movimentos sociais. Trata-se do caso de Pierre Lévy, que em seu livro *Cibercultura* (1999) discute o conjunto de transformações pelas quais o mundo passa após o advento das novas TICs e que, segundo o autor, irá transformá-lo completamente. Lévy associa o próprio caráter de produção aberta e de livre circulação assumido pelo ciberespaço – que para o autor é o novo espaço de comunicação, sociabilidade, de organização e de transação, e do qual as tecnologias digitais seriam apenas a infraestrutura – como resultado de uma origem associada a um movimento social. O ciberespaço "é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes" (1999. p.123)[41]. Para Lévy, as TICs não determinam a sociedade ou a cultura, mas as condicionam. No que tange a projetos coletivos, o conjunto das novas tecnologias está abrindo um leque amplo de possibilidades, as quais serão aproveitadas ou não - pois, o processo não é determinado *a priori*.

Kelly Garrett, professor Doutor da *School of Communications* da *Ohio University*, propôs-se a realizar uma revisão de literatura sobre o assunto num texto de 2005, intitulado "*Protest in an Information Society: A Review of Literature on Social Movements and New ICTs*". Logo no início de seu trabalho, evidencia as dificuldades do novo campo, notando que a ausência de um conjunto comum de princípios teóricos organizativos torna difícil achar conexões entre os diferentes trabalhos sobre esse assunto. O autor prefere enfatizar e dividir os autores por tipo de análise do uso de TICs. Usa como pano de fundo os quadros explicativos relativamente abertos da *Teoria de Mobilização de Recursos*, em lugar de uma divisão por diferentes correntes de discussão dos movimentos sociais.[42]

Para realizar sua revisão, Garret apropria-se do quadro organizativo proposto por McAdam, McCarthy e Zald em 1996[43], cujo objetivo era "explicar a emergência, desenvolvimento e resultados das atividades do movimento social" (McAdam; McCarthy e Zald 1996 *apud* Garrett 2005. p.2). O quadro, da forma como é utilizado por Garret, forma um esquema geral que distribui os trabalhos por seus focos centrais e abordagens em três grandes troncos:

Estruturas de Mobilização: referem-se aos mecanismos que permitem que

41. Como exemplo concreto, o autor cita o movimento californiano dos anos 1970 denominado *"Computer for the People"*.

42. Ademais, foi a única escola dentro da qual pude encontrar estados da arte da discussão entre TICs e movimentos sociais.

43. *Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings.* New York, Cambridge University Press.

indivíduos se organizem e se engajem em ação coletiva, e incluem estruturas sociais e repertórios táticos (McCarthy, 1996 apud Garrett, 2006), sendo que as estruturas sociais englobam tanto organizações formais – como organizações de movimento social ou igrejas – quanto configurações informais, como redes de ativistas e sociais.

Estruturas de oportunidades: referem-se a condições no ambiente que favorecem atividades de movimento social. Incluem fatores como acessibilidade relativa ao sistema político, o alinhamento estável ou fragmentado entre elites, a presença de elites aliadas, e a capacidade e propensão do estado para repressão (McAdam, 1996 *apud* Garrett, 2006). Um exemplo seria a mobilização dos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960 nos EUA, que teria sido bem sucedida por haver diferenças entre as elites no Norte e no Sul em relação aos direitos dos afro-americanos.

*Processos de enquadramento***:** são tentativas estratégicas de desenhar, disseminar e contestar a linguagem e as narrativas utilizadas para descrever um movimento. O objetivo desse processo é justificar as demandas dos ativistas e motivar a ação utilizando crenças e entendimentos culturalmente compartilhados (Zald, 1996 *apud* Garrett, 2006). Exemplo: a grande mídia chamava os movimentos de luta contra a Organização Mundial de Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI) de anti-globalização, ao passo que os ativistas se referiam ao movimento como "justiça global", "anti-capitalista" e "comércio justo", cada qual implicando justificativas, estratégias e objetivos ligeiramente diferentes.

Garrett afirma que o primeiro desses troncos já produziu mais bibliografia que os demais somados e divide-o em três grandes discussões. A primeira versa sobre as possibilidades de aumento dos *níveis de participação,* causado pela redução do custo de participação e comunicação gerada pelas novas TICs. A segunda diz respeito às mudanças nas *atividades contenciosas*, que poderiam ganhar quantidades e abrangências novas, como a expansão mais rápida devido ao aumento assombroso da velocidade de circulação da informação, e qualidades novas, tópico no qual chega a discutir se estas permitirão uma espécie de reversão do panóptico de Bentham, utilizado por Foucault (1987),[44] no qual, através dos novos meios, as atividades das elites poderão ser observadas o tempo inteiro, e estas elites terão de se comportar como se estivessem sendo observadas. Por fim, há as *questões organizacionais,* dentro das quais discute a possibilidade do aumento da colaboração entre movimentos, e analisa se as TICs geram tendências de criação de formas organizacionais mais descentralizadas e menos hierárquicas.

44. Foucault, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Deleuze também vislumbra possibilidades de uso das TICs por movimentos de resistência. Na questão sobre os sindicatos na luta contra os novos meios de controle, pergunta-se se os sindicatos vão ceder lugar a novas formas de resistência. Parte das respostas às questões colocadas por Deleuze está justamente na observação do comportamento das entidades de resistência frente à reconfiguração dos campos de disputa colocados pelas TICs, e à capacidade inventiva desses atores na quebra de cifras e códigos.

Outros autores, como Steven Murdoch em seu texto *Destructive activism: The double-edged sword of digital tactics*[45], abordam também o uso de violência, tanto simbólica como prática, por ativistas digitais. Murdoch se refere a diversas práticas mais incisivas e suas implicações, como o *distributed denial of service (DDOs) attack*[46], no qual artificialmente se aumenta a demanda pelo conteúdo de um site até ele colapsar e sair do ar devido à falta de capacidade de resposta a tal demanda, e que pode paralisar por um período a página de um adversário, seja este corporativo ou governamental. A Declaração do *Hacktivismo* (2001) e o site *Wikileaks* também são iniciativas conhecidas por permear as porosidades do legal, e acusadas por muitos de praticar ilegalismos ao, no caso da primeira, ignorar direitos de propriedade intelectual e incentivar a distribuição massiva de conteúdos e, no caso da segunda, tornar públicas informações corporativas e governamentais confidenciais[47].

Mary Joyce, co-fundadora do instituto americano DigiActive[48] e pesquisadora da *Harvard Kennedy School of Government*, no prefácio da obra *Digital Activism Decoded*[49], lançada em fevereiro de 2010 e organizada pela própria Joyce, repete a crítica de Garret em relação à fragmentação do campo e explicita a escolha terminológica de "*digital activism*", que é coerente ao conjunto dos autores do livro. Tal conceito é preferido em lugar de outros como "*cyber-activism*",[50] e "*online advocacy*",[51] pois ambos têm seu uso associado de forma mais comum exclusivamente à internet. A autora avalia ser *digital activism* o melhor termo para discutir todas as instâncias das práticas de campanhas sociais e políticas que se utilizam da infra-estrutura da rede digital. Joyce acredita que o conceito é, ao mesmo tempo, exaustivo e exclusivo, ou seja, não inclui práticas que não se apóiam sobre a codificação e transmissão de informações convertidas em 0 e 1. Ficam de fora, portanto, tecnologias de comunicação como os megafones, gravadores de fita e impressoras, itens que não se utilizam da "escalabilidade" de baixo custo provida pela rede global digital. Ao mesmo tempo, o conceito não se limita à internet, incluindo outras tecnologias e redes que também se utilizam de transmissão digital, como a de telefonia celular.

45. "Ativismo destrutivo: A espada de dois gumes das táticas digitais".

46. "Ataque distribuído de negação de serviço".

47. O site http://wikileaks.org gerou polêmica em 2009 ao divulgar 92 mil documentos do exército americano sobre o Afeganistão e outras operações, e ao divulgar, há alguns meses, um vídeo interno do exército americano no qual dois helicópteros americanos atiram e matam diversos civis iraquianos, incluindo dois repórteres da agência de notícias Reuters.

48. Página de internet do instituto DigiActive: <http://www.digiactive.org/>. Consultada em 10 de abril de 2010.

49. "Ativismo digital decodificado".

50. O termo é uma junção do conceito de ativismo com o conceito *cybernetics*, desenvolvido pelo matemático americano e pesquisador do Massachussets Institute of Technology (MIT), Norbert Weiner. Seu livro seminal sobre o assunto foi *Cybernetics: Or Control and Communication in the Animal and the Machine*, de 1948. "Cyber-activism" é definido pelo glossário de Princeton como o campo da ciência preocupado com processos de comunicação e controle (especialmente de processos em sistemas biológicos e artificiais).

51 Defesa ativa de uma idéia, causa ou conjunto de questões através de ferramentas online, como a internet.

Nielsen, professor associado da *School of International and Public Affairs*, da *Columbia University,* em seu texto *Digital politics as usual,*[52] de 2010, propõe algumas questões interessantes que se dirigem no sentido contrário de boa parte da bibliografia. Afirma que uma grande parte da discussão sobre como as tecnologias digitais e práticas políticas interagem se baseia no que chama de discurso "Do Grande Potencial", que seria adotado tanto por acadêmicos como por representantes eleitos e políticos profissionais, e que estaria repetindo o mesmo tipo de discussão gerado por outras tecnologias, como o rádio e a televisão, quando surgiram. O autor argumenta que sempre se estudam os casos bem sucedidos de uso das TICs, mas pouco se discute o grande número de casos de disputas políticas nas quais as TICs não tiveram papel fundamental, e destaca que não há evidência sistemática de que a *web* tenha dado o poder de volta às pessoas ou de que estejamos vivenciando uma nova renascença cívica.

52 "Políticas digitais como de sempre".

Nielsen afirma que o ativismo digital, ao fim e ao cabo, é principalmente *ativismo*, e que a compreensão de sua real significância repousa nas promessas e problemas *práticos* que acompanham a política digital assim como a política usual. O autor defende que é necessário prestar mais atenção no uso concreto das novas ferramentas no vagaroso processo cotidiano. Nesse sentido, afirma que não é útil discutir ativismo nos "termos impossivelmente gerais do 'impacto' da internet. As pessoas não usam 'a internet' para ativismo, mas sim empregam ferramentas da internet em particular para tarefas em particular" (2010. p. 187). Nielsen sugere ainda que, ao realizar uma análise sobre uso de TICs, se defina qual ferramenta em particular está sendo utilizada para qual função, e que se observe que cada grupo etário (assim como de classe, raça e gênero) utiliza funções e ferramentas *online* diferentes. Por fim, sustenta que as ferramentas mais "mundanas", mais difundidas, são ainda as mais importantes para os ativistas se organizarem, comunicarem e para mobilizarem pessoas, citando, como exemplos, celulares, e-mail e buscadores de textos e palavras.

Rodríguez, pesquisador associado ao Departamento de *Teoría Sociológica* da *Universidad Complutense de Madrid,* em seu texto de 2002 intitulado "*Nuevas Tecnologías y Política*", afirma que a totalidade dos novos meios disponíveis para um grupo ou movimento para reivindicar constitui o que poderia se chamar de "novos repertórios de ação coletiva"[53]. O autor descreve, dentro de um quadro de ações/atividades, as novas práticas permitidas pelas TICs, enumerando os tipos de ação/atividade.

53. Conceito citado pelo autor como de Charles Tilly e Sidney Tarrow, do qual cita especificamente o segundo através do texto de 1997 "El poder en movimiento. Los movimientos sociales, la acción colectiva y la política".

É importante ressaltar que esse campo de análise é recente e está profunda-

mente marcado, até o momento, por uma grande interdisciplinaridade, envolvendo trabalhos com fundamentos também no campo das comunicações e da ciência política. Existem inclusive departamentos acadêmicos criados especificamente para abarcar essa interdisciplinaridade, como o departamento de Hipermídia da Universidade Paris VIII e o núcleo de Comunicação e Tecnologia da Universidade Federal da Bahia.

Bibliografia relacionando movimentos sociais e TICs no Brasil

Marcus Abílio G. Pereira, em sua Tese de Doutorado "Cyberativismo e democracia: movimentos sociais e novos repertórios de ação coletiva", defendida em 2008 na Universidade de Coimbra, produziu a pesquisa qualitativa mais ampla relacionando TICs e entidades da sociedade civil no Brasil que pude encontrar. O texto passa por uma discussão profunda sobre as teorias da democracia, buscando uma concepção de democracia de alta intensidade. No capítulo seguinte, o autor discorre sobre o conflito e sobre os movimentos sociais como elementos centrais de uma democracia e discute as relações desses últimos com a mídia. No terceiro capítulo o autor perpassa as principais teorias de movimentos sociais consolidadas nos Estados Unidos e Europa, e conclui comentando o excesso de centralidade nas análises de movimentos com uma ideologia de esquerda e vertente marxista[54]. No quarto capítulo discute o cyberativismo, hackers, crackers, seus repertórios e as características próprias do espaço da internet bem como as possibilidades deste para deliberação política (e logo para processos democráticos). No quinto capítulo, que encerra a primeira parte, mais teórica, o autor analisa a situação brasileira à luz das teorias consolidadas sobre democratização e sociedade civil organizada e, muito importante, os dados concretos sobre o Brasil, passando por IDH, analfabetismo, dados do IBGE, e se debruçando nos dados da pesquisa do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br) sobre diferenças regionais de acesso à internet, tipo de acesso e principais barreiras ao acesso. Uma curiosidade é que mesmo em dados citados referentes ao ano de 2004 da Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais – ABONG, de acesso à internet por entidades associadas à ABONG, com exceção da região Norte (com 46,15% de acessos), nas demais regiões o acesso das entidades era sempre superior a 70%. (Pereira 2008, p. 264)

54. Crítica que me inclui, pois coloquei exatamente no centro da análise um movimento desse tipo.

No que diz respeito ao acesso pode-se dizer que a situação mudou bastante, mas que ainda se encontra longe de uma situação ideal, principalmente caso se considere o acesso à rede um direito humano fundamental, em conformidade

com a declaração da ONU que assim o afirma. Os dados mais recentes da pesquisa TIC do Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação – Cetic.br, referentes ao ano de 2012, reportam 80,9 milhões de usuários de internet no Brasil, ou 49% da população com idade para acessar a rede. Caso se considere os dados do Ibope referentes ao primeiro semestre de 2013, seriam 102,3 milhões de usuários, pela primeira vez mais da metade da população brasileira estaria com acesso à rede.

Para a parte empírica da pesquisa o autor entrevistou 48 entidades, entre ONGs e organizações de movimentos sociais (OMS) sendo que o critério de seleção de entidades era pertencer ao campo democrático popular (de forma mais clara ao campo da esquerda, aos que propõem transformações de fundo na sociedade brasileira). As entidades entrevistadas eram de diversos tipos, desde ambientalistas até centrais sindicais, desde sobre orientação sexual até indígenas; passando por entidades de pessoas vivendo com HIV/Aids e assessorias para movimentos populares. Fizeram parte da pesquisa oito entidades da região norte, dez da região nordeste, oito da centro-oeste, treze da sudeste e nove da região sul. O autor também perguntou, entre outras coisas, sobre uso de software livre, pergunta na qual apenas cinco entidades da região sudeste afirmaram usar este tipo de software, uma da região centro-oeste e uma da região sul. A pesquisa de Pereira possui uma pesquisa de maior fôlego e escopo que esta, com um recorte bastante diferente, mas da qual eu gostaria de comentar alguns pontos em comum, e um ponto de divergência. Os pontos em comum são a preocupação com o mesmo objeto, a apropriação de TICs pelo campo democrático e popular, no caso dele, e por movimentos sociais em particular no meu caso. Bem como uma preocupação, que se estende de forma maior no texto de Pereira, sobre as condições objetivas para esta apropriação. Nas proximidades ainda se inclui uma preocupação com a descrição e discussão de *novos repertórios de ação coletiva* e sobre as possibilidades e consequências políticas destes novos repertórios. Por fim, entre outras coisas que existem de semelhante, o autor diagnosticou que "Os movimentos sociais contemporâneos reconhecem a grande importância de se apropriarem das nTICS" (idem. p. 399) conclusão semelhante a que obtive. A diferença fica por conta do resultado das entrevistas: "Não houve nenhuma citação referente à uma apropriação por motivos ideológicos [por parte das entidades entrevistadas]" (idem. p. 400) pois no caso aqui analisado, a Casa dos Meninos, os integrantes desta se utilizam das TICs por questões declaradamente ideológicas.

O autor Lucas Milhomens, da Universidade Federal do Amazonas, em seu trabalho aprovado na ANPOCS de 2011, chamado "Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública Interconectada", discute o uso de TICs pelo Movimento rural dos trabalhadores Sem Terra do Brasil, o MST. No texto, após contextualizar as TICs, a esfera pública interconectada e as dificuldades no Brasil para um movimento rural se apropriar das TICs, o autor chega a conclusão que "O MST tem como maior ferramenta ciberativista seu sítio na internet, que guarda inúmeros recursos que vão desde a exibição de reportagens, documentos, agendas, vídeos, fotos, comercialização e mecanismos de interatividade." e que "O ciberativismo tem possibilitado ao MST uma articulação em Rede, descentralizada e colaborativa.", pois, embora o movimento como um todo não possuía, no período no qual o autor estudou, perfil em ferramentas de redes sociais como o Facebook ou Orkut,e no portal de vídeos YouTube, seus militantes possuíam e faziam disputa política de larga escala através destas. Conclui também que "o MST é um movimento social brasileiro ciberativista".

Numa análise inversa ao que o autor faz, atentando às ausências no texto, ficou a impressão que embora o movimento seja um produtor de material em formato digital, tanto textos como produção audiovisual, (o autor não discute o uso de software livre pelo movimento), o MST, como outros movimentos tradicionais, possui uma carência no sentido da criação de outras ferramentas próprias para suas lutas, e poderia se beneficiar muito de um diálogo tanto com a Casa dos Meninos, como com os coletivos de cultura digital; que por sua vez também poderiam se beneficiar da vastidão e acúmulo político do MST.

Novos coletivos com uso intenso de TIC

Rodrigo Savazoni, em seu texto de 2012 "A diáspora hacker: as redes livres de produção imaterial e ação política" a partir do conceito de rede e de produção imaterial - este segundo conceito utilizado conforme o pensou André Gorz - analisa quatro movimentos digitais de tipo hacker: a Metareciclagem, o Circuito Fora do Eixo, a Transparência Hacker e o Enraizados. O primeiro desses grupos, a Metareciclagem, se define como "uma rede aberta que promovia a desconstrução e apropriação de tecnologia" (MetaReciclagem *apud* Savazoni, p. 61), com "a finalidade de promover transformação social" (Savazoni. p. 61), e a partir de seu espaço digital www.metareciclagem.org e de sua lista de discussão que conta com mais de 500 membros promove ações que envolvem justamente o trato e modificação de software e hardware. O último desses grupos citados , o

Enraízados, começou em 2000 em Nova Iguaçu, na baixada Fluminense e organizou de lá para cá uma verdadeira rede de ação política de juventude, usando mídias livres digitais e se organizando diversos grupos no movimento hip hop. Uma definição deste movimento: "[o movimento] se autodefine como uma organização de base com o objetivo de formar e orientar militantes e grupos artísticos com foco no protagonismo juvenil" (AGUIAR & SHAUN *apud* SAVAZONI, 2012. p. 66). Os dois grupos restantes serão brevemente descritos abaixo com palavras próprias.

Os Movimentos Sociais da Cultura são um conjunto de coletivos novos de cultura, boa parte deles de cultura digital, que assim se denominam quando se juntam para realizar ações políticas ou para dialogar com o poder público (a reunião em 2012 com a recém empossada Ministra da Cultura Marta Suplicy se deu com esse nome: Reunião entre o Ministério da Cultura e os movimentos sociais da cultura). Entre os integrantes desses movimentos estava a Casa de Cultura Digital, que por sua vez congregava em 2011 diversos outros coletivos dentro dela, como o Garoa Hacker Clube e a Metamáquina; e possuia sedes em São Paulo, Santos e Porto Alegre.

Também faz parte desses movimentos sociais da cultura a Casa Fora do Eixo, FdE, movimento de produção cultural que começou em Cuiabá e que já possuia oito sedes espalhadas no território brasileiro em 2012, incluindo São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte.[55] O coletivo FdE (uma alusão a sua sede não ser originalmente nem em São Paulo nem no Rio de Janeiro, centros da tradicional produção cultural brasileira) chamou a atenção da mídia tradicional e provocou intensos debates após a cobertura dos grandes atos de junho de 2013 no Brasil, por um subgrupo seu chamado *Mídia Ninja*, e que consiste basicamente da transmissão em tempo real dos atos, através do uso de um celular como câmera, conectado a um laptop e um modem instalados numa mochila. Além da Mídia Ninja, o FdE possui equipamentos mais elaborados para filmagem, e transmite debates e eventos através da internet com sua PósTV (que já filmou movimentos sociais no Capão Redondo, debates de cidade digital, cobriu o FIS 2012, e os atos de 2012 chamados "Existe Amor em SP", entre outras coisas); possui uma vivência coletiva de seus membros em Casas Fora do Eixo; uma moeda própria como instrumento de economia solidária, chamada CuboCard; e uma teoria política própria de organização que consiste nos quatro simulacros: o de banco (que cuida do dinheiro coletivo e da moeda solidária), o de mídia (divulgação de eventos, mídia ninja e PósTV entre outras coisas), o de partido (organiza as discussões coletivas

55. A página pode ser vista em: http://foradoeixo.org.br/

sobre rumos) e o de universidade (responsável por formação política e mais geral, bem como socialização de discussões).

Transparência Hacker

É um grupo que se organizou a partir da lista aberta de e-mails chamada Transparência Hacker (thackday@googlegroups.com), conta com mais de 1000 pessoas na lista e participa de debates sobre transparência governamental e dados abertos no Brasil e no mundo. Uma das diversas definições que dá de si mesmo é: "A Transparência Hacker é um comunidade de prática que reúne hackers, desenvolvedores, sociólogos, palhaços, jornalistas e muito mais gente buscando um novo jeito de se fazer política[56]". Entre outros projetos, desenvolve um chamado Monitor Legislativo, que pretende "mapear e monitorar o processo de tramitação legislativa". A Transparência Hacker e os participantes de sua lista tiveram um papel importante na discussão e mobilização para a aprovação, em 2012, da Lei de Acesso a Informação.[57] Está envolvida em vários e diversos projetos, entre eles o site Queremos Saber (queremossaber.org.br), no qual organiza e envia pedidos de informação para órgãos públicos. Como centro de sua política, afirma: "estamos hackeando a política como a conhecemos hoje, para torná-la mais aberta e participativa".

56. thacker.com.br

57. Lei que regula o acesso do cidadão à informação pública e o dever dos órgãos públicos de responder solicitações de informação.

Ônibus Hacker

Os participantes do Ônibus Hacker o descrevem como um *laboratório sobre rodas.*[58] A idéia do ônibus surgiu a partir da lista aberta de e-mails de ativistas de transparência digital da *Transparência Hacker,* e este foi comprado através de financiamento coletivo no site dedicado a este tipo de projetos chamado Catarse[59]. Mais de quinhentas pessoas no Brasil inteiro, do Pará ao Rio Grande do Sul, contribuíram para que o Ònibus Hacker pudesse existir e rodar. Pelo Ônibus Hacker já passaram mais de 100 hackers em mais de 27 *invasões* hacker em diversas cidades e estados do Brasil. As invasões podem acontecer tanto em eventos em cidades pequenas e junto a escolas públicas nestas, como foi o caso do evento de poesia mineiro Abril Literário, em 2013; como em periferias, como foi a invasão hacker no complexo do Alemão no Rio de Janeiro em 2012. Bem como em eventos especializados de dados abertos, governo eletrônico ou software livre, como foram os casos do CONSEGI (congresso de governo eletrônico) em Brasília em 2012 e 2013, do FISL – Festival Internacional de Software Livre em Porto Alegre em 2012, e Latinoware em Foz do Iguaçu em 2012.

58. A página do Ônibus Hacker pode ser visitada em: onibushacker.org/

59. Pode ser visitado em <www.catarse.com>.Consultado em 19/08/2013.

Uma invasão hacker em geral se compõe de diversas oficinas sendo, entre tantas outras, as mais frequentes:

- A oficina de dados abertos, na qual se explica a importância de transparência no governo e dos dados estarem em formato aberto, o que possibilita que os cidadãos os usem, mesclem, comparem do jeito que lhes convier.
- A oficina de rádio livre, na qual é explicado o funcionamento de uma rádio, tanto do equipamento, placa eletrônica e antena, como do conceito de ondas e espectro eletromagnético, e, a partir da seleção de uma frequência que estiver livre no local da oficina, em poucos minutos é colocada no ar uma rádio livre discutida, batizada e apresentada pelos próprios participantes da oficina. Com uma placa eletrônica relativamente simples, que custa 90 dólares (a atual é confeccionada no México), um bambu como cabo de antena, alguns cabos baratos de antena, e arame; é possível, de forma rápida e barata, implementar um instrumento de comunicação comunitária com alcance de até três quilômetros, dependendo da topografia do local.
- A Oficina de Fazer Lei, geralmente com crianças, que a partir da própria lei do município e da discussão realizada pelos participantes da oficina, escreve um Projeto de Lei, recolhe as assinaturas na cidade e protocola a lei na Câmara Municipal. A ideia por detrás é que as pessoas, desde crianças, percebam que podem legislar e que o governo deve responder a eles e não o contrário, e que é possível, independentemente do conteúdo, elaborar e apresentar leis ao poder público.
- Oficina de Pirataria, de Cultura Livre e de Multimídia em software livre. São oficinas que apresentam e discutem o formato software livre, e o papel do compartilhamento no acesso e direito à cultura, bem como apresentam formas de usos de software livre para produção e manipulação de arquivos de áudio e vídeo.
- Oficina de jogos colaborativos. Apresenta jogos desenvolvidos para serem abertos e modificáveis, bem como para debater questões concretas do Brasil. Por exemplo: no jogo "A conta da Copa é nossa" cada jogador é uma empreiteira e tem de conseguir o máximo de contratos de construção para a Copa do Mundo no Brasil em 2014.

Uma curiosidade do Ônibus Hacker é que o centro de sua prática é socializar conhecimentos e discussões, *formas de se fazer,* e não exatamente *o que fazer*. A partir da ética hacker de software livre, compartilhamento, abertura e transfor-

mação de máquinas e softwares[60], e de buscar prazer no que se faz; estes estão mais preocupado em repassar às pessoas *causalidades* técnicas - jeitos e ideias mais gerais das tecnologias abertas; do que *finalidades* técnicas muito detalhadas - o que exatamente fazer com esses conhecimentos. Incentivam que as pessoas se apropriem desses conhecimentos para seus próprios e diversos fins. Essa abertura de finalidade (que não significa de forma alguma inexistência de finalidade, o que será discutido de outra forma no capítulo seguinte) permite uma convivência relativamente pacífica no Ônibus Hacker entre liberais, anarquistas, comunistas, ecologistas e diversas outras tendências políticas, todos adeptos da ética hacker. A lista de e-mail do ônibus é aberta para quem quiser participar (onibushacker@googlegroups.com), e é a partir dessa lista que se decidem os destinos para onde o Ônibus irá. A partir da decisão do evento ou local, é aberta uma *chamada pública* online de oficinas, e se inscrevem as pessoas que estiverem interessadas em ministrar oficinas no evento ou lugar para o qual o Ônibus se dirigirá.

60. Há um ditado hacker que diz "Você não é proprietário de uma coisa se não sabe consertá-la".

O Ônibus é um espaço de compartilhamento de ideias e saberes técnicos e políticos tanto para os hackers que nele viajam, quanto para as pessoas das comunidades ou eventos para os quais o Ônibus vai. É uma experiência inovadora itinerante de disseminação de cultura e tecnologia livre pelos territórios.

Coletivos digitais e populares

Há uma série de coletivos surgindo no Brasil que conciliam características de trabalho de base popular, nos moldes como este era descrito por parte da bibliografia sobre movimentos sociais nos anos 1980, com uso crescente e intensivo de TICs.

Um exemplo destes é o Coletivo Puraquê, de Santarém no Pará; que forma jovens "codeiros" (criadores de códigos de programação); organiza metarreciclagem (reaproveitamento e recriação de computadores a partir de descarte); instalou software livre e dá manutenção - e formação à professores - em laboratórios de informática em mais de 40 escolas públicas da cidade; além dsso, implementa práticas e discussões de economia solidária, através da emissão e circulação de sua moeda comunitária, o Muiraquitã.[61]

61. A página deste coletivo pode ser visitada em:<www.puraque.org.br/>. Uma entrevista com Gama, integrante do Coletivo Puraquê, realizada para esta pesquisa está disponível no blog deste mestrado.

Outro exemplo é a Rede Mocambos; rede de organização de comunidades quilombolas e de discussão da questão de raça, que começou na Casa de Cultura Tainã em Campinas, mas que hoje possui afiliados também em Porto Alegre no Rio Grande do Sul, no Vale do Ribeira em São Paulo, em cidades satélite de Brasília, entre outros lugares. A Rede Mocambos tem desenvolvido soluções de rede e

de troca de arquivos para territórios com internet de velocidade baixa, muito baixa ou praticamente inexistente, instalando servidores e um controle de versões próprias de seus arquivos através do gerenciador de versões de arquivos GIT[62]. Atua também na produção, registro e circulação das diversas manifestações culturais de seus integrantes, captadas e trabalhadas em software livre. Já produziu através de metarreciclagem de discos rígidos uma bobina de energia que, a partir do movimento de um rio, gera energia para uma comunidade quilombola, que coletivamente decidiu que o ponto de luz deveria ficar no centro de vivência da comunidade.

62. O Git é um software livre que opera um sistema de controle de versões de diversos tipos de arquivos. Foi inventado por Linus Torvalds, o mesmo criador do sistema operacional livre *Linux*. O nome, segundo o próprio Linus pode significar o que você quiser dependendo de seu humor. Pode ser *Global Information Tracker* (Rastreador global de informação), ou, quando trava, "*goddam idiotic truckload of shit*" (maldito e idiótico monte de merda) Em inglês britânico *git* é uma gíria para "cabeça dura". O git é hoje uma das principais ferramentas no desenvolvimento de software livre, pois permite controlar as versões e alterações de trechos de código.

A Casa dos Meninos, os movimentos sociais, e as teorias sobre movimentos sociais e as TICs

Relação com o Estado -

"O que nós fazemos, fazemos com, sem ou contra o governo"

Com relação a toda discussão feita nesse capítulo sobre a necessidade de uma concepção outra de Estado e do papel deste na relação com os movimentos sociais, a Casa dos Meninos em sua prática e em seu discurso vão ao encontro desta necessidade. A frase acima foi proferida por Fátima na entrevista mais longa com ela realizada, e resume bem a atual relação com o Estado e principalmente com sua pequena parte, que tanta atenção recebe na literatura em comparação às suas demais partes: o Governo. Os integrantes da Casa dos Meninos não possuem *múltiplas afiliações*, no sentido proposto por Ann Miche, não ocupam ou ocuparam cargos em nenhum governo, assessoria parlamentar ou direção partidária, mas possuem sim contatos e participam de *redes* nas quais há integrantes de partidos políticos e de governos. Possuem uma capacidade de leitura da *estrutura de oportunidades* (McAdam; McCarthy e Zald 1996 *apud* Garrett 2005. p.2) dos diversos níveis de governo (municipal, estadual e federal), das estruturas desses nas diversas áreas (ministérios e secretarias de educação, cultura e assistência social entre outras) e da divisão dos poderes (executivo, legislativo e judiciário); e sabem que a vitória de um partido político com maior associação histórica com movimentos sociais e propostas de esquerda modifica a *acessibilidade relativa ao sistema político*, na esfera ou espaço em que este partido obteve vitória. Na cidade de São Paulo fazem parte de redes que incluem militantes do Partido dos Trabalhadores e de outros partidos associados a ideias de esquerda, e conseguem disputar projetos e permear mais a política pública nas gestões do Partido dos Trabalhadores. Esse é um dos fatores, mas não o único, que auxilia a explicar a ampliação de escopo

de seus projetos que ocorreu no ano de 2013, na cidade de São Paulo. (O PT reconquistou a prefeitura em 2012, após oito anos afastado deste espaço de poder). Apesar desta relação,, a Casa dos Meninos mantém como princípio não obter a maior parte de seu orçamento somente de editais ou parcerias com governos, para não se tornar exclusivamente dependente de forma finaceira de um governo, e de não ter a sua autonomia política ameaçada em momento algum.

De forma geral, pode-se dizer que os integrantes da Casa pensam de forma estratégica a relação com o Estado, e possuem um verdadeiro *repertório de interação*, nos termos de Tatagiba, Abers e Serafim, para com o Estado e suas diversas instâncias. Neste ponto a fala e a prática lembram um pouco o conceito presente na fala do integrante da Casa Fora do Eixo[63] (um coletivo de gestores culturais muito ligados à questão da cultura Digital) Pablo Capilé, que afirma que é necessário "hackear o Estado".

63. http://casa.foradoeixo.org.br/

Além disso, ainda na questão da relação com o Estado, o conhecimento que a Casa dos Meninos acumulou sobre o local, o Jardim São Luis; sobre ferramentas de geoprocessamento e cruzamento de bancos de dados; e sobre a questão da criança e do adolescente; é tão grande que muitas vezes é o governo que procura a entidade para solucionar dúvidas. Este foi o caso do dia 12 de julho de 2012, quando Fátima se ausentou da Casa dos Meninos para ir explicar a membros do Ministério Público uma série de desigualdades entre locais da cidade, e a situação da criança e do adolescente que o site do Diagnóstico demonstra com clareza, e que surpreendeu essas autoridades. Outro exemplo: A Diretoria Regional de Educação-DRE do Campo Limpo, através de uma de suas coordenadoras, uma professora de história chamada Heloísa, veio a uma reunião propor um projeto de mapeamento das escolas e entornos destas na região, e a Casa simplesmente mostrou que exatamente esse recorte já estava feito, aberto e disponível gratuitamente na internet. Outro caso é o trabalho com o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura, no projeto CulturaEduca, no qual o Lidas foi contratado para georreferenciar os equipamentos culturais no entorno das escolas públicas de todo Brasil, em moldes parecidos com os quais a Casa dos Meninos fez na escola Procópio Ferreira. A explicação desses pedidos é, de acordo com Daiane, que "A noção de território do governo é outra, por isso pedem tanto".

Além do governo, outras entidades solicitam a Casa na questão do georreferenciamento; o próprio DIEESE, que é uma instituição que surge do reconhecimento por parte do sindicalismo da importância do domínio dos dados para enfrentamento em negociações com o capital, ainda assim possui uma capacidade

de cruzamento destes dados com o território tão insuficiente que contrataram o Lidas/Casa dos Meninos para fazer georreferenciamento de informações para ele.

ONG ou movimento social?

Sobre esta questão há uma grande lacuna entre o discurso oral dos integrantes, mais livre e mais enfático, e os textos de projetos apresentados ao governo e à sociedade civil em geral, mais formais, menos adjetivados. Para a pergunta "O que vocês são?", houve mais de uma resposta, "somos uma associação", "somos uma ONG". A impressão que me ficou, pelo tempo para a resposta e pelas respostas diferentes, é que esta não é para eles uma pergunta central, que a identidade não se afirma no se auto-intitular uma ou outra coisa, mas sim no diferenciar-se na prática e no discurso das demais práticas que percebem tanto em ONGs, como em partidos, como em boa parte do movimento social. As ONGs são sempre tratadas discursivamente como "os outros", "os conformes", os "não-críticos", os "reprodutores de práticas". A definição de movimento social é uma disputa teórica e política em aberto, entretanto, na definição que adotei para este estudo a Casa dos Meninos, esta se enquadra com tranqüilidade. Além disso, há toda uma leitura de mundo e uma teleologia nas práticas da Casa dos Meninos, que se coadunam mais com a dos movimentos sociais brasileiros descritos na literatura, do que com as ONGs descritas na literatura. A busca central não é por paliativos locais, mas pela criação de novas ferramentas para uma disputa política maior de autonomia. Como aparece tanto na entrevista de Silva, como na de Fátima, ambos colocam que "ONGs são como fogueiras à noite, aquecem quem está perto, mas não iluminam as trevas".

Outro fator que os diferencia de ONGs é a vontade de se desinstitucionalizar assim que tiverem capacidade para tanto. Uma grande recusa à forma institucionalizada de organização está presente de forma particularmente forte no discurso de Luana Bhering.

Comparação com a teoria sobre TICs e movimentos sociais no Brasil e com os coletivos digitais

No que diz respeito à pesquisa de Marcus Abílio G. Pereira, citada acima, parte dos usos de TICs realizada pela Casa dos Meninos não estão citados sequer como desejos pelos movimentos pesquisados pelo autor, em particular o uso de georreferenciamento e a criação de uma rede própria de internet e intranet para a área de atuação. Por comparação também me pareceu que a Casa dos Meninos possui

um discurso muito mais bem elaborado sobre a necessidade de adoção de TICs, que os movimentos que o autor entrevistou, e que inclui desde a apropriação e criação de ferramentas próprias, até o discurso claro sobre o papel das tecnologias na mudança de cultura política e na própria expansão do próprio tempo da política.

No que diz respeito aos coletivos com uso intenso de TICs, embora não exista ainda uma proximidade política maior da Casa dos Meninos com a Transparência Hacker, talvez a Base Comum de Conhecimento Cidadão, descrita no capítulo um, possa ser um conceito que interesse bastante o grupo digital. Com este coletivo ainda há grande proximidade no fato de ambos enfatizarem que a questão da transparência é central, e que faz parte da transformação da própria política em si. Uma fala da ativista da Transparência Hacker, Daniela Silva, citada por Savazoni, também chamou minha atenção: "Eu gosto de pensar que somos ativistas do direito de fazer" (Silva apud Savazoni. p. 64), fala com a qual pode se realizar uma ponte com a necessidade repetidamente reiterada pelos integrantes da Casa dos Meninos, de fomentar entre os jovens da periferia a sensação do "poder-fazer".

As proximidades com o discurso da Transparência Hacker de certa forma valem também para o Ônibus Hacker, pois este surgiu a partir das discussões da lista "Thackday". Além disso, a própria autodefinição tanto da Casa dos Meninos, como do Ônibus Hacker, faz referência a um tipo de relação com a tecnologia que envolve a prática, o manusear e testar esta; sendo que a Casa se define como "um laboratório de construção do novo", e o Ônibus Hacker como "uma laboratório móvel sobre rodas"

Relação com outros movimentos sociais tradicionais

A Casa dos Meninos possui relações fortes e cotidianas em particular com o movimento dos direitos da criança e do adolescente, e suas diversas instâncias e entidades (sendo que Luana Bhering é integrante do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente); e com a Associação Visão e Ação de Moradores do Pró-Morar (próxima ao endereço da Casa dos Meninos), com a qual participa junto em projetos na Escola Municipal Procópio Ferreira, em lutas por creche e por espaços esportivos e de discussões diversas no bairro, como a que se iniciou no segundo semestre de 2013, de urbanização da Favela Fim de Semana, de onde vem grande parte dos estudantes da escola.

A Casa dos Meninos, por seus conhecimentos, é também convidada para realizar transmissões via *streaming* de eventos, debates e aulas. Abaixo está uma ta-

bela com algumas das transmissões que foram feitas nos últimos anos. É possível perceber que os convites são oriundos de movimentos sociais e de debates teóricos organizados dentro da academia por grupos de esquerda.

01/06/10	PUC	Teoria Social Pós-Moderna: Uma crítica – Pós Grad. em Serviço Social da PUC-SP
06/10/10	CMDCA	Cobertura da posse do novo conselho do CMDCA/SP
20/11/10	Casa dos Meninos	Reunião do Fórum de Saúde da Zona Sul de SP;
04/12/10	Câmara Municipal	Transmissão da reunião do Fórum DCA Municipal de São Paulo;
19/05/11	Câmara Municipal	Reunião extraordinária do Fórum DCA Municipal
23 a 27/05/2011	PUC	Tomando o céu de assalto: da Comuna de Paris a Oaxaca – 140 anos de auto-organização dos trabalhadores
07/06/11	PUC	Debate com István Mészáros
30/05/12	PUC	Concepção marxista de partido e a necessidade histórica do partido revolucionário
13/08/12	USP	Aula de filosofia da Técnica e tecnologia - Marilena Chauí
07/07/13	Associação Mie Kenji	Perspectivas da Política Educacional na Cidade de SP
22/09/12	Sindicato dos Bancários	Plenária Selma Rocha

Há uma série de outras iniciativas de movimentos sociais interessantes na zona sul sobre as quais os integrantes da Casa dos Meninos tem conhecimento, como, por exemplo, as moedas solidárias, da qual um exemplo é o Solano, moeda cunhada pela Agência Popular Solano Trindade (http://agsolanotrindade.com.br/novoPortal/), que remunera os fazeres populares e artísticos locais (uma hora de trabalho equivale a 50 ou 100 solanos, dependendo do tipo de trabalho) ou os Sampaios, moeda corrente no Jardim Sampaio. Há também o Coletivo Campana, a UNASP, a Associação Capão Cidadão, entre muitas outras. Um vídeo com um pouco mais desta discussão, filmado pela equipe da PósTV, pode ser visto em www.ustream.tv/recorded/28356150 e em www.ustream.tv/recorded/28355255.

CAPÍTULO 4
TÉCNICA, TECNOLOGIA E O CONTEMPORÂNEO

A humanidade está adquirindo toda a tecnologia certa
por todas as razões erradas
R. Buckminster Fuller



Origens da Técnica

A princípio e de forma genealógica, o conceito de técnica é indiscernível do que hoje consideramos humano. É um tipo peculiar de inteligência na relação com os elementos do mundo, com a finalidade individual de sobrevivência e com a finalidade coletiva de preservação da espécie. No sentido mais lato possível, pode-se inverter o termo da cultura como organizadora de técnicas e colocar, agora no plural, as culturas como nada mais do que diversas técnicas de se organizar e prover de significado a experiência e a memória coletiva, sendo que faz parte dessa tarefa organizar a matéria do ambiente em ferramentas, assim como organizar a percepção simbólica sobre essas ferramentas.

Mais que sobre a origem da técnica, uma arqueologia distante, é interessante refletir sobre as diversas formas como as culturas pensaram as técnicas, e dentro destas seus pensadores. Neste texto vamos abordar exclusivamente o cânone ocidental, partindo de sua origem, o cânon grego, passando para um pensamento particularmente potente, que vicejou no começo da segunda metade do século XX, o pensamento de Gilbert Simondon.

Por que o pensamento de Simondon, um pensamento de *antes* dos formatos digitais contemporâneos, e não outro pensamento entre tantos que já refletiram *a partir* do digital? Em primeiro lugar porque não vejo no digital uma ruptura em termos de evolução dos objetos técnicos, apenas em seus usos sociais; em segundo lugar porque considero que - como tantos que trabalharam no século XX para atualizar o pensamento de Marx para as formas do trabalho neste século e para incluir categorias mais diversas de cultura no pensamento deste - é uma tarefa em aberto usar o pensamento e as categorias de Simondon para refletir sobre o fragmentário e complexo mundo contemporâneo, e as implicações que o advento do *digital* tem sobre o próprio funcionamento da sociedade, e sobre os movimentos sociais. Vejo em particular um grande potencial teórico e político no difundir a ideia e os modos de funcionamento da *alienação da técnica*.

Etimologia e o cânone ocidental grego

Etimologicamente a palavra hoje utilizada, "técnica", vem do verbo grego *teukeín*. Castoriadis, em seu livro *A constituição imaginária da sociedade*, de 1975, discorre longamente sobre como os gregos pensavam a técnica e sobre o quanto esse pensamento marca até o hoje os termos e a forma cotidiana de se pensar. *Teukeín* era um verbo central e de muitos usos, significava juntar, fabricar, construir, fazer de forma correta, fazer uma coisa em vista de outra. (p. 259 e

seguintes) As duas grandes oposições do *teukeín* eram possível-impossível e factível-infactível. Se *teukeín* definia o possível, *legeín* definia o conhecer, havia uma determinação recíproca entre os verbos, pois a técnica seria inseparável do logos. Os grandes operadores do pensamento grego sobre a técnica eram os *dissói logói,* seres ou discursos opostos, contrários, em conflito. Tanto a retórica dos Sofistas, como a dialética de Platão, e a ação voluntária racional de Aristóteles estavam submetidas aos *dissói logói*, cujos pares centrais de derivação eram *legeín-logos*, *teukeín-teknê* (verbo e substantivo, respectivamente). O substantivo *teknê* designava um saber, mas um saber prático, obtido por experiência e usado com habilidade, era uma inteligência prática. A *teknê* opera entre a matéria, *hylé,* e a forma, *endos.* (O pensador francês Gilbert Simondon faz uma crítica ao hilemorfismo, que atentaria apenas para a oposição entre forma e matéria e ao resultado de uma sobre outra, e não para o processo de individuação que é precisamente o momento no qual se cria algo único, distinto de ambos os termos iniciais.)

Na etimologia grega do termo hoje conhecido como "máquina", temos tanto a *machenna* que é um estratagema eficaz, quanto o *méchanê*, que é uma invenção engenhosa. Os cinco instrumentos que os técnicos gregos compunham para fazer máquinas eram a alavanca, a polia, o parafuso, o embolo e o cabrestante.

Os gregos não tiveram um grande desenvolvimento técnico porque não era essa a forma como concebiam a técnica, como necessidade constante de desenvolvimento, e havia uma decisão ética e política de barrar a técnica sempre que esta ultrapassasse fronteiras, pois esta poderia destruir a natureza e destruir aos próprios humanos. Essas características gregas de se relacionar com a técnica se assemelham muito à percepção sobre sociedades indígenas que Lévi-Strauss definiu através dos conceitos de "sociedade quente" e "sociedade fria"[64] (em relação ao desenvolvimento técnico e material intensivo). Na mesma linha de raciocínio temos uma rejeição do autômato, pois "quando se ultrapassa o limite de equilíbrio entre forças desiguais se criam artefatos que não se pode conhecer". O autômato seria, assim, "uma produção racionalmente cega", que causa estranheza, temor, pavor. Os técnicos *ergastikós* eram obreiros, geralmente homens livres e dividiam-se entre os *arkithetón* (que possui o saber, é intelectual, conhece as regras que constituem um *méthodos,* um caminho certo) o *mekanopoiós* (engenheiro, construtor) e o *banaúsos* (técnico mais empírico e desprovido de saber teórico, que recebia ordens). Sendo o segundo particularmente interessante pois possui parte das características que hoje são atribuídas ao *hacker*, pois conhece o funcio-

64. O conceito em fato é mais amplo, e alia-se a percepções culturais sobre a historicidade e passagem do tempo.

namento e o emprego de máquinas, é um construtor e inventor de máquinas e é capaz de um saber demonstrativo. "O grande técnico é o inventor de caminhos". Outro fator central, e que nos é particularmente importante na visão grega, é que o núcleo da técnica não é criar objetos, é atuar sobre os humanos na *pólis*. O próprio agir é uma técnica de intervenção nas relações humanas.

Os gregos não possuíam uma palavra específica para "trabalho", técnica era vista como produção ou fabricação material, em latim viraria *ars*. Na etimologia mais direta técnica virou arte. O termo trabalho também não era usado na língua latina na acepção que tem hoje, viria depois como derivado da palavra latina *tripalium,* que era um instrumento de tortura com o qual se puniam os escravos.

Uma chave para se pensar o contemporâneo, o pensamento de Gilbert Simondon

O pensador Gilbert Simondon traz uma contribuição enorme para aqueles que desejam pensar a tecnologia e seus devires de forma tanto mais ampla no que diz respeito a suas características gerais, historicidade, evolução e relação com humanos; como para aqueles que desejam se aproximar dos objetos técnicos concretos, de seus corpos e esquemas de funcionamento; de uma visão mais detalhada de seus modos operatórios. Mais à frente buscarei me apropriar de seus conceitos para pensar o contemporâneo, passo agora a uma breve apresentação do autor e de seu pensamento. As informações bibliográficas e sínteses foram retiradas de um texto produzido por Nathalie Simondon.[65]

Gibert Simondon nasceu na França, em 1924, e morreu no mesmo país, em 1989, sua principal área de formação foi a filosofia, mas ao longo da vida se dedicou aos estudos de diversas outras áreas como física, psico-fisiologia, cultura literária e psicologia social. Na lista que ele mesmo confeccionou sobre tópicos de sua pesquisa ele inclui ainda: imaginação e invenção, tecnologia aplicada e teórica, criatividade, estudos sobre aprendizagem em animais inferiores, percepção, problemas criados por introdução de modernas tecnologias em países em desenvolvimento, limites da constância perceptiva e ilusões óptico-geométricas, entre outros.

Foi aluno de Maurice Merleau-Ponty, participou de seminários organizados por Georges Canguillem, participou da organização de um seminário sobre o conceito de informação na ciência contemporânea do qual Norbert Wiener participou.

65 E disponível em: <http://gilbert.simondon.fr/bio/>. Consultado em 15/08/2013.

Em 1953, numa oficina de tecnologia, ele criou um receptor de televisão no porão da escola onde lecionava; em 1955 fundou o Laboratório de Psicologia Experimental, manteve na mesma época também um laboratório pessoal no qual possuía e analisava entre outras coisas um eletrocardiograma; em 1963, fundou o Laboratório de Psicologia Geral e Tecnologia na Universidade de Paris V.

Suas duas principais obras publicadas em vida foram: *A individuação à luz da noção de forma e informação* e *Sobre o Modo de Existência dos Objetos Técnicos*.

Sua tese principal chama-se *A individuação à luz da noção de forma e informação*, e nesta defende uma concepção não hilemórfica de individuação, na qual a partir de um estado de equilíbrio meta-estável, de *metaestabilidade*, que é rico em potencial, e condição para a individuação; o *pré-individual* presente numa incidência pode entrar em relação com esse sistema metaestável e individuar. Há para o autor quatro níveis de individuação: a individuação física, a vital, a psíquica e a coletiva. A *informação* é neste texto um conceito central, e é concebido de forma bastante diversa da como outros autores então o pensavam, em particular os autores da cibernética e Norbert Wiener.

A tese complementar do autor se chama *Sobre o Modo de Existência dos Objetos Técnicos*, chamada doravante neste texto de MEOT, e foi publicada em 1958. Nesta obra, na síntese de Nathalie Simondon, "ele se refere à tecnofobia e tecnofilia como dois sérios excessos daquele tempo que são meios de ignorar 'a quantidade de realidade humana alienada que está inserida no objeto técnico', e tenta pavimentar um caminho para uma reflexão apropriada sobre as técnicas e suas relações com a cultura".

Na década de 1980 do século passado seus escritos influenciaram procedimentos para introdução da tecnologia da informação para escolas de nível fundamental, bem como a reorganização da educação tecnológica no ensino médio e nas faculdades na França.

Simondon teve como leitores, entre outros, Gilles Deleuze, Herbert Marcuse, Andrew Feemberg, Bruno Latour e Milton Santos.[66]

Descrevi os laboratórios por onde Simondon passou e estudou, pois vim a ser convencido por este autor que qualquer cientista social que quiser vir a entender a tecnologia de forma não alienada, mesmo para falar desta de forma mais ampla, deve passar por laboratórios ou ambientes semelhantes de construção e estudo de objetos técnicos.

66. Na coleção particular do geógrafo brasileiro, hoje abrigada no Instituto de Estudo Brasileiros –IEB da USP, há um exemplar do MEOT com anotações à mão.

Principais conceitos

Para Simondon, de forma geral e resumida, os objetos técnicos possuem um modo próprio de existir. Essa existência se inicia com um processo de *invenção* (mas a invenção original, a gênese, é difícil de definir), conta com uma evolução técnica, e com a formação de espécies técnicas e linhagens técnicas.

O objeto técnico abstrato possui pouco acoplamento das partes e pouca tecnicidade e evolui por meio de sucessivas adaptações em direção a se tornar um objeto concreto, que possui sinergia entre suas partes (a especialização não se faz "função por função, mas sim sinergia por sinergia" – 2005 [1958]. p.55). A esse percurso Simondon nomeia de processo de *concretização*.

São três os tipos de objetos técnicos:

- os *elementos*, que são ferramentas (por exemplo: um martelo) e eram seguradas pelos humanos nos séculos anteriores;
- os *indivíduos técnicos,* que são máquinas, são independentes do corpo humano, (por exemplo: um carro); possuem um *meio associado,* um conjunto de matéria que suporta e fornece coesão a suas partes funcionais e sem o qual esta máquina não existe, exerce papel de *autorregulação*; e um conjunto de *causalidades recorrente* ou recíprocas, que são efeitos de partes sobre outras partes e condição para o próprio funcionamento;
- os *conjuntos técnicos;* que, como o nome diz, são conjuntos de objetos técnicos, tanto elementos como indivíduos, reunidos num local com finalidades específicas (por exemplo: uma fábrica ou uma oficina) e dentro do qual há humanos também interagindo com estes objetos.

Outro conceito importante e que será trabalhado mais à frente é o de *invenção*. Para Simondon a invenção, condição da gênese do objeto técnico, é um processo mental no qual se antevê e se imagina um concreto ainda não existente, no qual os processos mentais atuam uns sobre os outros, tal e qual nas causalidades recorrentes de uma máquina. Tem como analogia o próprio objeto técnico em funcionamento, "inventar é fazer funcionar o pensamento como poderia funcionar uma máquina, nem segundo a causalidade, demasiado fragmentária, nem segundo a finalidade, demasiado unitária, mas sim segundo o dinamismo de funcionamento vivido, captado porque é produzido e acompanhado em sua gênese. *A máquina é um ser que funciona*" (2005 [1958], p.155).

Por fim, o conceito de *informação* que, tal e qual liberdade ou democracia, é uma das palavras mais faladas no contemporâneo, e menos definidas. Em Simondon a informação é um conceito chave no próprio processo de individuação de qualquer ente do universo, seja este físico ou biológico, a *in-formação* participa da ontogênese de todos os seres, mais que matéria ou energia, é o *como* se modifica um sistema desde que este possua um tipo de metaestabilidade compatível com um tipo de incidência. Nos termos de Santos (1998) "A informação só existe quando o emissor e o receptor do sinal formam um sistema, ela existe entre as duas metades de um sistema disparatado até então. A informação é essa aptidão de relacionar que fornece uma resolução, uma integração; é a singularidade real através da qual uma energia potencial se atualiza" (Santos 1998. p. 42).

O mecanólogo ou tecnólogo

O mecanólogo ou tecnólogo seria aquele que estudaria os indivíduos técnicos completos, que introduziria na cultura "a consciência da natureza das máquinas, de suas relações mútuas e de suas relações com o homem, e dos valores implicados nestas relações" (Simondon 2005 [1958]. p. 35), seria "um psicólogo das máquinas" (idem. p. 165).

Ao definir a mecanologia Simondon afirma "o estudo dos esquemas de funcionamento dos objetos técnicos concretos apresenta valor científico porque esses objetos não são deduzidos de um único princípio; são o testemunho de certo modo de funcionamento e de uma compatibilidade que existem de fato (e que foram construídos) antes de haver sido previstos: esta compatibilidade não estava contida em cada um dos princípios científicos separados que serviram para construir o objeto; foi descoberta empiricamente, da constatação desta compatibilidade se pode remontar às ciências separadas para colocar o problema da correlação de seus princípios e fundar uma ciência das correlações e das transformações, que seria uma tecnologia geral ou uma mecanologia" (Simondon 2005 [1958]. p. 69). Ou seja, a mecanologia teria impactos também para a própria comparabilidade entre as ciências, e consequentemente, para a filosofia das ciências.

A ciência mecanologia e a profissão do mecanólogo por essência ajudariam na superação do hiato entre as chamadas ciências exatas e as chamadas ciências sociais, e logo seriam fundamentais na construção de uma teoria social (mas não só social, falta ainda um adjetivo para esta teoria, dentro do pensamento de Simondon seria algo como uma teoria *transindividual*) de maior escopo e abrangência.

Comparação do conceito de alienação em Marx e Simondon

No intuito de mais à frente trabalhar com um conceito de alienação da tecnologia, passarei brevemente por uma discussão do uso do conceito "alienação" em Marx e em Simondon. Buscarei também as consequências e ressonâncias destes dois conceitos tanto no discurso formulado pelos integrantes da Casa dos Meninos, como para o estudo dos movimentos sociais contemporâneos.

Ander-Egg, em seu livro de 1983, "Formas de Alienación em La Sociedad Burguesa", realiza uma análise dos usos do conceito alienação, encontrando como comum entre estes: "A ideia comum aos diversos conceitos de alienação faz referência a algo 'alheio' a si mesmo que o sujeito não mais controla, um bem que se vende, ou um 'eu' que se estranha" (Ander-Egg, 1983).

Abbagnano, em seu "Dicionário de Filosofia", de 1971, descreve o termo alienação como usado a partir da Idade Média e particularmente utilizado posteriormente por Rousseau, Hegel e Marx.

Alienação em Marx

Ander-Egg, no livro supracitado, ao analisar a recepção e repercussão do conceito de alienação conforme formulado por Marx, afirma que este recebeu um grande impulso a partir da descoberta dos "Manuscritos Econômicos Filosóficos". Afirma que alguns pensadores rejeitam o conceito de alienação tal como formulado por Marx, como Althusser, Raymond Aron, Hoepner; alguns têm uma posição ambígua, como Alain Touraine, e outros passam a considerar o conceito fundamental e o desenvolvem, como os pensadores da Escola de Frankfurt, Marcuse, Adorno, Horkheimer, Benjamin, e outros de linha lukacsiana, como István Mészáros.

Jesus Ranieri, em sua tese de doutorado "Alienação e Estranhamento em Marx", de 2000, analisa apenas as obras de Marx entre 1844 e 1846, e afirma que as categorias "alienação (Entäusserung)" e "estranhamento (Entfremdung)", sem nunca propriamente se confundir, possuem profundas e complexas conexões na teoria de Marx. Por exemplo: "A apreciação marxiana desses momentos e contrastes das formas de aparecer do trabalho está sempre vinculada à exposição da alienação (Entäusserung) como um elemento concêntrico ao estranhamento (Entfremdung) (Ranieri, 2000. p.87)", ou ainda "a identificação entre alienação e estranhamento resulta de uma interação efetiva entre essas categorias sob as condições em que o trabalho é objetivamente apropriado (idem. p.88)".

Abbagnano, entretanto, coloca como a tradução da palavra "alienação" em alemão o próprio termo "Entfremdung", termo o qual Ranieri traduz como "es-

tranhamento". Abbagnano afirma ainda que o uso contemporâneo do termo é bastante díspar e que "A equivocidade do conceito de alienação depende da problematicidade da noção de homem" (Abbagnano, 2003 [1971]. p. 27).

Jacob Gorender, em seu amplo prefácio à d'O Capital, edição de 1996, afirma que Marx toma o conceito alienação de Hegel, mas já através da profunda modificação, em fato uma inversão, realizada por Feuerbach, e a partir da crítica a este segundo desenvolve o seu próprio conceito, o qual, ainda segundo Gorender, é o primeiro a associar a alienação a fatores estritamente econômicos. Afirmação com a qual Ranieri concorda, ao colocar que, para Marx, "o elemento definidor da sociabilidade humana são categorias apoiadas na produção e reprodução dos homens sobre bases materiais, sendo que esse princípio é o que concebe o fenômeno *estranhamento*"(2000:p 84). Gorender afirma ainda que a categoria alienação foi erroneamente tomada pelos autores do pós-segunda guerra mundial como a categoria central da teoria socioeconômica marxiana. Erroneamente porque, embora seja a categoria central nos "Manuscritos Econômicos Filosóficos" de 1844, foi superada na obra posterior de Marx pela tese do valor-trabalho, sendo reformulada e passando a fazer parte da crítica do fetichismo do capital, ou seja, sendo parte da concepção socioeconômica marxiana, mas sem ser desta a principal categoria analítica.

Em fato, no primeiro volume do Capital (capítulos I ao XII) o termo "alienação" aparece pouco mais de uma dúzia de vezes e principalmente associado à explicação da forma mercadoria e de sua transformação na forma equivalente, o dinheiro, e na forma preço. Também o termo "estranhamento", tão caro à filosofia de Hegel e Feuerbach e às primeiras obras de Marx, é pouco assíduo nesta obra. Embora pouco presente, o termo "alienação", e suas derivações gramaticais, continua sendo para Marx uma chave de análise não só dos processos do capital, mas também das formas econômicas anteriores, "Não conhecemos, até agora, nenhuma outra relação econômica dos homens, além da de possuidores de mercadoria, uma relação em que eles somente se apropriam do produto do trabalho alheio, alienando o próprio.(Marx 1996 [1867]. p.231)".

O que ocorreria na forma econômica do capital, entretanto, é que os próprios processos deste, em particular a circulação de mercadorias, modificariam profundamente tanto a percepção por parte do trabalhador da alienação de seu trabalho - "A circulação rompe as limitações temporais, locais e individuais do intercâmbio de produtos precisamente porque *parte a identidade* imediata que existe aqui entre a alienação do próprio produto de trabalho e a aquisição do alheio, na

antítese entre venda e compra. (idem. p.236)"; quanto a própria forma da força de trabalho, que tem separados sua alienação e seu efetivo uso, a partir do momento em que passa a ser somente mais uma mercadoria e a única disponível para o trabalhador desprovido de outros meios vender: "O seu valor [da força de trabalho], como o de qualquer outra mercadoria, estava determinado antes de ela entrar em circulação, pois determinado *quantum* de trabalho social havia sido gasto para a produção da força de trabalho, mas o seu valor de uso consiste na exteriorização posterior dessa força. Por isso, a alienação da força e a sua verdadeira exteriorização, ou seja, a sua existência como valor de uso, se separam no tempo (idem. p.291)". No Capital, o que era "estranhamento", e "entfremdung", nas obras anteriores do autor analisadas por Ranieri, aparece ressignificado e modificado como "fetiche da mercadoria", descrito no último item do primeiro capítulo: "O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo".

Numa forma geral podemos afirmar, usando das palavras de Ranieiri, que "na tradição marxista, alienação (geralmente atribuída à identidade entre Entäusserung e Entfremdung) refere-se à não oportunidade dos homens em ter acesso aos produtos de sua atividade; ao fato desses produtos submeterem o próprio ser humano ao seu controle; e à impossibilidade de, em função destes obstáculos, os homens se reconhecerem mutuamente enquanto produtores de história" (Ranieri 2000. p.5).

O uso do termo "alienação" que farei posteriormente é o que está associado ao "estranhamento" descrito por Ranieri, e associado ao "fetichismo" segundo Gorender.

Por fim, voltando a Abbagnano, este afirma que o uso do termo presente nos Manuscritos Econômico-filosóficos: "tornou-se corrente na cultura contemporânea, não só na descrição do trabalho operário..., mas também *a propósito da relação entre o homem e as coisas na era tecnológica*, já que parece que o predomínio da técnica 'aliena o homem de si mesmo' no sentido de que tende a fazer dele a engrenagem de uma máquina". E, a partir desta frase, passo para a análise do conceito conforme usado por Gilbert Simondon.

A Alienação no pensamento de Gilbert Simondon

No livro *O modo de existência dos objetos técnicos*, doravante MEOT, Gilbert Simondon amplia consideravelmente o uso do conceito de alienação. Citarei em profusão a obra MEOT, pois acredito ser esta a melhor forma de explicitar o uso que o autor faz do conceito. Para o autor "alienação" está espalhada no tempo,

cada época tem sua alienação principal, e há múltiplas alienações, que coexistem e se sobrepõem. No século XX, em particular, a própria cultura estava alienada: "este hiato entre a vida atual e a cultura provém da alienação da cultura, ou seja, do fato que a cultura é na realidade uma iniciação às opiniões de grupos sociais determinados que existiram em épocas anteriores" (2007 [1958], p.127), a cultura estava alienada pois "a realidade governada implica homens e máquinas, o código [cultural] repousa somente sobre a experiência do homem trabalhando com ferramentas" (idem, p.36) ou seja, num período no qual a sociedade já era composta também de indivíduos técnicos concretizados e de conjuntos técnicos, a cultura ainda se atinha ao primeiro tipo dos objetos técnicos, o elemento técnico (ou ferramenta). Por isso este código cultural havia se tornado "inadequado para o tipo de informação que deveria transmitir. Uma informação que expresse a existência simultânea e correlativa dos homens e das máquinas deve levar consigo os esquemas de funcionamento das máquinas e os valores que estes implicam" (idem, ibidem).

Simondon não discute a alienação nos termos de *estranhamento* e *exteriorização*, mas mais à frente em seu livro se refere a uma alienação *necessária*, que é em essência uma alienação bem diversa desta alienação da cultura sobre a qual trata neste trecho. É possível tratar a alienação da cultura em Simondon, a qual é intimamente relacionada com a alienação da técnica, como teoricamente isodinâmica ao *estranhamento* discutido no tópico sobre alienação em Marx, bem como tratar uma das formas da alienação do trabalho, que Simondon discute na Conclusão do MEOT, como teoricamente isodinâmica à *exteriorização*, também discutida acima; voltarei a esse tópico um pouco mais à frente. No pensamento de Simondon, de forma semelhante a Marx, o caráter mais geral da alienação, o que pode ser associado ao *estranhamento* e não à simples *exteriorização*, deve ser *superado*, deve haver uma "tomada de consciência da realidade técnica" (idem, p. 34) e esta realidade técnica "deve ser reintroduzida na cultura" (idem p. 34). A cultura deve voltar a ser geral, deve ser atualizada para o momento histórico, e essa atualização deve se dar por extensão da mesma, da cultura, e não por destruição. O ator que é capaz desta "tomada de consciência", dessa desalienação necessária da cultura, é o "engenheiro de organização, que seria como um sociólogo ou psicólogo das máquinas, porque vive no meio desta sociedade de seres técnicos dos quais é a consciência responsável e inventiva" (idem, p. 35). Mais à frente no texto o autor passa a denominar esse "engenheiro em organização" como *mecanólogo* ou *tecnólogo*, que seria um representante das máquinas junto aos produtores da cultura.

Como em Marx, em Simondon a discussão teleológica de um futuro mais harmônico, de uma compreensão maior do mundo e de uma existência humana melhor, depende desta desalienação da realidade, desta percepção do mundo como é, da volta ao concreto. Para Simondon a desalienação da cultura também cumpre um papel normativamente positivo: "esta extensão da cultura, ao suprimir uma das principais fontes de alienação, ao restabelecer a informação reguladora, *possui um valor político e social*: pode dar ao homem meios de pensar sua existência e sua situação em função da realidade que o rodeia."

Em termos da ontogênese social, entretanto, começa a surgir entre a teoria de Simondon e a de Marx uma distância maior. Para Marx o ser social e as ideias de uma sociedade são originados em última análise por suas formas econômicas de produção, mesmo que não apareçam desta forma aos atores. Sendo que, no capitalismo, a classe que se apropria do trabalho alheio, a burguesia, possui por sua própria condição de classe não-trabalhadora uma impossibilidade de compreender os mecanismos de gênese do ser social, é capaz apenas de produzir visões falsas da realidade, ideologias, e de impô-las ao conjunto da sociedade devido à sua condição de detentora dos meios de produção. É o famoso epíteto da Ideologia Alemã: "As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes". À outra classe, o trabalho, por sua posição na produção, torna-se possível apreender uma verdadeira compreensão do ser social, mas para tanto é preciso deixar de ser uma classe *em si,* e passar a ser uma classe *para si*. O capitalismo, por ser o primeiro modo de produção baseado exclusivamente na exploração do trabalho, é também o primeiro que engendra as próprias condições de superação desta exploração. Ou seja, à classe trabalhadora é preciso superar a alienação do trabalho, o *estranhamento* do fruto de seu próprio labor, e se perceber como produtora do conjunto de riquezas de uma sociedade, para numa luta política se apoderar dos meios de produção e abolir a exploração do trabalho pelo capital. Adviria daí uma sociedade comunista, desalienada, onde não haveria alienação do trabalho, no sentido de estranhamento do produto do trabalho social por seu próprio produtor.

A ontogênese do ser social em Simondon funciona de modo, para dizer o mínimo, bastante diverso do de Marx. A frase que considero central para compreensão da ontologia em Simondon é a seguinte: "existe um parentesco enorme entre vida e pensamento" (idem. p.80). Em Simondon a ontogênese do ser social em fato não está dissociada da própria ontogênese da existência dos seres físicos e dos demais seres vivos. É preciso compreender o processo de individuação, o

processo de formação de qualquer ente, seja este físico ou biológico, para se poder compreender qualquer ontologia; e para a compreensão do processo de individuação é fundamental a compreensão do papel da *informação* neste processo.

Ao não se compreender a individuação como um fenômeno comum tanto a seres técnicos quanto a seres humanos, bem como ao não se compreender que na individuação de objetos técnicos há um fazer psíquico humano, se cria uma ruptura e se relega aos primeiros – os objetos técnicos – um papel de *fundo* e aos segundos – os humanos – um papel de *forma*. Para Simondon, numa decorrência desta separação para a vida psíquica: "A alienação é a ruptura entre fundo e formas na vida psíquica: o meio associado já não efetua a regulação do dinamismo das formas. A imaginação tem sido mal analisada até hoje porque as formas foram investidas de um privilégio de atividade e consideradas como se tivessem a iniciativa da vida psíquica e física" (idem. p. 80). É justamente por sermos seres individuados através de um processo de *informação,* e os objetos técnicos também, é que somos capazes de produzi-los: "Podemos criar seres técnicos porque temos em nós um jogo de relações e uma relação matéria-forma que é muito análoga à que instituímos no objeto técnico. A relação entre pensamento e vida é análoga à relação entre objeto técnico estruturado e meio natural" (idem. p.80)

A alienação da técnica é a reprodução desta ruptura fundo-forma da vida psíquica para a realidade contemporânea, é não compreender o *meio associado* deste momento histórico, os objetos técnicos, que por sua vez também possuem internamente meios associados e autorregulações.

Num autor o ser se forma através da atividade produtiva no mundo, no trabalho, e é na apropriação do trabalho e dos meios de produção, exteriorização, alheamento, que nasce o estranhamento dos trabalhadores em relação às mercadorias, ao produto de seu trabalho; o fetiche da mercadoria.

No outro autor o ser social é fruto de um processo próprio de individuação de todo o mundo, e sempre que se percebe exclusivamente como forma, e deixa de levar em consideração o fundo do qual emergiu e que continua atuando nas possibilidades e devires de suas formas, sempre que desconsidera o meio associado, se aliena.

Ao não perceber os objetos técnicos como parte integrante e fundante do contemporâneo, ao não ver que estes são fruto de processos mentais humanos de *invenção*, que guardam natureza humana, a cultura permanece incompleta. Não só a técnica e os objetos técnicos foram *estranhados*, como só é possível desalienálos compreendendo que estes também possuem um modo de existência, e que

evoluem por *concretização* através de processos inventivos humanos nos quais os próprios objetos técnicos já inventados também cumprem papel.

Alienação positiva em Simondon

Como antes em Hegel, e na acepção de alienação como "exteriorização" na obra O Capital de Marx citada acima (Marx 1996 [1867]. p.231), que seria uma alienação para Marx ainda econômica, mas necessária para a existência dos homens, há também em Simondon um acepção de alienação que é positiva, pois "o objeto técnico que sai da invenção técnica carrega consigo algo do ser que o produziu [em outros termos, exterioriza algo desse ser], expressa aquilo deste ser que está menos ligado a um *hic et nunc*[67]; se poderia dizer que há natureza humana no ser técnico" (idem, p. 263). E devido a esse levar de algo do ser que o produziu, "por meio do objeto técnico se cria uma relação inter-humana que é o modelo de *transindividualidade*" (idem. p. 263).

67. Aqui e agora.

Os objetos técnicos fazem parte da própria relação cultural entre homens, e por isso "nenhuma antropologia que parta do homem como ser individual pode ter em conta a relação técnica transindividual" (idem, p. 263). E deste ponto Simondon parte para uma alienação do trabalho que não é oriunda da apropriação do trabalho por outrem, é uma alienação do próprio *trabalho enquanto trabalho*, devido a uma concepção não hilemórfica de trabalho e que resulta que, no próprio processo de individuação de qualquer produto trabalhado, fica neste produto algo do trabalhador que o criou, independentemente do modo mais amplo ou econômico de produção. "O grupo de solidariedade funcional, como a comunidade de trabalho, só põe em relação aos seres individuados. Por esta razão os *aliena de maneira necessária*, inclusive fora de toda modalidade econômica como a que descreve Marx sob o nome de capitalismo: se poderia definir uma alienação pré-capitalista essencial ao trabalho enquanto trabalho" (idem. p. 263).

A discussão de Simondon acerca da alienação em Marx e uma proposta diferente de alienação

É exatamente por estarmos numa sociedade com tantas máquinas, tantos objetos técnicos e estes estarem ausentes do universo de reflexão que, para Simondon, "a maior causa de alienação no mundo contemporâneo reside neste desconhecimento da máquina, que não é uma alienação causada pela máquina, mas sim pelo não-conhecimento de sua natureza e essência, por sua ausência do mundo das significações, e por sua omissão no quadro de valores e conceitos que fazem parte

da cultura" (idem. p.31), Mais à frente no livro o autor compara essa alienação da técnica, do modo de existência das máquinas, esta alienação que não tem uma palavra complementar única, não tem um adjetivo único (como alienação *técnica,* alienação *tecnológica),* com o conceito de alienação em Marx.

Para Simondon a alienação do trabalho existe, mas não é a decorrente exclusivamente da separação do trabalhador de seus meios de produção, ou da propriedade sobre estes meios: "a alienação surge no momento em que o trabalhador não é mais proprietário de seus meios de produção, mas ela não aparece apenas por causa da ruptura do vínculo de propriedade" (Simondon *apud* Santos, 1981. p. 26), e: "A relação de propriedade em relação à máquina implica tanta alienação com o a relação de não propriedade, mesmo correspondendo a um estado social muito diferente" (Simondon 2007[1958]. p.135).

O centro da diferença com relação a Marx, no quesito propriedade dos meios de produção, é que Simondon não considera somente o fator econômico como gerador de alienação: "a alienação do homem em relação à maquina não tem somente um sentido econômico-social, tem também um sentido psico-fisiológico; a máquina já não prolonga o esquema corporal, nem para os operários nem para aqueles que a possuem" (idem. p. 136), ou ainda, no mesmo sentido "Abaixo desta relação jurídica e econômica [de propriedade] existe outra todavia mais profunda e essencial, a da continuidade entre o indivíduo humano e o indivíduo técnico, ou a descontinuidade entre ambos estes seres" (idem. p. 135).

É exatamente por conta de a alienação para Simondon não advir somente da propriedade que: "A coletivização dos meios de produção não pode operar por si mesma uma redução da alienação; só pode operá-la se é condição prévia para a aquisição, pelo indivíduo humano, da inteligência do objeto técnico individuado" (Simondon *apud* Santos, 1981. p. 26). E neste ponto Simondon deixa em aberto, como uma possibilidade, mas não claramente como um imperativo, a necessidade de coletivização dos meios de produção para a aquisição da inteligência do objeto técnico.

Em relação à essência e ao modo de existência do objeto técnico, para Simondon, tanto capital quanto trabalho estariam alienados, "capital e trabalho são dois modos de ser tão incompletos um como o outro em relação com o objeto técnico, e com a tecnicidade contida na organização industrial." (Simondon, 2007 [1958]. p. 135) e mesmo "os banqueiros cujo papel social é exaltado tanto pelos matemáticos como pelos saint-simonianos e Auguste Comte são tão alienados em relação à máquina quanto os membros do novo proletariado" (Simondon *apud*

Santos, 1981. p. 26). Ambos os lados, capital e trabalho, são alienados em relação às maquinas mas a reunião de ambos não resolve o problema da alienação porque "por uma parte e por outra da máquina, por cima e por baixo, o homem dos elementos que é o operário, e o homem dos conjuntos que é o patrão industrial, falham na relação verdadeira com o objeto técnico individuado que sob a forma de máquina… o trabalho possui a inteligência dos elementos, o capital possui a inteligência dos conjuntos; mas não será reunindo a inteligência dos elementos com a inteligência dos conjuntos a forma de se fazer a inteligência do ser *intermediário e não misto* que é o ser técnico" (Simondon 2007 [1958]. p.136 grifos do autor).

A redução da alienação passa pela relação do humano com o indivíduo técnico, e para tanto supõe "uma cultura técnica que introduza a capacidade de atitudes diferentes das do trabalho e da ação" (o trabalho corresponde à inteligência dos elementos, e a ação à inteligência dos conjuntos) (idem. p. 137). O indivíduo que poderia ser o representante e ator desta cultura técnica, e que poderia retirar o predomínio da finalidade sobre a causalidade (o que não se trata de forma alguma de eliminar a preocupação com finalidade, mas sim de modificar profundamente o funcionamento do conceito, e admitir que há finalidades técnicas que são erroneamente consideradas como éticas "sem a finalidade pensada e realizada através do vivente, a causalidade física não poderia produzir uma concretização positiva e eficaz sequer" (idem. p. 70), fazendo que estas fossem inextrincáveis no próprio funcionamento autorregulado, seria o *técnico*: "O industrial, como o trabalhador, se vê empurrado pela finalidade: aponta ao resultado; nisto consiste sua alienação; o *técnico* é o homem da operação que se vai cumprindo; assume não a direção mas sim a autorregulação do conjunto em funcionamento" (idem p. 143), ou ainda "é o homem que absorve em si o sentido do trabalho e o sentido da direção industrial. É o homem que conhece os esquemas internos de funcionamento e os organiza." (idem. p. 143)

No final de seu livro, Simondon volta mais uma vez a Marx, não para concordar com este, mas para afirmar que busca expandir a concepção de alienação deste, e também para compartilhar a preocupação que marcou o pensamento do pensador alemão, a de buscar formas de redução da alienação: "Não queremos dizer que a alienação econômica não exista; mas pode ser que a causa primeira da alienação esteja de modo essencial no trabalho, e que a alienação descrita por Marx não seja mais que uma das modalidades desta alienação: *a noção de alienação merece ser generalizada*, para que se possa situar o aspecto econômico

da alienação; segundo esta doutrina, a alienação econômica estaria já no nível das superestruturas, e suporia um fundamento mais implícito, que é a alienação essencial à situação de ser individuado no trabalho." (idem. p. 264). E conclui a linha de raciocínio com qual seria então a forma de reduzir a alienação, "a verdadeira via para reduzir a alienação não se situaria no domínio do social (com a comunidade de trabalho e a classe) nem no domínio das relações interindividuais que a psicologia social considera habitualmente, mas sim ao nível do coletivo transindividual" (idem. p. 264). Da mesma forma e em sentido semelhante: "A não posse aumenta a distância entre o trabalhador e a máquina sobre a qual se realiza o trabalho; faz a relação ainda mais frágil, mais exterior, mais precária. Faria falta *poder descobrir um modo social e econômico no qual o usuário do objeto técnico seja não somente o proprietário desta máquina, como também o homem que a escolheu e a mantém*" (idem. p.267. grifo meu).

Passagem para o Contemporâneo

Após essa longa comparação entre um pensador do século XIX e um de meados do século XX, nos aproximamos de formas de se refletir o contemporâneo. Muita discussão sobre a mudança do próprio paradigma organizativo da sociedade vem sendo realizada nas últimas décadas. Diferentes escolas de teoria social vêm cunhando conceitos para definir o período histórico em que vivemos, com base nessas transformações intensivas de TICs e seu uso para a reorganização de processos produtivos e a restrição/divulgação do conhecimento; neste sentido foram cunhados termos como Sociedade Pós-Industrial (Bell, 1973), Sociedade de Controle (Deleuze, 1992), e Sociedade em Rede (Castells, 1999).

Deleuze, em seu curto texto "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle", propõe que se deu a passagem da sociedade disciplinar, na qual se ia de espaço fechado para espaço fechado (família - escola - fábrica, e eventualmente prisão - hospital - sanatório), para uma sociedade de controle, onde não se acaba nada, onde a empresa substituiu a fábrica, onde a formação é sempre inacabada, e onde o controle diz respeito a trocas flutuantes e é feito por cifras que marcam o acesso ou a rejeição à informação. Diz:

> As sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e o ativo a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo [...](Deleuze 1992. p. 221).

A dupla alienação trabalho – tecnologia e as implicações para a teoria social crítica

Pablo Rodriguez, em sua introdução para a edição em espanhol de 2005 do MEOT, comenta o impacto que esta teve no pensamento do teórico crítico e da tecnologia, Andrew Feenberg:

> A concretização dos objetos técnicos da qual fala Simondon permite a Feenberg relacionar intimamente a técnica com o espaço social (não como uma força externa a ele) e justificar por que, desde o ponto de vista que ele chama de "código técnico"' qualquer experiência socialista que não discuta a alienação como a desenvolve Simondon, e não Marx, estará destinada – como a União Soviética – a reproduzir o capitalismo. (Rodriguez, 2005 Introdução do MEOT, p. 19).

Acredito ser este um bom começo para esta discussão, mas sobre a alienação penso que não se trata de um caso de "ou uma, ou outra". Se cada época produz sua própria alienação principal, há que verificar se os tempos das diversas localidades do planeta estão efetivamente sincronizados, pois a evolução do modo de existência dos objetos técnicos se dá no tempo (historicidade), mas também se dá no espaço (diferenciação geográfica), existindo países, e locais dentro de países, que pouco participam da evolução do modo de existência dos objetos técnicos, produzem basicamente elementos técnicos, e ainda por cima, de baixa tecnicidade. É possível que em locais deste tipo a principal alienação da sociedade ocidental, a alienação dos modos de existência dos objetos técnicos, se recombine com outras alienações. Para nós a questão não é apenas qual alienação é mais importante, mas sim como elas se relacionam e se retro-alimentam, qual a função da alienação do trabalho para a reprodução da alienação do modo de existência dos objetos técnicos e outras alienações ainda existentes? E mais, é efetivamente possível pensar a superação de qualquer forma de alienação dissociada da superação de outras formas de alienação? E se for necessário discuti-las em conjunto, como criar discursos que as englobem sem reproduzir nenhuma delas?

É preciso, na questão da tecnologia na sociedade atual, desenvolver a análise para ambos os lados, o do trabalho e o das formas de existência dos objetos técnicos; demonstrar a quantidade incomensurável de trabalho humano que desaparece nos conceitos e análises mais vulgares de virtual e de internet. A quantidade de estruturas de programação, linguagens, sinais, o grande regime de criação de

propriedades intelectuais e usufruto lucrativo destas; que desaparecem para os usuários finais residenciais, comerciais e de outros tipos das tecnologias da informação e comunicação. Perceber que atualmente não é só o trabalho humano concreto materializado na mercadoria que desapareceu no fetiche, é todo um outro tipo de trabalho também concreto, embora muitas vezes aparente ser apenas intelectual, que desaparece. De fato, apesar da dinâmica de constante desenvolvimento de novos objetos técnicos, e de novos espaços de informação (percebidos comumente como apenas o espaço mais visível, a internet) associados principalmente às novas escalas de processamento e transferência de informação, possibilitada pelos conjuntos técnicos desenvolvidos nas últimas décadas a partir da computação – de hardwares e softwares; e da sensação de constante obsolescência difundida por esse rápido desenvolvimento técnico; apesar de tudo isso, ainda assim é um mistério como um espaço que – para funcionar com a vastidão e velocidade que são características suas – necessita de dezenas de milhares de trabalhadores a postos o tempo inteiro, dezenas de milhares de toneladas de equipamentos e milhões de quilômetros de fios, pode parecer, por um momento que seja, *virtual* ou *fluido*. Para explicar como esta quantidade imensurável de trabalho humano agregado, real e palpável, atrelado sinergicamente com milhões de objetos técnicos perfilados ou em paralelo pode ser referido em termos de algo etéreo, sem concretude, imaterial, talvez devesse ser criado um conceito novo para atuar em conjunto com os conceitos antigos: o de *fetiche dos serviços*.

Desaparece no discurso do senso comum também toda essa cadeia de relações entre humanos e objetos técnicos, e todo o processo histórico de evolução dos objetos técnicos, toda a sua particularidade e toda a sua tecnicidade; e as pessoas passam a conceber a máquina como algo estranho, alienígena, não coordenada por elas, esse desaparecimento pode ser chamado de *alienação da tecnologia*. A *alienação da tecnologia* deve ser compreendida em conjunto e sincronia com a combinação contemporânea dos fetiches da mercadoria e dos serviços.

Mudanças de força motriz

A grande diferença da metade do século XX e começo do século XXI para os séculos anteriores é uma aceleração da aceleração, que já era sem precedentes, do desenvolvimento tecnológico. E que, segundo Simondon, muitas vezes é de tal grandeza que é confundido de forma errônea com o próprio desenvolvimento histórico da humanidade. Uma era de conjuntos técnicos tanto na produção de bens de consumo, alimentação e energia, quanto na de processamento de infor-

mação nas cidades e nos gigantescos mercados físicos e digitais. Há uma mudança de força motriz, uma transferência cada vez maior de trabalho passado através de objetos técnicos para rios que movem bobinas de hidrelétricas, para ventos que movem pás, para elementos radioativos que movem reatores nucleares, para carvão, petróleo e derivados que no processo químico de combustão desenvolvem a potência acumulada em seu processo de individuação (o planeta terra e sua distribuição atual de elementos é o resultado de um longo processo de individuação física). É a terceirização do trabalho para grandes potências presentes nas particulares individuações geográficas da superfície e solo de nosso planeta, e para individuações físicas de diversos materiais cujas potências aprendemos a exercer através de processos químicos e físicos diversos. Nesse cenário pós-revolução industrial é iniludível que as forças motrizes mudaram, assim como é insofismável que a categoria trabalho humano possui um funcionamento diferente do que possuía no início da revolução industrial e nas teorias dessa época. Os processos se aceleraram, fica cada vez mais evidente que não estamos mais num período de predominância dos *elementos técnicos* ou dos *indivíduos técnicos*, mas sim dos *conjuntos técnicos*.

Educação como parte da superação

Simondon propõe uma educação que traria possibilidades de auxiliar a superação da defasagem da cultura (e de certa forma critica Wiener por não ter proposto um mecanismo mais massivo que sua própria difusão como indivíduo junto aos trabalhadores, de sua idéia de homeostase). Educação esta que, informada também pela *mecanologia*, fosse uma educação voltada não apenas a divulgar os grandes pensadores, que são apenas os veículos do saber, mas para a reprodução no processo de aprendizado dos esquemas da *invenção* (criação de uma junção do abstrato com elementos concretos para produzir um concreto funcional que ainda não existe). Uma educação que compreenderia, através da junção da reflexão com a operatividade (que é mais que a prática), o modo de ser dos objetos técnicos em seus saltos inventivos, evolução histórica própria, e tendência à individualização através da *concretização* (menor abstração, maior adaptação, maior plurifuncionalidade) e acréscimo de tecnicidade. Uma educação que não considerasse os objetos técnicos inferiores ou superiores aos humanos, mas como seres com suas formas próprias de existir.

No que diz respeito à educação em nosso tempo, analisando-a a partir do discutido por Simondon, um fato que vem à atenção é que, mesmo quando essa

reflete um pouco mais a questão técnica – considerando o papel da invenção e da prática técnica no aprendizado – o faz de forma *tecnocrática*, reproduzindo toda a autocracia em relação aos objetos técnicos. E mais, reproduz também uma série de outras formas de alienação, sendo voltada não para o desenvolvimento de uma maior autonomia intelectual do indivíduo, não para a emancipação de qualquer forma de autocracia – seja esta de humanos sobre humanos, de humanos sobre objetos técnicos, ou de humanos sobre a natureza. É uma educação que, inclusive quando é técnica, é voltada para a reprodução, mesmo que especializada, de mão de obra para girar o moinho da produção de valor – mais valor.

O conceito e a forma de educação que Simondon propõe possuiriam funcionalidade operacional interessante inclusive na teoria marxiana, pois ao formar inventores, pessoas capazes de abstração na recombinação de formas em novas funções, se auxiliaria a superar a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual.

A adição da dimensão do conflito à teoria de Simondon, que orienta as próprias possibilidades e formas da educação numa época, pode auxiliar a criar discursos que contemplem a multiplicidade de visões menos alienadas sobre o modo de existência dos objetos técnicos, e que desnudem o interesse profundo do capitalismo na manutenção dessa alienação, pois a simples discussão da mudança progressiva da força motriz já modificaria uma série de lutas trabalhistas, em particular informando aquelas relacionadas à duração e forma do trabalho.

O Digital

Talvez o fato mais curioso e incrível no digital e nas máquinas que fazem parte deste, é que não houve absolutamente nenhuma ruptura gigantesca em relação às máquinas e formatos que os antecederam, apenas evolução técnica: concretização, aumento de sinergia e criação de novas espécies e seres técnicos. A ruptura que houve foi na apropriação social de tecnologia, e esta sim, por sua intensidade e escopo está modificando tanto o *tempo,* como o *espaço* social (voltarei a isso mais na frente).

O digital é a recombinação de características de objetos técnicos que Simondon já descreveu no MEOT, em particular uma forma de resolver problemas das máquinas, alguns tipos de sinais físicos com maior capacidade de transmissão de informação com baixa perda e baixa interferência, uma tendência de miniaturização dos canais de informação e uma mudança e acoplamento sinérgico do

transístor (ao qual Simondon não se refere) que ao invés de ser usado somente como amplificador de corrente, passou a ser usado como chave lógica.

Quanto à forma das máquinas de resolver problemas, Simondon afirma: "As máquinas, pelo contrário, ignoram as soluções gerais e não podem resolver problemas gerais. Toda vez que é possível substituir uma operação complexa por um número maior de operações simples, se emprega este procedimento na máquina; é o caso das máquinas de calcular que utilizam um sistema de numeração de base dois (em lugar do sistema de base dez), e que levam toda operação a uma sucessão de adições" (2005 [1958]. p.143). Neste trecho Simondon não descreve exatamente o funcionamento da álgebra de Boole, central nas operações binárias adotadas no digital, mas vai ao sentido geral da forma de funcionamento desta; o digital, que é a representação de fenômenos através de dígitos e não mais de analogias, se consolidou dentro da computação utilizando o cálculo de base dois.

Quanto ao tipo de energia física utilizada como portadora de informação Simondon escreveu: "o que a corrente elétrica e as ondas eletromagnéticas têm em comum é uma extrema rapidez de transmissão e capacidade de serem moduladas com precisão, sem inércia apreciável, tanto em frequência como em amplitude. Sua capacidade de serem moduladas faz delas portadoras fieis de informação, e sua rapidez de transmissão, portadoras rápidas" (idem. p. 147). Hoje os computadores usam internamente correntes elétricas débeis como portadoras de informação; e tanto as redes que transmitem via ar (sem contato elétrico direto, funcionam também no vácuo, como os satélites), como as redes domésticas de tipo wi-fi; usam ondas eletromagnéticas como portadoras de informação.

Quanto à tendência de miniaturização dos canais de informação, Simondon afirma: "é possível que uma das causas da tendência da redução das dimensões, observada após 1946, resida no descobrimento deste imperativo das técnicas da informação: construir indivíduos técnicos e sobretudo elementos técnicos de dimensão muito pequena, porque são mais perfeitos, têm um rendimento melhor de informação" (idem. p. 150). Esta miniaturização ocorreu também com o triodo, e Simondon o discute em extensão em diversas páginas, mas sem ainda tratar de uma outra forma, que não é exatamente um triodo, a forma transístor, que foi a que veio a modificar o mundo. Ao falar sobre a calculadora, afirma que esta não é só um conjunto de comutadores, e que se assim fosse seria inútil porque "não poderia receber nenhum tipo de informação. De fato, leva consigo aquilo que se pode nomear o sistema de esquema de decisões; antes de fazer funcionar a máquina é preciso *programá-la*" (idem. p.159). Nos computadores de hoje, é

justamente a capacidade de serem programáveis que os faz objetos técnicos tão potentes.

Em resumo, o digital é um coroamento da capacidade humana de miniaturização dos formatos dos sinais que cumprirão papel de informação, e do processamento de informação neste formato, e teve um uso particularmente intenso na computação. A princípio o digital não é necessariamente binário, é toda e qualquer representação de um fenômeno do mundo realizada através de dígitos e não mais através de analogias, entretanto, dentro da história da computação prevaleceu o sistema binário, pois foi a forma mais eficiente e sinérgica encontrada para a concretização dos objetos técnicos chamados computadores. O digital é a base de organização e a própria definição do centro de funcionamento das novas TICs. Os 0's e 1's que são a base do sistema binário de computação, de organização de emissão de sinais, a modulação mínima, são o formato mais próximo que atingimos das quatro bases nitrogenadas que compõem o DNA de praticamente todo ser vivo conhecido. Essas formas que o conjunto do DNA organiza como linguagem para controle e autorregulação de informação funcionam de forma imanente no caso de um ser vivo, já o digital existe de forma externa aos seres vivos e em sistemas sócio-técnicos. É a partir da miniaturização que o transistor permitiu e da facilidade de transmissão (principalmente ondas eletromagnéticas ou correntes elétricas débeis em cabos e fios. Nos últimos tempos a fibra ótica, que possui outro funcionamento, está tendo seu uso ampliado) e armazenamento de informação no sistema digital, e do impacto que ambos tiveram na sociedade, que vêm surgindo discursos que representam o contemporâneo como uma economia sem escassez de recursos informacionais, e o trabalho com programação e com qualquer tipo de atividade intelectual, como *imaterial*[68].

Um dos elementos centrais dessa era digital, e que pode ser pensado através da teoria de Simondon para que mais a frente seja possível pensar formas de desalienação da tecnologia, é o estranho ser chamado *software*.

68. O descobrimento em séculos passados das bactérias e mais recentemente dos vírus já deveriam nos ter ensinado que o fato de uma coisa ser muito pequena, e se reproduzir rapidamente e facilmente em um meio, não quer dizer que esta não tenha um impacto efetivo e material em um sistema.

Software

O software (suporte lógico, é um conjunto de instruções para serem lidas por um processador) tem, como todo objeto técnico, uma forma de ser, de se concretizar e de evoluir tecnicamente, aumentando sua tecnicidade. É um ser técnico ambíguo, nem exatamente um elemento técnico e muito menos um indivíduo técnico. A entrada e a saída são formas de energia modulada em 0's e 1's, mas as saídas podem acarretar resultados muito diferentes como o acionamento de motores para abrir

uma ponte elevadiça, calcular e dar ordens de efetivar o número de frenagens suficientes para que um carro desacelere sem derrapar (sistema de freio ABS), fazer com que uma conexão remota se efetue permitindo uma conversa telefônica com um colega em Estocolmo, ou ainda que a tela de LED (diodo emissor de luz) de um computador se acenda do modo exato que permita que este próprio texto seja lido.

Misto de elemento e indivíduo técnico, ele possui causalidade recorrente (bem diferente da de um motor, por certo), e é diferente também nesse quesito de um motor de combustão, pois tem baixa possibilidade de se autodestruir por uso inadequado. O software não possui por si só um meio associado, por mais integrado que esteja a um *hardware,* o meio associado pertence neste caso ao conjunto software-hardware e não ao software por si só.

O software possui uma corporalidade, ocupa necessariamente lugar no espaço, não é um ser etéreo, mas sua diferença é que seu corpo tem uma forma previamente programada, mas não o suporte material que abrigará esse corpo, é um corpo que só existe em outros corpos (que pode ser tanto um disco rígido de memória, um CD, um *pen drive*, ou qualquer outro formato), ele é uma forma que organiza formas. Outra peculiaridade sua é que seu corpo só se coloca em funcionamento através do corpo de outro ser técnico, é um ser por essência simbiótico. (Uma analogia rude seria um cérebro, uma central de percepções e de ordens que para executar parte dessas ordenações necessita de outros membros). Não é dotado de *isomorfismo* em relação a nenhuma estrutura humana, mas de *isodinamismo* em relação a parte dos esquemas de funcionamento do cérebro (de forma muito mais simples, de alguns esquemas particulares de pensamento). Ordena ao parceiro simbiótico que transforme um tipo de energia em outro tipo de energia de um modo determinado (por exemplo, energia elétrica em energia luminosa em um monitor)[69]. Conforme avança a capacidade de programação e de processamento de dados, também avança a capacidade do software de nos prover de formas mais elaboradas, que nós significamos como informação mais elaborada.

O software é hoje, na prática, um dos seres centrais, é a forma que adquiriu a necessidade de coordenação e de colocar em sinergia conjuntos cada vez maiores de formas e de máquinas, que passam a ser ordenadas cada vez mais em sucessão e não apenas em paralelo, e também a distâncias cada vez maiores.

Escala

A escala modifica tudo, o centro é *escala*, nesta fase de conjuntos técnicos reduziram-se os sinais e aumentou sua capacidade de fluxo num nível tão elevado,

69. Na engenharia elétrica um *transdutor* (termo cujo radical Simondon usa para pensar uma diversidade de processos, e que tem papel central em sua teoria) é exatamente isso, um dispositivo que transforma um sinal de uma natureza física em outro sinal de outra natureza física, mas que são ambos, os sinais, representáveis por equações isomórficas (usualmente equações diferenciais), ambos possuem uma analogia em suas formas. Um exemplo é um microfone que transforma ondas sonoras em ondas elétricas ou um alto-falante que faz o inverso, ou ainda uma tela de televisão ou computador, que transforma correntes elétricas em luz.

que o trabalho de organização de dados e criação de mecanismos de organização de dados – como os softwares – aparece a muitos, inclusive grandes teóricos e militantes como Richard Stallman, como *imaterial*. Absolutamente nada é imaterial, nem uma idéia, nem uma sala de chat e muito menos o conjunto incrível de trabalho de *atualização* por parte de humanos, e de fluxo de dados que uma sociedade de conjuntos técnicos exige. É uma diferença de *grau* (e nesse caso do tamanho da matéria e energia envolvida num processo) que aparece como uma diferença de *gênero*. A própria idéia de imaterial aparece por um lado como uma permanência do funcionamento de uma alma, de um espírito; por outro como resultado de um profundo desconhecimento, até pouquíssimo tempo atrás, do funcionamento bioquímico e elétrico do cérebro humano; e por um terceiro lado surge ainda como um apego ao tangível, ao somático.

É curioso que um objeto técnico esteja no centro de quase toda essa possibilidade de miniaturização dos objetos técnicos eletrônicos: o transistor, grosso modo um amplificador de corrente inventado por um grupo de inventores, mas desenvolvido amplamente por Shockley. A questão da escala está presente inclusive no nome de objetos técnicos inventados nas últimas décadas como o *micro*-computador e o *micro*-processador.

Se informação numa análise ontológica última é, no que diz respeito aos sistemas humanos, *trabalho*, é o que transforma, é *a diferença que faz a diferença*, é o processo energia/matéria que transforma uma forma em outra forma, a *in-forma*. A sociedade da informação de fato nada mais é do que uma sociedade do trabalho, mas do trabalho não mais realizado essencialmente por seres humanos segurando ferramentas, mas sim por conjuntos técnicos, no qual a coordenação está a cargo de humanos e a força motriz é cada vez mais maquínica. É uma sociedade na qual a capacidade de armazenamento de trabalho e realização de trabalho é cada vez maior e na qual o tempo e o espaço de armazenamento de todo o trabalho de memória e coordenação que seja digitalizável é cada vez menor. E as implicações culturais dessa redução do espaço de armazenamento e do tempo de transferência de trabalho, inclusive reflexivo (hoje, em um pen drive é possível carregar milhares de livros) ainda são uma questão em aberto.

O digital não é necessariamente mais veloz do que o analógico, e o rádio está aí para não permitir sofismas a esse respeito, o digital é capaz de formas mais *complexas* de organização de trabalho. Um hardware, o transistor, permite que uma quantidade incrível de chaves lógicas, *switches*, sejam colocadas em um pedaço cada vez menor de matéria[70]. O conceito da máquina como trabalho *morto* (ao

70. A proporção e o tempo dessa redução são descritos no que ficou chamado como "Lei de Moore", que vem sendo colocada em questão nos últimos anos.

menos em termos de produção de valor na reprodução ampliada) não dá conta desta forma de organização social em conjuntos e no qual os papéis são diferentes.

Essa forma desenvolvida de amplificação modular da informação possui uma velocidade altíssima, próxima à da luz, e é exatamente essa redução do espaço ocupado pelo pacote informacional e aumento da velocidade de transmissão somados que estão modificando o *espaço e o tempo*. O espaço e o tempo *sociais,* fique bem claro.

O duplo movimento de contração e expansão do espaço social, e a expansão do tempo

Por que muda o tempo? Por conta de uma maior capacidade de realização de trabalho em menor tempo. A permanência da informação, ubiquidade (a mesma informação pode ser acessada de qualquer lugar) e disponibilidade em tempo integral desta em espaços digitais a permite individuar humanos mais vezes. O que antes era privilégio de livros, artigos e jornais em bibliotecas e arquivos, agora é característica de qualquer sinal emitido por um humano em um espaço digital. Por conta desta permanência abre-se a possibilidade de maior número de diálogos serem estendidos no tempo, modificando e estendendo, entre outros, o tempo da política, conforme exposto por integrantes da Casa dos Meninos no capítulo primeiro.

Por que muda o espaço? Pela maior capacidade de realizar e de armazenar trabalho em curtas e em longas distâncias. O espaço aparece como reduzido porque se necessita de menos tempo para realizar trabalho através do espaço. Torna-se necessário menos tempo para uma incidência qualquer (uma mensagem, uma diretiva de trabalho, um sinal) atravessar o espaço e transformar metaestabilidades de sistemas outros, de transduzir em outros locais. O sistema de informação contemporâneo é mais rapidamente efetivo tanto no que diz respeito aos humanos quanto à matéria organizada de outras formas nas pontas, seja quando se trata de um processo comunicativo de tipo midiático, seja quando se trata de um processo produtivo ou distributivo. Pelo lado inverso, o espaço se expande exatamente devido à miniaturização da informação, que é tão grande que aparenta não ocupar espaço em absoluto. Há a capacidade cada vez maior de se armazenar trabalho humano e maquínico em espaços físicos cada vez menores. Esta característica do digital cria a sensação da existência de uma economia sem escassez de recursos, e de informação que não ocupa lugar no espaço, quando em verdade esta ocupa quantidades incríveis de espaço em memórias digitais (discos rígidos, pen drives, grandes servidores e armazenadores, HDs externos entre outros) espalhadas pelo planeta.[71]

71. Estamos falando aqui não somente dos pequenos HDs externos e pen drives, mas também de milhares de edificações, de prédios mesmo, construídos com o propósito exclusivo de armazenar informação.

O trabalho material do software

Programar um software é uma atividade tão material quanto construir uma ponte, mas os resultados de uma organização pouco eficiente do conjunto são muito diversos, no primeiro caso você tem um erro de funcionamento ou um *Windows Vista*, e no segundo você tem uma tragédia em potencial. Independentemente deste fato, é apenas trabalho material, que pode ser registrado tanto invertendo as polaridades de materiais ferro-magnéticos em memórias magnéticas (como são os discos rígidos) ou mudando o chaveamento de chaves lógicas, em memórias eletrônicas (como é o caso de memórias RAM – Random Accesss Memory).

Donna Haraway, em seu texto de 1988, "Manifesto Ciborgue", comenta que cada vez mais parece que o ser humano está inerte e que são as máquinas que aparentam se mover, e é exatamente isso;. dado o tipo de máquina que se concebeu para auxiliar na coordenação de conjuntos técnicos - os computadores de uso genérico e os diversos tipos de máquinas de controle - a aparência física e ergonômica do corpo humano trabalhando sugere certa inércia, no entanto, este está realizando um trabalho enorme de *atualização* de informações, e através de máquinas digitais repassando este trabalho para outros conjuntos técnicos de transporte e produção que possuem máquinas em ambas as pontas, e humanos no meio, também realizando trabalhos de coordenação.

Transformar a capacidade de trabalho de um software e o trabalho de programar um software em trabalho imaterial é um mecanismo do pensamento humano semelhante ao que ocorre na criação da dicotomia homem-natureza, o que era uma diferença de *grau*, mas que para fins de análise foi repetidamente ressaltada, transformou-se com o tempo e com o uso comum numa diferença de *gênero*.

Grandes fluxos de individuação

O problema contemporâneo em relação à individuação passa a ser encontrar os grandes indutores coletivos de individuação, em particular os associados ao grande processo de fundo de geração de valor-mais valor do capitalismo contemporâneo.

Como entender os feixes de individuação contemporâneos? Hão de ser entendidos em conjunto com os grandes feixes de informação. Quem controla a informação controla também a individuação. Existindo elites econômicas, políticas e culturais, existem ainda posições privilegiadas no processo de elaboração e circulação de informação, mas a evolução técnica da computação e das redes

gerou possibilidades muito poderosas de criar sistemas diferentes de produção e circulação de informação, há nessas tecnologias um conjunto grande de virtualidades aguardando atualização, atualização esta que só pode ser realizada por humanos em disputas e usos políticos.

Estamos cada vez mais num momento histórico no qual a formação de grupos de interioridade, e logo parte dos processos de individuação de cada ser humano – ambas para Simondon só são concebíveis simultaneamente – já se dá mediada por objetos técnicos.

O agenciamento de potências energéticas derivadas da individuação física do planeta é sem precedentes. Essas mudanças tornaram mais aparente o papel da informação na organização dos sistemas energéticos e sinérgicos entre humano e seres técnicos. Um exemplo disso está na consulta a um buscador de informação da internet, (novamente aqui a empresa Google está consolidando um monopólio de enorme proporção, seu buscador de texto homônimo, o Google, está quase virando uma metonímia para buscadores de texto em geral). Ao solicitar uma informação qualquer, por exemplo, "Escola Municipal Procópio Ferreira", há uma quantidade considerável de trabalho realizado, mais rápido que todos os bibliotecários do mundo juntos, a solicitação vai ser enviada por rede até uma fazenda de servidores localizada a milhares de quilômetros de nós, na Califórnia (no caso da Google), que vão ou associar a uma busca já efetivada ou efetivamente buscar – através de elaborados algoritmos[72] – os metadados referentes ao pedido em servidores do mundo inteiro e então endereçar o resultado dessa busca para meu endereço de internet, e esta aparecerá na minha tela. Não pagaremos mais por esta informação do que pagaríamos se gastássemos o mesmo tempo olhando para o fundo de tela de nosso computador. A transferência do trabalho foi efetivada ao ponto de que é possível lucrar com esse modelo no atacado sem a necessidade de vender cada consulta no varejo. O essencial no caso não é o trabalho em si, e não é o trabalho nesse caso que vai efetivar uma modificação considerável no mundo, mas sim a informação que virá como resultado da busca e a individuação que esta informação realizará sobre nós e modificará nossa relação com outros seres no futuro.

72. O termo "algoritmo" vem do árabe, e é um versão latina do último nome do matemático do século IX Muhammad ibn-Musa al-Khawarizmi, cujo texto "Kitab al-jabr wa al-muqablah" deu origem ao termo "álgebra". (Lucchesi, Simon, Simon, Simon, Kowaltowski, 1979)

Se quem controla os grandes fluxos de informação possui uma capacidade diferenciada de controlar processos de individuação, um tipo de algoritmo em rápida ascensão, o filtro bolha (bubble filter) discutido por Eli Pareser[73] emerge como uma grande ameaça no nível dos conteúdos e na distribuição deles, ao criar isolamento de usuários dentro de preferências algoritmicamente acumula-

73. Eli Pareser. "*Beware online 'bubble filters'*", disponível em: http://www.ted.com/talks/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles.html

das e barrar qualquer tipo de conteúdo não costumeiro àquele usuário, inclusive conteúdo político. Abrir as caixas pretas dos softwares mais utilizados pelas populações, inclusive os algoritmos de programas de busca, não é uma busca política secundária, mas sim essencial, pois parte dos processos de subjetivação e individuação psíquica do contemporâneo está sendo profundamente afetada por estes.[74] Mészarós, citado por Novaes e Dagnino afirma que nenhum software pode ser considerado neutro em relação aos propósitos para os quais foi criado.

A economia contra a concretização de objetos técnicos

Há no começo do século XXI, um atraso deliberado da evolução – concretização – de objetos técnicos quando essa evolução não demonstra *a priori* capacidade de criação de mais-valor. Os humanos mudaram sua posição na relação com a transformação das formas individuadas fisicamente no planeta através de trabalho, mas a forma central de aferição e remuneração de seu agir ainda é a do trabalho assalariado e extração de mais valia. (Na verdade, no Brasil e diversos países em desenvolvimento, cresce o trabalho formal, ao invés de diminuir. Outro fator que contraria parte da teoria do trabalho atualmente hegemônica é o fato que o tempo de trabalho individual está em *queda*, não em aumento).[75]

Uma visão como a de Simondon faz falta nas análises macro como a de Mészáros, pois estas visões macro acabam por tratar a tecnologia e os objetos técnicos de uma forma amalgamada, totalizadora, e neste tipo de análise as especificidades dos objetos técnicos e os tipos de relação com o humano se perdem. Por outro lado, Simondon afasta um tanto demasiado a economia do desenvolvimento de objetos técnicos, enquanto a teoria marxista contemporânea a aproxima demais. Nos diversos campos da produção tecnológica (ou da invenção, da concretização) há dinâmicas diferentes de concretização dos objetos técnicos, o capitalismo contemporâneo, em alguns casos, paga inventores e cientistas para fazer exatamente o contrário, para aumentar a abstração de objetos técnicos para que estes se deteriorem mais rapidamente e novos objetos técnicos sejam vendidos. A obsolescência programada nada mais é do que menos concretização.[76] É incompatibilizar propositadamente versões do software e do hardware, ou do software-sistema operacional e dos diversos outros softwares que rodam a partir desse. Há também o famoso caso das lâmpadas incandescentes, no qual o oligopólio dos fabricantes decidiu um tempo total de funcionamento menor do que o tecnicamente possível e passou a produzir desta forma.[77] De forma geral o mecanismo é o mesmo, para efeitos de ampliação do circuito de valor-mais valor, criam soluções técnicas mais

74. Não pude encontrar discussão clara de movimentos sociais sobre os grandes algoritmos, em particular os de busca. Dentro da comunidade hacker, entre os grandes algoritmos de busca, há uma preferência pelo DuckDuckGo por conta de sua postura de privacidade, de evitar filtros bolha e por ser baseado em software livre. Segundo a própria página do DuckDuckGo: "porque não se recolhe perfis dos usuários, o 'filtro bolha' pode ser evitado, com todos usuários recebendo os mesmos resultados de busca para um dado termo de pesquisa."

75. Dados do PNAD 2011

76. O que Mészáros por sua vez chama de Lei Tendencial da Taxa de Utilização decrescente, mas numa discussão sobre a crise estrutural do capitalismo em "Para além do Capital".

77. *Planned Obsolescence Conspiracy* – documentário realizado pela Arte France em parceria com a Televisión Espanola e com a Televisió Catalunya. http://www.youtube.com/watch?v=obxzU1HFC7Q

abstratas, menos sinérgicas.

Há campos de invenção com maior autonomia em relação a esse movimento de abstração e com lógicas particulares mais ou menos afetadas. Por exemplo, é do interesse da NASA concretizar ao máximo as sondas que agora exploram o solo de Marte, pois a lógica que preside esse processo não é de lucro; já para a Microsoft, é interessante gerar incompatibilidade entre versões para continuar vendendo pacotes novos de software. Onde houver oligopólio ou monopólio privado haverá interesse tanto de formação artificial de preço (como é o caso das assinaturas de internet e telefonia celular, assim como do custo de energia elétrica e do preço de automóvel no Brasil), como de artificialização de objetos técnicos, como nos casos da lâmpada e de softwares citados acima.

Neste sentido, seria importante um processo duplo, por um lado pensar como as feições da lógica do capitalismo contemporâneo afetam a evolução da concretização dos objetos técnicos. E, simultaneamente, por outro lado, nuançar as macro-análises econômicas totalizantes à luz de teorias que observam mais de perto a tecnologia e os modos de existência dos objetos técnicos, como a de Simondon, Wiener e Galloway entre outros.

Software livre e espaços acessíveis de invenção para os movimentos sociais

O software livre nasce já como elemento de contracultura, com uma concepção aberta, e possui quatro liberdades básicas,[78] que são:

- A liberdade de executar o programa, para qualquer propósito – liberdade número 0.
- A liberdade de estudar como o programa funciona e adaptá-lo para as suas necessidades - liberdade número 1. O acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade.
- A liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo – liberdade número 2.
- A liberdade de aperfeiçoar o programa, e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie deles – liberdade número 3. O acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade.

78. Retirado de< www.comunicadorespopulares.org/ >. Consultado em 07/07/2013

Um número exponencial de análises das implicações políticas destas liberda-

des tem surgido nos últimos anos, mas o intuito aqui é pensar nas implicações destas para os movimentos sociais em geral.

O software livre pode ser pensado como uma forma não necessariamente monetizada de troca de trabalho, como forma compartilhada de troca de trabalho, como economia solidária. Há nele, devido ao fato de não ser necessariamente monetizado, uma alienação positiva, uma exteriorização de trabalho, e, na maioria dos casos, por não ser trabalho extraído numa relação de exploração, há um *desestranhamento*, uma desalienação do trabalho por parte de seus produtores, os programadores, que se reconhecem no fruto de seu trabalho. Muitos desenvolvedores de software livre inclusive descrevem parte de sua atividade como prazer e não como trabalho, a atividade *programar* em comunidades de software livre muitas vezes não está correlacionada como sinônimo da atividade *trabalho*. Pelo próprio modelo de desenvolvimento em comunidades, o software livre é fruto de um processo de *concretização* coletiva, de *invenção* coletiva.

O que mais interessa no software em geral, e no software livre em particular, é que; por seu caráter de ser técnico peculiar que só pode efetivar sua existência e funcionamento no corpo de outro objeto técnico, o computador (atualmente ou celular, ou tablet, ou qualquer aparelho que possua mecanismo de computar e seja capaz de receber instruções via software); ele se torna um ser que facilita processos de *invenção*. Essa facilidade de invenção presente no software livre decorre do fato que grande parte dos processos mais caros e laboratoriais de concretização, acoplamento e sinergia são desenvolvidos por outros atores para seu objeto técnico simbiótico, o computador. A maior parte das dificuldades de funcionamento *físico* está resolvida no computador. O computador de uso genérico é um indivíduo técnico concretizado, mas incompleto, pois necessita do software para funcionar. E é exatamente por seu uso ser genérico, aberto, incompleto, é que é transferida capacidade de invenção para os desenvolvedores de software.

Os ambientes de desenvolvimento de software são ambientes físicos de desenvolvimento, mas que estão tão concretizados na acoplagem com a máquina computador que aparecem a parte dos desenvolvedores como ambientes *virtuais*, pois estes não necessitam mais se preocupar com problemas como trepidação, superaquecimento, fundição, autorregulação e meio associado, mas sim principalmente com operadores lógicos e coerência de argumentos.

A implicação deste funcionamento para os movimentos sociais é enorme, pois passam a contar com maior facilidade na busca de soluções de problemas de organização e comunicação, problemas históricos de movimentos sociais, através

da apropriação de capacidade inventiva; passam a efetivamente poder inventar soluções para seus próprios problemas deste tipo, bem como de trocar e compartilhar, com custo muito reduzido, com outros movimentos que desenvolveram soluções para problemas parecidos.

Já as implicações para os movimentos sociais do *hardware livre*, de processos inventivos de indivíduos técnicos, estas ainda se configuram de forma incipiente no pensamento, mas já se recobrem de potencialidades enormes no sentido da *desalienação* da tecnologia, bem como de ampliação de capacidades políticas e de soluções de problemas materiais da luta cotidiana.

Implicações culturais mais amplas do digital

Refletir sobre o software e hardware é relativamente simples comparado com a tarefa de entender as mudanças de padrões culturais trazidas pela cibernética, e em particular com a tarefa de compreender a influência desta nos movimentos de protesto e reivindicação.

As consequências deste novo e mais rápido controle das formas e dos processos de informação para a ação coletiva e para os movimentos sociais em particular é que os combates, as disputas, se dão em outro nível. Contra o *panóptico* dos que exercem as posições de dominação deve se elevar um anti-*panóptico* hacker, deve-se fazer com que a elite e os dominantes também se sintam observados o tempo todo e internalizem essa observação individuando de forma a controlar excessos e violências que serão denunciados e, quando houver acúmulo de forças suficiente, punidos.

Não importa para essa análise em particular saber qual é o *sujeito histórico*, ou até se essa questão está formulada erroneamente ou extemporaneamente, se será a *classe operária*, a *classe trabalhadora*, os *explorados*, um *transbordamento* por diversas partes, um conjunto de *oprimidos,* se serão *coletivos híbridos, actantes políticos,* ou *multidão,*[79] se será um conjunto de *manifestos* com epistemologias e pautas próprias unidos por um acordo político. Em muitos locais para se parar ou transformar a produção já é tão importante dominar a linguagem de máquinas e recrutá-las, quanto dominar a linguagem dos trabalhadores e convencê-los, e há que se realizar ambas as tarefas simultaneamente. Ainda nesse sentido, para qualquer grupo que deseja destituir ou transformar o poder estabelecido, como parte dos movimentos sociais, torna-se fundamental compreender como existem e evoluem os objetos técnicos, e qual o papel que cumpre à amplificação e ao controle da informação nesta sociedade. Em resumo, é necessária a qualquer con-

79. Os termos em itálico neste parágrafo se referem a forma de atores políticos em diversas teorias sociais que não serão analisadas em profundidade aqui, são termos retirados do pensamento de Karl Marx, de Gilles Deleuze, Bruno Latour e Antonio Negri entre outros.

testador que almeje uma modificação nas posições ocupadas no sistema uma *des--alienação da tecnologia*. Compreendendo que em uma sociedade de conjuntos técnicos a alienação da tecnologia não é a única alienação existente, sendo esta sociedade ainda afetada pela alienação do trabalho e por diversas outras alienações, e de formas diversificadas através dos *territórios* e *culturas*.

Compreender a *alienação da tecnologia* pode cumprir um papel numa teoria social de tradução que pode auxiliar na difusão desse pensamento e desses conceitos sobre a relação entre humanos e seres técnicos. Pode auxiliar na convergência de um conjunto enorme de entidades e movimentos que vêm surgindo e procurando formas menos intensivas de produção, de ONGs ambientais a movimentos indígenas, de movimentos contra opressões (gênero, raça, orientação sexual etc.), a partidos de esquerda, de marxistas de todos os tipos. De todos aqueles que considerem que mudar o sistema de geração de valor-mais valor do capitalismo, e suas consequências sobre os humanos e sobre o planeta, é a tarefa atual da humanidade em suas várias vertentes e culturas.

Nestas tarefas a contribuição de Simondon é ampla, ousada, e deve ter seu lugar e cada vez mais espaço no seio de toda aquela teoria social que confronta o status e os regimes de verdade estabelecidos, dos que intentam mais que apenas explicar, dos que intentam transformar.

A Casa dos Meninos, as técnicas e a tecnologia

A Casa dos Meninos e as alienações do trabalho e da tecnologia

Na questão das alienações, pode-se dizer que os integrantes da Casa dos Meninos não são alienados em relação a seu trabalho. Conhecem, são donos e modificam suas ferramentas, sabem o porquê trabalham e se reconhecem nos resultados de seu trabalho. Vendem coletivamente seu trabalho para sustentar tanto a sobrevivência individual dos integrantes, como para sustentar o projeto coletivo. Ainda por cima, discutem formas mais amplas de desalienar o trabalho social. A melhor definição de não-alienação como a vejo em relação à Casa dos Meninos e a seu trabalho com os jovens do Jardim São Luis, é a fornecida por Fromm através do texto de Ander-Egg:

> Na atividade não alienada, eu sinto ser o *sujeito* de minha atividade. A atividade não alienada consiste em dar a luz algo, em produzir algo e permanecer vinculado com o que se produz. Isto também implica que minha atividade é uma

> manifestação de meus poderes, e que eu, minha atividade e o resultado desta são a mesma coisa (Erich Fromm *apud* Ander-Egg, p. 42).

No que diz respeito à alienação da tecnologia, a questão é mais ambígua, por um lado não fazem uma discussão mais aprofundada do modo de existência dos objetos técnicos, de sua evolução. Percebem os objetos técnicos já a partir da chave do conflito, e das possibilidades que estes seres possuem para serem apropriadas pelos movimentos sociais e pela esquerda em geral – e apropriação para eles é mais que simples posse, é compreensão do funcionamento. Por outro lado criticam a representação e uso que a cultura mais geral faz de parte dos objetos técnicos, em particular os digitais, e as formas fechadas e proprietárias, e segundo eles próprios alienantes, como está presente na fala de Cleodon Silva sobre as "drogas digitais", ou na fala de Daiane sobre como o Facebook é uma ferramenta de rede social inapropriada.

Na breve descrição um pouco mais abaixo das oficinas por eles realizadas junto aos representantes de sala da Escola Procópio fica fácil perceber uma prática de tentativa de compreensão e apropriação de parte dos objetos técnicos, em particular de máquinas digitais e softwares (que foi acima analisado como um objeto técnico peculiar, por sua forma de funcionamento). Somando-se essa crítica da cultura mais geral, com o tipo de oficinas dadas aos representantes, com a crítica do modelo de educação e complemento que fazem à educação deficitária em relação à técnica na escola Procópio, e com o tipo de uso e reflexão sobre tecnologia que propõe para os movimentos sociais; podemos afirmar que embora possuam uma teoria parcialmente alienada em relação ao modo de existência dos objetos técnicos, possuem uma prática e diversas discussões desalienantes em relação à tecnologia.

Mecanólogos em formação?

No item sobre o mecanólogo ou tecnólogo acima neste mesmo capítulo, vimos a proposta de toda uma nova ciência e profissão, o que exigiria formação e preparação específicas. Não quero aqui de forma alguma afirmar que os integrantes da Casa dos Meninos sejam mecanólogos no sentido proposto por Simondon, mas sim problematizar o seguinte parágrafo: "A tarefa do tecnólogo é então a de ser o representante dos seres técnicos frente aqueles através dos quais se elabora a cultura; escritores, artistas, e de forma muito geral, aqueles que em psicologia social se denominam 'cinosuras'" (Simondon 2007[1958].p. 167).

Simondon, neste parágrafo, se refere a uma concepção mais ampla e geral de "cultura". Minha interrogação é o que acontece se fragmentarmos esta concepção e a colocarmos no plural, "culturas", e mais particularmente, no caso estudado, "cultura política de esquerda no Brasil"? (poderíamos expandir a reflexão para um sistema de pensamento multicultural, cultura acadêmica, cultura digital, culturas indígenas etc.)

Neste caso, quais atores cumpririam a tarefa de representar os seres técnicos frente àqueles que participam da elaboração das culturas políticas de esquerda? Acredito que nesse caso e com a questão formulada desta forma, poderíamos dizer que os integrantes da Casa dos Meninos cumprem sim parte do papel do mecanólogo. Defendem a existência, e a importância dessa existência, de seres técnicos dentro desta cultura política em particular junto aos outros atores políticos com os quais trabalham e discutem. (Da mesma forma o fazem aqueles buscam aprofundar, dentro da cultura acadêmica da teoria social, uma atenção particular e mais aprofundada para a questão da tecnologia e dos objetos técnicos, como objetos de pesquisa não apenas válidos, mas fundamentais, para a compreensão do contemporâneo).

Uso de Software Livre

A maior parte do trabalho da Casa dos Meninos é realizada em software livre. Silva definia o software proprietário como "uma ordem à qual só se pode dizer sim, que não permite a autonomia e a construção a partir da realidade local". Uma fala de Daiane neste sentido é sintomática de uma visão de liberdade no software, para além do código: "*As ferramentas de tecnologia têm de ser construídas pela base. Como funciona hoje? Um exemplo é o Facebook, vem pronto e as pessoas se adaptam a elas. Tem que ser o contrário, as pessoas têm de construir as tecnologias a partir de sua realidade. Para serem sujeitos de sua própria história.*"

No discurso da Casa dos Meninos não são nunca só as tecnologias em si, mas sim as tecnologias como parte de uma rede de atores políticos. Se as removermos o processo não desaparece, mas vira outro, perde potência política.

Os integrantes da Casa têm um domínio das tecnologias muito maior no que diz respeito ao georreferenciamento e cruzamento de banco de dados; assim como com áudio e vídeo, do que têm com linguagens de programação de software, já tiveram problemas com o ELG (um programa de organização interna de grupos e de criação de ferramentas de redes sociais), e agora têm com a linguagem PHP (hypertext Preprocessor, uma linguagem de código aberto *open source* de desenvolvimen-

to web). Fátima afirma que "As ferramentas que vêm pré-prontas (um exemplo que dá é a ferramenta de criação e hospedagem de blogs *Wordpress*) não atendem uma série de necessidades nossas. É melhor construir do começo, de baixo para cima" (ou seja, programando eles mesmos as funcionalidades que desejam). Um grande problema para o domínio de ferramentas de programação é a barreira linguística, pois é bastante difícil achar linguagens de programação em português, e grande parte dos integrantes da Casa têm dificuldades com a leitura na língua inglesa.

A Casa dos Meninos tem perdido nos últimos dois anos muito do uso de software livre, pois após a morte de Cleodon Silva houve a perda de parte dos contatos de desenvolvedores mais avançados em software livre que este possuía e que eram capazes de dar suporte e auxiliar a criação de ferramentas em software livre. Atualmente o principal desenvolvedor ligado diretamente à Casa, o Zé – que mora no Rio de Janeiro - usa software proprietário no desenvolvimento de sites e ferramentas.

Nessa questão Fátima afirma que "Na Casa dos Meninos nem todo software é livre, mas todo software é gratuito, benefício da pirataria". O que levanta imediatamente a questão: Quanto custaria se tivessem de comprar as licenças de uso de cada software? Isso inviabilizaria economicamente o trabalho que realizam?

Oficinas sobre tecnologia

No processo de formação realizado pela Casa dos Meninos com os estudantes da escola Procópio Ferreira nos últimos três anos, chama a atenção a quantidade de oficinas destinadas a uma compreensão maior das tecnologias, bem como o uso destas numa melhor apropriação do território. Foram estas:

- Oficina de diagnóstico territorial
- Oficina de webdesign
- Oficina de configuração de Linux
- Oficina de maquete topográfica
- Oficina de configuração redes Internet e Intranet
- Oficina de audiovisual
- Oficina de diagramação
- Oficina de transmissão ao vivo pela internet
- Oficina de georreferenciamento
- Padronização de Banco de dados
- Oficina de montagem e manutenção de micro
- Oficina de informática

Na elaboração do "Jornal da Escola Procópio", os alunos se apropriaram de software de editoração, em oficina dada em novembro de 2012, e foram estes alunos que passaram este conhecimento aos professores, numa inversão temporária de papéis que representa o começo de uma discussão na forma como se exerce o poder na escola, e em um forçar uma relação menos assimétrica entre professores e alunos, em uma relação mais do tipo educador-educando, nos moldes como foi proposta por Paulo Freire.

Tecnologia e Educação na prática da Casa dos Meninos

Em junho de 2013, no evento cultural da cidade de São Paulo chamado Virada Cultural, o rapper Mano Brown, da banda de rap Racionais MC's, proferiu um discurso discutindo as condições de educação, segurança e vida em geral da periferia para uma multidão. No quesito educação foi sintético e preciso: "O mundão acelerado, e nós recebemos uma educação do século retrasado".

No capítulo 2, sobre os trabalhos atuais da Casa dos Meninos, na parte sobre as eleições de representantes de sala na escola Procópio Ferreira, há uma descrição extensa dos ambientes e dos objetos técnicos presentes dentro da escola. Os objetos descritos regulam acesso, sistemas de informação, aprendizagem de informática, telecomunicações. Aos alunos estes objetos estavam proibidos, interditados, e em alguns casos acessíveis parcialmente, mas não estavam em ambiente algum abertos ou explicados, não há na escola um local no qual a técnica possa aparecer como aprendizado prático[80], Após a discussão da alienação em Simondon, é possível agora voltar e perceber o quanto naquela situação os objetos técnicos presentes estão opacos em seu funcionamento naquele ambiente, tanto professores como alunos estão alienados em relação aos objetos técnicos necessários para o funcionamento de uma escola contemporânea.

A proposta dos integrantes da Casa dos Meninos tanto em seu trabalho na escola Procópio, como na recente expansão para a escola vizinha Airton, e também na expansão para 31 escolas na zona leste, é a de um modelo de educação que seja emancipatório, que crie sujeitos reflexivos e com autonomia intelectual, e não um modelo que seja formador e reprodutor de mão de obra; acreditam que neste sentido é importante uma apropriação por parte dos alunos das técnicas, e através das técnicas aprendidas uma compreensão melhor de seus próprios territórios. É nesta chave analítica que irão ministrar nestas outras escolas oficinas semelhantes às acima descritas.

80. Numa entrevista para mim concedida em 2013, a integrante do Ônibus Hacker, Lívia Ascava, afirmou que "o modelo da escola que vejo como ideal, desde o ensino fundamental, é o modelo do *hackerspace*". (Um hackerspace é um laboratório de aprendizagem prática tanto do funcionamento de softwares como de hardwares, e hardwares além do próprio microcomputador. É chamado hacker porque convida os participantes a compreender e modificar os equipamentos. São exemplos de hackerspaces no Brasil o Garoa Hacker Clube em São Paulo e o MateHackers no Rio Grande do Sul, entre outros). Já Simondon dizia que "uma criança deveria saber sobre o que é uma autorregulação [maquínica] ou uma reação positiva da mesma forma que conhece os teoremas matemáticos" (Simondon, 2005 [1958]. p. 35).

CAPÍTULO 5
METODOLOGIA E REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Uma paisagem absolutamente canônica,
melhorada pela Inundação
Joseph Brodsky



Um projeto a partir dos e para os movimentos sociais

Quando me propus a estudar movimentos sociais e as novas tecnologias, quando atingi essa curiosidade geral por um tema, uma vontade de conhecer e estudar uma especificidade do mundo, surgiu imediatamente a questão: Qual movimento estudar, qual movimento social possuía um uso de TICs interessante para esse estudo? No intuito de buscar um recorte claro e com possibilidades para o estudo, fui conversar com alguns movimentos sociais antes de escrever o projeto. Minha pergunta era: "Pretendo estudar as possibilidades abertas pela relação entre os movimentos sociais e estas novas tecnologias de informação e comunicação. O que vocês gostariam que eu estudasse nesse sentido?" A resposta mais frequente foi um olhar entre o confuso, o desconfiado e o inquisidor. Ficou a impressão que não é comum, aos menos para aqueles movimentos com os quais conversei, participar de uma pesquisa acadêmica a partir de antes da formulação do projeto e das questões de pesquisa centrais. Uma vez explicado melhor o objetivo e possibilidades de método, a conversa fluiu melhor. Dentro dos movimentos conversei não necessariamente com a direção, mas com pessoas com as quais eu já tinha algum contato e com as quais teria liberdade de discutir mais informalmente e pegar referências de outros movimentos e pessoas. No MST conversei com Luana Pommé, atualmente coordenadora de educação do movimento no Alagoas; na APEOESP conversei com Matheus Lima, da Subsede de Cotia; do Circulo Palmarino (movimento negro) conversei com Juninho, de Embu das Artes; na Casa de Cultura Digital conversei com Rodrigo Savazoni e da Casa dos Meninos, conversei com Cleodon Silva. De todas essas conversas as duas últimas foram de longe as mais fluidas e entrosadas com a questão das TICs

Rodrigo Savazoni, da Casa de Cultura Digital, que era um colaborador assíduo do Ministério da Cultura nas gestões Gilberto Gil e Juca Ferreira, foi claro: "Qualquer coisa que você estudar neste sentido será bem vinda. Há um vazio nesta área no Brasil". Entretanto, a conversa foi mais em busca de referências, pois a Casa de Cultura Digital – e o nome já diz - se desenvolve *a partir* do digital. Por fim, a conversa com Cleodon Silva, na tarde de seis de maio de 2010, foi simplesmente incrível. Era exatamente isso! Era a junção do popular com o digital, ainda por cima com o cabedal de uma vivência de combate à ditadura e dos movimentos operários da década de 1970, e com uma crítica à cultura política de esquerda predominante na cena atual, crítica, entre outras coisas, por esta não estar compreendendo as possibilidades que as TICs trazem. O objeto estava definido.

Métodos usados e apresentação dos capítulos

A construção do objeto de pesquisa se deu através da entrevista, com um questionário breve e questões abertas, de forma aproximativa e sem rigor metodológico, com alguns movimentos sociais para a escrita do projeto de pesquisa (o que parte da percepção e discussão incipiente de que a academia não deve ter o monopólio de construção de objetos de pesquisa válidos para estudo da própria academia). A pesquisa, após aprovada no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Unicamp, se desenvolveu como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório devido a abordar uma interface ainda pouco explorada no Brasil entre movimentos sociais de base e novas tecnologias de informação e comunicação. Foi utilizado um excerto reescrito e condensado obtido por outro pesquisador, Agnus Mariano, junto a Cleodon Silva utilizando o método de "história de vida"; um questionário semi-estruturado no contato inicial com os sujeitos da pesquisa, seguido de uma etnografia das práticas e dos discursos dos integrantes da Casa dos Meninos.

Na descrição da Casa dos Meninos e na da escola municipal Procópio Ferreira, busco descrever ao máximo os objetos técnicos (ferramentas, softwares, aparelhos, computadores), não somente porque estes condicionam possibilidades políticas, mas porque achei importante seguir o conselho metodológico de Nielsen (2010), de prestar atenção ao uso concreto das novas ferramentas no vagaroso processo cotidiano. Ainda sob a tutela de Nielsen, evitei analisar o que seria o impossivelmente amplo "uso de internet" e me preocupei em descrever qual ferramenta em particular está sendo usada para cada função na Casa dos Meninos.

Para além da pesquisa de campo há uma discussão a partir de bibliografia sobre tecnologia, sobre movimentos sociais, e sobre a interface entre movimentos sociais e novas tecnologias de informação e comunicação. A partir da reflexão sobre os dados de campo e sobre a bibliografia lida, são tramados ao longo dos capítulos e ao fim do texto considerações e conclusões.

No que diz respeito ao campo, foram ao todo mais de trinta visitas à entidade Casa dos Meninos, cinco visitas à Escola Municipal Procópio Ferreira para acompanhamento dos trabalhos da Casa dos Meninos, acompanhamento da visita à nascente do Rio Tietê em Salesópolis com os representantes de classe - bem como na avaliação desta com os representantes e na apresentação de trabalhos por estes realizados sobre a viagem, participação em duas oficinas de diagramação, duas oficinas de linguagem web, uma oficina de construção de antenas de wi-fi com latas de leite, uma entrevista mais longa com Fátima na própria casa dela (e da

Luana e da Daiane, pois então moravam juntas), duas entrevistas coletivas com a presença de Josiane, Daiane, Fátima e Luana, e diversas outras entrevistas menores com integrantes da Casa ao longo do trabalho. A pesquisa se deu também através da participação em reuniões da Casa dos Meninos com diversos agentes: três reuniões com o movimento de bairro Associação Visão e Ação, parceria próxima da Casa dos Meninos no conjunto Pró-Morar dentro do Bairro Jardim São Luis; Reunião com a representante da Diretoria Regional de Educação do Campo Limpo – DRE, que queria compreender e se apropriar para o poder púbico local do uso de mapas para georreferenciar escolas públicas e seu entorno; reunião no Centro Cultural São Paulo com o Ônibus Hacker e com acadêmicos que discutem Recursos Educacionais Abertos – REA; participação em assembleia e diversas reuniões do Instituto Lidas e acompanhamento do processo de separação deste da Casa dos Meninos; participação de reunião com os diretores de escolas da rede pública de Aricanduva e Itaquera, realizada no CEU Aricanduva, para apresentação e fechamento de parceria em um projeto de georreferenciamento do entorno de 31 escolas na zona leste com a participação de alunos e professores; participação em reunião na Casa dos Meninos com a DRE Campo Limpo e DRE Itaquera em reunião maior de acompanhamento do projeto de georreferenciamento de escolas. Destaco estas acima entre outras atividades da Casa dos Meninos que acompanhei.

Houve a opção por apresentar no primeiro capítulo a descrição do campo, do entorno, da escola Procópio Ferreira, das práticas, dos discursos, dos pormenores de um dia de trabalho da Casa dos Meninos na escola (o dia da eleição de representantes), portanto antes da discussão bibliográfica e teórica dos demais capítulos, para que, caso algum dia haja interesse por parte de outros de interpretar esse material, estes também possam fazê-lo à luz da teoria que preferirem sem esbarrar previamente nas soluções analíticas e bibliográficas que encontrei, bem como para poder divergir do tratamento analítico pelo qual optei. Nesse mesmo sentido me esforcei para deixar à disposição em formato digital o máximo de material, seja texto ou audiovisual, referente ao campo, o que com anexos em papel literalmente seria impraticável em termos de volume, e criei um espaço exclusivo para este fim, o blog: www.movimentosetecnologia.wordpress.com

Uma segunda qualificação

Como a pesquisa se iniciou com a discussão que os movimentos sociais podem e devem participar da seleção e construção de objetos de pesquisa sobre ação coletiva (mas não somente nesta área), me pareceu bastante coerente que os sujeitos

de pesquisa participassem também da avaliação do andamento da pesquisa e da capacidade do pesquisador em perceber e descrever as práticas e discursos por eles realizados. Nesse sentido foi realizada na Casa dos Meninos uma qualificação espelho da realizada na Unicamp. Esta se constituiu da discussão do exato texto apresentado à banca de qualificação, e numa data bastante próxima da qualificação na Unicamp.

Os resultados desta segunda qualificação foram bem interessantes. De uma forma geral reclamaram da parte sobre tecnologia, afirmando que o texto nesse trecho era hermético e a linguagem de difícil compreensão, gostaram da parte das conclusões e de ver uma pesquisa acadêmica se preocupando em descrever e analisar suas práticas. Sobre o capítulo 1, o que versa sobre o Cleodon Silva e sobre a Casa dos Meninos, afirmaram que eu era bastante perceptivo e reparador das coisas que acontecem na Casa, na escola Procópio Ferreira, e das falas que proferem, mas que tanto eu - ao me preocupar em descrever um pouco de tudo que por lá se passava, - quanto eles - ao não enunciar de forma clara os pontos para eles centrais - acabamos por ter como resultado um texto no qual eu estava deixando de enunciar claramente os pontos centrais e as ênfases do discurso deles. Em particular eu estava deixando de dar o devido peso ao fato do trabalho deles se basear na classe trabalhadora e em seus filhos; que o centro de discussão e articulação política, mais importante que a própria entidade Casa dos Meninos, era o Núcleo Político, composto por eles mesmos, e cuja discussão precede e avalia as ações da própria Casa, núcleo esse que eu pouco tinha mencionado.

Por fim, afirmaram que o projeto de longo prazo, a meta de extensão e enraizamento do projeto que vem desenvolvendo no Jardim São Luis, seria a existência concreta da COOPLURB – Cooperativa de Logística Urbana, atuando na cidade inteira e talvez em outras cidades e estados, com a juventude dos filhos da classe trabalhadora e os trabalhadores se tornando sujeitos políticos através da apropriação de seu território, dos conhecimentos científicos e das informações públicas nas suas lutas, tanto as territoriais, quanto as mais gerais de emancipação.

Esses comentários sobre a forma do texto e sobre a enunciação dos pontos que consideram centrais em sua prática me foram de grande valia na elaboração da redação final.

Relação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa

Antes do início da pesquisa de campo o projeto aprovado foi enviado para Cleodon Silva, então meu maior contato na Casa dos Meninos, este gostou bastante

do projeto e o enviou para os demais integrantes da Casa, bem como para alguns outros contatos que considerou importante estarem cientes da pesquisa. Infelizmente, a pesquisa com maior profundidade no campo começou apenas no primeiro semestre de 2012, meio ano depois da morte de Silva.

No começo houve certa desconfiança por parte dos integrantes da Casa dos Meninos sobre os resultados possíveis, motivos e métodos da pesquisa, mas com o tempo e o envolvimento de minha parte um pouco maior no cotidiano da Casa dos Meninos, a desconfiança foi paulatinamente diminuindo. Nas primeiras conversas da pesquisa já ficou claro no discurso dos integrantes da Casa que a relação não poderia e nem deveria ser completamente assimétrica, que ambos os lados – eu e eles – faríamos perguntas; e que ambos os lados elaborariam material que auxiliasse o trabalho do outro lado. Por mais que fique difícil formular exatamente como, tanto a desconfiança, quanto os pedidos de colaboração na escrita de alguns textos para eles, não tiveram em momento algum um caráter ameaçador; e o pouco de reciprocidade que houve não foi uma construção forçada, árida; mas sim gradual e suave.

A contribuição que pude fornecer ao trabalho da Casa dos Meninos foi pontual e pequena, a saber: participação e auxílio na escrita da versão de 2012 do projeto "Acervo Digital e Intranet da Escola Municipal Procópio Ferreira", para captação de recursos para manutenção e desenvolvimento do projeto (que foi aprovada); indicação de programadores em PHP para auxiliar no desenvolvimento dos sites da Casa (que trouxe poucos resultados); indicação de oficineiro para uma Oficina de Diagramação com os alunos do Procópio com vistas à confecção do jornal da escola (que foi bem avaliada pelos integrantes da Casa)[81]; contato com a redação do jornal "Brasil de Fato" para visita dos representantes do Procópio Ferreira à redação do jornal (que aconteceu); apresentação da Casa dos Meninos à integrantes do Ônibus Hacker e da Transparência Hacker (uma visita do Ônibus Hacker à escola Procópio Ferreira estava em agendamento em agosto de 2013).

81. O oficineiro foi Vitor Flynn Paciornik, meu irmão, e o mesmo que diagramou e desenhou a arte desta Dissertação de Mestrado.

Na segunda qualificação, citada no item anterior, os integrantes da Casa dos Meninos fizeram uma série de notas sobre a academia e o método de pesquisa que me pareceram, além de lisonjeiros para minha pesquisa, interessantes. Afirmaram que diversas pesquisas já passaram, de uma forma ou de outra, pela Casa dos Meninos, e que em relação à essas pesquisas sempre se sentiram ou elementos num laboratório, ou sendo enquadrados a ferro e fogo numa teoria pré-existente. Que os pesquisadores que lá passavam avaliavam suas práticas para confirmar convicções que já possuíam, e não para tentar compreender mais a fundo o que

eles estavam realmente tentando dizer e fazer; e que devido a essas percepções os integrantes da Casa mantinham com a academia uma relação de distanciamento e desconfiança. Nesse sentido a fala de Luana nesta tarde é significativa: "Queremos saber se há algo novo no que estamos fazendo. O que estamos fazendo não pode ser uma nova teoria?". Por fim avaliaram que o método e o andamento de minha pesquisa se diferenciavam dos que já haviam testemunhado, que havia uma preocupação real em estar de fato perto, e em de fato refletir sobre suas atividades e falas; que o processo da pesquisa tem sido rico para refletirem sobre suas próprias práticas; e que o resultado dessa pesquisa os interessa muito, pois tem como autocrítica a falta de tempo e de prática de escrita acadêmica para uma elaboração mais densa de sínteses e de críticas de seu próprio trabalho.

Problemas de Pesquisa

Para além dos problemas que perpassam a própria tentativa de conciliar métodos e afirmações de campos diferentes da teoria social - e que levaram esta pesquisa a assumir um caráter exploratório - há uma série de problemas presentes neste texto que dizem respeito a certa discrepância entre a normatividade proposta e o trabalho efetivamente realizado. Parte das afirmações e ponderações sobre a possibilidade de uma teoria social mais coletiva, que estão no fim deste capítulo, não puderam ser seguidos exatamente pelo fato de uma pesquisa de mestrado ser um trabalho individual. Por questões de duração da pesquisa, não foi possível contemplar uma série de outras contribuições sobre TICs e movimentos sociais de outros países da América Latina e de países fora do eixo Estados Unidos – União Européia. Também por conta da exigüidade de tempo, um conjunto considerável de transições entre trechos do texto, e de comparações entre teorias, foi desenvolvido de forma incipiente; bem como outras teorias em relação à tecnologia não foram abordadas.

No que diz respeito ao campo, o principal problema foi reduzir, selecionar e colocar ênfase em alguns pontos e experiências entre todas as apresentadas pelos integrantes da Casa a mim; o que me fez refletir sobre o quanto de artesanal há no trabalho de pesquisa de campo, pois outras pessoas submetidas aos mesmos estímulos provavelmente fariam, cada uma, recortes bastante diferentes. No que diz respeito ao método qualitativo de uso de questionários semi-estruturados para entrevistas, me pareceu que uma única entrevista forneceria uma visão deveras incompleta; pois fiz questão de repetir aos poucos algumas perguntas ao longo do tempo, e percebi que conforme a confiança cresce, paulatinamente as respostas

vão se modificando, e vão incluindo mais autocríticas e mais elementos de dificuldade que não apareceram na primeira aplicação do questionário como um todo.

Devolutiva dos resultados de pesquisa

Na mesma chave conceitual e política da construção do objeto de pesquisa a partir e em conjunto com os sujeitos de pesquisa, e da realização de uma segunda qualificação em conjunto com os sujeitos de pesquisa, estão previstas a realização de, ao menos, duas devolutivas desta pesquisa no Jardim São Luis: uma para os próprios integrantes da Casa dos Meninos e outra para os alunos e professores da escola municipal Procópio Ferreira. De acordo com a necessidade de esclarecimento da linguagem desta apresentação de resultados, e das discussões a partir desta devolutiva, mais datas e apresentações podem vir a ser marcadas.

Formação para melhor entendimento e capacidade de discussão sobre tecnologias digitais

Para melhor poder compreender e comparar os usos de TICs pela Casa dos Meninos, bem como para melhor compreender o funcionamento em si das TICs, procurei outro movimento brasileiro que fizesse uso delas. Com esse intuito participei de uma série de ações e oficinas realizadas pelo Ônibus Hacker. Mesmo sendo uma formação inicial e ainda incipiente, essas oficinas me auxiliaram a compreender o digital e a refletir sobre as práticas da Casa dos Meninos.

Dentro do Ônibus Hacker participei de oficinas de rádio livre, de dados abertos, de jornalismo com mapas, de cultura digital, de jogos colaborativos, de software livre em geral, de uso da tela de comandos do Linux (sistema operacional não proprietário), de programação básica na linguagem *python*. Participei também de uma oficina de montagem de placas eletrônicas, desde o conhecimento de seus componentes: transistores, LEDs (light-emitting diodes, diodos emissores de luz) resistências, potenciômetros; até a própria corrosão dos circuitos na placa com percloreto de ferro, e a soldagem dos componentes nesta placa (que incrivelmente funcionou).

Através desta passagem no Ônibus Hacker também travei contato e entrevistei integrantes de diversos coletivos que lidam com o digital, com coletivos – a exemplo da Casa dos Meninos - com forte junção entre o digital e o território, como o coletivo Puraquê e a Rede Mocambos.[82]

Conheci também coletivos que trabalham com *hardware livre,* máquinas e equipamentos não proprietários, que são desenhados para serem programados,

82. A página desta comunidade pode ser visitada em: < www.mocambos.net/> Consultada em 15/07/2013.

transformados, acoplados a outras máquinas, sensores e ferramentas, como o Garoa Hacker Clube[83] de São Paulo, e o MateHackers de Porto Alegre[84].

Por fim, e ainda no intuito de entender melhor os objetos técnicos da era digital, para poder melhor refletir sobre eles e seus potenciais, em particular o computador de uso genérico e o software, li textos sobre organização e funcionamento de computadores, álgebra de Boole, e fiz cursos básicos de programação no site www.codeacademy.com/.

83. A página deste hackerspace pode ser visitada em <garoa.net.br/> Consultada em 15/07/2013

84. A página deste hackerspace pode ser visitada em <matehackers.org/> Consultada em 15/07/2013

Como cheguei ao tema.

Ao trabalhar entre 2006 e 2008 na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, no Programa de DST/Aids, percebi um uso muito baixo de novas tecnologias da informação e comunicação por parte da saúde pública para fins de prevenção. Escrevi e participei do desenvolvimento de um projeto chamado "Prevenção à Distância", que possuía uma gama ampla de ações, mas cujo centro era simples: É possível usar de forma ampla e barata as TICs para fazer com que informação correta sobre prevenção chegasse à população no território.

Nessa passagem na saúde aprendi um pouco a tratar o espaço digital como um espaço de vivência efetivamente, no caso em particular das vivências das identidades sexuais, onde o poder público poderia veicular informação de forma mais condizente com as práticas reais (e o anonimato na internet tem um papel nisso). A maior liberdade de fala desses espaços permite um intercâmbio mais franco, uma interação menos mediada pelo poder (e a última pessoa com quem alguém quer falar numa sauna ou boate é um agente de saúde) e mais capaz de gerar referência para os espaços físicos da rede pública municipal de saúde. A possibilidade de não somente espalhar informação sobre prevenção, mas efetivamente buscar as pessoas em situação de risco nesse espaço para o enfrentamento da epidemia. Foi possível também criar um espaço de simulação de 3D no MMORP. (Massive Multiplayer Online Role Playing Game, "jogo massivo multi-jogadores de interpretação de papéis online") Second Life[85]; a aceitação foi interessante e o custo desse molde de prevenção é relativamente baixo. Este espaço digital referenciava para a rede física de unidades de DST/Aids espalhada na cidade, e chegou a contar com mais visitas do que algumas unidades físicas desta rede.

Em fins de 2008 e maior parte de 2009, ao trabalhar no Ministério da Cultura, percebi como através da TICs, quilombos e áreas mais pobres podiam, ao menos em tese, cobrar e receber os mesmos materiais do Ministério que o instituto Itaú Cultural ou instituições semelhantes, mesmo a Representação Regional de São

85. Notícia sobre esse espaço digital pode ser consultada em: http://extranet.saude.prefeitura.sp.gov.br/noticias/programa-municipal-dst-aids-de-sao-paulo-comemora-um-ano-de-sede-virtual/

Paulo do Ministério da Cultura contando então com apenas quatro pessoas sediadas na capital do estado. Alguma mudança essa nova condição deveria trazer. A informação pública, através das redes de TICs pode individuar à distância. A dimensão espaço, para a política pública entre outras coisas, estava definitivamente mudando sua essência. Era também possível através do cruzamento de bancos de dados do Ideb, do Pronasci, do IDH e os da pesquisa do IBGE chamada Munic-Cultura, ter uma visão diferente dos indivíduos e coletivos no território, e dos diferentes acessos e desigualdades na distribuição das verbas e equipamentos culturais. Foi também possível vislumbrar como esses dados nem sempre são usados na distribuição dos recursos pelas diversas instâncias do poder público. Outro fator que despertou muito interesse e curiosidade foi a diversidade e os formatos diferentes dos programas associados à Cultura Digital, e como estes marcavam as práticas e relações dos Pontos de Cultura espalhados pelo território.

Em fins de 2009, trabalhei em uma consultoria de tecnologia de informação para o Governo do Acre, e vi a biblioteca central de Rio Branco lotada de jovens e adolescentes. Certa noite fui expulso junto com estes jovens quando esta biblioteca fechou - apenas rotina - às nove da noite de uma quinta-feira. Boa parte dos jovens estava usando o grande telecentro dentro da biblioteca e o sinal aberto de banda larga. Houve aí um deslumbre iluminista com a idéia da distribuição da beleza acumulada na arte e literatura de diversos povos através de uma rede instalando-se no território com velocidade incrível, independente do status de legalidade ou ilegalidade dessa distribuição, se conforme os direitos autorais ou contra estes.

Se essas intuições desencontradas sobre possibilidades do uso de TICs através dos poderes estabelecidos despertaram meu interesse, elas também colocaram a pergunta central deste texto: Como o outro lado estava se apropriando dessas possibilidades? Como os atores da sociedade civil, os atores coletivos e movimentos sociais estão se utilizando das TICs nas suas disputas poíticas, nas suas disputas com os poderes e contra os poderes? Estariam estes atores mudando suas relações internas, seus repertórios de ação coletiva e suas capacidades concretas de luta através do uso dessas novas tecnologias? Estaria a própria cena política em transformação?

Não era minha intenção discutir em detalhe as organizações e movimentos sociais que se organizaram *a partir* das novas TICs (*Free Software Foudation, Pirat-Partiet,* Transparência hacker, Casa de Cultura Digital, Anonymous, comunidades de software livre etc.), nem tampouco movimentos tradicionais com pouco

ou baixo uso das TICs (Movimento dos Atingidos por Barragens, por exemplo). Esses novos (novíssimos talvez) movimentos gerados *a partir* das TICs e da internet em particular, me apareceram como sujeitos que continham em si mesmos "a vontade de saber", que extorquiria diversas confissões etnográficas e em diversos outros formatos. Minha questão era como os antigos novos movimentos sociais brasileiros, movimentos de bairro, de sem-terra, bem como os sindicatos, estavam utilizando e refletindo sobre as TICs.

Novas epistemologias, novas metodologias, novos programas de pesquisa

A principal dúvida que a bibliografia sobre movimentos sociais me suscitou, e que se transformou numa reflexão que me consome é: Como as formas de se produzir teoria em ação coletiva têm reproduzido dominações, e como essas mesmas formas podem ser pensadas em novos marcos, mais coletivos, com possibilidade maior de abrangência das complexidades do real.

Há em boa parte da bibliografia consultada afirmações no sentido de que as teorias da ação coletiva estão num momento de profunda revisão epistemológica e paradigmática. Um bom sintoma desse momento de explosão de métodos, propostas e mudanças de paradigmas no sentido de se repensar da teoria da ação coletiva é a própria revisão conceitual que McAdam, Tilly e Tarrow fazem, no livro publicado em 2001, "Dynamics of Contention", de suas afirmações anteriores, que eram paradigmáticas tanto para a Teoria de Mobilização de Recursos quanto para a Teoria do Processo Político. Num processo exaustivo de revisão da teoria e da exegese de 18 diferentes episódios de conflito desde o século XVIII até o ano de 1999, os autores acabam por achar três grandes regularidades misturadas de formas distintas nos diversos episódios analisados: a constituição de atores, a polarização (entre os setores da sociedade) e a mudança de escala (do conflito). Até esse momento não é nada de espantar o leitor, são apenas achados teóricos oriundos de profunda análise e reflexão, o que espanta é quando delineam sugestões de continuidade de seu programa de investigação em termos do que *não* fazer: "Abandonar esforços para provar que o racionalismo, culturalismo ou estruturalismo explicam episódios particulares"; "abandonar a explicação de eventos pela comparação destes com o modelo clássico de movimento social ou de qualquer outro modelo geral invariável"; e "Abandonar críticas de modelos padrões que adicionam elementos ou simplesmente modificam suas feições gerais, por exemplo, abandonem a adição de variáveis a modelos gerais existentes de revolução

para acomodar novos casos". É de tirar o fôlego, pois razoável parte da teoria de movimentos sociais funciona de forma semelhante justamente às proscrições que eles apontam.

Em moldes semelhantes, multiplicam-se afirmações na teoria, tanto na européia como na brasileira, de que o começo do século XXI é um grande momento de inflexão teórica e metodológica. Um outro exemplo é o de Rebecca Abers e Marisa Von Bullow, pesquisadoras da Universidade de Brasília, que abrem um texto de 2011 reafirmando este momento de mudança e citando o pesquisador da Universidade de Nova York, James Jaspers, com o forte termo *etapa "pós-paradigmática"*.

Caminhos mais coletivos: Uma possibilidade.

Se estiverem de fato abertas as fronteiras do pensar sobre a forma de se fazer ciência, uma solução interessante de ampliação de escopo frequentemente discutida em outras ciências, mas cuja discussão para a área de ação coletiva não me foi possível encontrar referências, é a de métodos coletivos de produção de ciência. Esta pode ter reflexos interessantes não só para a área como para as ciências humanas em geral.

Um problema insolúvel das ciências humanas é que o último critério de seleção entre duas possibilidades analíticas diferentes, entre duas teorias, é a plausibilidade, tal como vista pelo autor que está escrevendo. Por sua vez os únicos critérios que informam essa plausibilidade são a sua (do autor) experiência de vida, entorno social, constituição biológica – sua conformação bio-psíquico-social, que inclui nacionalidade, formação, posições políticas etc. Em sua experiência de vida está inclusa sua formação acadêmica - com suas respectivas formas privilegiadas de se olhar o mundo - e em seu entorno social estão tanto os objetos que pesquisa como a tradição acadêmica de sua universidade ou de seu grupo de pesquisa. Esse é um *bias*, um enviezamento, que não é resolvível inclusive em formas coletivas de produção e análise de dados, pois afinidades eletivas teóricas também tenderiam a se concentrar, mas que pode ser diminuído, e muito, por estes métodos coletivos, uma vez que lacunas de formação e de reflexão de cada indivíduo - e já há produção teórica em volume suficiente para superar em muito o tempo de vida de um único indivíduo - e vícios de método e de análise seriam visivelmente diminuídos.

Por outro lado, devido a esta mesma proliferação massiva teórica, abraçar que a polissemia do conceito de movimento social não aparenta por hora dar mostras de estar diminuindo, que provavelmente é uma característica com a qual teremos

de lidar por muito tempo, senão para sempre, não quer dizer em absoluto que por conta dessas profundas diferenças de visão não se possa construir esforços coletivos maiores que aumentarão em muito a capacidade de análise comparada sobre movimentos sociais e de afirmações mais totalizantes baseadas em empiria. Tomando-se sempre muito cuidado, como nos alerta Melucci, com a "miopia do visível", que seria concentrar toda a atenção sobre aspectos mensuráveis da ação coletiva e ignorar a produção de códigos culturais.

Por uma terceira frente, diversos autores colocam a interdisciplinaridade como uma procura fundamental para o desenvolvimento da teoria social, como Ulrich Beck e Melucci. Entretanto, pouco do que li até hoje reflete um esforço concreto e sistemático de englobar na teoria social avanços e descobertas recentes de outras áreas (nisso Melucci consegue maior sucesso ao colocar discussões da antropologia sobre cultura no centro de sua teoria e de demonstrar em algumas passagens discussões próximas às da biologia). Se já é mais fácil dominar a multiplicidade de proposições e análises dentro de uma perspectiva em particular do que dentro do conjunto do campo da ação coletiva, se já é dessa forma mais fácil evitar *a priori* redundâncias e linhas de análise que já foram profusamente criticadas em outros campos (e em alguns casos evitar barbarismos teóricos), no caso da efetiva interdisciplinaridade esse risco aumenta consideravelmente, mas por outro lado aumenta também a possibilidade de se encontrar fulcros analíticos novos, distintos e enriquecedores da teoria. A produção e análise coletiva de teoria pode ser também uma ferramenta para auxiliar que essa interdisciplinaridade por muitos desejada seja de fato exeqüível.

Um dos principais desafios não só das teorias de ação coletiva, mas da teoria social como um todo, é unir as observações diferentes e conciliar na teoria a distância entre a estrutura e a agência, entre o ator (mesmo que coletivo) e os grandes marcos macros de organização da sociedade. Alguns autores, como Chico de Oliveira e Jeffrey Alexander (que aliás é citado por Melucci em "Challenging Codes") se utilizam de metáforas da física para pensar os desafios das ciências sociais, Alexander chega a comparar o desafio "ação individual-estrutura" em teoria social ao princípio de incerteza de Heisenberg, segundo o qual você pode somente saber a posição ou a velocidade de uma partícula quântica, jamais os dois simultaneamente. Prefiro pensar essa procura de conciliação entre o micro e o macro como um semelhante na teoria social à busca da teoria do Campo Unificado na Física, a procura entre a junção do muito pequeno – como as partículas subatômicas – e o muito grande – que é explicado na física através da teoria da

relatividade geral. À teoria que surgiria dessa junção os físicos dão o nome de "Teoria de Tudo".

Para além das metáforas da física para desafios teóricos, acredito outra coisa que podemos aprender com esta disciplina são métodos de esforço coletivo de obtenção e análise de dados, como é o caso do Centro Europeu de Pesquisa Nuclear (CERN na sigla em francês) e em particular o gigantesco acelerador de partículas lá construído, o *Large Hadron Collider* – LHC(Colisor Massivo de Hadróns), que uniu esforços e especialidades de campos muito distintos para construir uma ferramenta poderosa de coleta de dados, que por sua vez são analisados por equipes grandes, muitas vezes compostas de diversas especialidades. É um exemplo de colaboração coletiva na busca de explicação sobre o funcionamento do mundo (no caso deles do universo de forma mais geral) Detalhes e milhares de especificidades de cada campo à parte, é possível pensar no que consistiria um esforço efetivamente coletivo de pesquisa no campo da teoria da ação coletiva.

Uma iniciativa possível desse tipo para a área de ação coletiva seria um esforço de discussão e criação de instrumentos mínimos de coleta e disponibilização pública de dados teóricos do campo de ação coletiva e movimentos sociais. Esse instrumento seria mais que um simples questionário, seria um acordo de dados mínimo a serem levantados, construído por autores das mais diversas vertentes e linhas de análise, com todos definindo algumas questões centrais que gostariam que fossem incluídas (um exemplo destes dados seriam: local, tema específico de protesto, número de participantes, relação destes com o estado, relações destes com partidos, existência ou não de múltiplas afiliações, duração do conflito no tema, forma organizativa adotada e repertório demonstrativo utilizado, entre inúmeras outras possibilidades). Quando um conflito específico de pequena ou larga escala eclodisse, uma demonstração pública fosse feita ou fosse reconhecido um novo ator em ação, um cientista social do local iria levantar junto a estes atores a quantidade mínima combinada de informações e tornaria estas informações imediatamente disponíveis para quem quer que seja analisar da forma que queira. Cada um trabalharia um pouco mais para os outros e todos trabalhariam um pouco mais para o conjunto do campo. Essa proposta não é uma panacéia e não resolveria nenhum dos problemas centrais do campo, é apenas uma forma de compartilhar os dados e não somente a análise, e os dados num sentido lato, fotos, entrevistas em questionários, arquivos de áudio e vídeo tanto das entrevistas como das demonstrações quando houver. O banco de dados criado e compartilhado por uma iniciativa desse tipo seria provavelmente o mais completo

e mais rico do mundo tanto para análises comparativas, como para a criação de generalizações mais fortemente embasadas no empírico. Outros esforços do tipo poderiam ser criados dentro dos principais métodos cotidianos de análise e incluir outras categorias chave nos dados a serem compartilhados.

Essa busca por novos modelos de trabalho, mais coletivos, colaborativos e com maior compartilhamento possui elementos facilitadores e elementos que trazem dificuldades. Um elemento facilitador é a quase onipresença das novas tecnologias de informação e comunicação, que permitem que o custo do compartilhamento de dados seja incrivelmente pequeno e que a velocidade do mesmo seja incrivelmente grande. Um elemento que traria dificuldades é que a produção teórica é também um espaço de disputa de afirmações sobre o mundo social, de disputa de status e de recursos de pesquisa, e qualquer estrutura de poder, assim como qualquer procedimento padrão de pesquisa enraizado no tempo, tendem a ser resistentes a mudanças.

Eu não tenho conhecimento de esforços efetivamente coletivos de produção de dados no campo da ação coletiva que não sejam do tipo da organização de uma publicação com artigos em conjunto sobre um tema em particular da área, mas procurando por informação não consegui encontrar uma grande compilação que contenha os números, contornos gerais e situação atual dos movimentos sociais no Brasil. Uso o caso da análise de redes, no capítulo 3, como exemplo para mostrar como a produção e análise coletiva de dados poderiam ser interessantes para juntar esforços de áreas próximas e para delinear desafios de mais fôlego na produção de análises sobre a realidade brasileira.

Difusão Científica: Ciência para quê? Ciência para quem?

A difusão científica, em particular através do mecanismo de devolutiva coletiva, muda profundamente a forma da academia se relacionar com o mundo social, baliza tudo, traz relevância, retribui. É muito diferente enviar um e-mail ou uma cópia impressa de um trabalho para os sujeitos de pesquisa ou realizar uma apresentação presencial com uma linguagem pensada para tanto e com espaço para diálogo e resolução de dúvidas. A própria forma de se enunciar a discussão teórica e o trabalho acadêmico para o mundo social modifica-se quando se teoriza já levando em conta essa reflexão, a mera formulação de enunciados simples e compreensíveis já sinaliza uma modificação na resposta às perguntas "– Por que se constrói teoria social? Para quem?". As ciências humanas, ao falar sobre o social, estão agindo sobre social de uma forma dupla, tanto na disputa de discursos

sobre o real dentro da academia, como provendo um repertório discursivo para os diversos grupos em conflito estudados, ainda que muitas vezes inadvertidamente. É central retirar esse inadvertidamente da equação, o que não quer dizer de forma alguma diminuir a reflexividade, a crítica ou rebaixar a capacidade de análise, muito pelo contrário, trata-se apenas de admitir o fato que toda teoria é política, independentemente do desejo de seu autor ou autora. Não há algo como uma especialização apolítica, as teorias, tenha-se essa intenção ou não, são apropriadas politicamente no mundo, realizar algum esforço no sentido de facilitar a sua compreensão e utilização para compreensão de problemas os mais diversos possíveis é uma forma de trazer relevância a própria teoria. A divulgação científica, que para Bourdieu era um trabalho menor, para Boaventura de Souza Santos e Ulrich Beck passa a ser um trabalho central. Se não há aparentemente uma Navalha de Occam[86] na teoria social, é ao menos observável que a capacidade de formulação de enunciados simples e que dialoguem com os anseios de expressão de problemas concretos tem importância na relevância que essa própria teoria terá no mundo social sobre o qual discorre. Como bem colocou Boaventura de Souza Santos, a tarefa é de "maximizar a objetividade e minimizar a neutralidade" (Santos, 1999. p. 208).

86. A Navalha de Occam, ou *Occam's Razor,* nomeada em memória de William de Ockham, é um princípio de economia, elegância e parcimônia e afirma que entre duas explicações para um mesmo fenômeno, se deve optar pela mais simples, que fizer menos suposições.

Os sujeitos de pesquisa não estão interessados em particular nas diferenças entre Castells, Melucci, Tilly ou Gamson, mas estão particularmente interessados no que se fala sobre eles na academia, mesmo que de forma crítica e, quando de um estudo de um único movimento ou um estudo de caso, de quais os desafios e possibilidades os pesquisadores perceberam para aquele movimento social em específico e para os movimentos sociais tomados de forma mais geral numa conjuntura específica.

Reconhecimento e redistribuição

Céli Regina Jardim Pinto coloca nas considerações finais de seu texto "Por onde andou a teoria Crítica no Brasil? (O GT de Teoria Social na ANPOCS – 1998 – 2007) quatro observações propositivas para a teoria social brasileira; aproximar as teorias de redistribuição, de reconhecimento e outras, das teorias da democracia, reintroduzir o Estado nas discussões da teoria crítica; ampliar a pauta de pesquisa da relação Brasil com demais países da América Latina e; recolocar a questão brasileira no cerne da teoria.

Se nos apropriarmos da sugestão de Céli Pinto para a teoria social brasileira uma reflexão breve pode ser feita sobre se os conceitos de redistribuição-reconhe-

cimento podem ou não ser úteis para pensar a relação entre teorias produzidas fora e dentro do eixo UE-EUA; assim como para pensar sobre as consequências dessa relação entre produções teóricas para as próprias aspirações das teorias da ação coletiva e de movimentos sociais e sobre algumas possibilidades de mudança dessas relações.

Em boa parte dos textos de autores estadunidenses e europeus lidos há pouquíssimas referências com profundidade às teorias produzidas fora do eixo UE--EUA. A existência de outros locais e autores produzindo teorias de ação coletiva aparece nos textos pela ausência, aparece quase como uma não-questão.

Uma regularidade encontrada quase que no conjunto da bibliografia estrangeira estudada é o pequeno espaço de diálogo e reflexão guardado para conversar com teorias elaboradas fora do eixo UE-EUA, e em particular fora do conjunto Inglaterra – França – Itália - Estados Unidos. Pode-se elencar dois conjuntos grandes de explicações para essa regularidade, o primeiro seria um conjunto de explicações que afirmam haver uma maior qualidade e uma pretensão de abrangência mais ampla e difundida na produção teórica do eixo UE-EUA, sendo estas geradas por maior tradição histórica na produção teórica e maior inversão de recursos nessa produção, o segundo grupo de explicações parte do pressuposto que mesmo que esse primeiro grupo de explicações fosse parcialmente verdadeiro, isso por si só não daria conta para explicar o diálogo extremamente baixo e o número muito pequeno de referências. Dado o número de países, de escolas, e de teóricos, refletindo sobre um conjunto semelhante de questões da teoria da ação coletiva fora do Eixo UE-EUA – mesmo se levando em consideração uma suposta tendência de se privilegiar a teorização sobre o particular e o específico na produção de teoria fora do eixo UE-EUA – é extremamente improvável que não surgissem em profusão teorias com capacidades de pensar, conceitos novos e aportes teóricos particulares a teorias desenvolvidas dentro do eixo citado.

É necessário pensar que há outros mecanismos atuando em conjunto, como o que Sérgio Costa chama de "geopolítica do conhecimento sociológico" (Costa, 2010. p. 26), mas que poderíamos também chamar de posses desiguais de capital simbólico no campo da disputa da afirmação teórica, de formas coloniais de dominação da produção e validação de conhecimentos – como coloca o Grupo Modernidad/Colonialidad citado por Costa – ou ainda de critérios diferentes de valorização cultural, de diferenças de status, de diferenças de estima, de reconhecimento inapropriado, ou de não-reconhecimento, entre a produção realizada dentro e fora do eixo ao qual me referi acima.

Uma discussão do próprio funcionamento dos ”regimes de verdade” das teorias da ação coletiva se faz necessária, assim “conferindo credibilidade à busca de ‘regimes de verdade’ alternativos” (SANTOS, 1999).

A ideia de fundo não é de forma alguma abandonar as teorias produzidas dentro do eixo UE-EUA como elementos úteis de reflexão acerca do social, apenas problematizar a manutenção contemporânea de lógicas que eram mais plenas de sentido no começo do desenvolvimento e institucionalização da disciplina. Trata-se de indicar não o quanto eurocêntrico é o discurso do eixo UE-EUA, isso seria somente a constatação do óbvio, mas sim o quanto essa manutenção não condiz com as próprias premissas por trás da teoria crítica, premissas por eles mesmos assumidas. Santos, ao definir teoria crítica, a coloca como “toda teoria que não reduz a ‘realidade’ ao que existe. A realidade… é considerada como um campo de possibilidades, e a tarefa da teoria consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado” (SANTOS, 1999. p. 197), e mais à frente: “A luta por objetivos emancipatórios é intrínseca à teoria crítica” (SANTOS, 1999. p. 199). Se aos dominadores a dominação não costuma aparecer como problema, dentro de uma teoria que se propõe justamente a refletir sobre as diversas formas de dominação e, em última análise, acabar com a dominação, promover a emancipação; a reprodução - ainda que não intencional (Nancy Fraser, por exemplo, coloca em seu texto citado logo abaixo algumas possibilidades de manutenção não intencional de reconhecimento inapropriado) – dessa lógica de dominação deve se colocar como um problema, e dos grandes. Para a criação de macroteorias, num mundo progressivamente globalizado, que permitam informar e auxiliar o desenvolvimento de macroprojetos (no plural) políticos, mais que desejável, é necessária a percepção da multiplicidade das formas que o capitalismo vem adquirindo dentro das particularidades das diversas sociedades contemporâneas e na própria conformação do espaço de intercâmbio e dominação cultural, política e simbólica entre essas sociedades.

Para colocar as questões de reconhecimento e redistribuição para explicar a lacuna entre as produções teóricas e para atuar junto às teorias de ação coletiva, cabe uma breve descrição de como Nancy Fraser coloca a questão em seu texto “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista”, originalmente publicado em inglês em 1997. Nesse texto a autora afirma que as disputas por redistribuição e as disputas por reconhecimento não podem ser subsumidas uma à outra, e que é tarefa central da teoria crítica pensar políticas para ambos os eixos que possam ser coerentemente combinadas sem que uma enfra-

queça a outra. Analisando em particular quatro grupos: classe (que seria centralmente prejudicada em termos de redistribuição), sexualidade menosprezada (em particular os homossexuais que seriam centralmente prejudicados em termos de reconhecimento), mulheres e negros, que seriam classes ambivalentes, oprimidas tanto no eixo da redistribuição como no do reconhecimento. Para tanto sugere dois tipos de "remédios" (soluções políticas), os afirmativos, que buscam reafirmar identidade no âmbito do reconhecimento, e reparações de bens existentes no âmbito da redistribuição; e os transformativos, que procuram reestruturar radicalmente as relações de produção eliminando diferenciação de grupos no âmbito da redistribuição, e desconstruir as diferenciações de grupo através de reestruturação profunda das relações no âmbito de reconhecimento. Analisa a combinação e compatibilidade desses diversos remédios concluindo serem ambos os transformativos compatíveis entre si, e ambos os afirmativos compatíveis entre si, mas qualquer cruzamento de remédios afirmativos e transformativos sendo pouco indicado. O viés negativo dos remédios afirmativos é que podem vir a aumentar a estigmatização e o não-reconhecimento de grupos, o viés negativo dos remédios transformativos é que estes podem parecer distantes e pouco compatíveis com as questões imediatas dos grupos em discussão.

No texto, "Redistribuição ou reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea", de 2001, Fraser retoma a discussão, utilizando uma concepção mais aprofundada de reconhecimento, que chama de "o modelo do status". Discute a injustiça de status não como um vestígio de sociedades arcaicas, mas como intrínsecas à estrutura do capitalismo moderno, o tipo da sociedade contemporânea, que não poderia ser compreendido nem somente a partir da perspectiva econômica, nem somente a partir da cultural, que não são domínios substantivamente distinguíveis, apenas perspectivamente distinguíveis, daí a proposta analítica do dualismo perspectivo.

Se admitirmos que o conjunto das teorias produzidas fora do eixo UE-EUA estão em condições de reconhecimento inapropriado em relação às produzidas dentro, nesse caso a solução para a teoria da ação coletiva brasileira e para a dos demais países não seria apenas buscar maior normatividade, maior abrangência e maior qualidade na elaboração de teoria, mas também conduzir uma efetiva luta por reconhecimento em relação às teorias do eixo mencionado.

Para realizar essa luta por reconhecimento, se é mesmo disso que se trata, uma série de medidas podem ser pensadas, o que poderíamos chamar seguindo Fraser de remédios de reconhecimento. O primeiro deles seria um remédio de reconhe-

cimento afirmativo, pensar se a frase de Costa "Não existe, hoje, uma reflexão na sociologia brasileira orientada, diretamente, para intervir nos principais debates teóricos desenvolvidos no âmbito da disciplina" (Costa, 2010. p. 26) pode ser transferida também para a área de produção de teoria sobre ação coletiva, e se o que o autor percebe em seu estudo empírico do material de confecção de teorias - as referências e citações dentro da Revista Brasileira de Ciências Sociais – se em ambas essas duras questões não estão presentes uma internalização dessa mesma lógica de reconhecimento inapropriado; se como resultado desse não-reconhecimento, não desenvolvemos uma auto-estima deficiente, e a partir disso uma ambição teórica insuficiente.

Boaventura de Souza Santos em seu texto "Nuestra América: Reinventar um paradigma subalterno de redistribuição e reconhecimento", de 2006, realiza um percurso no qual dicotomiza a relação norte-sul analiticamente para desfazer essa dicotomia nas propostas normativas finais, ampliando seu conceito de *Nuestra América* para um conceito que englobe todos os que estão em posição dominada, desprivilegiada, em relação tanto à redistribuição como ao reconhecimento, incluindo assim partes consideráveis tanto da Europa como dos Estados Unidos: pobres, periferias, imigrantes, negros, mulheres, *banlieurs* etc.

Embora Santos seja europeu, seus textos podem ser considerados pouco eurocêntricos. Partindo de uma perspectiva subalterna, mistura referências teóricas e exemplificações de origem latino-americana e européia para construir sua argumentação. Uma única consideração é que afirmar seu paradigma como subalterno, o coloca numa posição de - e o próprio nome já diz – subalternidade; mais condizente com suas aspirações políticas de transformação da relação entre norte e sul, seria denominá-lo como um paradigma não *subalterno*, mas *insubordinado*, ou ainda *alternativo*.

Se pensarmos de forma bem ampla o espaço da produção teórica social mundial como um espaço com algum tipo de institucionalização através de encontros, publicações, eventos diversos - todos organizados a partir de normas; e também como um espaço que é de alguma forma um mundo social, possuindo relações sociais entre seus integrantes, relações estas que não se efetuam em condições de igualdade. Nesse caso então, nessa amplidão, as seguintes formas de conceituação de reconhecimento e não-reconhecimento em Fraser podem ser úteis: "O reconhecimento inapropriado não significa a depreciação e a deformação da identidade do grupo. Antes significa subordinação social, no sentido de que os indivíduos inapropriadamente reconhecidos são impedidos de participar *como*

iguais na vida social" (Fraser, 2002. p. 10) e "o objetivo é *desinstitucionalizar os padrões de valor cultural que impedem a participação paritária e substituí-los por outros que, ao contrário, a incentivem*" (Fraser, 2002. p. 11).

É possível pensar alguns remédios de reconhecimento afirmativos, como:

- Realizar pesquisas empíricas e teóricas para verificar se há de fato uma correlação para além de mérito e qualidade entre a teoria confeccionada dentro e fora do eixo EU-EUA, se não há status diferenciado e reconhecimento inapropriado permeando essa questão, e, caso haja, publicar e publicizar ao máximo esses resultados.
- Identificar conceitos e linhas de pensamento mais propensos a reafirmar as dominações e criticar esses conceitos e linhas. (por exemplo: algumas vertentes das teorias de modernização).
- Colocar a relação entre locais de teorização como um problema, tanto nos cursos de graduação e pós-graduação. Incentivar os estudantes de ciências sociais a partir do início da graduação a ter o hábito de criticar a inadequação das grandes teorias EU-EUA para pensar a realidade brasileira e de países em desenvolvimento.

.

Pode-se também pensar em remédios de reconhecimento de transformação, remédios que visem à desconstrução dessas relações desiguais, entre os quais:

- Ampliar a bibliografia, inclusive de graduação, com autores de qualidade de outras partes do mundo. Incentivar programas de ida de acadêmicos brasileiros para países fora do eixo e de visita de professores estrangeiros de países do mundo fora do eixo UE-EUA.
- Aprofundar a relação de trocas e intercâmbios de produção teórica sul-sul.
- De forma geral desconstruir o eixo UE-EUA como centro mundial da produção teórica em teoria social, através de um processo paulatino de discussão coletiva entre os diversos envolvidos, inclusive os próprios países do eixo, sobre o como essa situação é incondizente com os próprios objetivos da teoria da ação coletiva, de explicar a ação social de coletivos e seus papéis na manutenção e na transformação das sociedades humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Você vê coisas; e você diz: Por que?
Mas eu sonho coisas que nunca foram;
e eu digo: Por que não?
George Bernard Shaw

Está pegando, está pegando…
Cleodon Silva



Movimentos Sociais

As possibilidades políticas dos movimentos sociais estão mudando com a adoção massiva de TICs pela sociedade. Há novos repertórios de ação coletiva a serem melhor conhecidos e melhor desenvolvidos, há um menor custo de organização e comunicação decorrente do uso destas tecnologias, há a possibilidade de aumentar recursos através de ferramentas de micro-financiamento, bem como a chance de passar a desenvolver ferramentas e objetos técnicos, software e hardware, a partir de suas demandas, problemas e necessidades concretas.

As próprias formas construção e ampliação de protestos estão se alterando, a disponibilidade das TICs influenciou e modificou a conformação e tamanho de uma série de levantes massivos nos últimos anos, auxiliando nas convocações para os protestos e nas comunicações internas entre os manifestantes, como foram os casos da Primavera Árabe começada em dezembro de 2010, do 15M na Espanha iniciado em 2011, do Occupy WallStreet nos Estados Unidos também iniciado em 2011 e dos protestos de junho de 2013 no Brasil. Estes levantes aparentam ser apenas o início de um processo maior de modificação e ampliação das formas de participação política, e não seu fim. Se os movimentos sociais irão se ampliar e dar formas cotidianas e formação política à parte das subjetividades rebeldes formadas nestes processos, ou se novas formas de organização, discussão política e mobilização irão se consolidar no cenário político; é uma questão em aberto; o mais provável é que aconteçam ambas.

Entretanto, no que diz respeito aos movimentos sociais tradicionais e principalmente aos movimentos com perfil mais popular, de periferia e do campo, há uma série de dificuldades na adoção mais ampla, e mais potente, das TICs. A adoção de TICs e a discussão delas para além de sites, blogs e redes sociais, não é só uma questão de vontade política, é também uma questão de condições objetivas.

Condições objetivas de uso de TIC por movimentos sociais

Para a adoção refletida, ampla e potencializadora de lutas da TICs pelos movimentos sociais tradicionais há problemas objetivos no acesso à internet. Na grande desigualdade geográfica na disponibilidade de banda larga, e na existência de uma internet cara, de velocidade reduzida e de alta intermitência, devido ao processo de privatização da telecomunicação no Brasil que gerou oligopólios. Problemas estes os quais o Plano Nacional de Banda Larga -PNBL, em implantação nos anos em que essa pesquisa foi realizada, ainda não parece ser capaz de resolver.

Há problemas na questão da educação pública, da qual boa parte dos integrantes dos movimentos sociais tradicionais são oriundos, na presença de computadores de uso livre. Por exemplo, os computadores dos telecentros e das escolas de rede municipal (como a escola visitada, o EMEF Procópio Ferreira) na cidade de São Paulo durante a gestão de Gilberto Kassab – PSD 2009-2012, não eram de uso livre, havia tempo limitado por usuário, restrição de sites, a impossibilidade de se modificar a configuração dos computadores. Todas essas limitações têm implicações na formação mais efetiva de valores e costumes de uso de TICs por parte dos jovens (e aqui se inclui jogos e redes sociais) bem como nos ingressantes nos movimentos sociais tradicionais. A presença de equipamentos disponíveis e certa liberdade de usar e mexer nestes equipamentos digitais foi relatada por diversos integrantes de coletivos digitais com os quais conversei (em particular os do Ônibus Hacker) como central para uma apropriação maior das possibilidades e usos políticos desses equipamentos. Falta em relação às TICs a sensação do *poder-fazer.*

Há o problema do domínio da língua inglesa, que é pouco lecionada na rede pública de ensino e bastante nas redes particulares, e que é central não só para conhecer as linguagens de programação, mas também para entender as respostas do computador, as especificações técnicas de máquinas e, mais importante, se comunicar e se organizar politicamente em diversos espaços internacionais da internet, sejam estes fóruns de resolução de problemas técnicos e de tutoriais para diversas atividades, ou de ativismo digital internacional propriamente dito.

Mesmo que se adote em relação à programação a estratégia de traduzir linguagens e interfaces de programação para o português, isso não resolveria a questão da comunicação e resolução de problemas via chat e repositórios GIT.

Da mesma forma os conhecimentos em matemática, que são muito importantes para um domínio mais avançado de linguagens de computação (organizam como o programa vai computar os dados), são um problema muito grande, pois é uma matéria cujos dados de aprendizagem na rede pública de ensino são ainda insuficientes.

Há também uma questão geracional, que implica no tempo de adoção das TICs de forma mais refletida e profunda por movimentos sociais tradicionais. A troca de geração na direção, por uma de "nativos digitais", irá modificar os usos que estes fazem das TICs, A troca de geração na direção, ou nos postos chave, vai modificar uma série de outras instituições em relação ao uso de TICs, entre elas a academia.

Junção entre o Popular e o digital

Dada a crescente presença de computadores de uso genérico (e o desejo de aquisição destes pela população), e das diferentes possibilidades informacionais e comunicacionais que estes trazem em relação aos meios de comunicação anteriores presentes nos lares, como o rádio e a televisão; bem como o vindouro uso massivo de internet via telefonia celular, num país que já possui mais de um celular por habitante; a junção entre o popular e digital não é algo apenas possível, é algo inevitável.

A questão, entretanto, está numa parte específica da junção entre o popular e o digital. Está na junção entre a cultura popular de luta e as novas culturas digitais, nesta junção reside um potencial político que pode se concretizar de diversas maneiras, de forma mais ou menos alienada em relação à tecnologia, de forma mais ou menos alienada em relação ao trabalho, vários cenários são possíveis, dos quais dois se destacam: uma apropriação acrítica, ordinária e proprietária das TICs e da tecnologia de forma mais ampla; ou uma apropriação, colaborativa, compartilhada e em software livre das TICs, e crítica e desalienante da tecnologia em geral. É um futuro que está bastante aberto.

Sensibilização dupla

Apesar das diferenças e críticas de parte a parte, movimentos sociais tradicionais e coletivos digitais, há desejos comuns de transformação. Parte dos novos coletivos digitais se reivindica como movimento social (Savazoni, 2012), e nesses casos, sim, há a reflexão sobre potenciais políticos das TICs e um desejo de diálogo com os movimentos sociais tradicionais.

Outra possibilidade repousa sobre a existência de atores políticos capazes de realizar o diálogo entre as culturas de lutas desenvolvidas dentro de cada um destes espaços. Há um pequeno grupo de atores que, por origem e por prática social, podem vir a ocupar uma posição privilegiada para auxiliar neste diálogo. Atores com uma compreensão mais próxima da urgência da questão social no Brasil e uma vivência mais próxima das periferias e do campo, como é o caso da Rede Mocambos, uma rede de organização quilombola que usa e desenvolve software livre e metareciclagem e está organizada em Brasília, Porto Alegre, Vale do Ribeira e Campinas; do Coletivo Puraquê, que trabalha com software livre em escolas públicas e cria programadores – os jovens "codeiros" – entre outras atividades na cidade de Santarém, no estado do Pará; do Juventude Viva, que organiza jovens de favelas do Rio de Janeiro e possui bom uso de TICs; da Casa de Cultura Tainã,

da periferia de Campinas e que foi Ponto de Cultura e detém grande domínio da questão digital; e da Casa dos Meninos, na zona sul de São Paulo.

Nos diálogos entre esses diversos atores, tornar-se-ia possível aos movimentos sociais tradicionais aprender novos repertórios de ação coletiva, e o uso de novas ferramentas que instrumentalizam este repertório com a Casa dos Meninos e com os coletivos de cultura digital.

Aos coletivos de cultura digital, em suas diversas formas, tornar-se-ia possível aprender com os movimentos sociais tradicionais e com a Casa dos Meninos sobre a premência da questão social no Brasil e a trabalhar com o povo em geral, inclusive para ter a chance de não ver suas principais pautas de acesso e neutralidade de rede, e de privacidade, anonimato, e mudanças nas leis de direitos autorais, massacradas pelo lobbies das grandes empresas de telecomunicação.

À Casa dos Meninos tornar-se-ia possível aprender formas de comunicação e massificação de seu trabalho com os movimentos sociais tradicionais, e o aprimoramento do uso de software livre e trabalho colaborativo mais amplo com os coletivos digitais.

À academia tornar-se-á possível observar um conjunto de novos atores coletivos e de novos repertórios de ação coletiva, bem como de perceber que a América Latina e o Brasil estão tão prenhes de diversidade social que estão maduros para ser berço de novas e amplas teorias e métodos.

Desse diálogo há a possibilidade não só dos coletivos digitais e hackers trabalharem para os movimentos sociais tradicionais, mas também de trazer a força e o peso do movimento social tradicional para pautas que ainda ficam muito restritas aos coletivos digitais e de comunicação, mas que são de interesse geral, como liberdade na rede, privacidade, o PNBL. (E o que significa em termos de chances de sucesso da pauta, efetivamente trazer a CUT, o MST, a APEOSP, o MAB para a luta por um Marco Civil de internet progressista ou contra a Lei Azeredo, também chamada de AI-5 digital?)

Já há diversas propostas de materialização maior deste diálogo, seminários envolvendo os atores para sensibilização mútua sobre as pautas, hackatons[87] para desenvolvimento de ferramentas em software livre a partir dos problemas concretos dos movimentos sociais tradicionais no território, criação de sites e espaços de micro-contribuições para movimentos sociais (crowdfunding), formação em software livre para o conjunto dos integrantes dos movimentos sociais. Entretanto essas propostas ainda carecem de atores políticos preocupados com a junção entre o popular e o digital de formas mais amplas, mais coorde-

87. Hackatons são eventos nos quais se reúnem desenvolvedores de software, hackers, para juntos se concentrar sobre um problema específico e desenvolver soluções computacionais, de software, para o problema elencado. Já houveram no Brasil dezenas de hackatons nos últimos anos, abrangendo temas que vão de transparência pública, uso de dados abertos e transportes públicos entre outras questões.

nadas, e cientes do potencial que essa junção possui para os rumos dos próprios movimentos sociais.

Novos repertórios de ação coletiva

Caso a junção e o diálogo acima mencionado se efetivem, existe uma possibilidade aberta de futuro no qual mesmo os movimentos sociais tradicionais menores e com menos recursos podem vir a se tornar muito mais capazes de usar as TICs, e que, ao invés de somente usar blogs, e-mails e ferramentas de rede social proprietárias como o *Facebook,* seu repertório de ação coletiva possa incluir, entre outras práticas: a capacidade de fazer scrapping (raspagem) de banco de dados públicos e privados sobre a pauta na qual atuam; de subir em poucos minutos uma rádio livre através do uso de placas digitais e antenas mais baratas; de criar ou modificar programas de computador de acordo com suas necessidades; de mapear e georreferenciar sua presença no território ou pontos de seu interesse sem depender de auxilio externo para tanto; e de possuir uma mídia própria incluindo aí televisão on-line e rádio digital.

Numa perspectiva de médio prazo, ainda contando com recursos escassos, existe a possibilidade de que estes movimentos, em particular os que se organizam sobre um território específico, possam criar redes de intranet não proprietárias sob seu próprio controle, de tipo *mesh*, para comunicação e troca de arquivos, e que essas redes possam contar também com mecanismos de tipo *voip* (voz sobre IP – Internet Protocol) instalados nos celulares da população no território. Tanto aumentando a privacidade da comunicação, como reduzindo os custos desta, e mantendo no território uma quantidade considerável de recursos financeiros que antes iam para grandes empresas de telecomunicação.

Ainda no médio prazo há também a possibilidade da discussão e adoção de hardwares livres, (como, por exemplo, o Arduíno[88]), passando a criar não mais apenas programas, softwares, mas também máquinas de acordo com suas necessidades.

Dependendo do rumo das lutas sociais e dos diálogos entre diferentes culturas políticas que visam a transformação social, existe concretamente a possibilidade de um futuro não longínquo no qual movimentos sociais tradicionais se tornem também *inventores* de objetos técnicos.

88. O Arduíno é uma plataforma eletrônica de prototipagem de fonte aberta, é desenhada para se criar objetos interativos. É uma base de hardware livre. Pode-se ver mais em <www.arduino.cc>, consultado em 20/07/2013.

Transparência

Sobre a modificação de cultura política, no sentido do aumento da transparência interna nos movimentos sociais tradicionais, esta se torna uma possibilidade não

somente por conta da questão geracional (substituição por jovens que já são subjetivamente formados num ambiente digital mais propenso à transparência), mas devido ao fato que, por mecanismos próprios da forma de organização técnica da rede internet, é mais barato manter informações abertas do que fechadas, há um custo extra em resguardar a informação; e também porque se torna cada vez mais difícil politicamente defender a não abertura de grande parte dos dados.[89]

89. Isso não quer dizer que a transparência total é possível ou desejável, em vários casos, principalmente quando há confronto direto com adversários políticos, parte do resultado da luta política depende do sigilo e privacidade da informação, por exemplo, o caso das estratégias de negociação de um sindicato com o patronato, ou o da determinação de locais de ocupação de teto e de terra. No primeiro exemplo o patronato sabendo de antemão da estratégia se adiantaria a esta e o resultado final seria prejudicial aos trabalhadores, no segundo caso a polícia simplesmente impediria que as ocupações ocorressem.

Tecnologia

A alienação do modo de existência dos objetos técnicos, como proposta por Simondon e analisada nesta pesquisa, permanece neste início de século XXI profundamente presente na sociedade e nos grupos dominantes e dominados, no capital e nos movimentos de trabalhadores e sociais. Não se trata da cultura de forma mais geral não ter incorporado em suas representações os indivíduos técnicos e os conjuntos técnicos, mas sim que a indústria cultural e os meios proprietários de comunicação de massa introduziram a presença desses seres e a discussão da tecnologia de uma forma parcial, opaca e alienante. Pior, o fizeram de forma a reforçar a alienação do trabalho e todas suas novas formas como o fetiche dos serviços. O trabalho, em quase todas suas modalidades, continua estranhado pelos próprios produtores; e de forma potencializante e potencializada está a alienação da tecnologia. Numa sociedade de uso intensivo do trabalho humano e do trabalho maquínico e centrada ainda na exploração econômica; mas combinada a formas de exploração também do lazer, da informação, do futuro, de todas as esferas do fazer humano; ambas as alienações, a do trabalho e a da tecnologia, se sobrepõem e se reforçam. Torna-se tarefa tanto da teoria crítica, como dos grupos em disputas de transformação, compreender, discutir e combater esta dupla alienação.

No espalhamento e fragmentação do conceito de cultura, dada a impossibilidade de se esperar dos meios de comunicação de massa qualquer iniciativa no sentido de desalienação das representações tanto do trabalho como da tecnologia, torna-se possível apreender culturas políticas mais aptas a empreender uma necessária desalienação do trabalho e da tecnologia.

Em particular a massificação das novas tecnologias de informação e comunicação, e seu uso por culturas políticas contestatórias (e contra-culturas) podem vir a ser chave para uma compreensão menos alienada da tecnologia. Os adventos do software livre e do hardware livre abrem espaços de *invenção* mais acessíveis aos movimentos sociais do que os do grande capital, os grandes laboratórios e cen-

tros de pesquisa, e revestem estes espaços de um caráter fundamentalmente desalienante em relação à tecnicidade e aos processos técnicos. Estes novos espaços podem dar vazão a uma profunda e diversa inventividade cultural presente nas diversas culturas populares, mas desta feita associando esta inventividade com compreensão dos mecanismos e funcionamento interno dos objetos técnicos.

A teoria dos movimentos sociais e das relações destes com as TICs

De acordo com a percepção de Garrett (2005) e Joyce (2010), eu re-enfatizo o caráter ainda fragmentário do campo de estudos das relações entre movimentos sociais e TICs, que é marcado por uma miríade muito grande de referências teóricas e métodos analíticos, o que torna ao mesmo tempo mais difícil se posicionar teoricamente no campo, como mais abertas as possibilidades de afirmação.

Concordo também com Rodriguéz (2002) quando este diz que, por conta da disponibilidade das TICs, é possível fazer referência a "novos repertórios de ação coletiva". Creio que os dados empíricos do trabalho de campo, bem como os exemplos da bibliografia, são mais que suficientes para sustentar a existência de novas possibilidades de luta para os movimentos sociais.

No que tange à forma como esse campo de estudos se relaciona com os objetos técnicos em si, com as tecnologias e com as TICs das quais os movimentos sociais se utilizam, pode-se dizer de forma geral e com poucas exceções que, tal e qual os trabalhadores e os patrões numa fábrica, continuam abaixo ou acima dos objetos técnicos, sobre ou debaixo das máquinas. Acabam por, ou tratar o uso cotidiano de ferramentas, ou discutir a adoção das TICs como um todo pelos movimentos sociais, sem se aprofundar nas máquinas em si, no seu funcionamento, devir e possibilidades. É um conjunto teórico que, mesmo marcado pela preocupação com a tecnologia e suas possibilidades, ainda pouco se debruça sobre o modo de existência dos objetos técnicos.

Possibilidades abertas pelas TICs para a produção teórica

De forma semelhante ao que está acontecendo com os movimentos sociais, as TICs podem reduzir também o custo de organização e de comunicação das teorias acadêmicas, bem como reduzir custos e ampliar a divulgação científica. Torna-se mais simples encontrar em espaços digitais teorias produzidas em outros locais, com as quais não se teria necessariamente contato através de bibliotecas físicas e eventos. Pode-se também realizar buscas através de marcadores (palavras

chave, conceitos, autores, locais). Passa a ser mais simples a criação de espaços digitais que aglutinem conhecimento de um tipo particular.

Por exemplo, não existe um banco de dados específico e amplo de movimentos sociais no Brasil, muito menos georreferenciado (o que possibilitaria cruzamento deste com uma série de outros mapas e bancos de dados), uma iniciativa deste tipo seria interessante para os pesquisadores da área, mas também seria interessante para os próprios movimentos sociais.

A partir desse banco, não só a existência dos movimentos sociais no território ficaria mais visível, mas também as pautas, conquistas, necessidades e formas possíveis de interação com estes movimentos, através de recursos tanto financeiros, como de conhecimento.

Uma teoria social crítica coletiva, interdisciplinar e não colonizada

Caso se queira produzir uma teoria social de maior escopo e capacidade explicativa, dadas as complexidades infinitamente grandes das sociedades contemporâneas, e os exemplos tanto de outras ciências como a física, como dos processos coletivos de trabalho das comunidades de software; é necessário pensar em formas mais amplas e interdisciplinares de produção de teoria social.

É necessário também adaptar as principais categorias analíticas como, por exemplo, Estado, movimentos sociais, partidos, cultura, e até mesmo tecnologia, para as formas que estas assumem na realidade brasileira; bem como re-enfatizar discursivamente a relação de desigualdade na consideração e reconhecimento das teorias produzidas fora do eixo Estados Unidos – Europa e as produzidas dentro.

Casa dos Meninos

A Casa dos Meninos é composta por um conjunto muito interessante de práticas, discursos e pessoas, e é um prazer e uma honra ter sido o primeiro a realizar uma pesquisa que se preocupou de modo central com esse ator coletivo. Nos últimos catorze anos, desde a chegada de Cleodon Silva à Casa do Meninos, em 1999, um conjunto muito grande discussões e projetos entrou e saiu daquele portão para o mundo. Pude descrever, apenas parcialmente, uma parte destes, e comparar tanto essas práticas e discursos com outras teorias, como também outras teorias com essas práticas e discursos. Creio que a pergunta central a partir da qual é possível sintetizar os esforços e práticas da Casa dos Meninos, é a que foi feita por Luana Bhering, em 27 de julho de 2013, durante a última entrevista coletiva com os integrantes da Casa: "Qual é a condição da felicidade?".

Mais que a pergunta, a resposta que ela mesma deu é uma síntese: "Nossa perspectiva é coletiva. Se a gente está feliz, está contente, está realizada. Ninguém aqui morreu de fome, a gente está com casa, com roupa, com comida. A gente como núcleo tenta realizar na prática para todos isso. É difícil, porque o individualismo está sempre aí tentando…" Do ponto de vista teórico há uma miríade de formas de se tentar analisar uma frase destas; pode-se dizer que a prática deles não se reveste só de finalidade, mas também de uma forma de, apesar das adversidades (e as há), experimentar de forma coletiva uma felicidade no cotidiano; que o projeto político deles visa uma felicidade coletiva, com satisfação psíquica e material para todos; que o combate ao individualismo, marca do capitalismo contemporâneo, é fundamental na socialização das riquezas; ou outras formulações similares mas menos mambembes. Não gosto de nenhuma dessas análises possíveis, prefiro no caso recorrer ao poeta, e dizer que o projeto da Casa dos Meninos, sintetizado por aquela frase, se trata de não "adiar para o outro século a felicidade coletiva".[90]

Para além disso, há na Casa dos Meninos uma série de características que são dificilmente mensuráveis e descritíveis pela teoria pura e densa, que falam direto com a intuição; é um jeito de falar com as pessoas, há uma *generosidade* que é marca distintiva e está desde o compartilhar o conhecimento, dados e análises, até no ato de comer. Está no ser sem cerimônias.

90. Trecho do Poema "Elegia 1938" de Carlos Drummond de Andrade. A estrofe inteira é: "
Coração orgulhoso, tens
pressa de confessar tua
derrota
e adiar para outro século
a felicidade coletiva
aceitas a chuva, a guerra,
o desemprego e a injusta
distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a Ilha de
Manhattan"

Papel no cenário político

Devido às condições analisadas no começo destas considerações finais sobre o momento chave de adoção de TICs pela população, e das possibilidades por isso abertas para os movimentos sociais, a Casa dos Meninos, embora seja um coletivo pequeno e localizado, se encontra num momento no qual a estrutura de oportunidades políticas é favorável para a ampliação e socialização de suas discussões. Para tanto seria preciso que a Casa dos Meninos elaborasse e enunciasse sínteses mais claras e coesas de seu trabalho e de sua teoria. As vezes é necessário enunciar em voz alta as próprias práticas. Da mesma forma seria interessante, se há a vontade política de socializar seus conhecimentos, percepções e práticas, recolocar na internet um site que contenha essas discussões e projetos. Atualmente o site da Casa dos Meninos redireciona o usuário para o site que criaram para o projeto com a comunidade da escola Procópio Ferreira, é um site interessante, mas não dá conta do histórico e da diversidade de projetos da Casa dos Meninos, e muito menos de suas visões políticas mais amplas. Hoje existe como principal espaço digital identificado como Casa dos Meninos uma página interna ao Face-

book, que é sim onde estão para dos jovens com os quais trabalham e dialogam, mas que como ferramenta digital é insuficiente para abrigar a amplitude de seus trabalhos. Através da internet qualquer movimento social, em qualquer lugar da comunidade de língua portuguesa, terá dificuldades se quiser conhecer e, caso tenha o desejo, reproduzir as práticas e discussões da Casa dos Meninos.

À Casa dos Meninos, mais que somente a crítica de culturas políticas, torna-se possível no cenário atual também realizar o diálogo entre culturas políticas diferentes.

Tecnologia

Há na Casa dos Meninos o legado da teoria de Cleodon Silva, teoria esta que compreendeu antes de muitas outras no Brasil e no mundo a importância, o poder e as possibilidades das TICs nas lutas de transformação do sistema de produção e de exploração. É o legado de uma prática que em 1988 já se utilizava das ferramentas de TICs disponíveis para impulsionar luta social, que então já realizava georreferenciamento usando o sistema operacional DOS e assinalando com canetas os pontos em mapas de papel.

É uma teoria que percebe a tecnologia como essencial na criação das condições objetivas de apropriação do território, bem como essencial na criação de condições de transparência política e financeira, centrais para projetos coletivos e para a existência de confiança política. Que percebe também um papel da tecnologia na diminuição da assimetria informacional, e consequentemente de capacidades discursivas e decisórias, entre representantes e representados, entre direção e base.

Devido em parte ao público de jovens e movimentos com os quais trabalham, e em outra pela própria forma de se relacionar com parte dos objetos técnicos, se constitui como uma prática duplamente desalienante, desalienante em relação à tecnologia, desalienante em relação ao trabalho.

Cultura política

Os integrantes da Casa dos Meninos conseguem conciliar um discurso de necessidade de transformação profunda com a resolução de problemas locais, há sempre discursivamente um desejo de "ir além", de saber que o distrito e a área de vivência são apenas pequenas partes do processo e daí a preocupação em definir o "método" para poder compartilhá-lo. Possuem uma crítica consolidada do modelo assistencialista de organização e ação local praticado pela maioria das ONGs.

Não se advogam como o centro de possíveis processos de mudança vindouros, mas sim como parte deles. Possuem uma cultura política própria que inclui não só uma transparência financeira, mas também uma transparência informacional e mecanismos contra o cupulismo e contra insulamentos burocráticos como a Central de Informação Compartilhada-CIC e a Reunião Digital. Não ignoram a existência e importância de sindicatos, partidos, ONGs, movimentos sociais de tipo tradicional, e de coletivos de cultura digital, mas propõem outras formas organizativas com um empoderamento efetivo dos jovens que constituem o foco de sua atuação.

Território

Numa época em que a criação de mapas esta se tornando cada vez mais fácil e difundida, os integrantes da Casa talvez seja os atores políticos que possuam a melhor resposta do por quê desse mapear, desse georreferenciar. Pois, a partir da teoria de Milton Santos frisam o *espaço de vivência*, porque percebem que este é o tamanho dentro do qual a inteligibilidade dos elementos do espaço é maior para o morador, assim como a capacidade de gerar ação política através dessa inteligibilidade. Em fato o fizeram em diversas oportunidades, como no caso do movimento Creche para Todos, na Área de Influência da Escola Procópio Ferreira e no portal de dados georreferenciados para o movimento dos Direitos da Criança e do Adolescente, o www.conferenciapermanente.com.

Podem trazer para o repertório de ação coletiva de outros movimentos sociais um uso claro e político das ferramentas de georreferenciamento na luta cotidiana, e acrescentar uma visão diferente do território, da informação e, mais importante, da relação da informação com o território, o que desperta potenciais políticos ainda não claros e delimitados.

A teoria política da Casa dos Meninos

A teoria de Cleodon Silva, da Casa dos Meninos e do Instituto Lidas é uma variante do marxismo que busca organizar a população a partir de uma crítica da atuação e da prática real da esquerda nos sindicatos e partidos políticos no Brasil nas décadas de 1970, 80 e 90, e que de uma forma construtivista tenta reconstruir o sujeito histórico através do concreto (categoria chave no discurso de Silva, da experiência vivida de desigualdade e exploração).

A proposta socialista independente que gestam parece afirmar que, onde o trabalho, em suas diversas formas contemporâneas, divide as experiências de classe,

o território pode unir. Que a vivência da desigualdade da apropriação da riqueza é hoje sensível melhor a partir do território de periferia, do que a partir da experiência pulverizada do trabalho. O foco está no criar uma referência jovem, para criar um novo sujeito com outra cultura política, percebendo que a disputa dos processos de individuação com o capital continua a pleno vapor. Ao invés de se formar a sensibilidade e o desejo revolucionário no chão de fábrica – cada vez mais chão de serviços e diversos – formar estes antes a partir de uma vivência comum no território. Em termos marxianos o trabalho da Casa dos Meninos poderia ser visto como: a partir de uma leitura que lá habitam trabalhadores e filhos de trabalhadores (e essa frase é muito presente no discurso) a luta seria para despertar a classe através da percepção de sua situação no território. O espaço de vivência complementaria ou suplantaria o local de trabalho como espaço central para percepção das desigualdades sistêmicas e para organização política; do território *em si,* para o território *para si*.

Outra característica importante desta teoria é que em seus postulados ela é essencialmente *aberta,* que tem como premissa e método de funcionamento estar sempre incorporando conhecimento científico e desenvolvimentos de ferramentas tecnológicas na luta cotidiana (desalienação da tecnologia), uma teoria na qual a formação política (e aí se inclui a formação tecnológica) é contínua e sempre inacabada.

Independentemente da concordância com a teoria de fundo, esta provoca discussões e traz instrumentos tanto para se repensar a cultura política de esquerda, como para organizar lutas no território.

Cleodon Silva

São interessantes as formas como os pensamentos de uns se mantém vivos nos corpos de outros, "existe um parentesco enorme entre vida e pensamento"…, pois se foram as reflexões e o engajamento de Cleodon Silva que despertaram o interesse acadêmico que originou e guiou este estudo, isso significa que de alguma forma parte dele está presente nas reflexões aqui apresentadas. Neste sentido então, não há nada mais justo do que atender um pedido dos próprios integrantes da Casa dos Meninos, e com o qual eu concordo, e encerrar este texto com a antiga mas não velha saudação comunista: Companheiro Cleodon Silva, Presente!

BIBLIOGRAFIA



Abers, Rebecca; Bulow, Marisa Von. "Movimentos sociais na teoria e na prática: Como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade?". No prelo.

Abers, Rebecca; Serafim, Lizandra; Tatagiba, Luciana. *Novas Relações Estado-sociedade no governo federal brasileiro. Repertórios de Participação em um Estado heterogêneo*. Trabalho apresentado no 35ª Encontro Anual da ANPOCS.

Alexander, Jeffrey C. "O novo movimento teórico" In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, N. 4 vol 2, São Paulo. ANPOCS. 1987.

Ander-Egg, Ezequiel. *Las Formas de alienación em la sociedad burguesa*. Buenos Aires: Editorial Humanitas. 1983

Antunes, Ricardo; Braga, Ruy (Org.) *Infoproletários.* São Paulo: Boitempo, 2009.

Castells, Manuel. *A sociedade em rede. V*. 1: A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Castoriadis, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade; tradução de Guy Reynaud; revisão técnica de Luiz Roberto Salinas Fortes. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Comitê Gestor da Internet no Brasil. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil 2009*. Consultado em <http://www.cetic.br/tic/2009/index.htm> em 21 de Maio de 2010.

Conselho Nacional de Saúde –"Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos - Resolução 196/96". Consultado em 04 de fevereiro de 2012 em <http://www.bioetica.ufrgs.br/res19696.htm>

Costa, Sérgio. "Teoria por Adição" In: Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: sociologia. Coord. Geral. Martins, Carlos Benedito. São Paulo. ANPOCS. 2010.

Dagnino, Renato; Novaes, Henrique "O fetiche da tecnologia" *in ORG & DEMO* [online]. 2004, vol. 5, n.2, pp. 189-210. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/411> Acesso em: 13 de julho de 2012. ISSN: 2238-5703.

Deleuze, Giles. *Conversações*: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

Diani, Mario. "Social movement networks virtual and real". Paper para a conferência: *"A new Politics?"* CCCS, University of Birmingham, 16-17 de Setembro de 1999. Consultado em www.nd.edu/~dmyers/cbsm/vol2/bgham99.pdf em maio de 2010.

_____. "Social movement networks virtual and real". Paper para a conferência: "A new Politics?" CCCS, University of Birmingham, 16-17 de Setembro de 1999. Consultado em www.nd.edu/~dmyers/cbsm/vol2/bgham99.pdf em maio de 2010.

_____."The concept of social movement". *The Sociological Review,* Keele, n. 40, 1992, p.1-25.

Dyke, N.V. "Protest Cycles and party politics: The effects of elite allies and antagonists on

students protest in the United States, 1930 – 1990" In: Goldstone, J. (org). *States, Parties and Social Movements.* Cambridge university Press, 2003

Ferreira, Pedro Peixoto; Santos, Laymert Garcia dos Santo "A regra do jogo: desejo, servidão e controle" *in* Villares, Fábio (Org.) *Novas mídias digitais (audiovisual, games e música): Impactos políticos, econômicos e sociais.* Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

Ferreira, Pedro Peixoto; Silva, Rafael Alves da. "Considerações acerca do trabalho imaterial e da produção de valor no capitalismo contemporâneo" texto para o *XXVII Congreso ALAS* (Asociación Latinoamericana de Sociología) – GT 18: "Reestructuración productiva, trabajo y dominación social". Buenos Aires (Argentina), 31 de agosto a 4 de setembro de 2009.

Foucault, Michel *Microfísica do poder.* São Paulo: Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir:* nascimento da prisão. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

Fraser, Nancy. "Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça na era pós-socialista" In: Democracia Hoje. Novos desafios para a teoria democrática contemporânea. Brasília. UNB. 2001.

_____. "Redistribuição ou reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea." In: Intersecções. Revista de Estudos Interdisciplinares. Ano 4 n. 1. Rio de Janeiro. UERJ. 2002.

Galloway, Alexander R. *Protocol:* how control exists after decentralization. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2004.

Garrett, R. Kelly. "Protest in an Information Society: a review of literature on social movements and new ICTs". *Rev. Information, Communication & Society*, London, v. 9, issue 2, apr. 2006, p. 202-224.

Gohn, Maria da Glória. "Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina" in: Cadernos CRH. V.21 n.54 p. 439-455. Set/Dez. 2008

Gohn, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais:* paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola**,** 1997.

Goldstone, Jack A. "Introduction: Bridging institutionalized and noninstitutionalized politics." In: *States, parties and social movements*. Press Syndicate of the University of Cambridge. Cambridge. 2003.

Gutierres, Kellen Alves. *Avanços e retrocessos:* o terceiro setor e os impasses para a construção democrática no Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Hacktivismo. *A Declaração do Hacktivismo.* Publicado em julho de 2001 no site: <http://www.hacktivismo.com/public/declarations/pt.php> e consultado em 24 de maio de 2010.

Heller, Agnes. "A sociologia como desfetichização da modernidade". Revista Novos Estudos Cebrap, n. 30, São Paulo. CEBRAP. 1991.

Joyce, Mary. *Digital Activism Decoded*: the new mechanics of change. Nova Iorque: Idebate Press, 2010.

Kavada, Anastasia. "Activism transforms digital: The social movement perspective". In: Joyce, Mary (org). *Digital Activism Decoded:* the new mechanics of change. Nova Iorque: Idebate Press, 2010.

Kowarick, Lúcio e Marques, Eduardo. "Introdução" in: São Paulo: Novos percursos e atores" São Paulo. Editora 34. 2011.

Lavalle, Adrian Gurza; Castello, Graziela e Bichir, Renata. "Movimentos sociais e articuladoras no associativismo do século XXI" in: São Paulo: Novos percursos e atores. Orgs. Kowarick, Lúcio e Marques, Eduardo. São Paulo. Editora 34. 2011.

Leite, Maria Angela Pereira (Org.) *Milton Santos – Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

Levy, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Lucchesi, Cláudio; Simon, Imre; Simon, Istvan; Simon, Janos e Kowaltowski, Tomasz. "Aspectos Teóricos da Computação". Projeto Euclides CNPq. Brasília. 1979.

Marx, Karl. O capital. Coleção Os economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

McAdam, Doug; Tarrow, Sidney; Tilly, Charles. *Dynamics of Contention.* Cambridge University Press, Cambridge, 2001.

Melucci, Alberto. *A Invenção do Presente. Movimentos sociais nas sociedades complexas.* Editora Vozes. Petrópolis. 2001 (originalmente publicado nesta versão em 1991)

Melucci, Alberto. Challenging Codes: Collective action in the information age. Press Syndicate of the University of Cambridge. 1996.

Mische, Ann. "Leadership in the intersections" in: *Partisan Publics: Communication and contention across Brazilian youth activist networks*. Princeton University Press, Princeton. 2008.

Murdoch, Steven. "Destructive activism: The double-edged softwareord of digital tactics". In: Joyce, Mary (org). *Digital Activism Decoded:* the new mechanics of change. Nova Iorque: Idebate Press, 2010.

Nielsen, Rasmus Kleis. "Digital Politics as Usual". In: Joyce, Mary (org). *Digital Activism Decoded:* the new mechanics of change. Nova Iorque: Idebate Press, 2010.

Novaes, Henrique e Dagnino, Renato. "O fetiche da tecnologia" *in:* Revista ORG & DEMO. v.5, n 2, p.189-210. Marília. 2004

ORTELLADO, Pablo "Pensamento Burocrático". 2005. Disponível em: <http://www.gpopai.org/ortellado/2012/01/pensamento-burocratico-2005/> Acesso em: 13 e julho de 2012.

PARRA, Henrique "A política entre o analógico e o digital"

PEREIRA, Diamantino Alves; SILVA, Cleodon; SOUZA, Gustavo de Oliveira Coelho de "O território e o lugar na vida cotidiana metropolitana" *in Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.* Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, n.245 (25). Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24525.htm> Acesso em: 13 de julho de 2012. ISSN:1138-9788.

PEREIRA, Marcus Abílio G. Cyberactivismo e democracia: Movimentos sociais e novos repertórios de acção. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra. Coimbra. 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. "Por onde andou a teoria Crítica no Brasil? (O GT de Teoria Social na ANPOCS – 1998 – 2007) in Revista Brasileira de informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB, n. 41. São Paulo: ANPOCS, 1996.

RANIERI, Jesus. A câmara escura. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo:

RODRÍGUEZ, Igor S. *Nuevas tecnologías y política: Accíon colectiva y movimientos sociales em la sociedade de la información.* 2002. <http://www.uned.es/ntedu/espanol/master/segundo/modulos/poder-y-control/medios_disponemos_sadaba.pdf.> Consultado em 23 de abril de 2010.

SADER, Éder. *Quando novos personagens entraram em cena* – experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-80. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Por que é tão difícil construir uma teoria crítica?" In: Revista Crítica de Ciências Sociais. N. 54. p. 197-215. 1999.

_____. "Nuestra América: Reinventar um paradigma subalterno de redistribuição e reconhecimento" in *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Laymert G. "Desregulagens; educação, planejamento e tecnologia como ferramenta social". editora Brasiliense. 1981.

_____. "Tecnologia, Natureza e a 'Redescoberta' do Brasil" *in*: Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente. ARAÙJO, Hermete R. (Org.) Ed. Estação Liberdade. São Paulo. 1998.

_____. *Politizar as Novas Tecnologias*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SANTOS, Milton Introdução *in O espaço do cidadão.* São Paulo: EdUSP, 2007.

SAVAZONI, Rodrigo e COHN, Sérgio (orgs.). *CulturaDigital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SAVAZONI, Rodrigo. "A diáspora hacker: as redes livres de produção imaterial e ação política".

in: Tensões em Rede: os limites e possibilidades da cidadania na internet. Orgs Silveira, Sérgio A., e Josgrilberg, Fábio B. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2012.

Sema-Ifusp. "Organização de Computadores: introdução à álgebra de Boole, sistemas de numeração, aritmética binária, códigos.". Instituto de Física da USP. São Paulo. 1971.

Silveira, Sergio Amadeu da "Novas dimensões da política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada" *in Revista de Sociologia e Política* [online]. 2009, vol.17, n.34, pp. 103-113. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782009000300008> Acesso em: 13 de julho de 2012. ISSN: 0104-4478.

Simondon, Gilbert. El Modo de existência de los objectos técnicos. Buenas Aires: Prometeu Libros, 2007

_____. La individuación a la luz de las nociones de forma e información, Buenos Aires, Ediciones la Cebra y Editorial Cactus. 2009

_____. "Les limites du progrès humain". In: Cahiers Philosophiques. Num. 42. Paris: Centre Nacional de Documentation Pédagogique. 1990.

_____. Gilbert *Communication et information.* Chatou: La Transparence, 2010.

_____. Sobre a tecno-estética: Carta a Jacques Derrida. In: Tecnociência e Cultura. Hermetes Reis de Araújo (Org.). São Paulo. Estação Liberdade. 1998.

_____. Introduction. Tradução por Ferreira, Pedro P.; Caminati, Francisco A., 2005 *in L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information.* Paris: Édition Jérôme Millon, 1958

Sobottka Emil A.. *Organizações civis:* Buscando uma definição para além de ONGs e "terceiro setor". *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, Ano 2, n. 1, jun. 2002, p. 81-95.

_____. Emil A. "Apresentação: Organizações e movimentos sociais". *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, Ano 2, n. 1, jun. 2002, p. 5-11.

Tarrow, Sidney. *El poder em movimiento: Los movimientos sociales, La acción colectiva y La política*. Primeira versão em Cambridge University Press, 1994. Versão em espanhol. Alianza Editorial. Madrid 1997.

Tatagiba, Luciana. "Relação entre movimentos sociais e instituições políticas na cidade de São Paulo: o caso do movimento de moradia" in: São Paulo: Novos percursos e atores. Orgs. Kowarick, Lúcio e Marques, Eduardo. São Paulo. Editora 34. 2011.

Wilson, Bruce M.; Cordero, Juan Carlos Rodríguez. "Legal opportunity structures and social movements. The effects of institutional change on Costa Rican politics." In: *Comparative Political Studies*. Vol. 39 n. 3. Abril 2006. p. 325-351.

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo 1 – Entrevista com Cleodon Silva transcrição

Anexo 2 – Entrevista com Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 23 de Junho de 2012 – transcrição

Anexo 3 – Cordel sobre criação de Reco-Reco – Poesia e planta técnica

Anexo 4 – Capas de outros cordéis de Cleodon Silva

Anexo 5 – Roteiro de perguntas finais para Casa dos Meninos v 11-06-2013

Anexo 6 – Roteiro de perguntas para Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 19-04-2012

Anexo 7 – Formulário do Movimento Creche para Todos

Anexo 8 – Metodologia do Sistema de Diagnóstico da Situação da Criança e do Adolescente na Cidade de São Paulo - 2007



Anexo 1 - entrevista com Cleodon Silva transcrição



Entrevistado: Cleodon Silva
Nascimento: 8 de outubro de 1949
Local de nascimento: Garanhuns /PE
Dia da entrevista: 04.11.09 – 10h e 05.11.09 - 9h
Local da entrevista: residência do entrevistado, no bairro da Saúde, São Paulo
Entrevistadora: Agnes Mariano

Transcriação - fase 3

> *Até hoje eu estou com essa questão de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta.*

O meu nome é Cleodon Silva. Nasci no ano de 1949, na cidade de Garanhuns, Pernambuco. Eu sou filho de um casal que se encontrou no começo do funcionamento do primeiro hospital público da cidade, hospital Dom Moura. O meu pai foi um dos primeiros enfermeiros desse hospital. Foi transferido do Recife para Garanhuns e lá conheceu minha mãe, como servente do hospital. Ambos têm origem direta do campo. O meu pai é alagoano, encontrou a enfermagem em criança. Ele recebeu uma mordida de um cavalo e ficou muito tempo internado na Santa Casa e depois virou enfermeiro prático na Segunda Guerra. Recebeu o título de enfermeiro e já foi para Garanhuns como enfermeiro. E minha mãe teve origem também do campo, do Agreste de Pernambuco. Veio para a cidade e conseguiu emprego no hospital, como servente. Lá se conheceram, constituíram família. Sou o primeiro filho desse casal. Tenho mais três irmãos da mesma mãe, todos homens. E também mais dois de duas outras mulheres: meu pai teve uma relação e teve dois filhos fora do casamento. Eles moram no Recife. Nós, hoje, constituímos uma mesma família: a gente conversa, troca informações e, por acaso, todos estão na mesma área: informática. Achei interessante isso.

Na minha infância, o mais marcante - a minha referência, claro, era o meu pai – é que tinha sempre que ter uma autonomia grande nas coisas que eu tinha como um valor. Eu não entendia direito, só depois é que fui entender. Ele trabalhava no hospital, mas fazia um esforço enorme, sempre comprava alguns terrenos, loteamentos novos. Aparecia um sítio, quando começava a virar um loteamento, ele fazia um esforço para comprar um lote, dois lotes, pagava durante anos. Tinha uma visão de futuro, que esses lotes iriam estar dentro da zona urbana e isso iria valorizar. Ele sempre fez isso na vida e, com isso, conseguiu construir a casa. A gente teve um período em que eu sempre via o meu pai buscando a segurança da família, garantindo as coisas em casa. Uma referência muito forte dele.

Ele era uma pessoa muito querida na cidade. Isso, depois, virou um problema para mim. Eu ficava meio enciumado, porque não era conhecido pelo meu nome, Cleodon, eu era "filho de Seu Alfredo". Até me libertar do "filho de Seu Alfredo" foi uma jornada difícil, porque ele era muito conhecido e tinha uma relação muito forte, principalmente, com os pobres. Como enfermeiro do hospital, ajudava um e outro, fazia curativos. Não existia ainda a Previdência Social, então ele tinha que fazer e fazia e não cobrava.

Dia de sábado era interessante. Era o dia da feira na cidade. Vinham várias carroças, carros de boi para

montar a feira na cidade. Nós morávamos perto da rua que era passagem dos carros de boi e a minha função, dia de sábado, era ficar no portão. Porque vinha um monte de gente que ele ajudava, prestava serviços e, no sábado, sempre trazia um saco de fruta, farinha, enfim. Dia de sábado recebia um monte de doações, de presentes que traziam para ele. Alguns produtos que chegavam em quantidade, na feira seguinte a gente não comprava, porque já tinha em casa. Eu me lembro bem: criações. Difícil o sábado que a gente não recebia um peru, uma galinha. Sempre tinha, era impressionante.

Ele teve também uma outra referência muito forte. Era assim: "Olha, se chegar alguém de gravata, desconfie, mas se chegar uma pessoa vestida, que você vê que é pobre, atenda da melhor forma possível". Sempre tive problema com gravata, usei pouquíssimas vezes. Tinha um significado. Aquilo me transmitia um significado que depois eu vim associar. Ele tinha – de uma forma meio primitiva –, mas tinha um sentimento forte de um lado na sociedade. Ele estava do lado de cá. E me passou isso por valores, relações. Então, quando eu via um engravatado, já associava a coisa ruim. Quer dizer: era ladrão, era criminoso. Gravata tinha um sentido. Até hoje eu não gosto muito, eu não uso. Aliás, eu não tenho nenhuma gravata.

Até os 11 anos, foi uma infância tranquila, muito contato com a natureza. Outra coisa impressionante, de cultura, é o tratamento que meu pai dava ao lixo. Até hoje nada é jogado no lixo. O lixo orgânico não sai de casa, sempre fica. Ele tem vários buracos. Vai cavando buraco, vai enterrando. Quando enche, abre outro, depois volta para aquele primeiro, mas o lixo orgânico não sai de casa. Até hoje. Ele está com 94, 95 anos. E ainda hoje tem uma hortazinha. Claro, bem pequena agora, porque ele não tem muitas forças, mas sempre enterra o lixo orgânico. E sempre me falou que lixo tem muito valor. Eu ficava meio assustado com isso, porque tem, às vezes, um mau cheiro, às vezes juntava mosca, mas ele, sempre que colocava uma camada, jogava uma camada de terra em cima. Depois eu entendi o valor profundo do relacionamento dele com o lixo.

A gente sempre tinha contato com a natureza, todos os animais, sempre foi um contato muito forte. Tratei de animal, andei de cavalo, jumento, carregava água com jumento, carregava capim. Tive um contato forte com o campo. Vivia na área urbana, mas a gente sempre tinha aqueles pedaços de terra próximos da cidade. Às vezes andava 1h, 1h30. Plantava macaxeira, mandioca, feijão, milho. Todo ano a gente tinha uma safra de milho nesses terrenos. Mesmo ele trabalhando no hospital, vivendo na área urbana, mas a gente tinha essa relação com o campo muito forte.

Sempre admirei a sabedoria: ele falava do matuto, do pessoal do campo, sempre destacou a sabedoria do matuto. Dizia que, quando você está falando com um matuto, se você fala ou pergunta alguma coisa, ele fala: "Sinhô?". Faz uma pergunta - "Sinhô?" -, dando espaço para você repetir a pergunta. Mas ele já não estava mais ouvindo, estava pensando na resposta. Ele ganha um tempo. Não tem nada de burro, pelo contrário. Ele sempre destacou algumas atitudes de sabedoria do homem do campo.

Quinze de Novembro

Saí a primeira vez de casa aos 11 anos. Aos 11 anos, aliás, em 1959, o sonho da minha mãe e do meu pai era me colocar na melhor escola da cidade. Tinha duas escolas de peso: o Seminário Diocesano, dirigido pela igreja Católica, por um padre conservador; e a outra escola também de porte e significativa era de uma missão norte-americana, o Colégio Quinze de Novembro. O Quinze de Novembro era mais perto da nossa casa. Eu ia tranquilamente à pé. Então a gente fez um esforço. Era particular, mas eles, todo ano, abriam a possibilidade de você se inscrever num concurso para adquirir uma bolsa. Fiz esse concurso e adquiri uma bolsa no Colégio Quinze de Novembro.

Mas eu nunca gostei. Passava em frente e achava um negócio elitista. Tinha alguns jovens pobres, mas eram aqueles jovens pobres que ficavam muito bem marcados lá: aquela bolha de gordura no copo d'água. Primeiro, a religião… Na época, eu era católico e fui estudar num colégio presbiteriano. Logo eu vi a relação da escola

com a elite da cidade, a coisa que não era a minha praia. Todos os valores deles eram da elite. Em 59 mesmo eu fui num piquenique organizado pela escola. Levei um pão francês com doce de banana dentro e todo o resto do pessoal estava comendo peru, tudo quanto era comida que raramente eu via.

Eu era visto como o menino o pobre. Eu era pobre. Tinha as coisas, não passava fome, grandes necessidades, mas sempre estava com poucas roupas. Enfim, era visto como pobre. Nesse colégio, era um negócio horroroso. Tinha internato, mas eu não era internado. Amigos, tive alguns. Os amigos lá dentro do colégio era o pessoal do bairro e que também eram pobres. Mas aqueles pobres que querem ser ricos a qualquer preço. Não era o meu caso, nunca pensei em ter aqueles valores. Eu não gostava daqueles valores, daquelas referências. Não tinha como contrapôr outros, porque estava ali, mas eu simplesmente não gostava.

Isso foi criando uma raiva, um ódio, aos pouquinhos. Foi sedimentando um ódio desse povo. Cada vez mais ficava claro que eu não era desse mundo. Então começaram algumas dificuldades na escola. Tive uma das primeiras com um professor de latim. Essa é uma das pessoas de quem eu tive muita raiva. Teve um incidente com ele. Eu estava fazendo uma aula de desenho. Eu gostava do professor de desenho, do desenho, e estava terminando um desenho, quando ele me perguntou a declinação de um verbo não sei das quantas. Sequer ouvi que ele estava falando comigo. Aí veio esse fato. Esse é um fato muito curioso, que mexe com coisas que tiveram repercussões depois muito interessantes e apontaram os caminhos. O menino que estava do meu lado falou: "Ele está desenhando, professor". Já me entregou. Ele simplesmente me mandou para fora da sala. Isso me causou uma revolta tremenda. Aí, a minha cabeça se voltou só para pegar esse professor. A vontade que eu tinha era dar um cacete, dar umas pancadas nele, mas, como não podia... Tanto por diferença de idade – eu estava com 11 pra 12 anos – e outras dificuldades. Mas, aí, eu disse: "Vou pensar". Foi a primeira vez que eu pensei em atacar uma pessoa.

Comecei a estudar as possibilidades de prejudicar aquele professor. No colégio que era em frente à minha casa, ele também dava aula. A primeira escola estadual começou emprestada nesse prédio e ele dava aula ali. Fiz três tentativas de acabar com o carro dele. Primeiro, tentei furar o pneu com boca de garrafa quebrada. Coloquei lá, mas não deu certo. Também cheguei a amarrar um monte de latas de óleo vazias no arame e amarrei embaixo do carro, no eixo. Quando ele saiu: "Pá, pá , pá". A turma: "Ehhhh". Eu sempre ia e ficava do outro lado do muro, para ver a consequência do meu ato. Nesse dia consegui.

Depois comprei um prego - eu me lembro bem -, comprei um prego que era maior que o meu dedo. Coloquei numa madeira, deixei ele ultrapassando a madeira, pulei o muro da escola e fui lá. Ele colocava o carro encostado na parede, tinha que sair de ré. Depois que eu me lembrei - na época eu me recusei a aceitar -, mas eu acho que eu risquei a lateral do carro todinha antes de colocar o prego. Passei o prego de ponta a ponta na lateral e deixei o prego lá. E quando ele foi sair, furou o pneu do carro.

Aí eu fiquei tranquilo. Só que tinha um vizinho que estudava lá, que era na minha rua, e eu comentei com ele. "Ó, esse professor está fazendo isso e isso. Eu fiz isso". Mas o diretor da escola começou a prejudicar. Queria porque queria identificar quem da escola fez isso. Não foi da escola, fui eu. Até ser descoberto, ele deixava o pessoal meia hora em fila na frente da escola. Toda a escola em fila, classe por classe, de castigo meia hora para alguém dizer quem furou o pneu do carro do professor. Depois de quase uma semana assim, esse vizinho com quem eu falei foi lá e me denunciou. Isso foi numa sexta-feira, na segunda-feira eu fui para a escola. Quando foi na hora do recreio, vieram me chamar na sala para dizer que eu teria que passar na sala do diretor. Fui lá, mas jamais pensei que estava associado com a outra escola. Quando cheguei, encontro vários professores, o responsável pelo internato, todo o staff do colégio, assim, em formato de ferradura, com o professor de latim lá.

Quando eu chego, o diretor da escola, um norte-americano: "O senhor reconhece esse prego?". Aí foi também que me aconteceu um negócio que se repetiu em vários outros momentos da minha vida. Eu não sabia que eu tinha isso, foi a primeira vez que identifiquei isso. Na hora do perigo, veio uma frieza total e absoluta. Não sei o que aconteceu comigo na hora. Peguei o prego, fiquei olhando, coloquei contra a luz. Fiz um teatro friamente no meio de todo aquele staff da escola. Todo mundo me olhando, sem saber o que. Aí eu disse:

Eu acho que ele é muito parecido com o que eu coloquei no pneu do carro dele.

Ah, então o senhor reconhece?

Sim.

Mas porque o senhor fez isso?

Aí eu desanquei o professor: "Ele atira giz nos meninos na classe. Manda as meninas se fechar…" Todas as mazelas do professor, eu abri. Foi o último ano em que ele deu aula nesse colégio. E eu também. Foi o último ano em que eu estudei lá. Nesse dia eles me deram suspensão de três dias. Não expulsaram porque o ato tinha sido feito em outro colégio. Como segunda-feira era aula de Bíblia, era obrigado a levar uma Bíblia. Eu tinha um sapato de bico de ferro. Joguei a Bíblia para cima e comecei a chutar. Destruí a Bíblia todinha com página indo para tudo quanto é canto, numa ladeira até voltar para a sala de aula para pegar minhas coisas. Foi página de Bíblia para todo colégio. Uma violência que eu também não sabia que tinha. Mas nesse ato foi que se descobriu, tanto essa minha frieza, como essa minha capacidade de reagir.

Qual a consequência disso? Tempos depois, esse cara que me denunciou na sala de aula fez Escola Militar, era capitão da Polícia. Eu já estava aqui em São Paulo, em 71, e vi no Estadão. Estava lá o nome dele: Almir. Foi preso porque estava envolvido em roubo de imagens sacras das igrejas do Recife. Foi destituído e foi preso. E o outro, o meu vizinho, também foi para a Polícia Militar, chegou a cabo, era do destacamento. Mas, mesmo assim, eu consegui comprar dele uma caixa de balas 38 quando já estava participando do movimento armado contra a Ditadura. Consegui adquirir dele umas 50 balas 38.

Internato

Aí eu tomei conhecimento de uma escola agrícola numa cidade do litoral e fiz o diabo para pegar a transferência e sair do Quinze. Todo mundo ficou impressionado comigo: "Que diabos deu na cabeça desse menino de sair da melhor escola da cidade?". Para ir para lá, eu consegui até carta do bispo me apresentando ao diretor. A escola era conhecida como "escola de correção". Eram os "meninos-problema" que iam para lá. Só que eles eram empurrados para lá e eu fui de livre e espontânea vontade.

Aí foi quando eu comecei a conhecer o mundo: me afastei da família, fui ser interno nessa escola agrícola. Foi quando eu aprendi o be-a-bá da vida fora de casa. Também aprendi a fumar, beber, enfim… Fugia muito da escola. Foi quando eu vi tudo, quase, comecei a ver muitas coisas. Não entendia ainda, mas eu vi o mundo. Cheguei a ter problema de saúde. Até achavam que era sífilis, mas não era sífilis. Começaram a aparecer umas feridas na perna que não saravam nunca. Já estava assim meio como um indigente lá na escola. Bebendo também, muito. Isso com 12 anos. Meu pai – eu escrevi para ele – foi me buscar e me tirou. Foi como se toda aquela minha vontade de sair, como se eu tivesse encontrado o fracasso… Tinha lá todas as idades. Ali eu tinha liberdade para me relacionar com as pessoas, escolher os amigos. Mesmo que fosse para fazer um monte de besteiras, mas eu estava livre para escolher, fazer as coisas. Então eu digo que eu vivi os meus 18 com 12 anos, que é quando você começa a sair fora. Foi interessante. Isso foi 62.

Eu consegui voltar para Garanhuns e ainda consegui recuperar o ano letivo. Lá tinha uma série de matérias agrícolas que eram diferentes do currículo da escola normal. Eu tive que estudar. Matemática foi uma das que eu tive que ter reforço, mas, enfim, recuperei. Também recuperei a saúde, mas ficaram algumas coisas. A bebida, diminuí, mas sempre frequentava, sempre visitava a bebida. O cigarro ficou. Iniciou o vício com 12 anos. Vim parar já depois, com os 40.

Colégio estadual

Eu lembro bem, em 1963, entrei no colégio estadual, que agora já estava no prédio próprio, a Escola Professor Gerônimo Gueiros. Eu estava fazendo o que era o equivalente hoje à oitava série, que era o quarto ginasial. Eu terminei o terceiro em 62 ainda e o quarto ano, que agora é a oitava série, eu fiz já no estadual. Tinha quase 50 alunos na sala.

Aí também se deu um momento muito interessante. Nós estávamos vivendo 1963, um ano antes do golpe militar. E ali na classe começa um movimento para eleger os representantes. Foi muito interessante que, assim, meio que naturalmente, eu me engajei nas atividades. Entrei numa chapa como vice-representante e quem ganhou foi um jovem que era mais velho. Ele usava a foice o martelo na lapela da camisa. Era comunista e estava integrado em todo o movimento da época, das reformas de base. Comecei a primeira aproximação, comecei a ouvir falar o que era imperialismo, com 13 anos, aí, com esse rapaz.

No próximo ano, 1964, eu já estou fazendo o primeiro ano colegial e vem o golpe. A gente estava articulando o grêmio da escola. Aí começa uma outra fase, bastante politizada. No dia do golpe, no dia 31, o Rômulo já estava sabendo. Eu não estava nem aí para a questão do golpe. No dia 31 ele me chamou e disse: "Ó, os gorilas estão querendo derrubar o governo". Aí eu pensei em um monte de gorilas vindo lá da mata. Mas os gorilas que ele falava eram os militares. Eu não conhecia o termo. "Eles querem derrubar Miguel Arraes, o Jango e a gente precisa reagir. Vamos fazer uma manifestação na cidade". Eu digo: "Vamo lá".

No dia primeiro, a gente ia começar parando a escola. Eu fiz o meu primeiro cartaz, de cartolina, levei o martelo e quatro pregos. O meu primeiro cartaz eu preguei com quatro pregos no muro de entrada da escola: "Greve geral". Eu vejo esse cartaz até hoje, uma cartolina rosa. Fiquei o dia andando para cima e para baixo com o martelo, porque não tinha onde deixar o martelo. Aí, paramos a escola. Fechou. O diretor não sabia como se comportar. O golpe ainda estava andando, não tinha ainda definição. Ele sempre ficava em cima do muro em tudo e falou que quem quisesse aderir à greve estava livre para aderir. Um dia sem aula, para todo mundo, era… O Rômulo chegou a fazer um discurso falando da tentativa dos militares de derrubar o governo eleito e daí nós fomos para a cidade. Antes disso, ele passou na delegacia. Ele entrava na delegacia como se estivesse em casa. Entrou na delegacia e passou um rádio para Recife para saber como é que estavam as coisas. Quando saiu da delegacia, saiu meio pálido e disse já: "O negócio tá ficando feio, parece que acabaram de prender Miguel Arraes".

Fomos para o sindicato dos bancários e lá foi decidido fazer um boletim. Foi a primeira vez que eu vi um mimeógrafo e a primeira vez que distribuí um panfleto na rua: chamando para a passeata às 15h da tarde. Quando eu estava distribuindo o panfleto, passou um padrinho meu que era dono de uma oficina mecânica. Hoje é morto. Ele disse: "O que que você tá fazendo?". "Eu tô distribuindo isso aqui". Aí ele pegou no meu braço de forma violenta e me empurrou dentro do jipe: "Vamo pra casa agora". Quando a gente estava saindo da via principal, estavam acabando de descer quatro carros do Exército com metralhadoras, com tudo, e eles começaram a fazer um ninho de metralhadora com saco de areia na rua principal da cidade. Eu vi ainda a invasão do sindicato dos bancários, jogando todos os livros do sindicato na rua. Fizeram uma fogueira com a biblioteca do sindicato dos bancários de Garanhuns.

Essa foi a minha primeira visão de violência do Estado: esse ninho de metralhadora e a invasão do sindicato dos bancários. Esse padrinho me levou para casa. Minha mãe cavou um buraco e enterrou o resto do boletim. Hoje, eu pagava qualquer dinheiro para ter uma cópia desse boletim. E eu tive que ficar em casa, prisão domiciliar pela família. Como não tinha o que fazer, fiquei ouvindo as ondas curtas, o rádio. Eu tentava pegar rádio de Minas ou, depois, do Rio de Janeiro. Algumas rádios que resistiram ao golpe. Eu estava ouvindo, aí, daqui a pouco, a rádio: "Pú". Parava e começava o hino do Exército, marchas militares. As rádios estavam sendo silen-

ciadas, todas. No dia 02, já estava o golpe estabelecido. Para mim, foi como se a atmosfera se enchesse de uma névoa. Aquele negócio ruim, um ambiente ruim.

O Rômulo foge. Eu não fujo porque era muito jovem e não tinha grande integração nas coisas. Então não teve uma perseguição direta, mas, mesmo assim, o diretor fez uma repreensão diante de toda a escola e me chamou de comunista. Eu nem sabia o que era isso, só tinha ligeiras noções. A partir daí, eu fiquei, por causa desse diretor, como "o comunista". Na prática, substituí, era o vice desse que saiu. E esse que saiu também perdi de vista, nunca mais vi. Quando vejo esse rapaz, para minha surpresa, vejo na Globo como um dos "arrependidos da ditadura": eles forçavam, tipo Massafumi e outros que foram dizer que se arrependeram de ter entrado no movimento revolucionário. Esse cara hoje é da extrema direita e está aqui no Vale do Paraíba, é Rômulo Augusto Romero Fontes. Encontrei a referência dele na internet em alguns livros de estudantes, em uma tese de doutorado falando sobre os arrependidos da ditadura. Uma menina aí não sei de onde não. Hoje, refletindo, na minha classe, lá em 1963, em Garanhuns, estavam dois - o representante da sala e o vice, que era eu - que iriam participar do movimento revolucionário com dois desfechos bem diferentes um do outro.

Virada total

Todos aqueles valores que eu comecei a odiar com 11 anos, lá na escola, vi aqueles valores se avolumarem e tomarem conta de tudo. Onde eu ia, todos os valores que hoje eu considero elitistas, preconceituosos, tudo tomou conta da vida da cidade. Então eu comecei a viver num lugar totalmente adverso para tudo que eu estava começando a pensar. E tinha que conviver com isso. Aí, não teve outra: aumentei o uso da bebida. Tinha algumas fugas. Não tinha muito o que fazer.

Eu era um dos primeiros alunos até o segundo ano colegial. No primeiro ano e parte do segundo ano, era um dos primeiros alunos de física, dava aula para a minha classe. Eu aprendia rapidamente e já ensinava para os outros. Em 1965, 1966, dei uma virada total, abandonei as chamadas ciências exatas e comecei a estudar e a procurar filosofia, política, sociologia. Mudei totalmente o rumo. O que sobrou era a biblioteca da prefeitura, a biblioteca pública. Praticamente, o ano de 1965 e 1966, foram dois anos que eu vivi quase que internado nessa biblioteca. Era um grande problema lá em minha casa. Meu pais: "Que diabo esse menino tem que não sai da biblioteca?". Ia lá e lia grandes biografias, lia tudo. E tinha alguns livros lá que o Exército não conseguiu identificar, porque eles pegaram os de capa vermelha, os livros vermelhos todos. Tinha lá um livro sobre o materialismo. Esse era o livro que eu mais lia na biblioteca da cidade. O que me segurou, outra coisa também, foi a namorada. Foi um grande amor da minha vida, justamente nesse período: 1964, 1965, 1966.

Em 1967, tinha um amigo que já tinha ido fazer vestibular no Recife. Ele tinha passado em Agronomia e estava morando lá no Recife. Quando ele vinha para a cidade ou nas férias, contava as novidades e algumas delas eram do movimento estudantil. Algumas ações que estavam se iniciando no movimento estudantil na capital. Eu sei que através dele foi articulada a vinda de um estudante aqui do sul, que iria levar um material para a gente, um material revolucionário. Foi criada uma expectativa enorme, até que chegou o famoso dia. Era um cara de Minas. Por acaso, o nome dele era Nilmário Miranda, 1967. Que foi ministro dos Direitos Humanos aí do Lula, até agora a pouco. Deputado federal hoje. Então, Nilmário levou lá os primeiros materiais de crítica. Inclusive, o título do material que ele levou era muito interessante. Domingo passado, o Fernando Henrique publicou um artigo no Estadão com o título do material que o Nilmário me levou em 1967, que é: "Onde vamos?". Só que era de um grande revolucionário, austríaco, alemão, o Eric Sachs, conhecido na época como Ernesto Martins, nome de guerra. Um dos teóricos fundadores da Política Operária no Brasil. E esse material foi devorado pela gente. Encontramos alguma dificuldade, mas fomos nos ajudando. Aí, já foi o primeiro contato com o movimento. Depois da aproximação de 1964, foi, em 1967, quando eu comecei a pegar realmente uma litera-

tura de esquerda. É também o último ano, estou terminando o colegial, e, em 1968, já vou estar no Recife.

Através do contato que a gente tinha com essa pessoa, que é o Paulo - que me antecedeu na geração, que foi fazer faculdade no Recife – já fui participar de reuniões do movimento estudantil, mesmo estando em Garanhuns. Nessas reuniões, fiquei responsável por articular o Agreste e região serrana: Caruaru, Garanhuns, Arcoverde. Fui nessas cidades todas buscando contato e articulando o primeiro congresso de UBES depois de 64 no estado de Pernambuco. E nós realizamos esse congresso. Foi na Grande Recife, em 1967. Chegando lá, esquema de segurança, todo mundo com olho fechado, aquelas coisas todas. Para mim, era tudo novidade. Mas começava um enfrentamento, a reorganização do movimento estudantil. Uma das coisas que eu acho que é digna também de nota é que as questões que foram colocadas no congresso, para mim, foram muito encrencadas. Se discutia lá a aliança operária estudantil camponesa, que era gritada e falada por um monte de jovens, que, depois eu fui identificar, era uma corrente trotskista. Mas bem depois eu fui entender isso. Insistiam muito no tema da aliança operária estudantil camponesa. Depois tinha a questão contra a infiltração imperialista no ensino e abaixo o Acordo MEC-USAID. Foi um dos grandes temas desse encontro clandestino: o primeiro congresso de UBES na clandestinidade, no estado de Pernambuco.

Nesse congresso, duas coisas foram importantes na minha vida. Primeiro, eu ficava extasiado com a quantidade de gente. Eu não estava sozinho, descobri que não estava sozinho. Toda aquela angústia que eu sentia, começava a ver que tinha um monte de gente disposta a brigar por isso. Para mim, foi um... saber que tinha gente disposta a briga por aqueles valores. E, depois, as relações: tinha gente de outros estados como articuladores da UBES. Teve um dia lá de manhã que um dos congressistas conseguiu sintonizar pelas ondas curtas a Rádio Havana e nós ouvimos um discurso do Fidel Castro. Isso foi um negócio que marcou o congresso. Todo mundo parou, aquele silêncio total para ouvir. Bem difícil pelas ondas curtas, chiando, mas a gente ouviu o discurso do Fidel Castro nesse congresso. Para mim, aquilo ali era coisa de outro mundo. Depois desse congresso, saí e fiz o meu rádio em Garanhuns começar a sintonizar a Rádio Havana e a Rádio Pequim, edição para português. Então, pelas ondas curtas, eu já tinha contato com o movimento comunista internacional, sabendo notícias e as questões que estavam em debate na época.

Uma outra coisa: eu tive uma participação e, de certa forma, me destaquei, porque levantei a questão que estava desvinculada. O congresso não estava dando resposta nenhuma à situação concreta do aluno na sala de aula e às dificuldades encontradas pelo local de ensino, local de estudo. Eu intervi e me surpreendi também com um monte de gente que, quando eu levantei a questão, veio imediatamente em meu apoio. A questão das lutas específicas começou a ter lugar dentro do congresso. Mas foi aos empurrões que isso aconteceu, porque, se deixasse no ritmo lá, ia ficar só nas questões gerais e não ia descer. Essa foi também uma coisa: eu verifiquei que o pensamento na situação concreta é importante. Se tirar isso, vai ficar etéreo. Vai ficar sem lugar.

Eu encontrei aí uma pessoa que me passou dois livros. Esse também foi muito marcante na minha vida. Fiquei sabendo depois que ele não deveria ter levado esses livros para o congresso, porque era contra as normas de segurança. Porque, se houvesse prisões, não identificaria com o movimento revolucionário. Mas ele levou dois livros e perguntou se eu topava levar esses livros para ler. Ele me identificou como uma pessoa ativa. Esse cara também, esse companheiro, não esqueço nunca dele: o Samuel, Samuca. Samuel me emprestou esse livro e foi outro fenômeno. Só saí de casa quando li os dois livros. Um foi "A concepção materialista da história", de Plekhanov, o russo. E o outro foi "ABC do comunismo", do Bukharin. Quando chego em casa, me interno dentro do quarto. Minha mãe ficou: "O que que está passando?". Mais uma surpresa para ela. Eu não saía de casa, só lendo. Nunca viu tanto interesse em um livro. Mas, quando eu saí de casa, o mundo ganhou mais um comunista. A minha opção pelo comunismo se deu saindo desse seminário, com a leitura desses livros. A

partir desse dia, eu não me desvinculo mais do movimento revolucionário, do movimento comunista no mundo. Tem quase dia e hora. Foi aí.

Outro fato interessante foi que, assim como o Rômulo entrou na história como o cara que abandonou o movimento e passou para o outro lado, o Samuca foi o único companheiro – ele e mais outro que eu não sei o nome – que conseguiu fugir do presídio de Itamaracá. Enfrentou o mar nadando. O presídio de segurança máxima lá e eles conseguiram fugir. Depois eu fiquei sabendo. Foi dado como desaparecido, porque, para enfrentar aquilo ali... Mas o Samuca sobreviveu e eu sei que ele está vivo, está em Salvador. Eu gostaria muito de falar com ele.

Recife

A partir daí, a questão da minha vida todinha, praticamente… Eu ainda tentei fazer vestibular para Economia, mas já estava totalmente integrado no movimento. Foi o ano também que introduziram português. Não me preparei no português e eu sei que fui reprovado lá no português. A primeira vez em que fui reprovado em alguma coisa em estudo foi no vestibular em 1968. A partir daí, tomei outro rumo. Porque, ligado ao movimento revolucionário, veio o AI-5, em 1969, e, aí, a coisa desandou. A organização de que eu participava decidiu ir para a luta armada. Foi um processo muito, muito difícil e de muitas discussões. E depois da gente começar a colocar a questão da luta armada no cotidiano, não foi fácil. A gente vinha de uma experiência que não era da luta armada. Foi uma discussão que demorou para decidir, mas, decidido, começamos a achar que um núcleo bem decidido e armado iria conseguir motivar o povo e acelerar o processo de desgaste, de derrubada da ditadura.

A minha primeira participação, eu começo no famoso GAP – Grupo Armado de Propaganda. Participei de várias ações armadas de propaganda. Uma das famosas foi um comício que a gente fez na porta da fábrica Macaxeira – não existe mais – na Avenida Norte no Recife. Quem falou lá foi outro conhecido lutador, o Marcelo Mario Melo. Foi inclusive secretário da Cultura em um desses governos aí passados lá em Pernambuco. Marcelo foi quem fez o discurso e eu fui o responsável por fazer o pichamento e colocar uma bandeira com o retrato de Che Guevara, aquela famosa cara do Che Guevara, no fio de alta tensão em frente à fábrica. A gente fazia várias ações dessas, armadas, sempre no sentido de chamar. Todas as datas, 21 de abril, todos os momentos libertários conhecidos, a gente promovia ações armadas de propaganda.

Armada, porque a gente ia para enfrentar. A gente dava as caras e segurava a ação com arma na mão. Eram ações armadas mesmo. Numa dessas poderia haver... poderia ser a última. Se aparecesse polícia ou qualquer repressão, não tinha dúvida nenhuma como a gente abria fogo. Como já abrimos. Teve uma em que a gente abriu. Numa propaganda de voto nulo, nós trocamos tiros no meio da rua. Eu ouvi a bala passar pelo ouvido: "Vrumm". Em Recife. Isso, eu estava com 17 para 18 anos. Quando houve a decisão de ir para a luta armada, começamos exercícios, começamos a aprender todas as técnicas, a produzir bombas caseiras, auto-defesa, como destruir um tanque de guerra. Enfim, o que tinha na época possível nos foi passado. Começou a ter a preparação para o enfrentamento.

Para me sustentar, primeiro, trabalhei em um banco, no Recife. Também teve uma passagem em Garanhuns em que eu trabalhei em um banco. E foi em 1964. Já tinha acontecido o golpe. Quando eu estava no banco – Banco Nacional do Norte, em Garanhuns – não estou lembrado o dia, mas tinha um rádio ligado lá baixinho. Eu trabalhava na carteira de conta corrente e tinha uma pessoa com um radinho ligado no Repórter Esso. O Repórter Esso é famoso. Quando dava aquela musicazinha do Repórter Esso, chamava a atenção de todo mundo. Aí, quando dá a primeira notícia: "Humberto Alencar Castelo Branco acaba de falecer num acidente aéreo", eu dou um pulo da cadeira e digo: "Viva!". É claro que no outro dia eu não estava mais no banco. Essa foi a minha experiência de bancário, curta experiência de bancário. No Recife, eu volto para o banco: Banco Brasileiro de Descontos. Também só trabalho dois meses e peço a conta.

Fui trabalhar numa entidade dirigida por usineiros, pelas mulheres de usineiros: Cooperarte, cooperar na arte. Bom, eu resumo ela em: ensinar para o camponês a transformar o limão em limonada e se adaptar às condições de vida de exploração das usinas, das quais os usineiros eram os maridos delas. Então fazia, praticamente: "acostumar" ou tirar melhores recursos da miséria existente. Só que eu já estava ligado à organização e, quando eu fui, tinha que passar 15 dias no campo, na usina, em contato com os trabalhadores. Era tudo que eu queria. Fui logo para a Comissão do Campo. Comecei a trabalhar na articulação dos camponeses, dos trabalhadores rurais da cana de açúcar. Vou até o dia em que um capataz me pega. Eu cometi a insensatez de promover uma reunião na hora do trabalho. Como não tinha ninguém lá no campo, eu reúno o pessoal. Comecei a conversar, aí, no meio da conversa, apareceu o capataz. Chega de cavalo, armado, igual a faroeste: 38 do lado, carabina 44. Era assim, o capataz. Se apresenta, eu me apresento. "Você não pode parar o corte da cana". Aliás, não era o corte, o plantio da cana. "É melhor o senhor vir comigo". O pessoal voltou para o plantio e eu fui para a casa grande, para a usina. Eles passaram um rádio para Recife. Passei momentos difíceis lá. Não sabia o que ia acontecer comigo, estava na mão dos caras. Mas eles decidiram mandar um jipe comigo e me devolveram para Recife. Voltei. Essa questão foi levada lá para a direção, aí resolveram pedir para eu não ir mais. Quer dizer, eu fui demitido do trabalho. Acho que foi isso.

Nesse meio tempo eu tinha feito um concurso para a FIAM - Fundação Instituto de Administração Municipal. Foi uma ação da ditadura para aplicar da melhor forma possível a lei 4320, famosa lei que organiza a administração pública municipal. Eles preparavam técnicos para atuar junto com as prefeituras. O olho deles era principalmente no Fundo Municipal, o Fundo de Participação dos Municípios, o dinheiro federal que vai para os municípios. Para não ser gasto, para vincular esses gastos do Fundo de Participação dos Municípios. Eu passei quase um ano estudando a 4320. Contabilidade e orçamento público, que era a única coisa que eu não queria da minha vida, e eu tive que estudar. Terminei participando do orçamento plurianual de 1970 e plurianual de 1971, 1972, de Caruaru. Eu passei lá, organizei, orientei e era muito esquisito porque era bem novo. Em 1970, estava com 19 para 20 anos e fazia palestra para prefeito, para secretário, uma coisa assim meio...

Primeira fábrica

Até que, na organização, como eu tinha saído da Comissão do Campo - porque eu não tinha mais contato com os trabalhadores rurais -, fui participar da Comissão Operária, me dispus a participar da comissão operária. E aí veio a decisão de ir para a fábrica. Quando eu coloquei em discussão na célula que eu estava, ninguém topou, ninguém. "Olhe, se você quiser ir, você vai". Não houve uma decisão de eu ir. Ninguém tomou. Achavam que era uma decisão muito forte. Aí, eu digo: "Vou para a fábrica". Fiz todo um caminho para entrar numa fábrica lá. Lembro como hoje que quando eu fui lá para me apresentar, tinha um contato de uma pessoa que não era nem da nossa organização, era da ALN, o chefe da oficina dessa fábrica. E quando eu me apresentei, de manhã cedo eu peguei pó de café e esfreguei nas mãos, para apresentar as mãos mais... Tentei me disfarçar de operário. Quando chego na porta para solicitar emprego, a menina: "É para escritório, é?". Digo: "Não, para a fábrica".

Chamaram o famoso Zé de Brito. Uma figura, precisava fazer a história dele. Mas não deve estar mais vivo. Ele aprendeu toda a profissão, aprendeu todo o mecanismo da fábrica de fertilizante. Era responsável pela oficina e manutenção de todas as máquinas. Ele sabia onde estava cada parafuso de todas as peças de todas as máquinas da Profertil. Quando eu me apresentei, ele sabia já que ia ser procurado. Aí: "Vamo lá fazer o teste". Não tinha mais teste, já estava decidido que eu ia entrar. Ele me apresentou às pessoas, me mostrou o ambiente de trabalho e eu fui trabalhar como meio oficial serralheiro. Foi minha primeira profissão dentro da fábrica.

Em 1970, em 1969 também, eu começo a ter uma relação com uma companheira. São as festinhas do

movimento estudantil, em Recife. Termino conhecendo uma companheira, a gente começa a namorar, só que, no meio desse namoro, ela engravida. E, na época, lá em 1970, quando informei isso para a organização, não deu outra: "A recomendação é abortar". Aí se deu também uma coisa muito dura na minha vida. Eu fui discutir com a companheira essa questão e ela não aceita de forma alguma. Quer ter o filho, que assume a responsabilidade. Na época, muitas crianças estavam sendo torturadas na frente dos pais para os pais delatarem. Então, para continuar na atividade que a gente estava, com filho, seria praticamente inviável. Ia significar praticamente um afastamento nosso do movimento ou daquela frente de luta lá. Eu sei que a gente se junta. Quando ela estava com oito meses de gravidez, tinha momentos que a gente dormia vestido, de sapato, com a carabine do lado. Com oito meses de gravidez, não dava para segurar uma barra dessas. Ela teve que se afastar e voltou para a casa dos pais. Aí, o Marcelo nasce…

Já é o ano de 70, esse ano todo de recuo, o desastre das prisões. Também foi quando eu decidi entrar na fábrica, ganhava um salário mínimo. Uma vez ela foi me levar uma carteira de estudante para baratear o meu transporte e eu marquei com ela na porta da fábrica. Quando ela me viu com a roupa da fábrica começou a chorar, como se fosse o fim do mundo. Começou também os abalos, a família começou a exigir que eu abandonasse o movimento. Para isso, tinha que sair da fábrica, tinha que sair do que eu estava construindo. A família sabia que eu estava no movimento, a minha família e a dela também. A decisão foi eu vir para São Paulo tentar alguma coisa aqui.

Estava um momento muito duro, 1970, no Recife. A repressão cada vez mais violenta. Os companheiros nessa época foram fazer o congresso da minha organização: o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Foram fazer um encontro no Nordeste, no Rio Grande do Norte e a polícia conseguiu detectar e prendeu praticamente todo mundo. O meu primeiro contato foi com o pessoal da Política Operária. Mas depois, no Recife, achei que a Política Operária só estudava, estudava e eu não via ação política nenhuma. O PCBR, pelo contrário, estava com intervenção concreta em várias áreas e eu terminei indo para o PCBR. Ficava também discutindo com o pessoal da Política Operária, porque a questão operária para mim era muito forte. É tanto que, no PCBR, fui para a Comissão Operária. Primeiro, para a Comissão do Campo e, depois, para a Comissão Operária. E foi aí que eu decidi ir para a fábrica. Só que, nessa fábrica, foi nesse momento que caiu a direção nossa todinha lá no encontro. Caiu Marcelo, todo o pessoal e também na fábrica houve uma queda.

Eu estava trabalhando, na sexta-feira, me lembro até hoje, 2h da tarde. Estava cortando uma chapa enorme de ferro com um maçarico, quando entra um cara de terno. Passa assim na minha frente. Eu tiro o óculos de proteção para olhar. Quando vejo, é um cara que está entrando com um revólver na mão. Eu digo: "Pronto, tamo perdido". O pensamento começa a rodar. Daqui a pouco, três companheiros saem algemados da seção, inclusive o chefe, o Zé de Brito. Já velho, com cabelos brancos naquela época. Só nesse dia eu fiquei sabendo que, lá na oficina, se produzia carabines, se produzia espingarda de 12 polegadas. E o ferreiro que fazia essa espingarda, inclusive todas as peças da espingarda, era uma coisa impressionante. O cara fazia peças, tudo forjado, batendo aço. Esse cara não sabia escrever o nome e eu ensinei a ele a escrever o nome. Inclusive ajudando, pegando na mão dele. Esse cara, era Deus no céu e eu na terra. Ele deixou de assinar com a impressão digital, passou a assinar com o nome e sempre agradecia a mim, porque eu ensinei. Tive paciência para ensinar ele a escrever o nome. E ele foi um dos que saiu também algemado.

Eu não sabia. Sabia que tinha treinamento de tiro. Porque, sábado, quando a gente fazia hora extra, tinha umas tábuas lá que a gente colocava e tinha vários revólveres dentro da seção, mas eu não sabia que eles estavam organizados na produção de armas ali. O treinamento de tiro ficava assim meio como esporte. Não era uma coisa sistemática de treinamento militar. Era meio esporte, mas se sabia também que, quando eu dava tiro ali,

dava já tentando exercitar e ter as técnicas de atirar. Mas não era uma coisa assim definida por organização nem nada. Era como se fosse uma brincadeira ali da seção, para mim ficava até aí. Só que eles estavam realmente na produção de espingarda 12.

Quando ocorreu isso, com a queda que estava havendo, muitos companheiros que já estavam presos estavam em processos em que eu aparecia. Eu aparecia em sete processos com nome de guerra, e os caras não conseguiram associar com o meu nome. Foi quando eu vi que, qualquer prisão que eu tivesse ali, eu ia imediatamente aparecer nos sete processos. Ia ser acareado. Se eu fosse pego ali, estava fritado. Aí eu discuti com um padre amigo meu da Pastoral Operária. No caso, lá, era Ação Católica Operária, padre Romano, que já é também falecido, suiço. Discuti com ele a situação e falei: "Olhe, tô nessa situação, assim, assim". Ele disse: "Olhe, vamo dá um jeito. Você topa ir pra São Paulo?". Eu digo: "Vou". Aí ele fez um contato aqui em São Paulo e me arrumou, parece que na época foi 200 cruzeiros, alguma coisa assim.

E eu também estava nas últimas na organização. Teve um incidente lá também que foi forte. Um companheiro que estava querendo se afastar da luta, estava procurado, e decidiram mandar ele aqui para São Paulo, antes de mim. Foi decisão da organização, para afastar ele da repressão de Pernambuco. Por causa de uma namorada, ele foge, sai do esquema e volta para Recife. Quando a organização toma conhecimento que ele voltou, prende, porque ele conhecia muita coisa, tinha participado da direção. Se ele abrisse a boca, derrubava todo o resto da organização. Deixaram ele preso numa casa, num dos aparelhos da organização, com outro companheiro tomando conta. Eu sei que ele vai conversando, conversando, daqui a pouco pula em cima do companheiro, toma a arma dele e foge. Aí a organização decreta a morte dele. Então ficou todo mundo uma semana procurando esse rapaz. Se visse, não tinha mais o que conversar. Era apagar. Foi como se fosse uma condenação à morte. Eu achei um horror isso. Eu estava no esquema, tal, mas, para mim, não era uma coisa tranquila uma decisão dessa. Mas colocava a questão de segurança, sobrevivência de tudo e ficava…

Um certo dia eu vou para a casa de um padre amigo meu, numa igreja, e quem eu encontro? O companheiro. Estava escondido na casa do padre. Quando eu chego, ele me abraça, começa a chorar e falar da situação. Esse padre amigo meu, também falecido – encontrei na internet a história dele, ele se reporta à nossa atuação na juventude em Garanhuns – ele foi também uma peça importante de apoio da paróquia. Padre Francisco. Ele me falou da situação dele. O outro padre, um tal de Edvaldo, estava negociando com o Dops um acordo para tirar ele fora das coisas, mas a conversa era que ele delatasse os companheiros. Aí estava a encrenca.

Eu caí na besteira de dizer para o pessoal: "Olha, eu encontrei fulano". "Onde? Onde? Onde?". "Calma aí, não vou dá… Acho que a coisa tem que ser resolvida de outro jeito". Aí não teve discussão comigo: "Se você não abre, você tá fora". Eu fui quase que colocado fora da organização por não entregar esse companheiro. Mas aí também já coincidiu com as articulações minhas para sair de lá e eu saí. Isso aconteceu quase uma semana antes de eu sair do Recife. Eu digo: "Tudo bem, não vou fazer isso". Aí ficou uma relação meia azeda com a organização. Mas como eu já saio de lá, nem sei qual foi o desfecho. Até hoje não conversei com esse rapaz depois disso. Sei que ele é vivo, mas não conversei mais. Mas teve um desfecho lá… Eu sei que ele sobreviveu.

E, nisso, o meu nome apareceu em Pernambuco para a repressão num processo que não tinha nada a ver comigo, nem com a minha organização. Era da Ação Popular. Um cara que era responsável por uma biblioteca, eu sempre conversava com ele, era amigo porque ele era responsável por uma biblioteca da Ação Bíblica. Não sei. Era presbiteriana ou outra aí. Era batista, eu acho. Pessoal da Igreja Batista, mas um pessoal progressista. Ele era responsável pela livraria e sempre eu passava lá e conversava com ele. Ele foi preso em algum momento e foi o cara que sabia meu nome. Foi a primeira perseguição com o meu nome. Foram atrás. Também nesse período, antes de ir para a fábrica, eu fui monitor da TV

Universitária para curso de alfabetização de trabalhadores. Era também uma forma de estar em contato com os trabalhadores. Foi quando eu fui para a Comissão Operária. Inclusive dei aula dentro da Coperbo, fábrica de borracha sintética na Cidade do Cabo. Inclusive dali teve vários contatos que eu passei para a organização. Vizinho do Recife. Não é na África não. Quando saio, já estou com a notícia de que a polícia me procurou. Já tinha saído da TV universitária, foi logo quando foi criada a TV Universitária. Mas tinha ficado uma pessoa na TV que me conhecia, soube do fato de que a polícia esteve lá me procurando e comunicou com a mãe do meu filho, do Marcelo, dizendo: "Olha, foram buscar Cleodon lá". Eu já não estava mais lá. Então isso é mais um fato que me empurrou para São Paulo. Se eu caísse, já ia ser relacionado com aqueles processos todos.

São Paulo

Aí eu vim para São Paulo, 1971, capital. Quando eu vim para São Paulo, a experiência da luta armada já está sendo fortemente questionada. Os resultados dela estavam sendo fortemente questionados. A Política Operária, que não entrou na luta armada, voltei a me relacionar com eles. Quando cheguei aqui, em São Paulo, já cheguei em contato com a POLOP. E as primeiras conversas minhas foram com o pessoal da POLOP que morava em Santo André. Mas alguma coisa não me deixou ir para o ABC. Eu comecei a trabalhar em São Paulo e fiquei em São Paulo. Vim também com contato com a igreja, com uma pessoa da Pastoral Operária aqui de São Paulo, o Waldemar Rossi, que é uma figura muito conhecida e até hoje tem uma atuação forte na Pastoral Operária. Aposentado, mas uma consciência, um dos grandes companheiros. Origem cristã, católica, mas... Trabalhamos juntos 20 anos. Aí começa a articulação para a construção da Oposição ao Sindicato dos Metalúrgicos aqui de São Paulo.

Aqui ficava toda a questão da luta e aquela perseguição toda, o período pesado do Médici, do Garrastazu Médici. Trabalhando numa fábrica, sozinho, sem família, sem ninguém. 1971, aqui, foi enfrentar totalmente o desconhecido. Uma cidade dessa, enorme… Os contatos com a organização eram a única coisa que davam uma vida. Era quando tinha uma reunião, um contato com algum companheiro. Mas isso estava se dando quase que de 15 em 15 dias ou de mês em mês. Até que eu retomo o contato com o movimento operário daqui da cidade de São Paulo. E, aí, entro numa articulação maior para organizar o movimento de oposição. Já estou na fábrica, já me associo ao sindicato, já tem atividade no sindicato. Vai um pouco engrossando o caldo da vida. Porque eu não tinha… E ainda com pressões para escrever, não podia escrever, não podia ligar para lá, porque estava tudo cercado.

A minha casa em Garanhuns ficou vigiada pelo Exército um tempão. Em Recife, a casa do meu tio, onde eu fiquei uns tempos, ficou vigiada. Quando começaram a me procurar lá, eles não conseguiram me associar a nada, mas desconfiaram que era um contato que era necessário pegar para ver. Aí ficaram atrás, mas ninguém deu pista, tirei todas as fotos que tinha em casa, foi tudo tirado. Enfim, isolamos. Fizemos uma barreira isolante, ninguém sabia que eu estava em São Paulo. Comecei a usar o sobrenome: Silva. E Silva é o anonimato assinado. Isso me ajudou bastante. Eu não precisava usar outro nome. O primeiro nome eu abandonei, o Cleodon, que lá estava procurado.

Aí fui me aproximando e cada vez mais avançando com os trabalhadores metalúrgicos aqui da cidade de São Paulo. Mas tinha pressão. Por exemplo, eu fui algumas vezes na USP, conhecer, e ficava: "Como é que eu vou resolver? Vou fazer ainda universidade ou não?". Foi um dramão das coisas. E praticamente era colocado: "Quem não faz universidade é um fracassado". Estava colocada a decisão minha e você se firmar e fazer faculdade, na atividade em que eu estava, nas coisas em que eu estava, era muitíssimo complicado. Aí fui deixando. Sofri muito com essa questão, mas, por fim, eu fui deixando e foi consolidando o meu caminho fora da universidade. Mas isso aí era uma dor muito forte, não fazer. Mas, aos pouquinhos, eu fui assimilando isso e vendo também que era possível adquirir os conhecimentos ne-

cessários para várias coisas fora da universidade. Todo o meu caminho foi fora, um caminho autodidata.

Outro drama também, forte, foi que… Eu trabalhava numa fábrica de móveis de aço, Tatuapé, não existe mais, fábrica de móveis Padrão. E tinha uma rua que tinha um casal de velhos que me alugou um quartinho de madeira. Era perto da fábrica, então eu comia numa pensão lá próximo e morava nesse quartinho, vizinho da fábrica, praticamente. E foi nesse quartinho que eu vim receber a visita do padre que me fez a ligação para eu vir para São Paulo. Sempre: "Oui. Oui". Suiço, francês. "Eu trouxe uma carta pra você". Da mãe do meu filho, da Gesilda. "Uma notícia". Para a gente conversar um pouco e tal. Ele já me anunciou que a notícia não era boa, quase. Eu comecei a ler. Era uma carta dizendo que não estava aguentando o tranco, que, por levar meu nome, que estava sendo procurado, a vida dela virou um inferno. Ela ia para a praia, aparecia uns paqueras. Daqui a pouco, na verdade, era o pessoal do Exército. Todo mundo mais interessado no pai da criança do que nela. E começou um cerco muito pesado e ela decidiu pedir o divórcio. Junto ele trouxe a cópia do divórcio. Éramos casados. Não vou esquecer nunca que "a depoente declara o destino incerto e não sabido do esposo". Isso é forte. O que fazer? Não tinha muito o que fazer. Estava consumada a separação. E a relação com o filho… Eu fiquei praticamente oito anos sem poder vê-lo, por problema de segurança. Criou aquela coisa terrível, horrível. Foi aí que se deu o divórcio. Eu recebi nesse quartinho de pensão. Sozinho, na época, foi um negócio muito duro, muito duro. Selva de pedra, sem dinheiro, sem inserção. Só que o mundo operário e as relações tinham uma vida grande. Então comecei a me realimentar com outras relações.

Sucateamento

Depois que eu saí da fábrica de móveis de aço, fui para uma fábrica de produção de embalagens de cosméticos: aerosol. A fábrica era uma parte da família dos Matarazzo, no Pari. Ali eu estava no controle de qualidade e me interessei muito pelo controle de qualidade, principalmente na parte estatística, no controle estatístico de qualidade. Pelas manifestações dos fenômenos, das falhas que se davam durante a operação e como se davam, onde se davam, o tempo em que se davam. O registro dessas falhas dava uma orientação de como você abordar o problema e onde é que estava sendo provocado mais falhas. Se era o ferramental, se era a forma de fazer, enfim, várias pistas para melhorar a qualidade, evitar estragos e refugo na produção.

Eu sempre me envolvi, sempre me envolvi. Claro, o meu trabalho principal era a organização dos trabalhadores, era a articulação, identificar os companheiros mais combativos, passar literatura de combate ao sistema capitalista e ir minando permanentemente onde eu podia. Eu estava ali dentro da fábrica para organizar os trabalhadores, não só pelas questões dos seus interesses imediatos, mas difundindo, sempre que possível, a literatura socialista. Isso aí era líquido e certo. Mas a produção me chamou muito a atenção. E nessa fábrica aí – era Ardea o nome da fábrica – foi quando eu vi toda aquela… Na fábrica de móveis, tinha algumas máquinas para trabalhar com chapa de aço, mas não tinha maiores complexidades, era montagem de móveis. Mas nessa, na Ardea, tinha desde o processo da fundição dos discos de alumínio, o tratamento térmico dele para amolecer, até a prensa, que seria a extrusão do disco para a produção dos tubos: bisnagas de pastas de creme dental e aerosol para desodorante, shampoo, essas coisas. Então a maquinaria era mais complexa do que na fábrica de aço.

Uma das coisas que ocorreu é que um dos sócios lá – até hoje não sei bem que nível, sei que era visto como um dos sócios da fábrica –, ele sempre se interessava pela qualidade e, às vezes, vinha conversar comigo. Ele queria ver os relatórios que eu estava preparando. Inclusive, nas conversas comigo, me levou para um cliente que usava as embalagens, para eu ver como é que era o processo de montagem lá na outra fábrica. Passei um dia em outra fábrica que usava os produtos dele. Ele tinha uma relação comigo mais próxima. Sempre que passava, dava um alô, conversava, perguntava alguma coisa. Numa dessas, ele foi me mostrar, numa outra

unidade da própria fábrica: "Venha, eu vou lhe mostrar uma coisa". Fui, curioso, não sabia o que ia ver. Aí ele me mostrou uma máquina que tinha o comprimento praticamente do quarteirão inteiro. Vinha a chapa de Volta Redonda, não sei de onde, a chapa de ferro. Essa chapa era colocada na esteira, entrava, saía e fazia todo um processo de corte. E o resultado final era que ela já saía nas caixas, sem embalagem, já com a impressão do produto na tampinha, com as cores da embalagem. Era uma tampinha de garrafa de rosca. Acho que hoje praticamente não existe. Quando ele me mostrou, no momento em que me mostrou, estava parada. Ele pegou: "Essa máquina aqui, todinha, nós acabamos de perder". Eu fiquei assustado. "Como? Uma máquina da... Perdeu como?". Aí ele tirou do bolso um conta-gotas de plástico. "Isso aqui acabou com essa máquina".

Para mim foi uma aula de produção, do sucateamento das coisas. Uma inovação, a invenção do conta-gotas, sucateou uma máquina que tinha o tamanho de um quarteirão. E com outro produto, que é o plástico. Aquela bolinha de plástico é o conta-gotas. Quando você despeja, você vira a garrafa, sai o líquido. Se você coloca a garrafa em pé, a tampinha desce e fecha, veda. O conta-gotas é higiênico, evita falsificação do produto, um monte de coisas. Então o conta-gotas foi o que determinou o fim dessa máquina.

Eu ficava pensando na questão, que a nossa luta era para os trabalhadores assumirem o poder e evidentemente controlar a produção. Quando eu vi aquela coisa toda, a dinâmica da produção, eu ficava me perguntando quais as informações necessárias e como os trabalhadores iriam dar conta de assumir. Não só a questão do domínio da técnica, mas saber a hora que mais interessa a substituição de uma tecnologia por outra. Como você decidir jogar uma máquina daquela no lixo, transformar em ferro velho, como operar tudo isso e tomar essas decisões políticas que iriam implicar em uma economia, ou um impacto no meio ambiente, ou, enfim, todas essas questões que são colocadas? E, pela situação de escravidão dentro da fábrica, tinha gente que trabalhava há 10 anos e nunca conheceu o outro lado da fábrica. Nem sabe, nem consegue ter na cabeça o fluxo da produção da fábrica em que trabalha. Essas eram as questões que iam chegando na minha cabeça. E eu digo: "Isso, tem que dar resposta. Tem que ter resposta para isso". Só que essas questões continuam. Não é que não tenha resposta, é que está praticamente no mesmo nível, do mesmo jeito que se produz. Quem conhece um pedacinho não conhece o resto da fábrica. Não existe uma unidade de produção. Mesmo nos sindicatos, hoje, e nas organizações dos trabalhadores, essa questão não é assumida. Existe uma disputa em cima da possibilidade de um enfrentamento, de uma greve, de alguma coisa, mas é aquele negócio: "Eu quero um aumento de salário". Veio o aumento de salário… Como é feito aquilo, como estão se dando as condições de trabalho, é uma questão que ainda é muito negligenciada pelo movimento dos trabalhadores. É tanto que, ultimamente, houve um aumento significativo nos acidentes de trabalho.

A violência da produção capitalista no Brasil tem números de uma guerra civil. Só que atinge só um lado. Só morre do lado de cá. Soma os dedos, soma os órgãos amputados, soma a contaminação por diversos metais pesados, a silicose, a doença provocada pela contaminação com vários materiais, é ainda uma questão que está muito para ser vista. E as coisas não param. Hoje, por exemplo, tem uma questão violentíssima e são poucos os trabalhadores que estão atentos a isso e a sociedade não está vendo. Já estão usando produtos com a nanotecnologia. O que significa isso? Você tem bronzeadores que não precisam de sol. Você vai ver: como é que estão usando isso? São as nano-partículas. Só que hoje nós não temos nada, nem um estudo do que é que essas nano-partículas vão provocar no organismo. Você coloca, passa ela no corpo e ela, em pouco tempo, vai estar no cérebro.

Operário

O processo meu foi a atividade revolucionária junto com a Política Operária. Em final de 1972, eu decido fazer um curso técnico, para melhorar a minha inserção dentro da fábrica. Fiz a primeira turma do curso técnico

em metalurgia no Senai de Osasco. Foi um curso bom, um curso bom. Também houve um negócio: em 1973, eu começo a fazer o curso e em 1973 mesmo vai uma empresa lá convidar estagiários, era a Vidraria Santa Marina, que faz a fusão do vidro. Eu não gostei muito, por não ser metalúrgica, mas fui, passei e comecei a trabalhar como estagiário técnico na Santa Marina. Aí voltei a ganhar um dinheirão. Era um salário bem diferenciado, dava para fazer muita coisa.

E estudo direto, inclusive dentro da fábrica. A coisa que foi marcante é que vários cursos foram dados dentro da fábrica, de aprimoramento, todas as áreas. Eu estava fazendo o curso de metalurgia e tive acesso a um monte de outros cursos lá dentro da própria Santa Marina que foram importantes. Eles articularam o curso de especialização. Ia o pessoal do Senai lá dentro da fábrica e passava um conjunto de informações que nós iríamos necessitar no exercício da função que a gente estava sendo preparado para exercer.

Então, aprendi. Eu entro dentro de uma fábrica e… Hoje, não sei mais, teria que fazer algumas adaptações, lógico, pelo desenvolvimento das coisas. Mas eu entrava dentro de uma fábrica, batia o olho e já fazia, já identificava na hora todos os circuitos: elétrico, hidráulico, pneumático. Enfim, todos os fluxos da fábrica eu imediatamente levantava. As fábricas em que eu trabalhei, quando eu entrava, uma semana era suficiente para eu estar com toda a movimentação de todo o material, de todos os fluxos dentro da fábrica. Para você pensar a fábrica, pensar as coisas, isso ajudou muito às várias questões da luta e de algumas decisões. Esse conhecimento eu usei bastante.

Nesse período, eu acompanhei, tive a oportunidade de acompanhar um dos maiores fornos da época, que era um forno que iria fundir diariamente 200 toneladas de vidro plano, que tem várias aplicações, inclusive vidros de segurança para pára-brisas de automóveis. No período do meu estágio estava sendo construído o forno. Acompanhei da construção até a entrada em funcionamento e passei ainda alguns meses já operando o forno. Nós estávamos sendo preparados para assumir toda a parte de produção desse vidro. A parte que eu cheguei a assumir um período foi a preparação da carga da matéria-prima. Eu tinha que fazer o cálculo de carga, inclusive as fórmulas químicas.

Nesse período também tomei conhecimento de uma coisa que eu não sabia. Foi a questão da automatização pneumática. E me chamou muito a atenção a questão da retroalimentação. Você pegar um sinal e… O sinal, no caso, era dado pelo aumento ou diminuição da passagem de algum fluido: podia ser óleo, podia ser ar. Então, na medida que diminuía o fluxo, nós vínhamos imediatamente, porque tinha um sinal, era emitido um sinal. Tinha uma válvula ali que mandava um sinal e esse sinal era pneumático, movimentava um relógio no painel de controle. Então a gente via, imediatamente, que o volume, por exemplo, de óleo diminuiu. Pode ter sido consequência do óleo. A densidade dele modifica o fluxo na saída do forno através dos maçaricos. O cano de óleo acompanhava um cano de vapor, que era para estar com a temperatura necessária para que o óleo mantivesse a densidade. Se o vapor diminuísse, se houvesse qualquer coisa no fluxo do vapor e diminuísse, o óleo esfriava. Esfriava, diminuía o fluxo. No maçarico, alterava a combustão. Então, tudo isso operado a partir de sinais emitidos ou por um diafragma, que alterava o sinal, que me mandava via pressão de ar no painel de controle, em que o ponteiro aponta de acordo com aquela diminuição.

Isso me chamou muito a atenção. A questão de um sinal que se emite, chega em determinado local, produz algo que, por sua vez, manda o sinal que devolve o sinal. A questão da retroalimentação foi uma coisa que me marcou muito e eu fiquei com aquilo na cabeça. No sentido de utilização dessa questão em outras áreas. Mas isso ficou como um problema, ficou mais como uma interrogação na minha cabeça das possibilidades de utilização. Por exemplo, hoje, eu estou enxergando, estou vendo isso de uma outra forma. Em linhas gerais, a minha passagem na Santa Marina foi ter tomado um leque de conhecimento grande sobre uma unidade fabril. E, logicamente, as relações internas. Desde como andava a questão técnica, que passava pelas decisões, pelo sis-

tema de mando na empresa, que passava pelas chefias, sub-chefias, encarregados, aquela tranquerada toda de mando dentro da empresa. Como se relacionava com a técnica e a reação, as manifestações dos trabalhadores face a esse sistema de produção. Isso foi muito importante na Santa Marina.

Eu vivia sozinho até 1973, aí encontrei essa companheira. Ela entrou na minha célula, acabava de sair da… cumpriu uma pena. Ela é de Belo Horizonte, estava presa em Juiz de Fora e veio se integrar, veio para São Paulo e se integrou na minha célula, pela Política Operária. Aí, 1973, eu começo a namorar essa companheira e a gente decide morar junto. Uma loucura. Na época, a gente foi morar junto sem saber os nomes. Só com o nome de guerra. Tinha todo um esquema lá para, se acontecesse alguma coisa, onde estavam os documentos, onde estavam as coisas para uma emergência. Um negócio doido. Nós passamos quase quatro meses vivendo juntos sem saber os nomes verdadeiros.

Metalúrgicos

Coincidiu que, em 1974, eu estava na Santa Marina. E como trabalhador vidreiro eu me afastei do Sindicato dos Metalúrgicos, porque não podia pagar como sócio dos metalúrgicos. E também me afastei um pouco da Oposição Metalúrgica de São Paulo. Foi um ano que eu fiquei meio… De vez em quando que tinha uma conversa com um ou com outro, mas era muito raro. E foi o ano que toda a Oposição foi presa: 1974. Todos os companheiros foram presos. Foi um negócio, assim, arrasador. Eles conseguiram fazer uma limpeza. Não foi muito tempo de cadeia, uns quatro meses, mas, como em 1975 ia ter eleição do sindicato, eles fizeram uma limpa para tirar essa vanguarda da possibilidade. Se não tivesse ficha limpa, não podia ser candidato. Tinha que ter atestado de antecedentes. Então todo pessoal que foi preso não podia ser candidato a concorrer à diretoria do sindicato.

Então eu passei 1974 na Santa Marina, aqui em São Paulo. E, em 1975, eu decido sair. Também foi outra loucura. Sair foi igual a sair do Quinze de Novembro. Uma fábrica pagando bem, toda uma carreira dentro da fábrica oferecida. Faço umas cinco entrevistas, tinha que dizer porque eu estava querendo sair. Para a fábrica também não foi um bom negócio. Investiu e… Porque eu queria ir para uma metalúrgica. Pelo movimento, para ter carteira assinada, para poder estar participando do sindicato e estar integrado. Era o sindicato prioritário aqui na cidade.

Aí eu largo a Santa Marina. Trabalho em duas pequenas fábricas. Montei um laboratório de análises químicas para uma fundição. A gente produzia cilindros para motores de navios e entregava para a Villares. E depois eu fui trabalhar na Arno, na Moóca. Aí começa a minha participação mais efetiva dentro do movimento sindical. Nessa, eu me reintegro com a Oposição. O pessoal também já está fora da prisão, já voltou para a atividade e a gente começa a organizar a Oposição. Eu volto para a coordenação da Oposição. Em 1971, eu participei da coordenação, junto com o pessoal mais velho do pedaço. Desde 1971, eu era coordenador da Oposição. Me afastei em 1973, 1974, em função da Santa Marina e, quando eu volto, em 1975, imediatamente retomo a direção do Movimento de Oposição. Aí, entra toda a história da Oposição, os caminhos que essa Oposição tomou. É toda uma história. Inclusive agora está havendo um movimento de reconstituição dessa história, juntando material, fotografias, documentos.

Aí começam as questões. O meu mundo vira o mundo do movimento sindical em São Paulo. A minha casa, para variar, continuava sendo um aparelho da organização. Eu me especializei em imprensa. Quando eu estava no PCBR, lá no Recife, minha casa tinha um mimeógrafo. Eu aprendi a trabalhar com o mimeógrafo e sempre tive autonomia de imprimir o que eu queria. Inclusive copiei um mimeógrafo manual chamado reco-reco. Depois eu escrevi um cordel no reco-reco. Aí comecei. Copiei a máquina, produzi de um outro jeito. Só que eu fiz ela toda desmontada e, para cada peça dela, eu dava outra finalidade. E a tela eu fazia com organdi esticada, como se fosse tela de silk-screen. A tela era um quadro. Recortei uma foto de uma rosa bonita, vermelha. Recor-

tei e, com percevejo, colocava por cima da tela e colocava o quadro. Então, ninguém conseguia associar aquilo com uma peça, um instrumento de impressão. Fiz três edições da revista "Marxismo Militante" para o Brasil inteiro, lá nessa casa. Três edições foram feitas no reco-reco. Fora a minha atuação na fábrica, tinha a atividade revolucionária. Imprimir material, divulgar material, participar de discussões. Tinha uma vida…

Então, eu comecei a tentar. Porque tinha a questão da sobrevivência e a questão da ação política. Se eu tivesse numa dificuldade grande, pela minha atuação, sempre a organização conseguia estar me salvando. Seja no aluguel, em alguma coisa que me ajudava na sobrevivência. Mas não era uma questão permanente, não estava ali sendo pago para fazer isso. Era mais uma questão de solidariedade mesmo, de segurar os companheiros que estão numa linha de intervenção mais susceptível a repressão, a demissões, isso e aquilo. Você fazia qualquer enfrentamento, você era visado e imediatamente demitido. Então era uma dificuldade maior. Eu fui para a metalurgia e trabalhei em várias fábricas nesse período. Em final de 1974 eu trabalhei na Brasferro, em Ferraz de Vasconcelos. Trabalhei na Arno. E em todas elas tem experiências… Cada fábrica em que eu passei foi uma escola de aprendizado, a minha relação com o que eu vinha acumulando e como eu exercitava isso.

Boletins

Na Arno, uma das coisas muito interessantes era o aparecimento de boletins dentro da própria fábrica. Ninguém distribuía na porta. Em 1975, a barra ainda estava pesada, da ditadura. Mas acontecia qualquer coisa na fábrica num dia, no outro dia aparecia o boletim. Inclusive alguns companheiros da luta também, que estavam lá e sabiam que eu tinha a ver com isso, achavam que eu participava de uma organização que tinha uma grande gráfica subterrânea, alguma coisa assim para fazer a coisa. Mas eles ficavam impressionados como se conseguia. A coisa tinha acontecido ontem a tarde. No outro dia de manhã tinha o boletim.

Isso simplesmente porque eu morava em um quarto de pensão. Na Arno, eu já estava com essa companheira. Chegava em casa, tinha uma máquina de escrever, estêncil – fazia tudo no estêncil ainda – eu escrevia o boletim, datilografava no estêncil, rodava e ainda conseguia colocar alguma figura. Desenhava uma figura no estêncil. Tem uma técnica especial para isso. Rodava no reco-reco, não era nem mimeógrafo. Rodava no reco-reco. Eu tirava 100 cópias em 20 minutos. E o reco-reco à tinta, saía como se tivesse sido feito numa gráfica. A qualidade do boletim, você olhava e pensava que saía de um offset ou de um mimeógrafo elétrico. O surgimento do boletim sempre era em troca de turma. Eu levava os boletins, escondido, e, na hora do almoço – tocava 12h – eu passava para alguns companheiros. Quando a turma da tarde começava a entrar, a gente começava a jogar os boletins dentro de caixa de produto, nos cantos, logo ficava visível. Então, quando o pessoal da turma da tarde ia entrando, já estavam os boletins jogados. Com isso a gente deixava uma dúvida grande para a empresa, se quem distribuiu estava na turma da manhã ou na turma da tarde. Para dificultar a perseguição. E ninguém também estava distribuindo lá fora. Porque, se distribuísse, nessa época, também era preso. Então, aparecia o boletim. Quando começava a pegar, um pegava, outro pegava, não tinha como impedir. Tornava-se uma distribuição que ninguém podia controlar mais. Polícia não estava dentro da fábrica, os chefes não tinham essa… "Eu peguei aqui, não vai deixar ler porque?". Não tinha mais controle. Então a gente furava o controle.

Nesse momento, na Arno, eu fazia os boletins sozinho. É a questão da criatividade e da análise do momento, das possibilidades do momento. Quer dizer, eu aprendi a tecnologia de imprimir, os macetes da relação dentro da fábrica, os fluxos, as coisas todas. Eu estava com isso na cabeça. Então, tinha um conjunto de informações. Não existia um método para se chegar a isso, não existia nenhuma metodologia para isso, mas eu estava desenvolvendo, desenvolvi todo um conjunto. Aliás, articulei todo um conjunto de conhecimentos que me permitia fazer esse tipo de coisa. E isso assustava

todo mundo. Assustava os empresários, que não sabiam como isso era possível. Assustava os próprios companheiros de luta que estavam em outra organização. Eles olhavam e não sabiam como é que isso era possível e ninguém era visto distribuindo nada. Realmente, era como se fosse um raio no céu azul. O boletim aparecia. Uma forma de comunicação naquela situação mais adversa, de ditadura. Não só a ditadura da fábrica, de ditadura política, repressão policial e tudo. E toda vez que acontecia uma ação dessa, dava mais ânimo, mais força, você via as reações e as discussões na hora do almoço, discussão no ônibus, no boteco. Então você produzia, contribuía para articular o pensamento coletivo sobre as questões de interesse dos trabalhadores. Foi muito prazeroso, inclusive, fazer isso, mesmo nessa adversidade toda.

Greves

De 1975 até 1978, a minha intervenção se deu em algumas fábricas. Até 1978, quando eu estava trabalhando na metalúrgica Barbará, já na zona sul, que foi quando começaram a surgir as primeiras greves. Também para mim, greve era uma questão teórica. Nunca tinha visto uma greve. Ouvi falar da greve de Osasco, mas eu estava no Recife, na greve dos metalúrgicos de Osasco, 1968. Então eu nunca tinha participado, nunca tinha visto de perto e nem passado na frente de um movimento grevista. Mas em 1978 foi a primeira experiência de parar uma fábrica. Teve toda uma série de técnicas dessas usadas.

Quando começou a xerox a ser mais acessível, já tinha vários pontos de xerox... Quando começaram as greves, por exemplo, tinha duas formas de fazer isso: chegava cedo, comprava o jornal e, nas minhas idas ao banheiro, eu recortava os artigos e, com um bastão de cola, montava os artigos do jornal de interesse ali. Inclusive, quando estava anunciando as primeiras greves, eu montava um jornalzinho dentro do banheiro da fábrica, cortando, e colocava em um plástico. Estava sempre com um desenho na mão, porque eu trabalhava na qualidade. Aí colocava dentro de uma pasta de desenho e, na hora do almoço, ia numa ótica que tinha perto, tirava 10, 15 cópias. No almoço já começava a circulação das notícias dos jornais que interessavam à luta dos trabalhadores. Então não precisava mais ser de um dia para o outro. Colocava as coisas e escrevia uma pergunta, alguma coisa entre uma matéria e outra. Com lápis, com caneta mesmo fazia, em letra de forma, algumas perguntas para orientar a discussão. E isso era de uma eficácia enorme. A gente colocava dentro de um plástico, porque o pessoal trabalhava muito com óleo, tudo quanto era coisa na fábrica tinha muito óleo, vários tipos de óleo, todo mundo estava com a mão com óleo. Então, para ler, a gente colocava dentro de um plástico, com o velho esquema: o plástico e um desenho do outro lado. De um lado estava o desenho, do outro lado, o boletim. O pessoal lia, inclusive, na hora do trabalho. Estava lendo o boletim, mas se chegasse um chefe, um encarregado, qualquer coisa, só era virar a página com o desenho da peça que você estava produzindo. Então tinha esquemas de burlar a vigilância e o controle patronal.

Os trabalhadores, não só a gente, têm assim um monte de experiências de outras formas de enfrentamento cotidiano da ditadura dentro da fábrica. Sempre a gente encontrava espaço, por mais rígido que fosse. Por exemplo, o banheiro foi logo atacado. Ficou difícil conversar. Às vezes se marcava no banheiro e fazia uma reunião de 5 minutos, trocava informações. Mas sempre tinha um puxa-saco, uma coisa que estava ali. Então a gente marcava assim: 10h15 no bebedouro tal, para se encontrarem os responsáveis por diversos pontos da fábrica. Um estava lá tomando água e demorava um pouquinho. Aí fazia fila, de três ou quatro, que eram justamente as pessoas… Nesses cinco minutinhos de tomar água, trocavam as informações. Então ia explorando os diversos espaços da fábrica. A luta dentro da fábrica, era uma luta…

Com essa movimentação e com essa informação contínua dentro da fábrica, todo mundo estava sabendo das greves que estavam acontecendo. Mesmo que não noticiasse na Globo, só estava em alguns jornais, a gente transformou essa notícia numa notícia do cotidiano da fábrica a partir dos recortes de jornais. E aí começa-

mos a articular algumas reuniões. Chegou um momento que não tinha mais condições de fazer uma reunião maior, porque já era risco de entregar o movimento, já tinha muita gente participando da articulação da greve. Aí decidimos o dia da parada. Tiramos uma série de procedimentos, já com experiência de outras greves, e orientamos.

A parada foi muito interessante. Já tinha se discutido toda a reivindicação. Estava formulada num boletim, num ofício. Então a gente chegou. A primeira turma, que entrava às 6h, já ia entrar parada. Ia todo mundo se trocar, ia para as máquinas, mas não ia ligar as máquinas. E uma pessoa ia passar na mesa do chefe e ia deixar o comunicado, que a fábrica estaria em greve e as questões eram essas. Eu entrava às 7h, então fiquei numa tensão horrorosa de chegar e o que é que eu ia encontrar. Se eu ia encontrar a fábrica parada ou parte parada, enfim… Eu fui me aproximando da fábrica, me aproximando, com os sentidos aguçados, mas eu cheguei na fábrica e realmente não tinha barulho nenhum de máquinas ligadas. Aí, quando eu entrei, só via aqueles sinais assim, de firmeza, escondido: "Ó, deu, deu". Aí a turma das 7h já começou a entrar. A das 6h estava parada e continuou parada.

Sem precisar ninguém falar, o motivo da greve já estava todo explicitado na carta. Agora, a grande questão, a bola estaria com os patrões. A gente ficava aguardando as coisas. A primeira tentativa foi quando o engenheiro chegou, quase 9h. Ele pegou o papel, um chileno, ficou no meio da fábrica falando alto. "Que que tá acontecendo? Que negócio é esse?". Ficou totalmente desorientado. Mas estava dito lá: "Para começar a conversa, você tem que aceitar uma comissão eleita nas sessões e essa comissão deve ter estabilidade. Você deve assinar um compromisso assumindo dar estabilidade à comissão". Eles não tinham o que fazer. Para poder começar a conversa, tiveram que assinar. Só que depois eles passaram por cima disso, as demissões ocorreram. Eu fui o primeiro a ser demitido lá nessa greve.

Mas, tudo o que foi discutido anteriormente foi respeitado, os procedimentos, as coisas. Agora também tem lances que estavam fora do script. Um chefe lá, metido a carrasco, pegou uma pessoa que ele sabia que devia favores à empresa. Ele operava uma grande máquina, um torno vertical. Foi lá e pressionou individualmente ele para ligar a máquina. E ele liga a máquina. Naquele silêncio total, parecia assim um ruído fenomenal. Quando ele ligou a máquina, essa questão a gente não tinha previsto. Aí teve um companheiro que tomou uma iniciativa que eu não tomaria, eu não tomei essa iniciativa. Mas isso mostra a capacidade dos trabalhadores de dar saída para as coisas. Ele pegou um pedaço de ferro, quase um palmo assim, um tarugo. Inclusive, eu vi essa ação dele. Ele se afastou um pouquinho, se escondeu atrás de uma coluna e atirou o tarugo na lataria que protege a correia da máquina e foi também um barulho enorme - "Pá" - quando bateu lá. Aí, foi uma loucura. Desceu o engenheiro com os chefões: "Não, não. Pára. Pára. Desliga essa máquina". Gritando. Se um tarugo atingiu, quer dizer, de uma hora para outra poderiam ser outras coisas, poderiam ser provocadas outras coisas. Mas essa ação não estava no script. Tem um monte de coisa que você pode pensar. Em uma ação de massa, você pode pensar tudo na véspera, na hora vai ter umas variáveis totalmente impensáveis. Mas aí você vai acumulando. Isso era uma coisa que eu não tinha. Mas, a partir de agora, eu começo a pensar nas variáveis independentes do processo de luta. A gente vai amadurecendo e vai se formando na própria luta. Essa foi minha primeira greve. Conseguimos vitórias e até hoje ela é lembrada lá na Barbará. Assim que começou a greve nessa unidade, todas as outras da Barbará pararam também na mesma linha.

Pelegos

Aqui na capital, em São Paulo, a relação com o sindicato era a pior possível. Era a mesma relação ou pior, quase a relação com o Dops. Porque eles entregavam. Assim que sabiam que a gente estava trabalhando, entregavam, apontavam a gente para os patrões para a gente ser demitido. O sindicato de São Paulo era um horror. Todo esse período aí foi o sindicato totalmente em função do

patrão, patronal. Inclusive a empresa chamou o sindicato, não foram os trabalhadores que chamaram o sindicato. E quando chegou lá o dirigente sindical, chegou para atrapalhar a negociação, para atrapalhar as coisas. Era uma situação terrível.

Esse ano, 1978, foi o ano de eleição sindical. Foi o ano onde nós ganhamos as eleições. Só que a ditadura interviu de novo. O ministro do Trabalho veio e empossou o pelego que a gente derrotou. A gente gritou, gritou para tudo quanto foi canto, mas não tivemos... a sociedade não... a gente não conseguiu sensibilizar. As forças democráticas aqui de São Paulo e do país não compraram essa briga. Tivemos bastante apoio, mas não foi suficiente para reverter essa decisão do ministro do Trabalho da ditadura. Então, ganhamos, mas não levamos. Isso é uma das coisas marcadas aí. Tem um grande filme que foi feito na época: "Máquinas paradas, braços cruzados". Retrata essa situação que eu estou falando.

Eu consegui emprego numa fabriqueta, porque cada vez mais meu nome estava na lista negra. Dificílimo nas grandes fábricas, eu já não tinha mais condição de emprego. Então ia trabalhar nas fabriquetas, para poder ter a ligação com a categoria. Em 1978 enfrentei o desemprego. No primeiro semestre de 1979, fui fazer um curso de automatização pneumática. Influência lá da Santa Marina, que era uma coisa que eu gostaria de fazer. Já tinha curso técnico de metalúrgico, mas eu ia fazer automatização. Fui e fiz o curso da Fast. Era uma fábrica em Santo André que dava esse curso. Fazia cursos de especialização em automação pneumática. Mas não conseguia nada, mesmo sabendo.

Eu tive oportunidade de utilizar numa fábrica que eu trabalhei no começo do segundo semestre de 1979. Uma fabriqueta também, mas que produzia máquinas impressoras de sacos plásticos. Então produzia máquinas e essa máquina tinha todo um circuito pneumático. Eu lembro que eles estavam atrasados para fazer a entrega para o Canadá de uma máquina dessas e não tinha ninguém para fazer o circuito pneumático. Aí eu assumi o desafio. Eu trabalhava para outra função, eles não sabiam disso. Eu digo: "Eu consigo montar o circuito se vocês me derem o desenho". Passei uma noite aprontando, montando o circuito pneumático dessa máquina, que foi para o Canadá. É um conhecimento que eu tinha que estava morto. Eu carregava ele, mas sem aplicação. Aí eu tive a oportunidade. Para mim foi uma satisfação individual. Quando é que eu ia ter a oportunidade de montar o circuito de uma máquina? Nunca isso ia acontecer. E eu consegui realizar. Então tinha um monte de potencialidades que o sistema não tinha como absorver. Ainda mais eu já com um nível de conhecimento e aparecendo como inimigo deles. Não ia ter muita chance naquele momento.

Logo depois vêm as articulações da greve de 1979. Está fazendo 30 anos. Foi quando se deu toda aquela movimentação enorme, quando ocorreu a morte do companheiro Santo Dias. E aí o movimento já está ganhando outros rumos. Essa foi uma ação nossa, praticamente foi uma das últimas ações nossas de massa dirigindo a categoria metalúrgica da capital. Dirigindo de uma forma paralela ao sindicato. A partir de 1979, entra todo um processo em que a gente já não tem mais... que começa a nos quebrar, que foi a entrada do Partido Comunista dentro do sindicato junto com o pelego. Eles começaram a desenvolver um conjunto de ações que foram, sistematicamente, desde o uso da violência, com a corrente, o MR8, que trouxe o exemplo do Lula para São Paulo. Lula foi um dos primeiros a orientar o espancamento de militantes da Convergência Socialista na porta do sindicato, porque estavam distribuindo jornal da Convergência. Foram tomados os jornais e espancados os militantes da Convergência. Isso foi tomado aqui em São Paulo ao pé da letra. Até esse momento não se usava violência aqui na capital. A gente brigava, fazia empurra-empurra, mas ninguém… Foi em 1979, quando aconteceu. Antes de novembro de 1979, foi durante as greves do ABC, no começo de 1979, que houve esse incidente com a Convergência Socialista. Isso foi imediatamente assumido pela pelegada aqui de São Paulo, que passaram a nos agredir fisicamente. Contrataram uma academia de alterofilistas, Academia Roldan, vestiram o pessoal com a camisa de "Décio Malho". Seria o cor-

respondente ao "João Ferrador" de São Bernardo. Eles criaram um boneco, João Ferrador, para a comunicação com o jornal. Aqui em São Paulo – à imagem de São Bernardo – eles criaram o Décio Malho. Só que o "desce o malho" não nos patrões, era em cima da oposição. E aí começou uma guerra aberta. Vários incidentes violentos, com muita gente indo para hospital, feridos. E isso foi levado e desenvolvido pelas forças ditas de esquerda dentro do sindicato. Eu vivi vários enfrentamentos. Não cheguei a ser espancado, mas sempre estive na frente da batalha. Porque eu estava na direção, sempre tinha vários companheiros junto de mim, que sempre me protegeram as costas. Sempre estive numa situação em que havia uma corrente de proteção. Nunca fui espancado e também nunca participei, nunca espanquei ninguém diretamente. Mas em vários momentos o comando foi meu de ataque. Normalmente de contra-ataque.

Por exemplo, num cerco que eles fizeram à gente na sub-sede de Santo Amaro - queriam invadir a sede da chapa da Oposição -, eu organizei a defesa. Isso num sábado a tarde. Eles fizeram uma passeata e vieram invadindo a coisa. Aí a gente organizou uma equipe de pessoas com barras de ferro na mão e teve um monte de detalhes que acho que não é o caso agora. Mas, se você não tem firmeza de se preparar para o enfrentamento e na hora você enfrenta de fato, teriam invadido, teriam desmoralizado. Quando começou o confronto, a polícia chegou e separou as duas turmas. Foi o que salvou das piores consequências. São momentos que vão formando você no confronto. Uma experiência aqui, outra acolá. Eu tinha já também, para essas questões, os cursos de auto-defesa que eu fiz na luta armada. Tinha um monte de conhecimentos, de técnicas de algumas coisas que ajudaram a trazer isso de uma forma para o movimento. Como a gente já tinha conhecimentos do enfrentamento, então já fazia essa adaptação. Esse é um elemento também de ligação do movimento revolucionário com o movimento operário. Há pessoas que têm esses conhecimentos e que, na hora do confronto, socializam a informação e a técnica para o enfrentamento. Isso foi importante.

Última fábrica

Eu vou até 1993. 1993 é o ano da minha última fábrica e também o de uma greve muito significativa e de muitas emoções. Foi um esforço enorme, enorme, enorme para entrar nessa fábrica. Eu já não tinha mais carteira, tive que emagrecer 20 quilos – estava gordo na época –, tirar a barba, mudar o visual, para tentar. E produzir uma carteira profissional. Peguei registro de fábricas que tinham falido em Minas Gerais e coloquei, um dos registros, de oito anos de empresa trabalhados em Minas. Só que essa empresa já tinha falido, não tinha mais como fazer a verificação se eu trabalhei, se não trabalhei. Tive que aprender e desenvolver toda a técnica de falsificação de carteira profissional. A minha questão era falsificar para trabalhar. Então eu me especializei nisso. Pego uma carteira nova e… Agora, não, que eu não quero nem ver uma carteira profissional o resto da minha vida. Odeio carteira profissional, é a marca do ferrão. Mas era um documento que era enaltecido.

Consegui entrar e com a decisão forte de passar no mínimo um ano nessa fábrica, para me recuperar de tanto desemprego, tanta situação… Já tinha nascido já a minha primeira filha. Nasceu no meio da greve de 1979, quer dizer, um pouquinho antes, menos de um mês antes da greve. Eu precisava ter um mínimo. Estava pensando em, a partir daí, me recompor a nível da profissão. Mas quando eu chego, certo dia – estou trabalhando lá há quase um mês –, estou na fila do restaurante e aí batem no meu ombro: "Oi, Silva. Você não é o Silva?". Eu reconheci, companheiro de luta de outra fábrica. Aí, digo: "Sou. A gente conversa daqui a pouco". Na saída, a gente conversando, eu digo: "Olha, cara, eu não queria que isso se espalhasse aqui, porque eu tô querendo ver se passo um tempo trabalhando". "Ah, não, tudo bem". Mas isso aconteceu com um, daqui a pouco aconteceu com outro: me reconhecendo. Daqui a pouco, tinha uns cinco, seis, que já sabiam que eu estava na fábrica.

Aí, não teve dúvida, certo dia chegou um e me falou: "Silva, a gente vai parar essa fábrica. Você vai participar ou não? Acho que você precisa participar, pelo menos, de algumas reuniões pra orientar a gente, tal".

Eu digo: "Rapaz, eu não tenho nem um mês de fábrica aqui". Foi indo, eu fui participando das reuniões. Eu estava com um mês e pouco na fábrica, a greve estoura. Ficou combinado de eu não ir para a linha de frente. Só participar das reuniões de análise, de orientação. Só que eu estava lá, durante a greve, sentado junto com outros companheiros, aí passa o dirigente do sindicato que foi lá negociar e me viu. Não deu outra: na hora eu fui identificado como o mentor da greve. Os caras denunciaram aos patrões. Houve a greve, tirou-se uma comissão, teve vitória, mas foi dito que teria estabilidade durante dois ou três meses. Estabilidade para toda a fábrica.

Aí, duas semanas depois da greve, me demitem. Não deixam eu completar dois meses, que seriam os dois meses da experiência. Quando eu cheguei - eu entrava às 6h -, aí os guardas já: "Temos orientação de você ficar aqui no departamento pessoal, aguardando a chegada do…" O pessoal do departamento pessoal só entrava às 8h. Eu ia ficar das 6h às 7h no departamento pessoal. Eu disse: "Ah, não, aqui vocês não vão me segurar não. Eu vou pra minha seção. Não tenho que ficar aqui sentado esperando. Depois vocês me chamam". Eles tentaram, aí eu peitei, empurrei: "Sai, sai da frente que eu vou pra minha seção". Algumas pessoas já estavam vendo a encrenca. Alguns já chegaram, se aproximaram. Eles vacilaram, eu saí do departamento pessoal e fui para a minha seção. Quando eu cheguei na seção, veio todo o pessoal da comissão que foi eleita na greve. "O que que está acontecendo?". "Olha, eu acho que eles querem me demitir, porque queriam me segurar no departamento pessoal". "Ah, isso não". Aí, assim, na hora, a comissão decidiu parar de novo a fábrica. A encrenca agora era grossa. Porque é greve, não por aumento de salário, greve de solidariedade. Isso aí é greve política.

Você precisa ver a emoção da coisa. O pessoal voltou para as sessões, aí começou: "Ahhhh. Ahhh. Ahhhh". A fábrica parou. Mas eu fiquei numa emoção tão grande… É um negócio doido. E, assim: "Ninguém vai mexer com você". Quando o departamento pessoal chegou, a fábrica parada. A encrenca começou de novo. Foi uma briga feia. Não tinha mais jeito. Eles se mantiveram duros, a comissão se manteve, mas eu discuti bastante com a comissão. Tinha uma companheira lá que era da comissão, uma paraibana. Esqueci o nome dela, mas nunca vou esquecer da figura. Eu digo: "Olha, essa greve aí tem limite. Vocês não vão aguentar, porque vai vir barra pesada. Sabe, greve de solidariedade, vão encarar toda a comissão como inimigo. Tem que chegar em um acordo. Se eles pagarem… Primeiro reconhecer…" Porque eles disseram que eu não passei na experiência. Uma mentira à toda prova, porque toda a fábrica ficou sabendo que eu resolvi uma questão de quase 10 anos na fábrica, um erro que estava dando e por controle estatístico eu localizei onde era o problema e evitei que um monte de prejuízo fosse dado para a fábrica. Inclusive eles se assustaram. Muita gente lá ficou também numa situação difícil, porque já vinha esse problema lá há 10 anos e ninguém tinha conseguido resolver. Localizavam, identificavam a falha como sendo de um local, quando não era desse local, era de um local anterior. Mas como eu fiz um controle estatístico desde o começo, fui pesando e vendo as coisas, eu localizei exatamente onde estava, onde se dava a falha. E eles ficavam o tempo todo investindo, achando que era uma máquina, quando não era. E isso foi uma coisa assim que eles se assustaram. E eu que tinha resolvido, com menos de um mês de fábrica.

Dizer que eu não passei na experiência era mentira deslavada, ninguém aceitou isso. Eu digo: "Ó, se eles pagarem os direitos normais, a gente faz um acordo e a gente pára essa greve, porque isso aqui a gente não tem condição de segurar. Vocês não vão ter força suficiente. Depois o prejuízo vai ser muito maior". Essa paraibana olhou para mim, a firmeza à toda prova: "Silva, eu vou aceitar, mas eu não concordo. Não concordo, mas eu vou aceitar". Foi uma expressão também muito marcante. Ela entendeu a correlação de forças, entendeu a coisa, mas não concordava com a situação de injustiça que estava lá sendo perpetrada pela empresa. Chegou no final do dia, 4h da tarde, a gente fez uma assembleia. A comissão negociou o acordo, eles pagaram todos os meus direitos, reconheceram que eu não estava sendo mandado por não ter passado na experiência. Eles me

demitiram como se eu tivesse cumprido a experiência. Então foram dois meses, menos de dois meses de fábrica, deu essa encrenca. Também foi a última. Depois, eu não tive mais como voltar para a produção. Era muito esforço, muitas operações, um desgaste muito grande. E a idade também estava chegando e não dava mais para fazer isso. E aí entra num processo: "E agora? 40 anos, o que fazer?" Todos os cursos, todas as coisas e sem curso universitário. Onde eu ia conseguir alguma coisa de nível médio que desse a sustentação à família, isso e aquilo? O próprio movimento não tem saída para essa situação. Os sindicatos, o próprio movimento revolucionário nunca tratou da situação dos militantes que fizeram essa trajetória.

Oposição

Até 1979 foi o último grupo. A gente tinha aqui a célula da Política Operária, mas em 1979 a Política Operária estava também nos seus finalmentes. Já estava em declínio e logo depois se dissolveu. Ficaram grupos ali, alguns grupos de amigos aqui, acolá. A gente tinha um grupo também que se manteve por mais algum tempo. Tentamos uma outra experiência importante articulando o movimento político dentro dos Metalúrgicos de São Paulo, ficou conhecido como Ativo Operário. A perspectiva era construir um partido operário, mas surgiu o PT e lançou a questão que esse seria o partido dos trabalhadores. Entramos numa discussão, "se era PT, se não era PT". Uma parte nossa entrou também para o PT. Nós resistimos um pouco, mas dois anos depois entramos também para o PT e toda a perspectiva da construção de um outro partido, com outra característica, não foi viabilizada. Foi uma derrota nossa e não tivemos condição de fazer isso. Fiquei no PT "pro forma". Quer dizer, eu estava lá, mas nunca tive vida partidária. Até hoje sou filiado do PT, mas não tenho vida partidária.

Mas, assim, não tem como não reconhecer o grande papel histórico do PT. Eu vi isso no período do mensalão. Fiquei assustado com isso. Pensei que ia ser o fim da experiência petista, mas eu vi, na base, assim: "Se sempre eles tiveram os corruptos deles, nós temos os nossos". Tipo assim: "Tá fazendo isso, mas é do nosso lado". Um sentimento que eu não pensei que houvesse. E o segundo turno do Lula mostrou isso. Estava todo mundo achando, todo o pessoal do partido estava achando que era o fim, e a massa mostrou que não. Então, o PT cumpriu um papel histórico no Brasil que foi colocar um lado. Tem o lado dos trabalhadores, o lado de cá. Agora, não tem muito aprofundamento do que é que é esse lado, até onde vai esse lado. E aí há espaço para manipulação. Agora mesmo nós estamos diante da… Eu já vinha observando isso, mas agora o Estadão, com esse artigo do Fernando Henrique, escancarou a questão do que eles tão chamando de sub-peronismo. O fenômeno da relação direta que o Lula estabeleceu com as massas, passando por cima do partido, começou a fica claro para todo mundo. Tanto que, hoje, todo mundo fala do "partido do Lula", não é o PT. Então essa é uma questão que está aí colocada e que está exigindo resposta. Tem algumas possibilidades e algumas pessoas estão ainda lutando para colocar o PT em um outro patamar, com o ajuste, a correção do rumo da militância. Estabelecer outro nível de militância, limpar essa filiação que foi feita de qualquer jeito, em função de manipulação da luta interna. Então tem gente começando a pensar, a articular outras coisas. Mas eu tenho muita dúvida se vai conseguir ou não.

Foi um momento muito, muito difícil, no sentido de: "O que fazer?". Aí, um lance… Porque tudo é história. Tirou a história, começa a pornografia. Quais foram os elementos que me empurraram para essa questão? Eu já tinha identificado alguns, que tinham chamado a minha atenção: a automatização pneumática e tal. A eleição de 1987 foi uma eleição também bem disputada. A gente fez uma preparação grande para disputar essa eleição. Com a experiência de 10 anos atrás – de 1978, que a ditadura interviu – a gente tinha um acúmulo de luta suficiente para preparar uma campanha de peso, inclusive articulando o Brasil todo. A gente sabia que ia enfrentar... Tirar a pelegada do Sindicato de São Paulo era uma tarefa política enorme. Nós vimos depois que o Lula não teve interesse em fazer isso porque era criar um elemento de

disputa da liderança com ele no movimento operário. Isso depois ficou bem claro para a gente. Então era uma luta pesada. No nosso campo mesmo, por exemplo, de chamar o apoio do Lula e de todo o sindicalismo que estava despontando como os autênticos. Era um dos objetivos nossos ter o apoio deles. E, em parte, tivemos. Mas, assim, por parte de São Bernardo foi muito, muito vacilante.

Nessa eleição, teve um companheiro que conseguiu uma façanha. A gente lutava sempre para ter a lista dos sócios do sindicato, para poder se comunicar. Só a diretoria se comunicava com os sócios. A Oposição não tinha a lista de associados. Aí, teve um companheiro que conseguiu burlar a vigilância lá do sindicato e conseguiu que uma pessoa que trabalhava no CPD vendesse, tirasse a fita com a lista de sócios. E conseguiu. Nem sei quem foi direito. Isso era mantido clandestino, porque não era para saber. Mas o fato é que essa fita veio parar na minha mão. E eu fui tirado o responsável para passar a informação, de fita magnética, para aqueles disquetes, ainda disquete 3.4, bolachão. Foi uma saga fazer isso. Porque, primeiro, eu não podia utilizar empresas daqui. Tinha que ter uns computadores enormes. Era feito uma fita magnética desse tamanho. Quase como aqueles rolos de filme de 8mm. Aquela fita grande em que estava toda a informação. Todo o banco de dados estava naquela fita. Então, tinha que tirar daquela fita para disquete. Agora, se eu fosse ver qualquer empresa aqui em São Paulo para fazer isso, saberia que era uma fita do sindicato e aí estava comprometida, ia se identificar o desvio da fita de lá.

Aí eu fui para o Rio de Janeiro. Passei um dia inteiro tentando nas empresas do Rio de Janeiro, mas não deu. Ou era muito caro, ou algum rolo, que não deu. No Rio, nós ficamos sabendo que tinha acabado de ser ganho, pela Oposição, o Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte. Eu tinha saído só com uma roupa, porque eu ia viajar e voltar no mesmo dia. Aí, do Rio, tive que ir para Belo Horizonte. Lembro que tive que comprar uma calça, camisa, cueca, no meio do caminho, para poder fazer a troca de roupa. Era uma guerra. Não dava para ir e voltar. Eu tinha que resolver aquilo. Em Belo Horizonte, eu consegui. O sindicato rodou a fita e salvou em disquetes, caixas e caixas de disquetes.

Programação

Com os disquetes, já podia ser feito em vários lugares, porque os PCs já estavam, já existiam máquinas individuais com bastante acesso. Encontrei um programador que trabalhava com isso e fui começando a me organizar. Foi a primeira vez que eu começo a ouvir falar de banco de dados e como organizar a informação. Eu acompanhava o programador mais como polícia, para proteção do banco de dados, do que outra coisa. Na programação, o programador vai falando, falando. Ele tinha uma mania de falar com a máquina, como se a máquina fosse viva. Ele vai falando, fazendo as coisas e falando. Eu ficava do lado dele, lendo, fumando para diabo, que na época eu fumava muito, mas, em algum momento, me chamava a atenção o que ele estava fazendo.

Numa dessas, eu estava com uma grande dificuldade, porque eu já estava tentando mapear as empresas metalúrgicas na cidade, utilizando o guia de ruas e mapeando manualmente. O meu objetivo era criar micro-regiões e separar essas regiões pelos nossos militantes para efetivar um conhecimento maior dessas fábricas por micro-regiões. E o outro objetivo era na área de saúde. Eu já estava estudando o impacto na saúde do ambiente de trabalho, o impacto na saúde do trabalhador. Eu estava tentando resolver uma questão que é mortífera para o trabalhador. Quando o trabalhador adoece dentro da fábrica, ele vai para o médico dentro da fábrica. Se o médico identifica alguma contaminação com algum material da fábrica, o médico cumpre o seu papel de informar a empresa. Só que a decisão da empresa é mandar essa pessoa embora. Quando ela vai identificar que foi contaminada, já está uma, duas, três fábricas para frente. Então ela perde o nexo causal com a empresa e a responsabilidade da empresa na contaminação é perdida. Muitos, muitos companheiros foram vitimados e ainda são, hoje, porque essa questão não está resolvida. São vitimados por causa disso. Então, se ele está com

problema de saúde, tem que ir no posto de saúde público. Ali o médico tem que estar orientado para identificar o nexo causal daquela doença e orientar. Se foi contaminado dentro da fábrica, a fábrica tem responsabilidade na contaminação. E aí tem todos os direitos, a proteção da legislação.

E eu ia localizar fisicamente a fábrica, onde moram os trabalhadores, os equipamentos de saúde e depois fazer o programa de orientar os trabalhadores a usarem os equipamentos de saúde e orientar os técnicos da saúde na identificação do nexo causal. Isso foi o que eu me propus a fazer. E para isso eu tinha que meter no mapa as metalúrgicas. E aí cheguei num ponto de esgotamento, porque não tinha como fazer isso na mão. Mapear tudo isso na mão ia ser um trabalho monstruoso. Quando me aproximei desse programador, vendo o que ele estava fazendo, eu digo: "Rapaz, esse negócio não pode me ajudar não numa questão?". "Que questão?". Coloquei para ele a questão que eu estava querendo resolver. Aí, ele disse: "Olha, se você tiver a informação desse jeito, a gente pode programar assim e assim". Pronto, isso mudou a minha vida. Mais uma... Foi quando eu vi pela primeira vez a lógica da programação, a articulação dos códigos de programação.

Mudou tudo na minha vida. Tudo que eu estava fazendo, todos os limites que eu estava encontrando foram sendo quebrados, todos eles. Para mim, já era o fim. Eu entrei com ímpeto nessa questão, para resolver, e já estava... Eu mesmo estava doente, já estava tomando muita cachaça em função das desventuras que eu estava encontrando. Então o escape era o boteco. Quando eu descubro a lógica de programação, me dá mais um alento e eu começo a fazer um trabalho de localização da informação no espaço urbano, articulando banco de dados com guia de ruas. Fui avançando, avançando, avançando nessa questão. Consegui distribuir essa informação na cidade de São Paulo. Tive que aprender a fazer a padronização do banco de dados, que era um lixo. Até hoje ainda é. Muitos bancos de dados são um lixo. Padronizar, colocar ele de acordo com os Correios, depois aprender a desagregar o banco. Hoje se fala "modelagem do banco de dados". Modelava o banco para que ele pudesse ser lido num programa, para que você dissesse o seu CEP e o seu número da casa e eu dizia qual a quadrícula do mapa em que estava. Consegui isso ainda em DOS, antes do Windows ser dominante. Não tinha os recursos gráficos que tem hoje.

Com essa linha, eu topei com programas. Com a queda do bloco soviético, já estava aberta a localização via satélite da coordenada geográfica. O primeiro sistema feito estava sob controle dos Estados Unidos. Eles liberaram e impuseram um erro na localização da coordenada, mas que, depois, tinha um jeito de fazer a correção desse erro. Mas você não poderia usar para míssil. Na hora, se você fosse se orientar pelas coordenadas oferecidas pelo satélite, ele dava um desvio. Se você quisesse bombardear a Casa Branca, pela coordenada oferecida, ele não caía na Casa Branca, caía no vizinho. Isso era uma forma de segurança dos Estados Unidos. Até liberarem agora, porque a Europa lançou um outro sistema que fez a coordenada correta. Agora os Estados Unidos também está com a coordenada correta. A localização da coordenada geográfica via satélite foi um avanço grande na questão da localização da informação, não só para guerra, como para navegação marítima, e hoje está sendo utilizada de uma forma cada vez mais eficiente na navegação terrestre mesmo, no transporte terrestre, que são os famosos GPS.

Antes disso, eu conseguia localizar a coordenada geográfica a partir dos mapas digitais. Então, se você desse o CEP e o número, eu calculava a coordenada geográfica. Foi todo um conjunto de conhecimentos - hoje cada vez mais a gente avança nele - que permite a você colocar qualquer informação urbana no lugar certo. Não fiz curso nenhum. Até agora fui autodidata. Sempre fui indo na coisa. Com isso, comecei a prestar serviços oferecendo essa ferramenta. Aí, migrei para a tecnologia da informação. Abandonei, já não tinha como exercer a metalurgia e as outras funções dentro da produção. Comecei a pagar as contas com a tecnologia da informação.

Geoprocessamento

Fiz vários trabalhos. Na ECO-92, consegui apresentar um projeto. Consegui pegar o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas. Quando eu coloquei na malha urbana de ruas e coloquei a quadrícula - eu já identificava por quadrícula - associei o mapa de bacias e sub-bacias hidrográficas com as ruas e com as quadrículas do mapa. Então, o que é que eu consegui dizer? Peguei o cadastro industrial do Senai – de empresas com mais de cinco trabalhadores, na época – e associei o banco de dados a essa cartografia. Eu não tinha representação em mapas, era tudo em banco de dados. Eu pegava o endereço – rua e número da empresa e o código nacional de atividade econômica – então, pela articulação com os bancos, já com informações geográficas, eu dizia qual a quadrícula em que ela estava. E articulei a quadrícula com as bacias: se estava dentro dessa quadrícula, estava dentro dessa bacia. Articulei todas as empresas por bacias hidrográficas, bacias e sub-bacias. Numa sub-bacia, se eu encontrasse no córrego mercúrio ou chumbo, metais pesados, pelo código de atividade econômica das empresas daquela sub-bacia, eu inferia quem trabalhava com chumbo. Porque o código da atividade econômica diz o que produz. E pelo que produz você sabe se contém chumbo ou não. Com rápidas aproximações, três, quatro aproximações, eu estava com todas as empresas que destinavam os efluentes para o córrego sem tratamento.

Isso aí, eu apresentei lá no Programa de Despoluição do Tietê e quase que me jogaram do 20º andar embaixo. "Como é que? A gente gastando milhões e milhões e milhões…". E chega um maluco com um negócio que foi simples, mas que oferecia todas as possibilidades de contaminação da água. E com responsabilidade individual de quem estava contaminando. Não é fantástico? Mas uma decepção enorme, porque você fazia tudo isso e o sistema detonava tudo, não utilizava. E a gente não tinha força nem para denunciar. Os caras ficaram impressionados com isso e, ainda mais, eu tinha conseguido o cadastro das empresas. Apresentei isso na ECO-92, no Anhembi. Esse foi o primeiro trabalho. Podia localizar qualquer contaminação em qualquer sub-bacia. Dependia do que você encontrava na análise da água, se fosse mercúrio, tal. Hoje, por exemplo, nós temos um problemão que está acontecendo. Você vai lá no SESC Interlagos e, em todos os lagos, cada dia mais aumenta a incidência de mercúrio. Eu já falei – ele não está mais lá –, mas eu falei para um dos técnicos lá do SESC, que poderia identificar tranquilamente todas as emissões de mercúrio, como estaria chegando lá. Mesmo que ele não tenha a contaminação, não seja a partir dos efluentes.

Então, você veja, peguei a listagem da Cetesb, e todas as que foram multadas, peguei o código de atividade econômica. Aí, o que foi que eu fiz? Verifiquei quantas outras empresas tinham esse mesmo código das que foram multadas. Quer dizer, aquelas foram multadas, mas aquela outra podia estar poluindo até mais e simplesmente não foi multada. Peguei todas as possibilidades de contaminação existentes e classifiquei elas por sub-bacias. Então o trabalho estava bastante reduzido, de uma fiscalização, né? Mas isso foi visto como uma coisa que… Ficou todo mundo assustado. A última coisa que queriam era assumir uma coisa dessa. Como é que iam explicar gastos e mais gastos que estava alimentando… E outra: na verdade, o programa de despoluição foi usado por uma determinada faixa de empresários, que tinha alguma influência, que pegava o dinheiro da despoluição do Tietê pra reequipar, fazer inovação tecnológica na maquinaria. Na verdade não foi para despoluir, foi utilizada essa grande massa de dinheiro por interesses particulares.

Logo depois eu fiz o primeiro serviço aplicativo, uma aplicação na secretaria, na época era SEBS, no governo Erundina. Nós cadastramos todas as crianças que estavam em creches. Relacionei a moradia da criança, com o trabalho do responsável dela: moradia e trabalho, do pai e da mãe. Então a gente sabia exatamente qual era a situação para racionalizar a utilização do sistema. Ou não se deslocar muito tempo com a criança nesses ônibus lotados. Tem muitos e muitos casos em que a mãe sai 5h da manhã com a criança no colo. Poderia deixar a criança numa creche próxima da casa, evitaria o des-

locamento da criança. A gente fez isso. Foram pintando alguns trabalhos na área, mas, era raro. Quando vinha um trabalho, era mais para pagar as dívidas. E estava sempre assim, correndo da mão para a boca, da mão para a boca.

E, nisso, também, o movimento sindical… A reestruturação produtiva causa um impacto enorme. Cai o Muro de Berlim. Dá um impacto violento também na questão da perspectiva socialista e revolucionária. Entra em crise um monte de coisas, tudo entra em crise. Quando eu descobri tudo isso, cheguei a oferecer no sindicato. Fiz todo esse trabalho para o Sindicato dos Motoristas de São Paulo, dos condutores. Peguei todo o cadastro deles, parcializei, mostrei onde eles moravam, onde estavam as pessoas que eram de comissão de garagem, quem era da CIPA. Todo o cadastro. Quando eu mostrei para eles, para quem foi receber o trabalho… Eles tiraram um representante da Articulação, um representante do PC do B e um representante da CUT pela base. Aí foram os três lá para eu mostrar o sistema construído. Acharam fantástico, mas, na saída, soube tempos depois por um deles, eles fizeram um pacto para não levar o sistema para dentro do sindicato. Porque, se uma tendência pegasse aquilo ia acabar com as outras. A questão da transparência, um monte de coisas ficava muito visível. Foi uma grande decepção da minha vida. Quando eu descobri uma coisa que ia ajudar o enfrentamento e a luta dos trabalhadores, verifiquei que isso daí, dentro do movimento sindical, não tem vez. Nesse movimento, não entra. Pode entrar qualquer coisa, mas a questão do geoprocessamento, da transparência, não é nem o geoprocessamento, é a questão da transparência. Não entra nesse movimento sindical que nós temos. E essa não foi a primeira não. Tive outras experiências com o movimento sindical. É tanto que, agora, qualquer solicitação do movimento sindical, eu não tenho interesse nenhum em atender. Às vezes eu vou, só para ver se tem algum sinal de vida, que eu poderia estar fazendo, mas não tem. As últimas que eu tenho… Inclusive uma agora, recente, que eu achei que fosse… Era a coisa mais horrorosa que tem. Queria utilizar tudo só do ponto de vista do controle, realmente na questão do controlar, monopolizar e estabelecer pensamento único. E, aí, o preço que eu cobrei, não se dispuseram a pagar.

Democratizar a informação

Algumas questões criaram um diferencial nesse processo. Hoje, a tecnologia de geoprocessamento está acessível. Quais são as ligeiras diferenças que alteram completamente uma técnica pela técnica? Eu chego no geoprocessamento antes mesmo dessa tecnologia chegar no país. Começo a desenvolver ela aqui, mas por uma necessidade política, que era a questão da socialização da informação e do controle da direção pelas bases. Para que a informação chegasse em toda a base ao mesmo tempo que chega para o dirigente. Se você vai discutir, por exemplo, veja as assembleias, as famosas assembleias da Vila Euclydes. Que exemplo de ditadura! Mas hoje é visto como exemplo de democracia. Por que ditadura? A diretoria do sindicato discutia a questão, vinha discutindo a questão meses e meses a fio, negociação com os patrões, possibilidades e tal. Só que essas discussões não saíam do âmbito de meia dúzia do entorno da diretoria. Não era uma discussão que chegasse na fábrica. O mesmo tempo real que a diretoria está discutindo, que os trabalhadores tivessem acesso a essas informações para discutir nesse mesmo tempo. Aí, quando chega na assembleia, você, enquanto dirigente, apresenta todas as possibilidades que você pensou. Coloca as questões e oferece duas alternativas para votar. Dá cinco minutos para aquela massa de 60 mil pessoas pensar. Democracia, não é?

E outra: democracia do microfone. Se você desse uma fração de segundo para 60 mil pessoas falarem, ninguém ia dizer nada, não ia conseguir ser entendido. Falar em uma fração de minuto, não ia colocar sequer um pensamento inteiro. Você democratizaria e significaria o desastre, ninguém ia entender nada, a assembleia seria uma assembleia inútil. Então, para falar ali, só poucos podem falar. Porque, se 20 pessoas forem para falar 3 minutos, isso aí é 1h. Se tiver uma réplica, qualquer coisa, já são 2h de assembleia. Agora imagina no

sol, todo mundo em pé. 60 mil pessoas, 2h de assembleia? Sem chance.

Objetivamente, está colocado. É possível fazer uma assembleia democrática, nos moldes da Vila Euclydes, e ter a democracia de fato? Eu posso te dar uma série de dicas que você vai ampliar essa democracia. Se, antes do dia de uma assembleia geral, você fizesse assembleias regionais, reunindo menor número de pessoas, mas que discutisse todas as questões. E que cada assembleia geral tirasse dois oradores ou três, no máximo, para falar para a assembleia geral, você teria todas as informações mais discutidas. E quando chegasse aquela massa de 60 mil pessoas, já sabiam, já tinham pensado, já tinham discutido em casa as posições. Estavam indo ali para decidir, para fazer uma votação. Ver com os outros e decidir coletivamente. Um processo. E, hoje, com a tecnologia, a internet já permite você deixar lá todas as posições abertas. Fulano de tal, sócio, defende tal. Outro defende tal. Você pode criar um processo de intervenção que vai produzindo uma discussão virtual. Mas que não seja isso, porque muita gente não participa da eleição. Como é que você socializaria isso? Num jornal. Mas, no jornal, muita gente não sabe ler e muitos que leem não entendem o que está escrito. Então, como socializar mais ainda? Coloca 0800. 0800: digite 1 para ouvir a opinião do Lula. Digite 2 para ouvir a opinião do Alemãozinho. Digite 3 para ouvir a opinião do Osmar. Estou me referindo a três lideranças das greves de São Bernardo. Então, com um telefone público, eu ligava para o 0800 e ouviria as três posições. Ia para a assembleia já com o caso pensado, discutido em família, amigos. Sabia por ouvir a voz de cada um no 0800.

Juventude

O trabalho com a juventude faz parte da minha vida toda. A criação de grêmios... Toda a minha vida ativa na juventude, eu tive sempre esse trabalho. Não contei de uma experiência que foi forte, na época, em Garanhuns, que foi quando eu montei um grupo de escoteiros lá. Eu me aproximei do escotismo pelas atividades, mas quando eu fui ver a filosofia e os valores… Alguns valores e o moralismo existente no movimento são uma coisa horrorosa, mas a gente trabalhou isso e utilizamos toda a parte do trabalho em grupo, a articulação desses grupos num coletivo. Um monte de exercícios e práticas coletivas que são muito úteis. Até hoje eu uso técnicas que aprendi no escotismo. Inclusive as minhas duas filhas são escoteiras. Não coloquei elas lá, mas quando elas tomaram contato com o movimento, foi suficiente para entender o que aconteceu comigo e as coisas que eu ensinava para elas e não dizia que era do escotismo. Aí, quando eu associei, elas foram ser escoteiras. E foi importantíssimo o escotismo na vida delas. Importantíssimo. Todas as minhas filhas andam de ponta a ponta por São Paulo, dia e noite, sabem se orientar, sabem se movimentar, sabem técnicas de memorização. E um monte de técnicas de vida que a gente conseguiu passar para elas, o escotismo ajudou muito. Alguns jogos do escotismo, de memória. Algumas técnicas, a questão do contato com o campo, os acampamentos. Fiz vários acampamentos com elas, fiz marchas com elas. Eu tenho coisas muito bonitas e lembranças muito fortes desse aprendizado.

Quando eu vi, cheguei num momento que eu ia fazer o quê? Ou eu ia seguir a carreira do Maiakovski - tomar vodca até se enforcar - ou eu iria encontrar alguma saída. Porque, depois da queda do muro, depois de toda aquela loucura, o que me segurou foi, inclusive, um fenômeno... Por exemplo, quando eu falei que, no segundo colegial para o terceiro, eu mudei das ciências exatas para as ciências sociais… Hoje não se trata disso, toda ciência tem que ser verificada. Essa divisão exatas e sociais não é uma coisa boa. Mas, quando eu mudei, eu não via mais… Por exemplo: laboratório. Nunca consegui. Em todo o meu processo, entrei no laboratório uma vez para ver algumas cobras lá no fenol, em conserva. Mas, fora disso, todo aquele monte de equipamentos, tubos de ensaio, tudo parado, cheio de poeira. Nunca vi um exercício, nunca passei por um exercício de química no laboratório, nem de física. Tudo que a gente aprendia teoricamente não tinha como verificar, não tinha como exercer e me dava aquela sensação horrorosa

de que eu sempre iria ficar sabendo que alguém fez em algum lugar do mundo. Que iam me ensinar, de uma forma teórica, mas eu não tinha condição nenhuma de seguir uma experiência, de desenvolver outra. Isso era frustrante. Perdi o tesão totalmente.

E o que estava colocado era o autoritarismo, a ditadura. Qualquer coisa que era "pensar", naquele momento, topava com a ditadura. Virava para um canto, ditadura, virava paro outro, ditadura. E aqueles valores lá na minha cidade... Então eu digo: "Olhe, vou aprender técnica de enfrentar a ditadura". A minha questão todinha foi o enfrentamento com a ditadura e desliguei da questão do desenvolvimento científico, das pesquisas. Porque, como não fui para a faculdade… Se tivesse, acho que eu teria encontrado a morte mais rápido, porque iria me expor mais. Não ia encontrar laboratório na universidade. Se tivesse, também seria aqueles grupelhos, como depois eu tive oportunidade de conhecer. Eu vi, porque eu fiz pelo Sintusp, fui contratado para fazer o mapa de risco do Instituto de Química. E tive uma experiência de como são utilizados aqueles laboratórios, que estão mais sendo utilizados para pesquisas de empresas, de professores contratados por empresas, do que para pesquisa e trabalho dos alunos. O trabalho dos alunos fica numa fila enorme esperando o desenvolvimento das experiências. E primeiro tem aquela lista. Tudo trabalhando para fora. É a privatização do Instituto. Só quem usa são os professores que estão mancomunados com a iniciativa privada. Isso aí é perfeitamente assumido e ninguém briga contra isso. Um esquemão enorme. Eu vi isso fazendo o mapa de risco. Encontrei situações lá que... Inclusive um trabalhador do laboratório do Instituto de Química, que estava com uma doença, com um negócio na mão esquisito. Eu quis levar ele, arrumei tudo certinho para ele ir num posto de saúde na Lapa, perto da USP. Ele inventou tudo quanto foi coisa para não ir. Não ia de jeito nenhum. Aí ficou um negócio esquisito: "Como esse cara não quer resolver esse problema?". Aí eu fui investigar mais e mais e depois eu consegui, através de outro companheiro: ele estava trabalhando com um professor, experiência de um tipo de coisa que ele não podia dizer. Ele não era cobaia. Ele estava sendo contaminado com uma experiência, só que essa experiência é clandestina do Instituto. E não pude fazer nada. Falei para a direção do sindicato. Nem aí. Essas questões não passam… Eu tinha esse jornal até pouco tempo, tenho em algum lugar. Foi publicado um jornal inteiro a partir desse meu trabalho lá. O Sintusp produziu o mapa de risco. Eu fiz da Química, da Física, o risco de trabalhar na USP. Fizeram um alarde, no começo, mas usaram isso, não no sentido de resolver as questões, mas no sentido de desenvolvimento de uma política A ou B da época.

Território de vivência

Vi o seguinte: não tinha mais com quem conversar, no movimento, nas coisas. Ou eu encontrava uma outra saída ou tinha que parar. Como eu falei: a carreira do Maiakovski. Aí, decidi me aproximar da juventude e verificar se era possível transmitir esses conhecimentos para parte da juventude. Comecei a desenvolver experiência de novo de aproximação com os filhos dos trabalhadores. Não era a juventude, qualquer juventude: a juventude filha dos trabalhadores e morando na periferia da cidade, no habitat onde fica realmente a força de trabalho. Fiz uma experiência em Taboão da Serra. Fiz um projetinho, encaminhei. Foi a primeira vez que ouvi falar de concurso de projetos. Para mim, financiamento era sempre uma coisa arranjada ou, como fala um amigo meu, "licitação é o instrumento legal de legitimar fraude". Sempre achava que tinha coisa. Mandei uma proposta de concurso para o Comunidade Solidária. Nem parei direito para ver o que era isso. Só depois que eu me aproximei é que eu vi que era coisa lá da Ruth Cardoso, na época. O nosso projeto foi contemplado, só que eu tinha que fazer a relação com a escola pública. Como aqui estava o Paulo Maluf, não tinha condição. Fiz em Taboão da Serra, município vizinho. Fiz uma primeira experiência com 20 jovens que eu consegui selecionar.

Essa experiência me mostrou que é possível transmitir esses conhecimentos para a juventude. Mesmo

com a insuficiência do ensino formal precário, mesmo o pessoal falando e escrevendo errado, quando começa a se aproximar dessa tecnologia… Mas não assim, simplesmente, a tecnologia pela tecnologia. Eles começam a fazer - utilizando a tecnologia, articulada com as questões do seu interesse, da sua comunidade, do seu pedaço –, começam a se enxergar e a enxergar o seu território de vivência. Existe aí um forte apelo de incentivos e de colocar possibilidades para a vida desse jovem. Era um trabalho com georreferenciamento, como forma de participar melhor do seu bairro, da sua área de vivência. Fui desenvolvendo isso. Aí terminou esse projeto. Tem experiências, resultados, fantásticos. Depois fiquei sabendo de um, de outro emprego… Foi importante. Até hoje, tem uma menina que foi jogada no orfanato desde os 3 anos de idade, nem conhece os pais. Essa menina, a Cláudia, eu consegui colocar num emprego na empresa Toledo & Associados. Ela trabalhou lá na Toledo vários anos e fez um curso de espanhol e decidiu ir para a Espanha e casou lá. Está com um filho e sempre converso com ela pelo Messenger. Está muito bem de vida, bem colocada, feliz, com filho. Ela mandou as fotos da casa dela: como a classe média daqui, com todos os recursos e comodidades de uma casa. Foi da primeira turma. Tem um respeito e admiração enorme pela gente. Ela viu como é que foi o processo e me dá notícias de outras pessoas também da época que terminaram se encaminhando. Esse curso foi em 1996.

Depois eu tentei uma experiência lá onde é hoje a Associação Chico Mendes. Consegui mobilizar, consegui um empresário que colocou 20 micros novos para fazer a experiência, mas eu caí na direção da entidade, uma direção que tinha uma tendência do PT, um negócio assim totalmente esdrúxulo. Aí vi que não dava, não tinha oxigênio nenhum para tocar as coisas. Larguei tudo lá com os meninos, deixei os micros e saí fora. A experiência não andou, porque tinha a questão da transparência e era impossível pensar em transparência com essa turma. Saí fora.

Aconteceu outro fenômeno, que foi o que me segurou um pouco. Eu criei uma empresa: Espaço em Dados. Isso em 1993, 1994, para fornecer serviço de geoprocessamento. Mas, quando eu criei a empresa, parece que tudo piorou, eu só tive despesa. Despesa com contador, despesa com isso, despesa com aquilo. E o serviço que eu conseguia não dava para segurar. Eu sei que eu já estava devendo muito. Lembro que a dívida já estava entorno de R$80.000. Não sabia mais o que fazer. Já com três meses, para ser despejado de onde estava, um negócio maluco. Quando veio um companheiro velho, que foi da POLOP, que estava com uma empresa de tecnologia bem sucedida, prestando serviços. Ele estava em contato com as empresas de outdoors e estava querendo fazer um sistema de mídia através das campanhas de outdoor. O objetivo dele era georreferenciar todas as placas existentes, depois a gente teria que fotografar todos os pontos de visada dessa placa, da rua que você ia de carro e via essa placa, ou a pé. Onde dava ponto de vista para a placa. Tinha placa frontal, placa inclinada, em "V". Então todas essas posições nós geocodificamos e fotografamos todos os outdoors de São Paulo. Cada ponto de vista é uma rua e, naquela rua, pela pesquisa de origem e destino, nós sabíamos quem passava ali, quantos carros passavam, quantas pessoas passavam, a idade de quem passava, o grau de instrução de quem passava e renda de quem passava. Contratamos o Datafolha e ele fez uma pesquisa de quem viu, quem não viu e verificou o impacto em cada placa, em cada ponto de visada. Então a gente já sabia, pela pesquisa do Datafolha, a partir desse momento, a gente já sabia quem passava e o índice de visibilidade. Se colocasse um anúncio ali, a gente sabia que atingia mais mulheres de 30 a 40 anos. Se tivesse algum produto para ser divulgado para mulheres de 30 a 40 anos, a gente dizia: "Nessa placa, nessa e nessa". Você, de cara, tem um impacto de mais de 60%. Se tiver mais dinheiro, contrata outras placas.

Eu vendi a empresa. Na verdade, eu recebi o dinheiro para pagar as dívidas. Sobrou alguma coisa. Comprei o MAC, dei um computador para as minhas filhas, que foi uma coisa importantíssima. Desde pequenas elas já começaram a ter computador. A nossa empresa era provedora e nós tínhamos acesso a essa coisa. Então, em

casa, eu tinha acesso. Já não estávamos mais juntos. Em 1993 eu separei, mas a casa delas tinha acesso direto a partir da empresa em que eu trabalhava. Então elas sempre tiveram acesso em alta velocidade. Não era discada. Isso foi determinante na formação delas.

Mudanças violentas

Em 1998 tive um infarto. Isso aí foi assim: foram muito violentas essas mudanças. Quando eu entrei nessa empresa, putzs, eu caí numa panela de tecnologia. É um negócio impressionante. Eu ficava besta, porque não existia problema. Qualquer nível de problema que existisse agora, às 9h da manhã, às 15h de hoje estava resolvido. Por que? Porque entravam imediatamente algumas pessoas fazendo pesquisa no mundo inteiro. Encontravam solução em Israel, na França, nos Estados Unidos. À tarde já estava negociado, entendido o problema e solucionado. Um negócio doido. Quando eu vi isso, quando eu vi essa possibilidade, eu digo: "Putz, tá toda a possibilidade agora de colocar a palavra de ordem do Marx: 'Trabalhadores do mundo: Uni-vos'". A primeira vez que eu vi que eu podia. A partir de hoje eu me comunico com qualquer trabalhador em qualquer parte do mundo sem atravessar fisicamente o oceano. Todas as condições estão dadas, o capitalismo desenvolveu a possibilidade de produzir a aproximação de todos os trabalhadores do mundo. Essa era uma questão encrencada para mim, como fazer isso. Só se aproximava, até pouco tempo, e ainda está aí, a condição de se aproximar é só dos dirigentes. Ainda estamos na ditadura dos dirigentes. Só a cúpula dos movimentos sindicais se encontra em congressos internacionais. Mas hoje já dá para eu falar diretamente com a pessoa de uma fábrica. Se eu for procurar, vou encontrar uma pessoa que trabalha numa fábrica que eu achar que devo procurar. Faço contato direto.

Mas eu via a coisa nova, a possibilidade vindo e a questão da inoperância. Agora eu não tinha mais contato com o movimento sindical, já estava totalmente encrencado. O meu processo de saída do movimento sindical, foi, ao mesmo tempo, por iniciativa minha, mas o que eu estava colocado era um negócio tão horroroso para os meus pares, que também foi um certo: "Vá embora. Não perturba mais por aqui". Eu deixei muita gente mais tranquila depois que deixei de intervir. Porque, quando eu intervia, levava todas essas encrencas, que se ligam com aquela questão de UBES, quando eu levava a situação concreta do trabalhador. É a minha questão de ligar as questões gerais com o cotidiano. Quando eu chegava com o cotidiano, é como se fosse um cara com o ebola ou AIDS ou qualquer coisa. Preconceito é um horror: "Tira daqui, tira da minha frente que isso…". Porque não tem resposta. Não tem resposta e quer ficar nas aparências, na demagogia. Não fui por aí e até hoje eu estou com essa questão de trazer, de desocultar a realidade e intervir o mais próximo possível da situação concreta. Aquela famosa questão do Marx da análise concreta da situação concreta.

O meu infarto se dá exatamente quando degringola esse trabalho lá no Chico Mendes. Quando eu vi que todo o esforço que eu fiz, putz, perdeu tudo… Deixei os micros, deixei tudo, larguei praticamente lá. Mas não me tirou a questão de que é possível passar para a juventude. Porque os meninos iam muito bem, a direção é que interviu no processo. Ficou uma impossibilidade, porque não tinha relação com essa direção escrota, mas ficou a questão de que, com os meninos, dá. Então, não perdi a esperança de encontrar ainda um jeito. Logo depois, quando estava já nas últimas reuniões com eles, quando a relação já estava desgastada, foi esse o momento do infarto. Também, de certa forma, foi querer viajar por outros caminhos. Os problemas, as emoções, as coisas eram muito grandes e as dificuldades enormes. E eu estava fazendo todo esse trabalho lá porque eu estava nessa empresa e gastava muito dinheiro com taxi, bancava a experiência que eu estava fazendo. Não tinha ligação mais com nada: sindicato, partido, igreja, nada. Estava fazendo uma espécie de uma carreira solo. Não porque quis, porque não tinha… E qualquer coisa que eu fosse falar das questões que eu estava fazendo, era uma luta. Quando saí de lá, já estava numa situação muito encrencada, já tava querendo: "Acho que eu vou

só escrever". E o infarto me afastou da coisa que eu mais gostava, que era beber. O que mais me tirava do… No fim do dia tomar duas cervejas, duas vodcas e dormir. Entrar no mundo do sonho. Conversa jogada fora em boteco. Uma forma que eu encontrava de espairecer. E como eu não estava mais. Sem isso…

Transparência

Aí chegou um menino que veio fazer um estágio comigo, um estudante de Geografia da PUC, e falou: "Silva, eu tenho contato com uma entidade no São Luis. Eu falei lá e eles têm muita vontade de fazer um curso de informática". Eu, com os meu botões: "Putz, de novo". Ele insistiu, insistiu. "Então marque que eu vou lá". Perguntei onde era o endereço e fiz o mapa, já dei uma olhada no entorno, na questão sócio-econômica, já tinha todo esse material. Quando cheguei lá, até para me orientar também, por acaso eu fui com o mapa que eu tinha impresso. E lá, na conversa, eu falei: "Olha, seria um curso de informática, mas ligado à questão do território, mais ou menos assim, olha". Aí mostrei o mapa. Encantador, o mapa foi encantador.

Eu já estava resolvido também com uma questão que eu sempre falo em algumas entrevistas: eu estava com muitos dados sem um método de apropriação. Porque a grande questão é como se apropriar, como o cidadão comum se apropria das bases de dados hoje. Eu tinha lá, por exemplo, todas as indústrias, comércios, serviços espacializados. Tinha lá os pontinhos, equipamentos sociais, tinha isso, tinha aquilo. Coloco esse volume de dados, mas como é que trago isso para o meu cotidiano e como é que isso me traz elementos para melhorar a minha ação, seja política, seja social, seja econômica, qualquer coisa? Como é que essas informações vão me servir? Para mim, era a grande interrogação. Estava com um monte de coisas e não sabia nem como começar a beber isso. Aí foi quando, através de uma revista da Universidade Federal de Belo Horizonte, lá de Minas, eu li um artigo do departamento de Geografia, um artigo do Milton Santos: "Elementos espaciais, uma questão de método". Quando eu li esse artigo, mas foi assim: encaixou tudo o que eu estava fazendo, tudo, com o método desenvolvido pelo Milton Santos. Ele trazia a questão dos elementos espaciais básicos e a relação do indivíduo com o território. Começou o conceito da "área de vivência", que é até onde ele absorve a informação, em termos territoriais. É na área onde ele corta o cabelo, ele compra, bebe, joga, se diverte. E isso dá uma predominância de circulação na vida dele. É nessa área de predominância de circulação que ele pega as informações. É na quitanda, quando compra isso, é no barbeiro, no cabeleireiro. Vai juntando e constrói, nesse ambiente, o saber popular, que é a base da movimentação dele. Quando eu descobri isso, descobri a possibilidade de juntar o saber popular e agregar o saber científico, na mesma escala. E aí se dá a revolução, se dá um salto de qualidade, porque o saber popular começa a ter base científica. E o saber científico começa a ter a possibilidade de reforçar, de utilizar a força do saber popular. Então isso dá um caldo de alteração da situação.

Isso foi um pouco antes de começar esse trabalho lá na Casa do Meninos, no Jardim São Luis, que é divisa com Campo Limpo. A Casa do Meninos, na década de 60, era um orfanato e foi mudando. Nessa conversa lá eu encontro a direção da entidade. Eu quase não fui, quase que eu ia ligar e inventar que estava doente, que não dava para ir, porque eu estava muito desgastado da experiência anterior. Eu já cheguei colocando algumas condições para fazer o serviço, para desenvolver o trabalho com eles. Coloquei assim: "Sem internet eu não mexo uma palha. Temos que colocar um micro aqui". Tinha vários micros 486, aquela tranquerada toda. "Se a gente não colocar aqui, no mínimo, um Pentium com um modem, pra gente fazer a comunicação via internet, eu tô fora, nem começo". Coloquei também algumas condições, não queria passar, a grosso modo, as mesmas questões que tinha acabado de sair. Quando eu coloquei o território, toparam. Nós fizemos um convênio com a Casa e começamos a desenvolver um curso de Informática e Cidadania lá. Aí, um monte de histórias… Isso tem mais de 10 anos. O negócio era um curso de informática, para os meninos pagarem R$20 por mês

para fazer o curso. Era uma coisa para resolver as coisas mais mesquinhas, aquela visão onguista, de ONG mesmo. A gente diz que ONG é "fogueira na noite": aquece quem está perto, mas não ilumina as trevas. Isso aí é uma metáfora que orienta fortemente toda a nossa atuação e toda a atuação dos meninos.

Eu tive a oportunidade de acompanhar os meninos que se aproximaram em 2001 num projeto que nós mandamos para o Agente Jovem. Um projeto social que a Casa começou a assumir. Acompanhei a primeira turma do Agente Jovem. Logo na sequência, durante esse 2001, apresentei a proposta de Cooperativa de Logística Urbana, que já era uma forma de tentar produzir informações para serem utilizadas pelo governo, pela sociedade e também poder ser vendida no mercado e gerar renda para eles. Essa ideia vem se desenvolvendo. Aliás, esse projeto recebeu o primeiro Prêmio Milton Santos da Câmara de Vereadores de São Paulo, no primeiro concurso desse prêmio. Então vem se desenvolvendo e eu venho acompanhando esses meninos de 2001.

Com as ideias e com o contato mais direto com os meninos, começou a se criar ali uma corrente que queria desenvolver aquelas proposições que a gente estava fazendo. Aí teve uma eleição em que faltava gente na diretoria. Lá, era "dá o nome", porque quem tomava conta era praticamente uma pessoa só, que era a dona da entidade, vivia daquilo, com salário razoável, trocava de carro a cada ano ou dois anos. Carro novo. Os nomes para a diretoria eram nomes que se colocava, mas, na verdade, não tinha funcionamento. A diretoria era "para inglês ver", como a maioria das ONGs. Faltava um nome: "Ô, Silva, você não quer colocar o nome aí na diretoria?". "Ah, coloque, tudo bem". Foram eles que solicitaram o meu nome lá.

Mas, aí, participando, cada vez mais envolvido, eu fiz uma proposta de mudança do Estatuto da diretoria, tentando abrir portas para a mudança. Sugeri que a diretoria fosse formada por 21 pessoas e com três blocos com três eleições, três blocos de mandato. O primeiro mandato seria de dois anos: sete de dois anos, sete de três anos e sete de quatro anos. Quando a gente decidiu isso e mudamos o Estatuto, na primeira eleição, quem fosse mais votado pegaria quatro anos, quem fosse menos, três anos e, os últimos, dois anos. E os suplentes. A primeira eleição ocorreu já com essa característica de quatro, três e dois. O que eu estava querendo introduzir? Introduzir mudanças. As pessoas novas poderiam se candidatar a cada dois anos na entidade. E depois que passasse os quatro anos, a cada ano ia ter eleição. De vez em quando só um não tem, mas cada ano praticamente tem eleição. Porque vai coincidir: um vai ter eleição de dois anos, porque tem mandato de dois. No outro ano, quem tem mandato de três. No outro ano, quem tem mandato de quatro. Aí você cria a possibilidade da renovação sem destruição. Você renova a diretoria sem criar situações de mudanças bruscas de uma política para a outra.

Criou-se a condição de fazer isso e começou a haver um processo de renovação. Numa primeira leva, entraram vários jovens de 2001. E aí começou o inferno para a turma mais velha da Casa. Esses jovens começaram a querer transparência. "Não tem dinheiro pra pagar a luz". "Mas onde é que tá o dinheiro? Foi gasto em que? Como?". Tudo. Começaram a exigir notas de todas as despesas da Casa. Tinha que ter nota, recibo, documento fiscal de qualquer transação. Aí começou o rolo. Diante dessa coisa, eu digo: "Olha, vamo criar um sistema na internet, que todo mundo vai ter acesso". Criamos o plano de contas. Hoje, inclusive, é possível que esse plano de contas seja aprovado para ser passado para todos os Pontos de Cultura do Brasil. Uma conquista formidável. E levando a transparência… A coincidência que houve do plano de contas com o mensalão… Eles verificaram que o que eles estavam enfrentando era a mesma situação de transparência do governo. Tinha que dar uma resposta, que não era só uma resposta interna, era uma resposta contemporânea. A transparência é possível? Isso que nós tínhamos que responder. E essa discussão foi feita, inclusive relacionando com a questão da época. "Por que está acontecendo isso?" Aí foi visto que as coisas começam aqui, começam de baixo, é aqui que se produz. A corrupção nasce aqui. Esse é o nascedouro da

corrupção, é na sociedade civil, é na cidadania, quando você não tem condição de ver as contas ou quando tem condição e não quer ver, porque esse é o pior cego: aquele que não quer ver.

Esse fenômeno já aconteceu lá, um erro que deu nas contas. No final, no frigir dos ovos, é como se tivesse sumido dois meses de bolsa do último ano do programa. "Mas não pode". Porque a gente criou antes uma segurança cultural. A gente fez um concurso em toda a Casa com o lema: "Quem não faz conta não toma conta". E então você teria que fazer uma dissertação sobre os últimos seis meses de gastos com material pedagógico da Casa. Todo mundo tinha que entrar no sistema e ver onde gastou e ver se lembrava se usou aquele material nos últimos seis meses. Isso era uma abertura de conta. Todo mundo entrou, viu, constatou, fizeram várias redações e um deles ganhou. A redação ganhou um computador, a gente sorteou um computador para quem ganhasse. Isso acabou com qualquer dúvida. "As contas da Casa dos Meninos estão abertas". Deu a confiança coletiva. Inclusive, muita coisa melhorou depois disso. Só que a menina que era responsável por fazer as contas... Entrou o dinheiro e estava na agonia lá, porque estava em mudança, teve que demitir vários funcionários. Aí, pagaram as coisas trabalhistas e, na confusão, ela não verificou a entrada de duas bolsas. Por algum outro motivo, ficou a sensação de que não tinha havido a entrada dessas bolsas. E a diretoria ficou cobrando do governo essas bolsas. Até que a presidente olhou: "Escuta, você tem certeza que não entrou? Vamo lá no plano de conta, vamo vê". Verificaram as entradas do ano e verificaram que tinha 12 entradas de bolsa. Então as bolsas entraram. "As saídas?". Verificaram todas as saídas. Então a questão foi o seguinte: eles pagaram as indenizações com o dinheiro das bolsas. Mas não deixa de estar criado um problema. Por que não foi visto isso antes? Com conta aberta. Porque está aberta mesmo a conta, ninguém vai ver, ninguém faz o cheque, ninguém checa. É a questão da participação do indivíduo na história. Foi criada a possibilidade de participação e não houve a participação. E hoje isso está mostrando, está sendo utilizado como exemplo da não participação e que tem que participar.

Daí nós vimos que era necessário ainda fazer algumas alterações no sistema para fazer o acompanhamento. Se você quisesse fazer filtro, tinha algumas operaçõezinhas lá. Não são complicadas, mas as pessoas precisam fazer alguns passos para ter o filtro que mostre. Por exemplo: eu quero saber quanto foi gasto em alimentação no programa tal. Aí eu filtro o centro de custo, filtro o item e ele vai me dar todas as entradas e saídas que foram operadas naquele centro de custo no material pedagógico ou limpeza. A gente desce até o item. Mas, para isso, precisava de três operações. Como isso aí é "cansativo", vai exigir algum tempo da pessoa, é aquele negócio: você não vai na reunião porque prefere assistir a novela. Então eu vou para a novela. Como eu sei que está aberto mesmo, qualquer hora em que eu quiser eu entro, então cria uma situação em que o controle coletivo não se exerce, mesmo com as condições de ser exercido. Vamos cercar agora essa questão e estamos colocando algumas inovações técnicas que vão tornar mais fácil ainda algumas verificações. E provocar. Criar – como a gente fez essa campanha do sorteio do computador –, ficar fazendo algumas coisas durante um certo tempo de exercício para incentivar, a partir de um prêmio, algum concurso, alguma coisa para as pessoas irem mais vezes. Mesmo que vá por outros interesses, mas depois vamos ter a cultura de olhar.

Análise concreta

Agora, toda a nossa relação é diária, virtual. Desenvolvemos, encontramos alguns programas. Eu continuo dando aula hoje. Por exemplo, chegam dois da faculdade às 11h da noite. Depois que eles chegam, entram no Skipe e eu coloco a minha tela como lousa. Eles operam a minha máquina de lá e eu ensino várias questões. Várias aulas são nesse período. Às vezes eles pegam mais 1h ou 40 minutos de conversa. Seja uma reunião ou seja ensinando alguma técnica, mas só que eles estão do lado da cama já. É sobre georreferenciamento e trabalho com a informação. Realizamos trabalhos juntos. Tudo agora à

distância. E reuniões, claro, mas as reuniões são muito mais leves.

Uma coisa que eu cheguei a duvidar muito era se eles adquiririam a dimensão política desse processo. E hoje estou vendo que a gente construiu um grupo político. Eles são como um grupo político, têm um lado, têm todas as críticas à questão dos partidos, mas não estão tratando de forma preconceituosa, estão sabendo dos limites e estão intervindo. Uma das questões novas da referência é: acontece uma coisa, acontece num lugar. Se eles não plotarem, se eles não geocodificarem essa informação, eles não fazem nada. Não existe, é como se não existisse. Não é que não exista, mas é como se não existisse. A informação tem que estar no local e esse local tem uma voz. Nesse local, eles já vão imediatamente e verificam todos os dados do Censo, porque nós criamos um mecanismo para isso. Verificam todos os equipamentos sociais e serviços existentes. Verificam quantas empresas de comércio, serviço e indústria. E, aí, eles associam todas as questões com a questão política. Então é outra condição de se fazer política. A demagogia é muito mais difícil de entrar no cotidiano deles, porque quando eles não veem a possibilidade de mudar, de fazer, eles já ficam com o pé atrás no sentido de: "Precisa alguma coisa aqui. Tá faltando alguma coisa".

A questão da análise concreta está colocada. E isso é um elemento novo na política. A gente está juntando coisas que eu tive muita dificuldade na minha juventude. Tinha que ir pelas imagens, pela ideologia, pela política mesmo. Às vezes um objetivo político inalcançável, que na prática era demagógico, porque não tinha relação com a realidade. Mas a gente ia por força da imagem, por força da ideologia, por força do conhecimento de um fato histórico que aconteceu não sei quando. A gente pegava algumas imagens e ia à luta e, inclusive, arriscava a vida por aquilo. Mas estava totalmente desarmado, totalmente sem nenhuma possibilidade técnica e científica de se ligar à realidade. Agora é totalmente diferente. E agora nós estamos assustando pela capacidade de trazer a realidade para a discussão. Em qualquer reunião que eles estiverem, qualquer coisa que se delibera, na hora, eles colocam: onde, como, quando? Não tem como escapar mais. Se não responder a essas questões… Por exemplo, houve agora as conferências. Eles estão sendo um elemento assim de horror para algumas organizações lá na região. De horror. Eles agora começaram a entender isso: quando eles chegam, chegou a encrenca. A conferência tirou uma série de resoluções. "Ah, tá, agora, vamos ao plano de execução". Só que todas aquelas resoluções já estão linkadas: "O plano de metas do governo, o que tá atendendo dessas resoluções? Nada? Opa, por que não? E como é que vai fazer isso? Quem são os responsáveis? Onde falar isso? Onde colocar as questões? Na sociedade civil, quem é que tem que responder por essa questão que foi tirada? Do governo, quem é que tem que responder? Da justiça, quem é que tá?". Agora, o bicho pegou. É essa a minha alegria e é a questão velha lá que eu levantei no primeiro congresso de UBES. Tenho o que comemorar. Está pegando, está pegando.

Anexo 2 - Entrevista com Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 23 de Junho de 2012 – transcrição



Local: Casa da Fátima, Birro PróMorar, Jardim São Luis, São Paulo.
Entrevistador; Guilherme Flynn Paciornik

GF: *Bem… nome, sobrenome...*
FR: Ah, vai gravar a entrevista agora? É, tem que falar o nome inteiro?

GF: *Se você quiser, uai. Senão, o nome que você usa pra trabalhar.*
FR: Ah, Fátima Rodrigues, então.

GF: *A idade...*
FR: 29 anos.

GF: *É… bairro, cidade… Você nasceu aqui no Jardim São Luís, cresceu aqui?*
FR: Não, nasci no Capão Redondo, que é aqui perto.

GF: *E veio pra cá com quantos anos?*
FR: Me mudei com 27, mas atuo desde os 17.

GF: *A casa dos meninos: quem a criou e quando?*
FR: A Casa dos Meninos foi construída por um grupo de empresários preocupados com as crianças abandonadas no período de 1950, quando estava sendo muito recorrente o abandono de crianças na cidade de São Paulo. Nesse intuito foi construído o espaço que é hoje a Casa dos Meninos, para o fim de orfanato.

GF: *Só masculino?*
FR: É

GF: *E qual o motivo o motivo central atual da existência da casa dos meninos?*
FR: Nosso objetivo é de ser um espaço de construção de práticas políticas ligadas à juventude, então a gente trabalha com a ideia de laboratório de práticas emancipadoras mesmo. Então: como um laboratório, a gente sempre brinca que ali é um espaço em que se deve exercitar novas práticas, um processo de politização da juventude e da comunidade pra que eles possam atuar em seu local de vivência… Então a realização da Casa dos Meninos não é dentro da Casa, mas é fora. É um espaço mesmo de experimentação. É esse o objetivo que está colocado hoje para a Casa dos Meninos. Esse quadro atual se iniciou em 1999, mas dá pra dizer que o espaço da Casa dos Meninos chegou a esse objetivo de laboratório de novas práticas, com foco na juventude, quando a gente terminou a parceria com a Assistência Social, em 2008. Então dá pra dizer que desde 2008 – são quatro anos – realmente é como se fosse assim um "território libertado" para essa experimentação, porque antes a gente se utilizava desses programas governamentais pra fazer a nossa política – que é o que a maior parte das organizações, das ONGs, fazem, né? Se uti-

lizam de programas de governo e tal, realizam algum programa e tentam realizar a sua proposta política. E a gente fez também isso durante muitos anos, porém em 2008 a gente consolida enquanto diretriz não mais utilizar de programas governamentais pra fazer a nossa política, mas fazer nossa política com governo, sem governo, contra o governo, mas que a nossa existência não dependa disso.

GF: *Quais os cinco principais projetos que você vê na história da Casa dos Meninos de 1999 pra cá?*

FR: Vou tentar fazer assim, um processo retrospectivo de grau de importância. Numa escala retrospectiva-histórica de ações/projetos que tiveram repercussão pra chegar naquilo que a gente é hoje, eu acho que o primeiro que começou a alterar todo o trabalho que a Casa dos Meninos fazia foi quando o Lidas chega e faz a parceria com a Casa. Em 1999, surge o primeiro projeto dessa parceria, o projeto de "Informática e cidadania". Então foi fazendo uma rede aqui na região, com as escolas municipais e algumas ONGs, e construiu a necessidade de fazer cursos de informática. Só que daí na hora que vai fazer cursos de informática ele tinha uma vertente que trabalhava com a cidadania, enfim: foi uma mistureba que foi feita. E foi uma ação que marcou aqui essa região e a Casa dos Meninos enquanto articuladora dessa primeira ação, o projeto "Informática e Cidadania" inclusive ganhou um prêmio do Klic Educação na época e comprou um monte de equipamentos que em 2000, computador, scanner, era uma coisa assim que não era… né? E comprou um monte de coisa assim com o dinheiro [do prêmio], montou um kit. E depois de um mês foi roubado o kit inteiro. Mas, enfim…

Então esse deve ter sido um projeto que iniciou esse processo de mudança da Casa. Em seguida, teve o projeto "Agente Jovem", que aí teve um papel também crucial. O projeto "Agente Jovem" era um programa com a Assistência [Social], um programa de governo que foi em parceria com a Casa, e foi o que possibilitou a gente atingir um conjunto de jovens e começar uma experiência mais concreta, mais sedimentar. Inclusive, eu vim desse programa. Eu, o Ari…

GF: *E o que era o programa?*

FR: O "Agente Jovem"? Era um programa de doze meses, onde você recebia uma bolsa (na época eram sessenta reais) e você fazia uma carga horária de quatro horas por dia, de segunda a sexta-feira, e o objetivo era trabalhar a questão da cidadania e a produção de projetos pra comunidade. Então cada grupo – eram seis grupos – cada grupo tinha que, até o final do ano, construir e executar um projeto social. E aí, desse primeiro ano de projeto "Agente Jovem", surgem treze projetos. Treze ações com vista a execução. E aí naquele período teve duas questões interessantes que surgiram. Primeira, a orientação do projeto. Era assim: a ideia que foi trabalhada ideologicamente ali naquele período, que os projetos não tinham que ser dentro da Casa dos Meninos. Desde aquele período já iniciou esse recorte. Porque eu podia fazer mil projetos. Podia fazer projeto de jardim, projeto de pintura, projeto de sei lá, de mil coisas, utilizando aquele espaço.

GF: *O projeto que você participou era a Casa dos Meninos?*

FR: Era da Casa dos Meninos, mas a orientação era: todo projeto da Casa dos Meninos tem que ser FORA da casa, tem que ser para a comunidade e não pra entidade, entendeu? Essa foi a primeira orientação e todos os treze projetos tinham essa intenção. O projeto de cinema nas escolas; projeto de jardim em áreas públicas; o projeto dos palhaços, que ia pro hospital do Campo Limpo – duas vezes por semana eles iam lá pra fazer tipo aqueles doutores da alegria…

GF: *No hospital?*

FR: Os doutores da alegria? Era um grupo que toda semana ia lá pro hospital do Campo Limpo pra fazer brincadeiras com as crianças que estavam hospitalizadas. Foi feita essa parceria com o Hospital do Campo Limpo na época... Então assim, a primeira orientação, que aí já começa a fazer esse recorte da nova situação da

Casa, era que os projetos não tinham que ser pra dentro da Casa, tinham que ser pra fora. E a segunda questão, que foi no final do projeto e em que o Silva teve um papel fundamental naquele período, foi que assim… criou uma expectativa muito grande nos jovens, né? De poder fazer. Tinha o projeto de cinema, que era o projeto do qual eu fazia parte, e a gente ganhou vários equipamentos, então a gente podia… a gente saía fazendo projeção na rua, nas escolas, enfim… E aí começou a se aproximar do fim do ano e aí acabou, ia acabar a verba. Aí veio aquela discussão: e aí, sabe? Se cria toda uma expectativa com aquela juventude e na hora que acabou o projeto cada um vai pro seu… né? Então a questão é: ao pensar o projeto, ele tem que ser auto-sustentável. Porque ao mesmo tempo que foi importante… porque no outro ano ia criar mais turmas, então quer dizer: ia começar do zero de novo? Então a primeira coisa é: com esses jovens, ou com novos jovens, o projeto tem que continuar. Então essa foi a primeira briga que o Silva travou. Pra não ser como se fosse uma brincadeira de boneca, né? "Agora você faz o projeto X!" E aí acaba, acabou a brincadeira e cada um vai pra sua casa. Então assim: o primeiro, "Informática e Cidadania"; o segundo, "Agente Jovem"; o terceiro, e talvez o mais significativo do processo, foi o da COOPLURB, da Cooperativa de Logística Urbana. Foi, inclusive, o projeto que fez com que um conjunto grande de jovens continuasse na Casa dos Meninos mesmo depois de ter acabado o projeto. Criou sentido pra nossa continuidade dentro da Casa.

GF: *O que que era exatamente a COOPLURB?*

FR: A cooperativa, então… é um projeto de cooperativa – a gente ainda não conseguiu realizar ela, mas ainda é o que a gente vem perseguindo. A gente conseguir formar uma parcela de jovens na cidade de São Paulo que duas vezes por semana colha informações no seu território, que trabalhe só no entorno da sua casa. Então ele sai, colhe informação, e com essa informação, primeiro é ele conseguir distribuir essa informação pra sociedade civil, que ajude a gente a construir o que a gente chama de "base comum de conhecimento cidadão", que são as informações necessárias que proporcionem ao cidadão poder agir. Aquela coisa: se você tem sede, você sai pra buscar água. Se você sabe onde está a água, você pega a água e toma. Agora, por que você precisa de um médico e não tem médico? E você só fica reclamando e nunca resolve isso? Então assim… quais informações são necessárias pra que você resolva os seus problemas? Essas informações tem que ser explicitadas. A gente tem que conseguir construir um canal da produção da informação pra que o cidadão possa ter capacidade de tomar a iniciativa e não vá contra seus próprios interesses. Então assim, tá chegando a eleição aí e como se verifica se aquele político tá comprometido com os seus interesses ou não? Se você não tem informações pra dialogar com aquilo que ele tá falando, você vai pelo carisma, por outras questões, e acaba votando contra. Então o primeiro objetivo é esse, da cooperativa: construir a "base comum de conhecimento cidadão". O segundo objetivo é dialogar com os poderes públicos. Então quer dizer: se a gente tem um pequeno exército de jovens produzindo informações no território, pode dialogar com as políticas públicas. Por exemplo: onde tão os buracos aqui da região? Em troca, o poder público vai lá e tampa todos os buracos. A gente pode tá produzindo informações que geram políticas públicas. E o terceiro seria da auto-sustentação mesmo, seria a comercialização da informação pras empresas. Aí está colocada a questão da pesquisa de mercado e alguns outros serviços. A gente fez uma experiência muito bacana em 2002. Na primeira atividade da COOPLURB a gente fechou um acordo com uma empresa de distribuição de materiais de mercado, e duas vezes por semana a gente saía a campo, distribuía o jornalzinho, o material, o folheto, na casa das pessoas, e na volta a gente colhia informação. Então a gente trabalha naquela lógica de fazer algum nível de trabalho que possa pagar nossa ida a campo e o retorno seria o nosso "a mais" no processo, pra potencializar o trabalho da cooperativa que é a produção da informação. E cada um com computador e internet em casa. A ideia é: sai a percorrida só no entorno da sua casa – delimita aí a área – e quando ele volta, em um sistema de informações na

internet, cada um vai alimentando as informações nesse sistema. A informação de um pedacinho aqui, de outro, de outro, enfim… Inclusive, a Cooperativa só ganha peso com a cooperação. Com a informação de um e de outro. Se um faltar, aí… Então a necessidade de cooperação ela é crucial. Enfim, é uma história longa da Cooperativa, a gente fez várias experiências, várias tentativas de trabalhos concretos. Em um outro trabalho a gente fez toda a digitalização do canal de gás da cidade de Curitiba; todo o desenho da distribuição de gás de Curitiba a gente fez… O projeto da Cooperativa tem uma essência da proposta política nossa, de tudo o que a gente tem construído enquanto proposta política, e ele constrói uma saída de sustentabilidade. ele cria como se fosse um aglutinador de possibilidades. A Cooperativa tem sido como um carro chefe de tudo o que a gente vem fazendo. A gente vem fazendo mil coisas, mas sempre perseguindo isso. Então, com certeza a COOPLURB é o maior e mais importante projeto de todo o nosso processo e inclusive o que ainda nos orienta a continuar.

GF: *E tinha gente disposta a comprar essa informação?*
FR: Ah, a gente fez algumas tentativas, assim. O problema é o seguinte: todo o percurso sempre foi de uma área muito pequena, porque a gente nunca discutiu sair do São Luís. Então toda essa informação do São Luís só vai interessar pro São Luís, né? Teve uma pesquisa... teve um cara, uma vez – um marceneiro – que ele chegou lá na Casa dos Meninos com o intuito de fazer portões. Não sei se já te falei essa história?

GF: *Não…*
FR: Tem coisas que se eu tiver repetindo cê fala... Mas assim, ele chegou com a ideia de fazer uma oficina de portões de material reciclado. Ele tava com o contato do pessoal lá do... aquele lugar onde vende frutas, onde chega lá toda a…

GF: *CEASA?*
FR: É, acho que era do CEASA, enfim. Ele tava cheio de materiais, madeira, tava lá com uns contatos, enfim, ele era meio malucão, e ele tava querendo fazer uma oficina de produção de portões a baixo custo, e onde proporcionar que as próprias pessoas da comunidade fizessem a oficina e produzissem esses portões. Então, o que que a gente fez, com o trabalho da Cooperativa? A gente saiu a campo e fez um mapa de todas as casas que não tinham portão. Porque qual que era a ideia? A gente ia fazer a oficina e com esse material, com esses portões, a gente ia tá oferecendo na casa do pessoal. A gente fez um levantamento quando a oficina começou, mas enfim, no meio o cara arrumou outras coisas pra fazer da vida e sumiu, assim, deixou o negócio… Então é isso. Tem algumas experiências localizadas com a produção da informação e como que ela dialoga com o uso, enfim, né?
Aí a Cooperativa. Depois, daí, dos projetos com maior destaque, foi o Plano de Bairro. Foi o primeiro projeto... A gente tava aí com o contato com um vereador e ele tava em contato com um escritório de arquitetura e urbanismo e a gente iniciou um projeto de Plano de Bairro. E o que foi isso? Foi primeiro definir o local e aí por uma série de critérios e questões a gente conseguiu delimitar a área onde seria o Plano de Bairro. O Plano de Bairro segue um pouco a orientação do Plano Diretor, onde prevê a construção dos Planos de Bairro aqui na cidade de São Paulo.

GF: *Tá no Plano Diretor?*
FR: Tá. E o único – único não, né? Tem um outro vereador, o Nabil, que ele trabalha também essa questão – mas quem realmente conseguiu avançar nesse sentido foi o Netinho, Police Neto. Mas são os dois que têm dialogado sobre essa questão do Plano Diretor e que têm aprofundado a questão que tá no Plano Diretor que é do Plano de Bairro, pensado pra micro áreas. E aí a gente realizou nessa área que a gente delimitou como Plano de Bairro duas pesquisas grandes. Foi bem bacana porque aglutinou bastante gente. A primeira era uma pesquisa quantitativa, então a gente fez um rolamento no território inteiro levantando algumas questões quantitativas, então número de casas, número de metros, quantas casas com um andar, quantas casas com dois andares, quantas com

três… enfim, um conjunto de informações quantitativas. E a segunda parte do trabalho foi de informações qualitativas. Aí foi selecionada uma porcentagem de domicílios e a gente tinha que realizar uma pesquisa de mais de dez páginas – se quiser, depois até te mando cópia desses questionários e das informações que foram levantadas… Então foi feita a pesquisa quantitativa e qualitativa. E aí, o escritório de arquitetura ficou responsável de pegar essas informações já tabuladas e produzir análise. Só que nesse período... a gente fez as pesquisas, foram enviadas, a gente fez a tabulação, e sobre isso também tinham vários recortes importantes. O primeiro foi que a gente só ia fazer esse trabalho aqui se fosse com jovens do território, porque o escritório de arquitetura queria que a gente pegasse estagiários da USP. Inclusive o professor lá da FAU, ele queria trabalhar só com os alunos, né? E a gente colocou que só iria fazer se fosse com pessoas aqui da região. Essa foi a primeira questão ideológica e política, que a gente acabou fazendo o debate com eles. E o segundo, era que a gente fizesse de tal forma que quem produziu a informação também tinha que digitalizá-la e tabulá-la. A gente não ia fazer processos compartimentados – um produz, o outro... até a análise a gente queria fazer junto com eles. E na hora da análise a gente teve uma encrenca junto com eles – junto também com o vereador, Police Neto – onde a gente teve que parar o trabalho. Porque o escritório não queria dialogar com a gente, queriam fazer a análise por conta deles, e enfim… daí a gente começou uma série de dificuldades na continuidade. E o Police Neto, apesar da gente ter avançado na discussão com ele, ele assim… Ele não conseguiu nos comprar, a verdade foi essa. E aí ele preferiu acabar com a relação porque ele viu que a gente não ia…

GF: *E isso foi em que ano?*
FR: 2008. Enfim, eu só to te dando um quadro dos principais projetos, sem detalhar tanto, mas... Ah, e depois do Plano de Bairro, um projeto de grande importância tem sido o da Conferência Permanente.
GF: *De direitos da criança e adolescente?*
FR: É, da criança e adolescente. Que é conseguir fazer uma crítica e uma superação das dificuldades que o movimento tá enfrentando, no sentido da organização social. A Conferência – não só para a criança e do adolescente, mas qualquer outra temática – ela tá mais como um evento do que como uma conferência de fato e é a cada dois anos, então quer dizer, nesse intervalo praticamente inexiste. E aí, a crítica que a gente construiu nesse processo e vem dialogando dentro do movimento é como fazer com que a conferência venha para o cotidiano das pessoas. Ou ela entra para o cotidiano, ou ela fica sempre uma farsa. E ela enquanto farsa, ela começa a ser desmoralizada. E, por ser desmoralizada, as pessoas não participam. E por não participar, ela se acaba. E aí, você acabar com esse espaço de participação popular é um perigo pra uma situação política democrática e essas questões que a gente vem lutando e perseguindo, né? Um exemplo que foi muito discutido há um tempo atrás e que caracteriza bem essa questão da Conferência foi que lá no lugar que eu morava, no [Jardim] Macedônia (pertence ao [distrito] Capão [Redondo], o bairro era Macedônia), tinha um posto de saúde que, como todos, um monte de gente trabalhando, mas nunca tinha médico. Uma situação bem precária. E a comunidade começou a ficar muito revoltada com aquela situação de não tem nada, não tem médico, não tem remédio, não tem isso, não tem aquilo. E aí começou uma onda do seguinte: vamos fazer um abaixo-assinado pra fechar o posto. E aí começou uma discussão feia lá. Mas sei que depois de muita briga, a gente conseguiu barrar o abaixo-assinado. Mas aí, você vê a lógica como isso tá acontecendo. Então se a coisa não tá boa, ao invés de você fazer uma luta agora então para melhorar o posto, não. Faz uma luta para fechar ele, porque a revolta era ter muita gente ganhando sem trabalhar, na real. E aí você vai vendo o quanto que a luta e os interesses dos trabalhadores estão se mostrando ser invertidos. Tem algo errado acontecendo…
E a Conferência a mesma coisa. Tem muita gente dentro do próprio movimento da infância aqui na cidade de São Paulo que tá lutando pra acabar com as conferências. Chega momento de conferência e fala "faz um boi-

cote, não vão, não participem!" e tá fazendo um movimento contra mesmo. E como responder essa situação? Simplesmente participar não dá. Você sabe que a coisa tá comprometida. Mas também ouvir esse tipo de grito não dá. Então a gente tem feito essa coisa. A Conferência tem que ser permanente, ela tem que estar no cotidiano. Aí a questão é: qual a condição pra que isso aconteça? E aí quando a gente cria um instrumental que possa estar dialogando, que traz as demandas... a história da "base comum" que eu falei lá atrás: traz as informações necessárias que possam ser dialogadas com as angústias das pessoas. Que você possa saber: ali, tal e tal informação. Tem a ficha lá do SUS – não tem médico? Imprime a ficha e vai no posto. Lá tá falando que tem dez médicos. Quem são os dez médicos? Começa a instrumentalizar, começa a armar o cidadão mesmo pra ir pra luta.

Nesse momento, isso tá bem quente ainda a questão da implementação da Conferência. Porque são duas coisas. Uma, é o desenvolvimento da ferramenta, que é uma coisa dificílima, né? E a outra coisa é esse entendimento por parte do movimento. Porque tem muito "ah, é só uma ferramenta que vai?" Não, não é só uma ferramenta. E outra que não é uma ferramenta estática. Utilizando a tecnologia da internet, da linguagem de programação, você pode… Tem uma dificuldade? Produz certo código de programação e resolve. Por exemplo, no sábado a gente tava conversando lá na Zona Leste e tem algumas escolas do estado que têm uma experiência muito interessante que a gente conheceu. Os alunos estão fazendo atividades de produção de vídeos, estão disseminando, sobre a Zona Leste. E aí a gente pensou: mas por que não pega esses vídeos e coloca no mapa? Então, por exemplo, eles tão fazendo um vídeo sobre o cruzamento X, que mata tantas pessoas. Então pega esse vídeo e coloca no mapa, no cruzamento X, como é que tá a situação? Faz uma entrevista com as pessoas… Hoje, possibilita a gente trazer à tona essa condição, essas informações, pra potencializar, ganhar sentido a ação.

GF: *Quais os demais projetos que tão andando hoje aqui?*

FR: Fora a Conferência Permanente, que é uma das bandeiras que a gente vem trabalhando, o trabalho junto à escola, que é a construção dessa rede que é um acervo pra aglutinar os conteúdos necessários pra formação da nossa juventude. Fora isso, a gente vem trabalhando também com a Associação dos Moradores, aqui do Promorar, e as nossas atividades com eles são pontuais, mas frequentes. A produção de vídeos é muito grande com eles, as reuniões a gente tem filmado, quase todas as assembléias deles, as atividades em geral, a manifestação de rua aqui há acho que uns dois meses atrás...

GF: *A filmagem da festa junina tem a ver com isso?*

FR: Ah, sim. Também a festa junina tá sendo organizada pela Associação de Moradores, a qual a gente vai filmar. A gente tem uma relação muito grande com eles. Fora isso, a gente tá também fazendo um trabalho pelo Centro de Memória do movimento da infância em São Paulo e a Casa dos Meninos tá sendo um espaço aglutinador do material do Centro de Memória.

GF: *Da cidade inteira?*

FR: É. O material não vai ficar na Casa, né? O material vai ficar lá na Praça da Sé, mas até que se resolva lá e tal...

GF: *No CEDEM e tal?*

FR: É. Na verdade, existem limites ali no CEDEM, mas aí já é outra discussão. Mas o Centro de Memória real vai ser lá, mas por enquanto, todo o material está sendo armazenado na Casa dos Meninos e faz parte do trabalho que a gente vem fazendo.

Tem um projeto que tá parado hoje, mas que eu acho que não dá pra desconsiderá-lo, apesar que a gente não tem recursos nesse momento pra avançar com ele, que é o projeto da Biblioteca. Pra gente é um projeto estratégico, primeiro porque a gente tem uma biblioteca. A gente tem, sei lá, mais de três mil livros parados na nossa antiga biblioteca, mas o projeto da Biblioteca ele vem também nesse espírito do projeto político que a gente vem trabalhando. Qual que é? A construção de um sistema de empréstimos online como todos os outros, com

a diferença que a gente vai mapear todos os livros. Primeiro que a gente não quer só bibliotecas "oficiais". A ideia é que todo mundo que tem livro em casa e que possa colocar à disposição de empréstimo, pode estar cadastrando no sistema, a gente vai mapear as pessoas donas dos livros e, quando alguém for pedir um livro emprestado, pode ver qual está mais perto da casa dela. Então o projeto da Biblioteca na verdade é fazer uma gestão de empréstimos de livros já existentes nas casas das pessoas. A gente não quer doação, a gente não quer livro nenhum. Os livros que a gente já tem lá na Casa dos Meninos já é suficiente. Aliás, não é suficiente, porque na verdade a biblioteca física da Casa dos Meninos, inclusive a gente quer fazer ela temática. Não vai ser só um monte de livros. A gente quer fazer uma biblioteca temática dentro dos direitos da criança e do adolescente e sobre a história do M'boi Mirim. Na verdade a gente quer aglutinar materiais, conteúdos, que possibilitem explicitar o histórico de desenvolvimento aqui da região. A biblioteca física da casa deve se concentrar nessas duas vertentes, o restante dos livros, que não dizem respeito a isso, talvez a gente até repasse pra outras bibliotecas. Mas então assim: a gente tem a biblioteca física e esse sistema de empréstimos. Pra gente, só ganha sentido a nossa biblioteca física com esse sistema. Por isso, inclusive, que a gente não faz o esforço de abri-la.

GF: *E falta desenhar sistema, falta verba?*
FR: Precisa de recurso pra poder desenvolver o sistema.

GF: *Precisa de programador, na real?*
FR: É, de programador. Mas hoje eu falei com a Vanessa. Falei rapidamente, assim, e a gente tá marcando pra semana que vem. […] Mas então a gente parou nessa questão do desenvolvimento.
Ah, deixa só eu fazer um parênteses que eu considero muito importante? Assim: a falta de dinheiro pesa, e muito. Mas não é só essa questão política, sabe? Um desafio que tá colocado pra gente – eu não sei como resolver, mas a gente vai resolver – o uso da tecnologia e da linguagem de programação ela cada vez mais ganha um peso e uma importância muito grande. Como eu falei: tem um monte de dificuldades e de questões emperradas dentro do movimento que podem ser resolvidas por aí. Esse negócio de comunicação, de transparência, processo organizativo, enfim. Aí a questão que vem é a seguinte: quem é que tem hoje esse conhecimento na mão? Por mais que a coisa tenda a ampliar mais, esse conhecimento ainda é pouco e muito caro. Um programador bom ele não tá por menos de quatro mil por mês. Isso, assim, o mais baixo. Porque um bom mesmo… então é uma coisa muito cara. E se a gente tá falando de desenvolvimento, se a gente tá falando que esse conhecimento pra produção, da linguagem web é uma coisa necessária, então ela tem que ser quase que um feijão com arroz.

GF: *O que era o geoprocessamento vai passar a ser por programação e assim vai…*
FR: As duas coisas. Inclusive, o geoprocessamento na linguagem web. Por exemplo, a gente tem o I3GEO, que é uma tecnologia de mapeamento online. O I3GEO hoje, na verdade, já tá até ultrapassado, mas ele é isso. São ferramentas de geoprocessamento e mapeamento online, então você não precisa mais ficar trabalhando localmente na sua máquina. Então esses conhecimentos ainda são pra poucos e muito caros. Qual é a questão, o desafio que tá colocado aqui pra gente? É conseguir fazer com que esse conhecimento venha e comece a fazer parte da cultura local. Nesse processo, a gente quer – inicialmente, pelo menos – formar um conjunto de jovens que possam começar a desenvolver esse conhecimento aqui e se apropriar dele, pra inclusive poder não só fazer o sistema, mas o desenvolvimento dele. Hoje, por exemplo, você faz um sistema e daqui a pouco já tem uma função a mais, uma ideia – porque é isso que é muito legal na tecnologia: a cada momento tem uma coisa nova que você pode estar melhorando, aperfeiçoando… fazendo sentido aquela ferramenta para a necessidade. É uma coisa que tem que ser desenvolvida cotidianamente, então tem que estar mais na mão das pessoas. Por exemplo: se essa é uma ferramenta que eu utilizo pro meu

movimento social, se não a tenho, é a mesma coisa que precisar levar um monte de gente e não ter ônibus. Eu dependo do ônibus do vereador tal… então quer dizer: eu sei pra onde eu quero ir, mas não tenho a condição de chegar lá, porque a minha condição tá na mão de outro. Então, hoje, o sistema de programação em internet ele é importante, é necessário, mas tá na mão de outros. E aí a gente tem que desenvolver algumas ações, apostar, investir com mais recursos no sentido de tentar fazer com que esse conhecimento chegue mais perto daqui. Esse é um desafio. Se a gente não fizer isso, muita coisa vai continuar entravada.

GF: *Depois a gente pode até conversar sobre isso, eu vou fazer uma formação mínima em programação, quero ver se eu trago gente pra fazer…*
FR: A gente tinha… o problema é que nesse último período, internamente, a gente tá passando por dificuldades dentro da própria equipe, divergências – acho que eu até já comentei essas coisas. E aí a gente tinha conversado. A gente tava com um programador e já tava certo a gente montar a equipe inclusive com alunos lá do Procópio e ele ia tentar fazer um curso de programação com esses jovens. Mas enfim, aquela dificuldade e a gente vai ter que esperar mais um pouco.

GF: *Mudando um pouco, como é que você vê o Jardim São Luís hoje? Como é que você vê as mudanças dele nesses anos que você trabalha aqui?*
FR: Então, aqui no Jardim São Luís isso é um coisa… boa – dá pra avaliar assim? E surgiu mais ou menos no período em que eu cheguei aqui, em 2001; talvez um pouco antes. O que aconteceu na Casa dos Meninos é uma coisa que aconteceu também em outros lugares, que é uma efervescência de ONGs, de ações sociais. E hoje, o São Luís (e também o Jardim Ângela, por aquela situação que ele foi classificado como área mais perigosa, com mais homicídios em São Paulo, teve toda uma repercussão internacional) teve muitos esforços no sentido de uma ação social, de iniciativas seja governamental ou da sociedade civil. E aqui no São Luís, tem essa característica de muita ONG -- muita, muita, muita -- e em função dessa situação tem muita iniciativa de tentar melhorar o local, né? Nesse sentido, a violência mesmo reduziu muito nesses últimos anos. Por acaso, por uma situação que ainda não entendi direito, mas ontem mataram quatro aqui -- na rua, no fim de semana. Mataram quatro meninos ali ontem, mas assim... é excepcional, por isso não tem sido comum, tanto homicídio.

GF: *Mas sabe o que foi isso?*
FR: Eu não sei… não o que tem a ver, na verdade… Que tá rolando uma história aí que mataram uns policiais e tá tendo uma repercussão de que a polícia tá revoltada e começou uma onda também de massacre…

GF: *Mas a polícia que matou os meninos?*
FR: Então, não sei se foi a polícia, enfim… mas já imaginei assim que tem alguma coisa a ver. Não sei ainda se tem. Fiquei sabendo agora de manhã da morte deles. Foi ontem, mas eu fiquei sabendo agora.
Enfim, é difícil, não dá pra dizer nada…

GF: *Entendi…*
FR: Mas é uma área… não acho ruim morar aqui não. Tem muita iniciativa mesmo… Não POLÍTICA, né? Essa perspectiva política não se constrói. Tem muita iniciativa assim... de fazer alguma coisa pra amenizar a dor, mas não pra resolver ela.

GF: *Vocês consideram e se referem à Casa dos Meninos como movimento social, como ONG, como? Como vocês definem esse objeto difícil de definir que é a Casa dos Meninos?*
FR: Ah, a gente se coloca como uma ONG – não deixa de ser uma ONG, né? Uma organização não governamental. E ela tem uma base comunitária no sentido da ligação com os sujeitos, né? Com o território, com as pessoas, com os equipamentos, enfim. Acho que ele tá ligado ao movimento social, é um recorte importante que a gente tem, mas ele em si… não sei se ele é um movimento. Não sei, tem que dar uma pensada.

GF: *Quantas e quais pessoas trabalham na Casa dos Meninos e em que lugar elas estão hoje? Eu vi que é mais disperso… tem gente aqui, mas tem gente no Rio, em Pilar do Sul…*
FR: São dois "níveis" de pessoas. Um que faz parte da nossa equipe de trabalho político, que a gente chama. São pessoas que tão com a gente em qualquer situação: com dinheiro, sem dinheiro, se precisar fazer o diabo, né? faz parte da equipe... E tem outro que se aglutinam em função de algum projeto X. Então vou levar em consideração essa equipe que tá junto. São onze pessoas, o núcleo duro. E aí, dependendo do trabalho, do projeto, a gente vai aglutinando outras pessoas em torno dele.

GF: *E essas pessoas, quantas tão aqui agora? Quantas estão espalhadas…*
FR: Isso é foda… Mas assim, não tem muita gente espalhada. Tem uma no Rio, uma em Recife e acho que o restante tá aqui – eu, a Cíntia, Luana, Dai, Rodrigo, Maria…

GF: *Cíntia, Luana, Dai... Josi?*
FR: A Josi, Zé...

GF: *Maria, a Dona Maria?*
FR: Maria Lima. O Zé, o Ari... deixa eu ver... Marcelo. Quem tá aí?

GF: *Cíntia, Luana, Dai, Rodrigo, Zé, Ari, Josi, Maria, Marcelo.*
FR: Tem os onze aí?

GF: *Tem dez.*
FR: Ah, tem a Janaína que tá aí. Não faz parte do núcleo duro, mas faz parte da equipe da Casa agora. A Janaína e o Ítalo.

GF: *A Janaína eu conheci lá numa feira de software… não, na campus party, foi isso?*
FR: Não foi a Cíntia?

GF: *Uma moça, baixinha, bem jovenzinha na época… 2009, eu acho.*
FR: Não sei quem é. A Janaína é da escola, aqui, do Procópio. Veio ano passado e tá hoje com a gente. A Janaína e o Ítalo. Eles não tão ainda com o projeto político na cabeça, mas acompanham as nossas ações enquanto Casa dos Meninos.

GF: *De forma mais ampla, pra além do núclo duro, quantas pessoas mais ou menos envolvidas?*
FR: Falei da Inaê aí na lista?

GF: *Não.*
FR: (risos)

GF: *Quantas pessoas são atingidas pelos projetos, pelas políticas da Casa dos Meninos hoje?*
FR: Ah, é difícil dizer. Porque assim, enquanto Casa, enquanto local, tá muito centralizado na questão da escola e da associação de moradores. Uma ação mais concreta, mais local. Agora, a nível de Conferência Permamente, é uma ação que a gente desenvolve na cidade de São Paulo junto com os Fóruns, tanto municipal quanto regionais. Depende… impossível dizer.
Ah, sabe um outro trabalho que eu acho também que é importante que a gente tem feito bastante? A questão da transmissão ao vivo. Essa foi uma contribuição do pessoal dos pontos de cultura, da rede de cultura digital, que a gente aprendeu a fazer com eles. E a gente tem feito bastante até. No começo de junho a gente fez duas transmissões lá na PUC com o pessoal da Assistência Social. Eles fizeram uma mesa de debate interessante sobre a Comuna de Paris. Sempre que eles têm atividade eles chamam a gente pra fazer. E a transmissão ao vivo do seminário do Fórum Municipal, a gente fez uma atividade lá na Câmara [de vereadores] pra discutir a situação dos conselhos tutelares na cidade de São Paulo. a gente tem utilizado bastante a questão da transmissão ao vivo como uma ferramenta, como um trabalho aqui da Casa.

GF: *Quem que fez a ponte com o pessoal da Cultura Digital e dos pontos de cultura?*
FR: Ah, é que a gente fazia parte das reuniões. Mas quem realmente passou a tecnologia pra gente tem nome. Foi o Guilherme, de Pilar do Sul e o [[Ravé]], que é um cara de Sorocaba, mas super antenado aí. Inclusive, o Guilherme, não dá pra dizer que ele faz parte da nossa equipe, mas é um cara assim…

GF: *Próximo…*
FR: Se a gente gritar ele tá aqui. Um cara que tudo o que a gente precisa…

GF: *O Guilherme, o Genivan…*
FR: Ah, sim. Tava esquecendo do Genivan.

GF: *Tem outro…*
FR: Aos poucos a gente vai lembrando...

GF: *É que eu tinha duas perguntas: quem que é o núcleo duro e quem que tá em volta.*
FR: Núcleo duro a gente tem onze e em volta já tem mais uns… já deve ter umas vinte pessoas… Ah, sim. O [Genivan] ele tá junto, mas ele não é núcleo duro.Tem umas vinte pessoas trabalhando, mas cotidianamente… ou seja, o negócio tem vida…

GF: *o perfil médio das pessoas que participam aqui da Casa dos Meninos? Qual o perfil delas? Pessoas que cresceram aqui, que se interessaram por isso e vieram pra cá...*
FR: A maior parte são daqui mesmo. Inclusive, da nossa equipe, tem alguns "cabeções" junto com a gente que têm um peso legal, mas são pessoas que não gostavam ou não têm grandes ligações com o movimento. Principalmente os jovens que a gente começou a trabalhar e eu mesma, não eram pessoas que estavam ligadas a movimento nenhum. Nem movimento estudantil, nem movimento de nada. São pessoas totalmente cruas nesse sentido político, e inclusive é o recorte que a gente vem fazendo. Em algum momento a gente tem até que fazer essa reflexão. Porque às vezes esse pessoal vem muito viciado, já. E a gente tá trabalhando com o "comum do comum", sabe? Aquele jovem mais comum que tem, nada já trabalhado.

GF: *Como funciona atualmente a Casa dos Meninos?*
FR: É uma loucura! Enquanto funcionamento, a gente abre todos os dias. Todos os dias tem gente lá, nem que seja uma pessoa, mas sempre tem. A gente tem atividades esporádicas, seja reuniões, seja oficinas, seja uma ação... a gente fez aí durante vários sábados mutirões de arrumação do material do Centro de Memória. Então é um espaço que está sempre em função de iniciativas. Sempre aberto e proporcionando um espaço de atividades que venham de encontro com as nossas ações.

GF: *E como é que se estrutura funcionalmente a Casa dos Meninos? Direção…*
FR: Oficialmente, ela está registrada como uma Associação, na legislação. Ela tem uma diretoria... um Conselho Gestor de vinte membros, e dentro do Conselho Gestor tem uma Diretoria Executiva, de sete membros. A Diretoria Executiva está dentro do Conselho Gestor, e se altera a cada dois anos. A última eleição se deu no ano passado, e a próxima vai se dar em 2013.

GF: *Como é que se dá a comunicação interna e externa da Casa?*
FR: É um problema, né? Porque a gente tem tanta tecnologia, mas é um caos total… A maior parte a gente faz pela internet. Desde 2000, a gente sempre teve uma reunião nossa. Dessa vez, depois que o Silva faleceu, é o primeiro ano que a gente só tem a reunião presencial, e pra gente tá sendo, na verdade, um indicador de que alguma merda tá acontecendo…

GF: *Tá, porque existe o espaço, tá lá, mas não tá sendo usado, é isso?*
FR: Não, não existe [[ ]]. Todo o nosso [[ ]], no final do ano passado, ele sofreu um vírus, foi atacado, e tudo foi derrubado. Todos os nossos sistemas... a única coisa que não foi derrubada foi a Conferência Permanente.

De resto, todos os nossos sites, tudo o que a gente tinha, foi derrubado. E a gente tem uma pancada de coisas na internet. E aí a gente começou a fazer um processo de subir as coisas. Porém, de nós, só uma pessoa tem o domínio de subir as coisas ainda. Então ela não teve condições de subir as coisas. Fica por aí… por enquanto. Mas enfim, o fato é que a gente não tem reunião [[ ]], uma das coisas que eu quero conversar com a Vanessa e a primeira coisa que a gente tem que fazer junto com ela tem que ser a construção de [[ ]] básico, pra retornar. A nossa comunicação digital é por email. Mas a gente faz reuniões no mínimo a cada quinze dias. Geralmente a gente faz de sábado. Quando não dá pra fazer no sábado, a gente faz no domingo, sempre finais de semana, que a gente consegue juntar todo mundo. Porque o Rodrigo, ele dá aula; o Ítalo tem os horários apertados, a Cíntia também, enfim… A gente tenta fazer as reuniões normalmente a cada quinze dias, presenciais também.

GF: *Na sua opinião, qual a importância da Casa aqui no Jardim São Luís, na vida dos jovens com os quais você trabalha e da esquerda brasileira?*

FR: Caraca! Vou precisar de um mês pra poder refletir sobre o que você tá falando…

Eu acho muito importante. Aliás, eu só to nessa porque realmente eu sinto que é algo diferente. Como eu falei, aqui no São Luís tem um monte de ONGs. Mas não só no São Luís. Isso tem sido uma realidade a nível de Brasil esse "pipocamento" de ONGs. Porém, eu vejo sempre mais do mesmo. Sempre tem umas que têm uma iniciativa mais bacana ou diferenciada, mas em geral é um pouco mais do mesmo. Eu vejo uma prática de reprodução do sistema de dominação. E aí, nesse sentido, a Casa dos Meninos, apesar de ser ONG, não se enquadra nesses termos. Quando a gente coloca o próprio histórico em que ela se desenvolveu, quando a gente cria essa consciência política de uma necessidade de um espaço quase que de libertação, de novas práticas. Um espaço que inclusive proporciona a gente fazer a crítica de determinadas situações, e não só de conformação. Porque as ONGs fazem muito um processo de conformação, então é como se a mudança fosse acontecer quase que espontaneamente. Aqui vamos ter boa vontade, e com boa vontade e perseverança, com palavras totalmente genéricas, vai criando uma certa acomodação da sua permanência. E a Casa dos Meninos, o que ela conseguiu chegar em função dessa transformação que a gente teve na direção da Casa e da nossa equipe, foi proporcionar um espaço diferenciado. Então, nesse sentido, a importância é conseguir fazer a crítica à mesmice. É ser um espaço onde se possa porporcionar iniciativas e práticas que, na verdade, eu não vejo em outro lugar. Um prédio daquele tamanho, com a infraestrutura que tem, com as relações que a gente fez que são muito grandes, a nível de cidades – qualquer lugar aqui você pode falar da Casa dos Meninos que as pessoas conhecem, por bem ou por mal, sabe assim? Tem gente que nos ama, e tem muita gente que nos odeia – então a gente tem um campo, um universo de relações muito grande, inclusive a nível de Brasil. A gente tem todo um potencial, digamos assim. E esse potencial tá a serviço de quê? Poderia estar a serviço do atendimento de 200 jovens carentes e ta-ta-tal, a serviço X, a serviço… né? Porque tem um monte de organizações com potencial, com estrutura, isso e aquilo, que tá a serviço de mais do mesmo. E eu acho que a gente tem um potencial muito grande e a gente faz uma opção. Tem muita gente que não entende. Hoje, por exemplo, a Casa não tá cheia. Mas ela não tem que tá cheia, ela tem que tá cheia de outra coisa, e esse processo é muito mais demorado mesmo. É mais árduo, é um outro caminho, que foge à lógica do imediatismo. "Atenda a tantas pessoas, proporcione X coisas", sabe assim? "ganhe tanto dinheiro"… A gente não tá nessa lógica. Então a Casa dos Meninos ganha importância por poder fazer uma crítica e fazer uma práxis, um caminho diferente. De poder se contrapor ao que existe. Essa é a importância enquanto espaço.

Enquanto jovens, posso dizer por mim mesma, apesar de não ser mais tão jovem. Mas assim, toda a direção – ou grande parte, a exceção é a Maria. A Maria não foi uma jovem, né? Ela tinha 103 [é isso?] anos hoje – mas o restante do pessoal que tá aí fazendo parte do núcleo

duro, e da execução concreta do nosso projeto, eu, Luana, Ari, Rodrigo, Josi, Cíntia, Dai, e a Janaína, que tá chegando aí agora… esses jovens, a gente tá encontrando um espaço de politização diferenciado. A gente não tá buscando a nossa politização dentro de um partido. A gente não tá fazendo isso dentro de associações comunitárias, de luta, por exemplo. Às vezes ainda tem umas coisas que existem. Por exemplo, o movimento de moradia. Ainda hoje ele é forte. Forte, mas cheio de vícios, cheio de… aquela coisa, né? O objetivo é a moradia, mas o que se faz nesse processo é um monte de vícios, um monte de… de práticas de merda, porque a preocupação não tá no caminho, a preocupação está somente em conseguir a moradia. Movimento de saúde também é muito forte, em São Paulo e aqui na região. Aqui na região, o pessoal de peso inclusive não tá aqui no São Luís. Porém, ele é outro movimento cheio de vícios, em certas coisas muito atrasadas… São pessoas maravilhosas, de luta, de compromisso. Mas é isso, assim. Os movimentos hoje não criam uma situação de politização da juventude e das pessoas que se aproximam. Tem uma bandeira X, e aí dentro dele é só reprodução. Não faz a crítica do seu método, da situação do movimento em si. E aí eu acho que hoje os jovens não se encontram dentro desses movimentos. Eu, pelo menos, não me vejo assim. Eu participo de várias coisas, tentei me aproximar do pessoal da saúde, mas cheguei e saí. Partido a mesma coisa. Eu vi que a coisa… não tem espaço pra coisa nova. E aí, a Casa dos Meninos, para a juventude, acho que tem ocorrido em pequena escala, mas a tendência é aumentar, tem se tornado uma referência de politização e de atuação. Não sei até que ponto é diferente, mas o quanto que você participa de um processo de politização, de formação política, e outro que você faz de atuação política. Acho que, necessariamente, esses processos não estão juntos. E a Casa dos Meninos vem construindo isso, uma nova referência pra juventude. E aí, quando a gente aglutina esses jovens comuns, que não tão ligados a nada – não têm histórico de movimento, nem os pais, nem eles – e quando eles começam a interagir com essa ação que a gente tá fazendo, vai se alterando. E tá ocorrendo um processo do qual a gente talvez não tenha consciência, mas tá ocorrendo um processo de politização e atuação política diferenciada dos movimentos históricos que aí estão.

E aí, a terceira… pra esquerda brasileira… aí eu vou falar, mas aleatoriamente…

GF: *Pode falar o que quiser, essa pergunta não faz sentido...*

FR: Não, fazer, faz. Porque eu não vejo a nossa atuação e as coisas que a gente vem pensando descoladas do processo histórico. Pelo contrário, tá muito junto. Inclusive hoje, conversando com o Adriano [Deputado Estadual Adriano Diogo – PT] , antes da gente se despedir, ele... na real ele não sabe muito o que a gente tá fazendo, ele tem um monte de coisas na cabeça, mas ainda ele não tem um desenho não… Mas ele falou assim: "olha, seja o que for que vocês tão fazendo, não perca o fio da História e traga à tona as pessoas". Porque tem muita gente que tá perdida, pessoas de luta, pessoas importantes, que têm uma bagagem cultural muito importante, e são pessoas que estão isoladas. "Qualquer coisa que vocês façam, faça a ponte", né? E aí eu falei "peraí, Adriano... eu acho muito legal tudo o que cê tá falando, mas repete tudo o que a gente nunca perdeu de vista". O Silva, uma das grandes questões que ele perseguiu, e que pra gente ficou muito forte, é a história da "ponte entre as gerações". Ou a gente constrói a ponte entre as gerações, ou tudo se perde. É uma costura que não tem nó. Então qualquer coisa que a gente vai fazer, se a gente não considerar… por exemplo, processo de desenvolvimento: como que o Jardim São Luís se desenvolveu, né? Trabalhadores hoje: qual é a condição de trabalho das pessoas hoje? Por que está tão fragmentado, por que as pessoas não se enxergam enquanto classe? Qual o processo histórico que fez com que a gente chegasse nessa situação? O que o pessoal da Oposição Metalúrgica, que pra gente é uma referência muito grande, tem a ver com isso? Então, a ponte com a História e outras gerações são questões pautadas pra gente a todo momento. E qual o papel da nossa ação pra esquerda brasileira?

Acho que a gente tem tentado fazer algumas críticas à

esquerda brasileira, tanto é que a gente não dialoga diretamente com vários movimentos políticos de esquerda no Brasil. A gente conhece, enfim, mas não interage. Em função de alguns vícios, de não ver novidade nisso. Então eu acho que mesmo que a gente ainda não esteja – acho que a gente ainda não tá contribuindo assim a nível de esquerda brasileira, mas eu acho que a nossa ação dialoga com as questões que a esquerda vem discutindo e em algum momento vai ganhar uma dimensão maior o que a gente tá fazendo.

GF: *Na sua visão, quais são as maiores realizações da Casa dos Meninos?*
FR: A primeira, sem pensar muito, é a construção do que a gente chama "referência jovem". Essa prática política que a gente vem construindo, a gente sempre coloca: ela é pra um, ou ela é pra muitos? Ela pode servir como referência pra outros jovens? Se não servir, então é porque cê tá errado. Acho que esse método de trabalhar com informação, o domínio do território, o uso das tecnologias, considerar a sua realidade, nunca trabalhando de forma genérica – tentar chegar mais perto das pessoas – é uma referência pro jovem que pode ser multiplicada. Então essa é nossa realização: chegar nessa síntese de que nossa prática é construir uma referência jovem no local. O que a gente tem de referência pra juventude hoje? A questão do trabalho a qualquer custo. Então quer dizer, você tá com 14 anos e já está sendo pressionado, inclusive individualmente, porque tem que ganhar dinheiro a qualquer custo e aí começa a fazer qualquer merda pra ganhar esse dinheiro. Aqueles sonhos mirabolantes que não se realizam, ser jogador de futebol, modelo, ta-ta-ta-tal e aí isso não se realiza. E a frustração leva por caminhos mais fáceis, então o caminho das drogas, o uso e a venda… aqui mesmo é um ponto, aqui em cima.

GF: *É… eu olhei pra eles, os caras ficaram olhando pra mim…*
FR: É, aqui eles vendem, né? É mas assim… Então o que é a referência? Tem muitas pessoas aqui que eu conheci, jovens, meninas, que passaram, mas não ficaram com a gente e praticamente todas, TODAS estão com filho. Todas que têm mais de 21 anos estão com filho. Então que perspectiva é essa que é só engravidar? A gente tem que trabalhar com outras lógicas, e acho que a gente chegou nisso. Resumindo a história, a primeira realização é a «referência jovem». A outra… não sei. Essa experiência é a que eu considero a mais diferente. O fato de existir isso que a gente tá fazendo é uma realização.

GF: *Essa aqui eu já sei um pouco a resposta, mas ainda assim… Como que a Casa dos Meninos financia seu funcionamento e suas ações?*
FR: O pilar principal é recursos próprios. E recursos próprios, igual a Lidas, porque não pode esquecer ou desconsiderar o papel que o instituto Lidas tem. Então grande parte dos recursos do instituto Lidas são todos canalizados pra nossa ação na Casa dos Meninos. E, fora isso, tem o que vem da gente mesmo. Então assim, o dia que a gente tem, a gente financia. Alguma iniciativa, tira cópias ou compra comida, enfim... o que for necessário, a gente mesmo vai bancando. Mas a gente tá buscando também recursos governamentais e parcerias.

GF: *Bom, agora tem um bloco de "conjuntura e esquerda", mas que já foi muito passado pela conversa. Então se você achar que já tá meio respondido…*
FR: Tá.

GF: *Qual que é a relação de vocês com movimentos sociais?*
FR: Com o movimentos sociais, eu acho que assim… a gente tem feito um caminho de chegar nos movimentos sociais, se ligar com os movimentos sociais. Mas o caminho que a gente tá fazendo talvez seja outro. Por exemplo, a gente tem uma ligação muito grande com o movimento da infância na cidade de São Paulo, só que a gente tá indo por outras vertentes. Muita gente entra pro movimento de infância virando conselheiro tutelar, e a gente não virou conselheiro tutelar, mas a gente apóia e ta-ta-tal. Ou, enfim, pelo próprio partido, dentro de algum partido... ou pela igreja... e a gente não

tá na igreja, a gente não tá dentro do partido, a gente não tá dentro da instituição que trabalha na defesa dos direitos da criança. Mas a gente tá, por outro caminho, se somando a vários movimentos. Mas a gente se liga naquilo que a gente tem pra dar, não aquilo que nos falta.

GF: *Qual a relação de vocês com a Associação de Moradores de Bairro aqui do local, quantas e há quanto tempo?*
FR: Aqui tem muitas associações. Assim como tem ONGs, tem muita associação de moradores, ta-ta-tal. A que a gente tem vínculo é a associação de moradores do Promorar, esse bairro aqui que a gente tá agora, inclusive. E a gente faz trabalho conjunto com eles acho que, no mínimo, há quatro anos. No mínimo há quatro anos a gente vem fazendo trabalhos conjuntos.

GF: *Que é a "Visão e Ação"?*
FR: Que é a "Visão e Ação". Aí tem outras que vira e mexe... Às vezes tem atividades conjuntas, processo eleitoral, tem o pessoal da associação de moradores da Fim de Semana. Na eleição do conselho tutelar eles vieram pedir nossa força, ta-tal, mas aí a gente não tinha como ajudar porque… um cara tão bandido que tá lá, a gente achou melhor não avançar com o diálogo.

GF: *Existe um encontro de associações de moradores aqui, das diversas?*
FR: Associação de moradores, não. O que existe muito é rede das ONGs. Apesar de que hoje a coisa está se mesclando, existe uma distinção entre a Associação de Moradores – que são poucas – e as ONGs. ONG tem redes, tem mil redes aí. Inclusive, tudo proporcionadas pelo Governo, não são redes da sociedade civil. A associação de moradores não tem.

GF: *Sabe se existe uma de São Paulo, da cidade? Um encontro de associações de morador de bairro?*
FR: Nunca ouvi falar.

GF: *Qual que, na visão de vocês, é a importância das novas tecnologias da informação e comunicação para os movimentos sociais?*
FR: Tudo da importância. Acho que as novas tecnologias criam a possibilidade, a condição de superar entraves. Acho que a gente tem muitos problemas no movimento social e a tecnologia tá aí pra responder e superar essas dificuldades.

GF: *Uma pergunta fácil… Como você vê o futuro da Casa dos Meninos?*
FR: Indefinido… tô brincando! Eu vejo uma ampliação do que a gente já tá fazendo. A gente já passou por várias dificuldades, inclusive de pessoas querendo utilizar o espaço da Casa dos Meninos pra outros fins que não têm nada a ver com o que a gente tá fazendo, e a gente conseguiu dar boas respostas pra essas situações. E a gente tá conseguindo dar saída. O nosso projeto tá dando respostas pros diálogos que a gente tem feito, então eu acho que a tendência é uma ampliação. Hoje é um foguinho, mas esse foguinho tende a virar uma fogueira.

GF: *Você considera que as TICs podem ou vão transformar a esquerda de uma forma mais ampla? Por quê? (Eu to supondo que vocês estão no campo da esquerda).*
FR: Primeiro, eu acho que essa pergunta tá um pouco esquisita, porque não é a tecnologia que transforma a esquerda. A esquerda pode se apropriar da tecnologia para sua mudança, mas ela em si não faz absolutamente nada. Mas acho que a tendência, pelo que a gente tem acompanhado aí, é cada vez mais tá havendo uma apropriação desses meios, do uso da tecnologia, ta-ta-tal. Mas eu acho que os capitalistas ainda sabem utilizar a tecnologia da informação muito melhor do que a gente. Pega o banco aí, o uso mais fabuloso que se faz do sistema de informação…

GF: *E uma pergunta agora que um pouco já foi discutida. Qual a importância dos movimentos sociais nessa conjuntura que temos hoje no Brasil?*
FR: É uma resistência. Acho que contribui ainda pra re-

sistir. Mas a gente tem que chegar num momento em que a gente pare de resistir tanto e consiga propor mais, ter mais iniciativa. Passar pra ação mais concreta.

GF: *Como vocês vêm o programa de pontos de cultura e qual a relação atual de vocês com o Ministério da Cultura?*
FR: Foi uma tentativa, os pontos de cultura, mas eles não são mais realidade, a proposta que era pra ser. A gente não conseguiu se consolidar enquanto movimento, enquanto proposta de governo também, os pontos de cultura. No início, tinha uma vontade de potencializar a cultura popular, potencializar a ação, quem desenvolvia nos diversos pontos, ta-ta-tal. Porém, hoje ele não é mais uma realidade. Inclusive o espírito, a proposta política dos pontos de cultura, ela não tá mais pautada hoje. E, hoje, o programa oficial que existe, seja dentro do Ministério da Cultura, seja na Secretaria do Estado, não corresponde com a proposta inicial. Nao dá pra dizer que não existe mais... mas eu acho que não existe mais.
(risos)
Acho que a gente ganhou muito com esse processo. E ganhamos, inclusive, novas referências na questão cultural, na questão da luta... E acho que o que aconteceu nos anos que seguiu com a proposta ainda vai ser utilizado como referência de luta mais pra frente. Mas nesse momento, enquanto projeto, isso já não condiz com o que a gente tá vivendo.

GF: *Agora mais sobre TI, tecnologias de informação e comunicação. Também já passamos bastante sobre isso, mas só retomar: Qual que é a importância das TICs para a Casa dos Meninos?*
FR: É um dos pilares. Nossos pilares são: Juventude, Território e Tecnologia. Então, sem ela, a gente perde um terço da nossa capacidade de atuar. Falo um terço, mas não é. É na verdade até mais, a coisa não se divide dessa forma… Mais é essencial. Sem isso, a gente teria que repensar tudo, eu teria que repensar minha vida... Repensar tudo o que a gente tá fazendo.

GF: *Quais os principais hardwares e softwares utilizados pela Casa e quantos computadores e de que tipo tem na Casa dos Meninos?*
FR: Acho legal pensar a Casa e a extensão dela. Por exemplo, se for pensar em mim, eu trabalho muito mais no meu computador, na minha casa, do que na Casa dos Meninos. Mas, tudo bem. Vamos nos limitar à Casa. Hoje a Casa está com sete computadores, mais dois laptops. Ah! E dez micros lá na parte de baixo, que a gente praticamente não usa. São só terminais – são ligados a uma central, da qual usam o HD. E tem mais o servidor. Somam vinte.

GF: *E o sistema operacional deles todos, é Windows?*
FR: Tem Linux e Windows. Tem micros que só têm uma coisa e micros que só têm outra.

GF: *Em que proporção?*
FR: Olha… so dez lá de baixo são Linux. O da administração, por questões de banco, é Windows, porque o Bradesco só dá pra usar com Windows. Quase todos são Linux, na verdade. O Windows são uns quatro [computadores], o resto é Linux. Os dois laptops são Linux. Inclusive, pra fazer a transmissão, a gente só consegue fazer a transmissão com Linux. A gente aprendeu a fazer com Linux e só faz com Linux, mas com certeza tem um jeito de fazer no Windows, enfim…

GF: *E quais os principais softwares que vocês usam?*
FR: Tem o Maptitude – e aí vem as contradições, porque o Maptitude a gente só roda no Windows. E só no original. Porque tem aquele jeito lá que a gente instalou ele no Linux. Dá pra rodar no Linux, mas ele na verdade foi construído pra rodar no Windows.

GF: *E o que que é o Maptitude?*
FR: É um programa de geoprocessamento, pra geocodificar as informações. A gente usa o FOX também, que é um programa extremamente ultrapassado, mas que a

gente usa. A gente usa [o FOX] pra padronizar os cadastros, e o Maptitude pra mapear. E esses básicos, que todo mundo usa…

GF: *Planilha de texto, e tal, OpenOffice…*
FR: Isso. A gente usa Kino, que é um programa de edição de vídeo. Mas ele não edita vídeo. O programa de edição de vídeo que a gente tá usando, que eu não lembro o nome.

GF: *Mas o Kino é quase de edição de vídeo?*
FR: O Kino é como se fosse pra você assistir vídeo. Eu não sei muito bem o que é ele, mas sei que uso ele pra fazer transmissão ao vivo, tá? [Kino é um software livre que permite capturar vídeos via FireWire, fazer manipulações básicas e reproduzir e exportar vídeos para vários formatos (Nota de trancrição).] Agora, o programa de edição… ai, meu deus, qual que é o nome dele? Não lembro…

GF: *Depois eu posso mandar essas perguntas que faltaram por email.*
FR: Isso, tá. Eu não lembro agora… A gente tem dois programas que a gente usa. Um no Linux e outro no Windows. No Windows, a gente usa Fantasia. Esse é proprietário, utiliza no Windows e a gente tem ele pirata. E aí tem outro programa que é no Linux, que é o que a Dai trabalha e faz edição de vídeo, que agora eu não to lembrando o nome dele, mas depois você me lembra de te passar. Porque o Fantasia, o Zé trabalha nele e o do Linux é o que a Dai trabalha.

GF: *E também os outros processadores de planilha de texto, etc e tal? Word, OpenOffice…*
FR: É, o OpenOffice e etc.

GF: *Você usa mais o OpenOffice ou o Word?*
FR: Ah, depende. Se eu tiver num micro que tiver…

GF: *Mas assim, tanto faz, é indiferente?*
FR: Indiferente. Posso trabalhar com qualquer sistema operacional que não tenho mais grandes dificuldade não.

GF: *Tá jóia. Quais os principais sites de projetos relacionados à Casa dos Meninos?*
FR: Sites? Cê fala que mostra o trabalho, os projetos?

GF: *É, tipo Conferência Permanente, reunião digital, acervo Procópio Ferreira… eu conheci vários, queria que citasse os principais.*
FR: Conferência Permanente, o Diagnóstico da Criança e Adolescente e o Acervo, acho que esses três são as principais referências.

GF: *E o da Casa dos Meninos não tá no ar?*
FR: Não.

GF: *E vocês medem os números de acessos nesses sites? Sabem mais ou menos quão acessados tão sendo?*
FR: Olha, que eu saiba, não tem acompanhado não. Mas quando sai do ar, por exemplo, a Conferência, na hora o pessoal entra em contato pra dizer que tá fora do ar, e a gente vai medindo isso. Mas a gente não tem acompanhado não...

GF: *Então o mais usado é o da Conferência Permanente?*
FR: Acho que é.

GF: *Qual a importância do georreferenciamento de informação para vocês?*
FR: É a importância do PODER-FAZER. Tem uma coisa que a gente vem trabalhando com termos que é o "poder", tracinho, "fazer", quase que uma palavra só. E nessa referência de trabalho que a gente vem produzindo, se a gente não constrói o poder-fazer a gente não faz. E a pior coisa que tem na esquerda que a gente não quer ficar reproduzindo é o pedir-reivindicar. A gente tem que construir a nossa capacidade de poder fazer, de poder transformar. E o geoprocessamento, o georreferenciamento, a possibilidade da gente ter o domínio das informações mapeadas e apropriadas é quase que ponto primeiro pra gente. Sem isso, é como se a gente perdesse nossa base, a sustentação do nosso trabalho.

GF: *Quais os principais exemplos de trabalho político com geoprocessamento e por que "geoprocessamento" e não "georreferenciamento"?*
Porque daí – não precisa ser agora – eu queria muito mostrar os mapas, pras pessoas verem do que eu to falando daqui. Porque "geoprocessamento é central, dá informação do território"… eu queria uns três exemplos que as pessoas conseguissem ver que cês tão criando informação a partir dos jovens locais, sobre. Eu queria, se possível, que você citasse três exemplos do geoprocessamento, e por quê geoprocessamento ao invés de referenciamento. Se a gente fala uma coisa ou se fala outra, se fala geoquantificação… não sei se dá no mesmo.
FR: Tudo a mesma coisa, né? Porque geoprocessamento é a técnica; georreferenciamento é você pegar a informação e colocar no mapa. Mas é tudo a mesma coisa. É colocar um pontinho no mapa. Então, posso te dar alguns exemplos nesse sentido. O primeiro dele, talvez... vou tentar fazer isso na prática, só pra você ir visualizando melhor. São coisas que você já viu, mas só pra ajudar a responder.

GF: *Não, porque dentro daquele projeto que eu ajudei a fazer, ficaria tão mais legal se tivesse um mapinha…*
FR: Ah, mas o mapa a gente fez! Deixa eu te mostrar… é que a gente colocou em anexo e acabei não mandando pra você, mas enfim.

GF: *É porque acho que aqui, do que você falou, já tem os três exemplos bons...*
FR: Um exemplo assim, muito… No Diagnóstico, você coloca seu CEP e número. Com seu CEP e número, você traz a referência do seu local, do seu entorno. Essa foi, enquanto conceito, enquanto método, uma grande coisa. Porque primeiro a gente delimitou sub-áreas, que a gente tem chamado de UPP, mas enfim, esse termo não condiz mais com o que a gente quer. Mas são sub-áreas que se você falar o entorno, na hora identifica, porque é uma área pequena, e com os seus conhecimentos locais você é capaz de identificar que área é essa. E aí como você identifica a área? Com seu CEP e seu número, você "puxa" essa área, então rapidamente você liga uma informação que é sua com a informação de uma área. Então o Diagnóstico é um ótimo exemplo nesse sentido.

GF: *O que vocês tão usando no lugar de UPP agora?*
FR: Olha, a gente tem utilizado muito as áreas de educação da cidade de São Paulo. São 478 áreas de educação na cidade. Então aqui no Jardim São Luís, no distrito, deixa eu te mostrar, pra não falar besteira.

GF: *Quer fazer isso no final? Aí esses arquivos eu consigo abrir?*
FR: Eu tenho eles em PDF, posso te mandar já.

GF: *Porque o Diagnóstico eu também já vi. Uma vez que eu vim aqui, em 2009, na Casa dos Meninos, eu botei meu CEP lá.*
FR: Esse é o mapa que a gente colocou em anexo no projeto.

GF: *Tem isso em PDF?*
FR: Tem sim, já te mando. E o que a gente colocou aqui? A centralidade aqui é a escola, o pontinho azul. Aqui são todos os alunos desse ano de 2012, a distribuição deles. Tem até uns slides muito legais que mostra isso aqui. Vou pegar pra ilustrar.

GF: *Parece que você cansou agora um pouco, né?*
FR: Não… Mas você tá cansado? Também, né…

GF: *Eu to tranquilo.*
FR: Então vou te mostrar isso aqui. Como que é a questão que a gente fez? Primeiro, localizamos o ponto. Que no caso é a escola, na [Avenida] Fim de Semana. Aí a gente verificou onde está a concentração dos alunos. Depois, a gente colocou o setor censitário. E aí a gente fez uma aglutinação de setores censitários, pra gente poder chegar nesse desenho aqui. Mas por que ficou esse desenho meio esquisito? Porque a gente respeitou o setor censitário, que pra gente é fundamental.
Essa questão do setor censitário pra você é claro, né, por

que a gente considera isso?

GF: *Sim. Você pode cruzar com tudo o que tem do IBGE que faz por setor.*
FR: Sim, considerar todas as variáveis. Todo estudo, pelo menos quase todos, acho que todos, governamental, acadêmico, enfim, tudo o que é feito hoje é baseado/respeita o setor sensitário. Então a gente respeita e pega não só a informação do CENSO, mas também todas as outras informações produzidas.
Então tá, vamos voltar aqui: A gente delimitou a área, no central tá a escola, aqui tá a distribuição dos alunos... essas áreas que estão riscadinhas são as favelas da região. Aqui, que é uma das maiores, é a Fim de Semana. E aí se você for olhar aqui os alunos, eles estão todos na rua, né? Então quais são as referências deles? A Canuto Luiz do Nascimento, Fim de Semana…

GF: *Tá, mais só uma pergunta. Aqui "sobrou" um pouco… porque aqui já tem um pedaço que não é favela em destaque aqui…*
FR: Não, aqui é favela.

GF: *A gente tá AQUI agora?*
FR: A gente tá aqui, ó.
Esses montes de gente aqui é da favela, mas o que aconteceu? A Yoshimara, que é a rua da Casa dos Meninos, ela é bem esquisita. Ela começa aqui…

GF: *Faz uma curvona.*
FR: Faz essa curva e termina bem na favela.

GF: *Tanto que a gente botou um número aqui.*
FR: Esse número de referência, do georreferenciamento que a gente fez, parou nesse ponto. Mas provavelmente esse monte de gente – shup! – tudo tá aqui. Fim de Semana, Yoshimara, Canuto, Aderbal… Aí aqui tá as áreas verdes, outros pontos de referência. Inclusive fica fácil de ir identificando o Hospital, a AABB, o cemitério.

GF: *A AABB é gigantesca.*
FR: Gigantesca.

GF: *E fechada pra comunidade. É só pra funcionários, né? do Banco do Brasil.*
FR: É. E lá, é lindo lá dentro. E aqui é feio demais, um favelão. Inclusive, não tá como favela, mas tudo isso aqui, na realidade, é favela. Toda essa parte aqui. Uma área bem feinha, inclusive.

GF: *Na verdade, eu tenho relativa facilidade pra ler mapa. O que eu queria era saber se existem três mapas que você ache que tenham uma representação gráfica boa dos diversos trabalhos que vocês tão fazendo. Pra anexar, pras pessoas verem isso mesmo.*
FR: Ah, a gente pode fazer alguns mapas só pra identificar um pouco. Por exemplo, um com todas as empresas, qual a concentração...

GF: *Não. Uma coisa é pensar daqui pra frente. Outra coisa, eu to vendo pra trás. Que mapas você acha que foram significativos?*
FR: Ah, a área de Plano de Bairro. Tem que recuperar onde ele tá e te passar, que é um mapa que tá lá no jornalzinho que eu te mostrei. A do Plano de Bairro, a do Procópio e talvez uma área da UPP, que foi o ponto de partida. Então o ponto de partida, a área que a gente trabalhava, depois esse trabalho que a gente fez do Plano de Bairro e, por fim, a área de influência da escola.

GF: *Que seriam essas informações bem distintas, bem interessante pra mostrar o…*
FR: É, que mostra qual é a ação. Informações que mostram o que a gente quer.

GF: *Agora aquelas perguntas que são bem legais.*
FR: Pode ir falando enquanto eu mando [os mapas] pro seu email.

GF: *Quais as principais referências teóricas e políticas da Casa dos Meninos? Não vale falar que é o Silva, ponto.*

((risos))
FR: Ai, caraca, como que cê soube daquele? E falei exatamente isso!
(Tá sem acesso à internet? Ô, Luana, dá uma olhada aí no negócio? Tá sem acesso à internet? Liga e desliga aí o coisinha?)
Então… Mas não é mentira, viu? O Silva era em pessoa uma referência, e ele trazia muitas referências teóricas nesse sentido, trazia muitas leituras.
(Onde tá o telefone? Não sei onde tá o telefone.)

GF: *Tem um botãozinho na base que você aperta e acha o telefone.*
FR: É, elas sabem. Tem pendrive aí?

GF: *Uhum.*
FR: Ah, então deixa eu salvar, aqui tem internet não.

GF: *Ah, puts! Fui na Santa Cecília ontem. Se eu soubesse, sabe o que comprava? Aquele cabinho que vem até aqui e que põe o pendrive aqui, não precisa ir lá atrás. Puta, custa nada isso, dois reais.*
FR: Comprei umas coisas na Santa Efigênia, mas um monte veio com problema.

GF: *Cê pega garantia lá…*
FR: A gente vai trocar…

GF: *Bem, tamo acabando. Falta uma, duas, três… Você tem um backup integrado, dos computadores da Casa dos Meninos e da sua?*
FR: Não. Coloca onde aqui, em algum lugar específico?

GF: *Pode jogar aí no "miolinho" que tá bom.*
FR: Onde? Aqui mesmo?

GF: *Uhum. Se quiser baixar uma música aí, fica a vontade.*
FR: É boa?

GF: *São meio estranhas as músicas que eu gosto…*
FR: Eia!

GF: *Esses dias eu fui dar som – às vezes eu brinco de DJ, né? – na festa da Oposição [do Sindicato] dos Jornalistas, e o povo de oposição é sempre legal. Depois que vem toda aquela cultura política…*
FR: Essa música aqui, pode copiar já?

GF: *Pode, pode. Põe lado a lado as janelinhas e arrasta…*
FR: Cê falou "arrastar", mas eu não vou tirar ele [o arquivo]?

GF: *Não, ele copia automático. Então. Quais as principais referências políticas e teóricas da Casa dos Meninos?*
FR: Ah, sim! Vamos lá. Milton Santos, com o território. Tem um que eu nunca li, mas vou falar por causa do Silva e do Inauê, que trata essa questão da tecnologia, que é o Pierre Levy, e tem um livro específico dele que tá até aqui pra um dia… tá chegando perto, um dia eu mexo.

GF: *Sobre cultura, inteligência coletiva?*
FR: Tá lá embaixo, talvez… Ah, tá. Enfim, é ele. Quem mais? Em algum lugar eu tenho alguma referência mais forte. Eu te mando depois.

GF: *Tá, essa é a teórica. E a política, assim, é o Silva. Mas tem Karl Marx? Che Guevara?*
FR: Ah, tem.

GF: *Dilma Rousseff, Paulo Maluf, Police Neto…*
FR: Não, não…
(Luana, Luana tá aí? Ou é a Dai? Ah, não… era mais com a Luana mesmo, pra ajudar a dar uma resposta.)
Deixa só eu ir anotando aqui, que eu tinha ficado te devendo uma outra resposta também, qual era mesmo?

GF: *Tenho anotado aqui. Qual que era o programa de edição de vídeo.*
FR: Ah, tá.
((Ô Dai, qual que é o programa que você usa pra editar vídeo? Ah, Blender. Obrigada.))

É, mas tinha uma outra… ah, as pessoas interessantes pra você conversar e conhecer mais…

GF: *Tinha pensado no Seu Ademar, por conta do trabalho histórico, e vou acabar entrevistando provavelmente, por conta do Procópio, a Cíntia e uma professora.*
FR: É que a Cíntia pegou pouca coisa, é de 2010. Ela pode ser ela também, mas acho que tem gente interessante aí. Eu vou anotar aqui…

GF: *E outra pergunta seria quais os conceitos/ideias que vocês usam de tecnologia da informação e comunicação, e de informação, em particular. Porque tipo, "território" é Milton Santos, tá muito claro. O que que é esse "bicho estranho" que é a informação?*
FR: Ah, sim. Tem um cara que a gente leu bastante, também dessa área, é o Ladislau Dowbor.

GF: *O que você acha importante falar sobre essa questão – Tecnologia e Casa dos Meninos – que eu não perguntei? Não sei se fica muito abrangente…*
FR: Quinta-feira a gente tava discutindo que ia abaixar a poeira aqui da nossa conversa, pra poder ver como fechar os buracos. Mas eu tendo alguma coisa, te dou um retorno. Então o que pode ser pautado aqui da nossa conversa…

GF: *Que você achava importante. Porque eu tenho outras conversas com você, tenho muitas páginas de anotação… O que você acha da Cultura Digital e dos Hackers?*
FR: Olha, não tenho opinião formada não. É difícil. Eu posso falar de algumas coisas que eu vejo, mas não é uma opinião formada. Mas eu acho eles ótimos! O processo do conhecimento é quase que uma guerra ainda pra gente conseguir desenvolver e se apropriar dele. Enfim, prefiro não falar muito não porque senão vai ficar esquisito.

GF: *Então… eu queria saber se um dia você podia marcar uma conversa com o Seu Ademar. Duas horinhas, ou uma horinha que seja…*
FR: Olha, esse mês ele tá de férias.

GF: *Tá, então…*
FR: Não, então dá! (risos) Onde que ele tá mais tranquilo é esse mês de férias. Agora, a partir de julho, só sábado e domingo. Só que assim, o Ademar é um cara que não pára. Se for possível marcar nesse período que ele tá de férias, com certeza vai ser mais fácil. Depois, fica bem mais difícil sentar com ele. Mas já posso adiantar. Me fala um dia que cê acha legal e eu vejo com ele.

GF: *E outra coisa que é muito importante é que eu vou começar falando do Jardim São Luís e tal. E uma vez, dia 10 de março, a gente tava conversando ali fora da Casa dos Meninos e cê falou que cê me dava uma dica sobre qual recorte do território usar pra falar do bairro como um todo, pra quem não conhece. E, tipo uma aulinha de uma meia horinha de geoprocessamento, pra eu entender melhor o que é cada uma dessas coisas. É possível marcar uma vez pra frente?*
FR: Tenho até que me preparar melhor nesse sentido, e talvez entender… partir de algo do concreto. Eu não gosto de "bairro", tá? Acho que isso não diz nada. Acho que a gente parte do seguinte: estamos localizados no distrito de São Luís. O Distrito de São Luís tá onde na cidade? Então tem a cidade e tem o distrito de São Luís. Dentro do Jardim São Luís, então a gente pode ir afunilando.

GF: *OK, mas isso é importante: então "bairro" não ajuda nada?*
FR: Pelo contrário, ele ajuda a confundir, tá? Isso em todos os sentidos. Você fala um monte de bairro, bairro não tem começo nem fim, pra ninguém. Nem pra correio, nem pra nada. Cada carta que a gente tem chega com um bairro diferente na casa. E aí, a noção de localidade ela é construída ao inverso. Ajuda a desconstruir as referências que a gente tem. Mas então vamos fazer isso. O próximo dia a gente marca só pra pegar os mapas e ir olhando.

GF: *Aqueles três cê pode me mandar de qualquer jeito,*

pra eu ir olhando?
FR: Esse aqui já tá no pendrive. Os outros dois eu preciso só localizar, aí eu mando por email.

GF: *Eu não tenho muita coisa, mas acho que vai ficar pra uma próxima vez, porque tá cansando já.*
FR: É, eu to cansada.

GF: *A Cíntia fala de uma história do Silva, de um menino que cai no rio. Qual que é essa história? Não lembro…*
FR: Essa história é assim. Era dois pescadores, que tavam pescando (risos) no lago, enfim. E daqui a pouco, vem lá do alto, de uma área mais alta, uma criança que cai no rio. E um dos pescadores vai lá e "opa, caiu no rio! vamos salvar". Pula e tenta salvar o menino e fica bem feliz por ter conseguido. Aí, daqui a pouco, cai mais um. Aí o outro vai. Aí daqui a pouco cai mais um, o outro vai. E vai caindo e vão salvando. E daqui a pouco eles começam a ficar cansados. Aí um fala assim pro outro: "meu, ao invés de a gente ficar tentando salvar esses meninos – porque uma hora a gente não vai dar conta de salvar todos e numa dessas a gente pode morrer afogado com eles – então ao invés de a gente ficar indo buscar esses meninos, por que a gente não sobe lá em cima e vê quem é que tá jogando eles?".

Então essa história serve muito pra identificar a forma de reação e relação que as ONGs e as escolas – no caso, aqui o Procópio – têm de relação com o imediato. Sempre querem resolver o imediato. O que a gente chama que é o pronto-socorro, né? Mas se a gente ficar só no imediato e não partir para as causas, a gente nunca vai mudar. E aí, quando a Cíntia coloca isso, é porque até então todo mundo chegava lá na escola – e chega até hoje – querendo parcerias e parcerias, ta-ta-tal, e querem saber "ah, aqui tem um psicólogo? quê que você tem?". Então ela tem um universo de problemas na escola, dificuldade material, pessoal, profissional, ta-tal e "ah, você pode me ajudar em quê?" É em pintura? Não. Psicólogo? Não. E aí ela pegou essa visão a partir do trabalho que a gente vem desenvolvendo na escola que não é parceiro pras questões imediatas, porque já não vê mais a solução nisso, mas na condição de tentar entender o porquê de tudo isso. Por que a escola tá com tantos alunos com problema de indisciplina? Por que…

GF: *Então tá jóia. Nossa, ainda falta muita coisa, mas vou te dar um descanso porque tá há três horas falando já.*
FR: Então vou mandar os mapas, marcar um dia só pra gente ver a questão do estudo, do perfil aqui da região. Tá, acho que eu anotei o que ficou faltando. Paramos?

Anexo 3 - Cordel sobre criação de Reco-Reco – Poesia e planta técnica

Só costumo escrever
Quando vejo um contribuição
Que posso dar na luta
Do operário contra patrão
Acabar com capitalismo
Ver nascer o socialismo
É meu ideal de peão

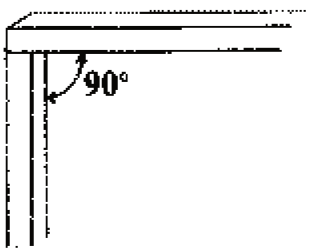
É lei do capital
A tudo controlar
Não deixar brexa nenhuma
Pro peão se levantar
Inventaram ferramenta e computador
Fizeram até robot
Para o peão não pensar

É contra tudo isso
Que temos de combater
É Davi contra Golias
Numa luta prá valer
Para aumentar nossa união
E fazer divulgação
Uma imprensa devemos ter

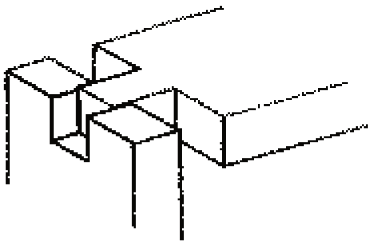
Não é coisa de outro mundo
Parece até brincadeira
É uma tela esticada
Numa moldura de madeira
Na base é fixada
Com dobradiça parafusada
Deixando nos lado uma beira

Como fazer a moldura

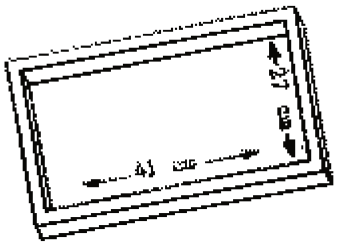
assim:



ou assim:



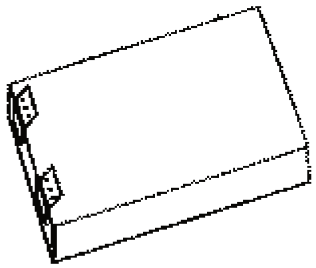
Moldura montada



A base assim:

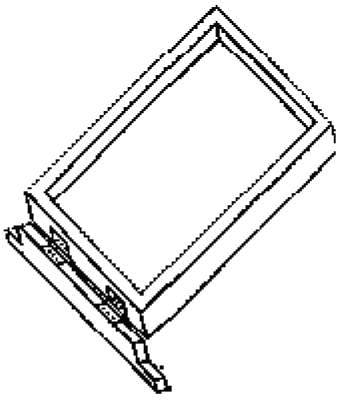


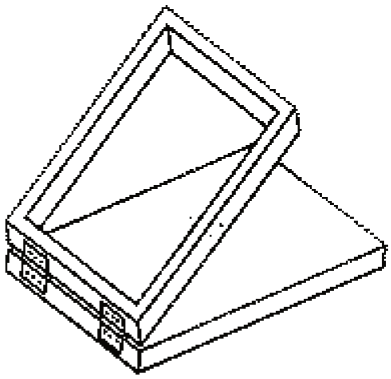
ou assim:



para os locais onde não exista mesa (no mato)

Moldura fixada na base



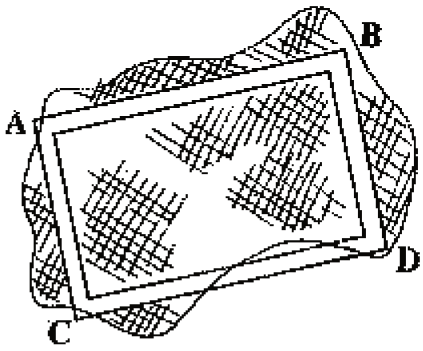


Com a moldura pronta
A tela vamos esticar
Use taxas ou percevejos
Só não deixe enrrugar
Prá tinir como ganzá
Puxe até aonde dá
Que as pontas vai recortar

Siga as instruções
Que você vai acertar
Tela de nylon ou organdi
Tanto faz, pode pregar
Trabalhe com paciência
Usando sua ciência
Você vai até inventar

Como esticar uma tela

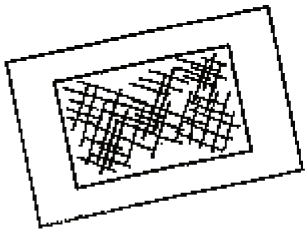
1.Prenda a tela num dos cantos (A)
2.Estique o máximo possível e grampeie em B
3.Prenda o lado A - B
4.Volte ao lado A e puxe este até C
5.Prenda o lado A - C
6.Volte ao canto A e puxe o máximo possível
e prenda em D
7.Prenda C - D



Depois da tela esticada
O resto é moleza
Vedando parte da tela
Vai ficar uma beleza
A tinta se espalha
Você não se atrapalha
E imprime com clareza

Prá completar o engenho
Falta o rôlo impressor
Você resolve na manha
Usando um rôlo de pintor
Em vez da espuma use um cano
É só usar o tutano
Não precisa ser doutor

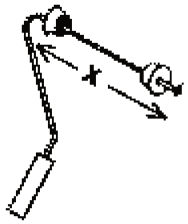
Como vedar a tela



1.Coloque uma folha tamanho ofício no centro da tela
2.Os pedaços em volta deve ser vedados. Você pode usar:
a) Vedador para serigrafia (não use candida para limpar)
b) Goma laca (não use álcool para limpar)
c) Fita adesiva (vários tipos impermeáveis)
d) Outros que você inventar

O RÔLO IMPRESSOR

Rôlo de pintar parede

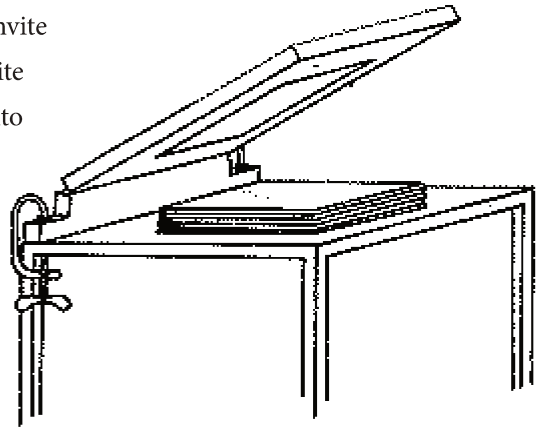


Cano de PVC do comprimento do suporte. O cano deve entrar no suporte sob ligeira pressão (não pode haver folga)



A arma está pronta
Já pode entrar em ação
Vamos denunciar e combater
O regime de exploração
Feita com muita facilidade
Vai ter utilidade
Na luta contra o patrão

Na beirada da mesa
Prenda com grampo sargento
Na tela pregue o stencil
Utilize o seu talento
Prá festa faça um convite
E me avisar se abilite
Prá brindar o evento



Instruções para o uso

1.Fixe o reco-reco numa ponta da mesa com grampo sargento
2.Pregue com fita adesiva o stencil de baixo da tela
Cuidados nesta operação:
a) Centralize o stencil na parte da tela que não está vedada
b) A frente do stencil deve ficar em contato com a tela,
se inverter a impressão sairá invertida
3.Coloque um monte de papel na mesa, centralizando em baixo do stencil.
Deve ter papel suficiente para manter a tela ligeiramente precionada.
4.Baixe a moldura sobre o papel, precione com a mão esquerda e com a direita,
você espalha a tinta na tela, utilizando o rôlo.
5.Levante a moldura e a impressão estará pronta
Obs: Com prática você fará 100 cópias em 10 minutos

Anexo 4 - Capas de outros cordéis de Cleodon Silva
Capas de Cordéis de 1978 a 1991










- Autor: Pedro Macambira -
CONVERSA DE TRES
PELEGOS COM SATANAS

Anexo 5 - Roteiro de perguntas para Fátima Rodrigues da Casa dos Meninos 19-04-2012

1. Casa dos Meninos

1A) O que é/História

Desde quando existe a Casa dos Meninos? Quem a criou e quando? Por que este Nome? Há uma história escrita?

Quais os principais projetos na história da Casa? Quando mudou a direção? Qual o projeto maior em andamento? Quais os projetos em andamento?

Por quê o Jardim São LuísSão Luis? Como vocês vem o Jardim São LuisSão LuísSão Luis hoje?

1B) Projetos

Vocês consideram e se referem à Casa como movimento social? Como ONG? Como?

Desde quando você participa da Casa dos Meninos?

Quantas pessoas trabalham na Casa dos Meninos? Quantas estão envolvidas de forma mais próxima?

Quantas pessoas são atingidas pelos projetos/políticas da Casa dos Meninos? Qual o perfil dessas pessoas?

Como funciona atualmente a Casa dos Meninos? Como se estrutura funcionalmente/ como se dá a comunicação interna e externa da Casa?

- Qual o motivo central da existência da Casa dos Meninos?
- Em sua opinião qual a importância da Casa na região, na vida desses jovens e na esquerda brasileira?

Quais as maiores realizações da Casa dos Meninos?

Com quais pessoas você considera importante que eu converse para entender a Casa dos Meninos?

Como a Casa dos Meninos financia seu funcionamento e suas ações?

2. Teoria e Tecnologias de Informação e Comunicação

Quais as principais referências teóricas e políticas da Casa dos Meninos?

Quais os conceitos/noções/ideias vocês usam de a)Território; b) tecnologia; c) Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC; e d) Informação?

Qual a importância das TICS para a Casa dos Meninos?

Qual a importância da internet e da telefonia celular na visão de vocês?

Quais os principais hardwares e softwares utilizados pela Casa?

Qual a importância do georreferenciamento de informações para vocês?

Qual a relação de vocês com as tecnologias?

3. Conjuntura e esquerda

Qual a importância das TICS para os movimentos sociais?

Como você vê o futuro da Casa dos Meninos?

Você considera que as TICs podem ou vão transformar a esquerda? Por quê?

Qual a importância atual dos movimentos sociais?

Vocês foram um Ponto de Cultura. Como é a relação de vocês com os demais pontos de cultura? Vocês tem relações com os movimentos da Cultura digital (Casa da Cultura Digital, Anonymous, Lulzsec, Coletivo Digital etc)?

Quais são seus principais parceiros políticos atualmente?

Qual a atual relação de vocês com o Ministério da Cultura?

Anexo 6 - Roteiro de perguntas finais para da Casa dos Meninos 07-07-2013

Como alguém entra no núcleo político da Casa? O que é o núcleo e para que serve?
Quando o núcleo passou a se chamar Cleodon Silva?
Quais e de quem reuniões já fizeram streaming/ gravaram?

O que programaram na página do acervo da Comunidade Procópio mesmo?

Quando criaram a comunidade no Facebook, Por quê? e qual o acesso dela?

Lista de oficinas dadas nos últimos dois anos

Pedir mais mapas significativos no processo político da Casa

Nome da filha do Santo Dias e escola na qual ela dá aula.

Pegar pesquisa de Uso de Internet entre os representantes

Vocês vêem alguma importância na academia e nessa pesquisa em particular, qual, por que etc?

Qual era o editor de vídeo que a Daí estava usando em 07 de janeiro para editar os vídeos da viagem a Salesópolis?

Vocês conseguem de fato ter a maior parte do financiamento de vocês através do seu próprio trabalho?

Qual é o grande projeto? O fim disso tudo? Buraco discursivo Falem mais sobre o macro projeto?

Pouco ouvi sobre questões relativas a raça, gênero e orientação sexual. Há acúmulo sobre essas questões?

Quando a CM ganhou o Prêmio Milton Santos da Câmara de Vereadores de São Paulo?

Os nome completos da dona Maria, Ítalo, Jenivan, Zé, Rodrigo, Cíntia?

Anexo 7 - Metodologia do diagnóstico da situação da criança e do adolescente na cidade de São Paulo - 2007.

Metodologia

Território e Desagregação das informações - unidades de Planejamento Participativo (UPPs)

O conhecimento do território se faz imprescindível para a análise da realidade social, ele é o local concreto das políticas e onde as tramas da vida coletiva se tecem. *"É no território que as desigualdades sociais tornam-se evidentes entre os cidadãos, as condições de vida entre moradores de uma mesma cidade mostram-se diferenciadas, a presença/ausência dos serviços públicos se faz sentir e a qualidade destes mesmos serviços apresentam-se desiguais"*[1].

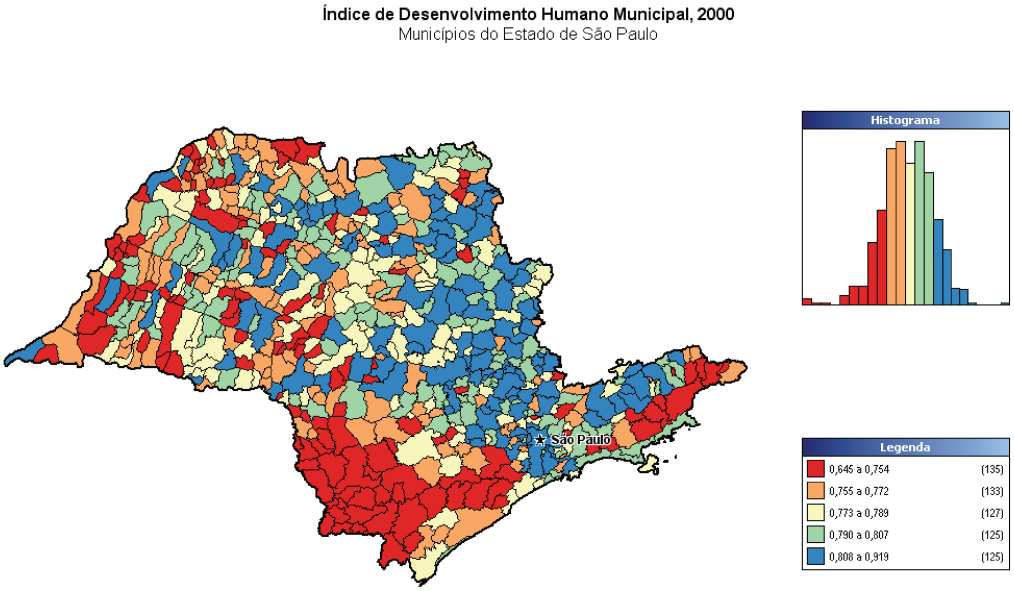
O olhar sobre o local de vivência do cidadão pode revelar uma série de nuanças que os diagnósticos tradicionais não trazem na sua apreensão da realidade, é por isso que o elemento fundamental a ser considerado na realização deste diagnóstico é a **desagregação territorial da informação.**

Um exemplo claro da importância de desagregar a informação em níveis territoriais pequenos, pode ser percebido ao analisarmos o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal do Estado de São Paulo. O IDH-M como é chamado, é estabelecido através de uma metodologia semelhante à empregada na construção dos Relatórios de Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)[2], e considera indicadores de longevidade, educação e renda.

No mapa 1 é possível notar que a cidade de São Paulo está representada na cor azul, ou seja, dentre todos os municípios do Brasil analisados pela metodologia do PNUD, a capital paulista apresenta os mais altos níveis de condições de vida, com um IDH-M de 0,844. Porém, no seu território há desde áreas com um IDH-M de 0,850 (Jardim Paulista) a outras com 0,402 (Jardim Ângela), que **demandam políticas diferenciadas.**

[1] *Medidas de Cidade: entre territórios de vida e territórios vividos.* Dirce Koga. São Paulo: Cortez, 2003.

[2] <http://www.pnud.org.br/idh>



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil - PNUD/IPEA/FJP

A informação intra-urbana é o tipo de informação que busca apreender as desigualdades internas do território analisado, e é capaz de guiar as ações do poder público para o planejamento de políticas mais eficazes e o estabelecimento das prioridades de investimento. O uso de medidas intra-urbanas é uma tendência que vem sendo adotada por diversas prefeituras e organizações, resultando em estudos como o Mapa da Pobreza de Curitiba, o Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte, o Índice de Qualidade de Vida Urbana de Belo Horizonte, o Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife, e o próprio Mapa da Exclusão/Inclusão Social da cidade de São Paulo.

Como lembra Milton Santos *"o espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da sociedade que lhe dá vida. Todavia, considerá-lo assim é uma regra de método cuja prática exige que se encontre paralelamente através da análise, a possibilidade de dividi-lo em partes"*. [3]

Desde 1992 a cidade de São Paulo conta com a divisão territorial estabelecida pela Lei Municipal nº 11.220, os Distritos Administrativos, na época um agrande conquista para cidade porque além de unificar as diversas divisões de todas as secretarias, já era compatível com a malha censitária, podendo agregar todas as informações do Censo Demográfico do IBGE.

Nos anos seguintes pouco a pouco os vários níveis de governo, à exemplo da Receita Federal, foram assumindo a Nova Territorialização. No entanto, verificamos que até hoje os movimen-

[3] "O espaço e seus elementos: questões de método". In: *Revista Geografia e Ensino*. Belo Horizonte: Departamento de Geografia do Instituto de Geociências/UFMG. No 1 – Ano I - 1982.

tos populares, partidos políticos e demais organizações da sociedade civil encontram dificuldades em assumir a nova divisão. Para muitas necessidades os Distritos são extensos e não dão elementos para a desagregação da informação mantendo a base censitária. Ao mesmo tempo, a malha digital dos setores censitários não está disseminada o suficiente para sua utilização de forma mais abrangente, e as escalas intermediárias entre o setor censitário e o distrito, referenciadas com a nomenclatura dos bairros, as quais não possuem base censitária.

Em 1997 a Pesquisa Origem e Destino (O/D) do Metrô de São Paulo através da consideração do uso do solo e outros estudos de deslocamentos da população estabeleceu uma divisão para a Região Metropolitana de São Paulo que subdividiu os Distritos da capital respeitando os setores censitários. São Paulo ficou com 270 zonas de Pesquisa Origem Destino. *"Os resultados dessa pesquisa delimitam a distribuição espacial da população no território da Região Metropolitana e seus locais de interesse de viagens. É precisamente essa característica de espacializar as informações na área urbanizada que a destaca das demais pesquisas no gênero e lhe dá prestígio nos meios técnicos e acadêmicos que atuam no planejamento urbano e regional em particular no de transporte"*[4].

A Pesquisa O/D também é utilizada em estudos e projetos que se refiram às características sócio-econômicas da população; em planos urbanísticos, como Planos Diretor de Municípios; em estudos de localização e dimensionamento de equipamentos e serviços urbanos; em estudos e projetos de tráfego, bem como para inúmeros projetos onde se fazem necessárias informações dessa natureza.

As zonas da Pesquisa O/D representam um módulo compatível metodologicamente com o nível requerido de desagregação de informações necessário para a formulação de políticas públicas eficazes e para, de maneira não menos importante, possibilitar uma identificação maior dos cidadãos com o lugar a qual pertencem. Adotadas pelo Instituto Lidas em toda sua metodologia desde 1999, as zonas O/D foram rebatizadas de **UNIDADES DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO – UPP**, e constituem a unidade básica de território a ser considerada nesse Diagnóstico.

A UPP é justamente a escala intermediária entre os distritos e os setores censitários; ela contém os principais elementos básicos do espaço, numa fragmentação que permite inversamente a reconstituição da totalidade da cidade. A divisão permite também a assimilação das informações por parte da população, pois o território da UPP, que tem em média 5 km^2 corresponde ao espaço de vivência do cidadão, sua residência, o local de compras, lazer, trabalho, etc, delimitada por ruas e avenidas que lhe são conhecidas. Em uma metrópole como São Paulo, em que o cidadão é levado a um grau de alheamento em relação a própria dinâmica

[4] <http://www.metro.sp.gov.br/empresa/pesquisas/origem/teorigem.shtml> em 6 de março de 2007.

que a cidade adota nos seus mais diferentes níveis de decisão, a metodologia de divisão da cidade com base em áreas de vivência é uma maneira de recompor uma imagem orgânica da cidade e recolocar o cidadão em um lugar onde se reconheça como parte integrante e ativa de um processo mais amplo.

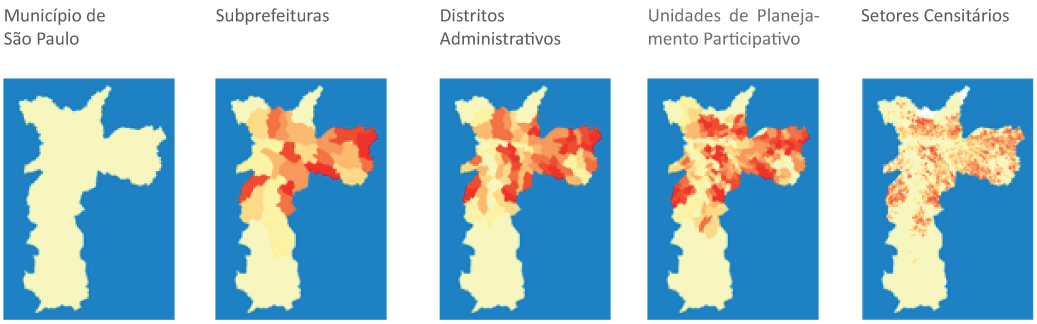
Na proporção entre população e desagregação territorial, a UPP também aparece como uma divisão qualificada, pois apresenta uma média mais adequada à aplicação das políticas públicas: são 38.645 habitantes comparados aos 108.690 por distrito. As UPPs podem ainda ser divididas em SubUPPs que guardam uma média de população de 10.219 habitantes. As SubUPPs porém, assim como os setores censitários, não devem ser tomadas como unidade básica de análise, pois já são bem menores e não têm em seu território os elementos espaciais básicos que permitem uma comparação efetiva com a totalidade da cidade.

Tabela 1 - Proporção entre população e desagregação territorial

Divisão Territorial	Desagregação	Média Pop./Território
Município	1	10.434.252
Subprefeitura	31	336.589
Distritos	96	108.690
UPP	270	38.645
Sub UPP	1.021	10.219
Setores Censitários	13.278	785

Fonte: *Censo demográfico 2000 - IBGE*

Mapas - Densidade demográfica por divisão territoral



A sequância de mapas mostra a densidade demográica em áreas cada vez menores, permitindo a verificação da heterogeneidade existente no Município de São Paulo. Este detalhamento possibilita a visualização mais acurada da situação de Crianças e Adolescente nos diferentes território da cidade.

Mapa 2 - Unidades de Planejamento Participativo - UPPs



O uso do Geoprocessamento

O desafio colocado pelo Sistema de Diagnóstico da Situação da Criança e do Adolescente na Cidade de São Paulo é propiciar informações válidas, confiáveis e sistemáticas, e que sejam possíveis de serem desagregadas até o nível das Unidades de Planejamento Participativo - UPPs.

Para viabilizar a realização do perfil espacial e territorializado da população infanto-juvenil - assim como dos equipamentos e programas - com base nas UPPs, todas as informações deste diagnóstico foram devidamente georreferenciadas.

O georreferenciamento consiste na atribuição de coordenadas geográficas a cada registro de um banco de dados tabular, por meio de operações realizadas num ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG). Este processo utiliza uma base de logradouros já georreferenciada que, num ambiente de SIG, realiza a vinculação de endereços a um sistema de coordenadas geográficas, expresso em latitude e longitude. Dessa maneira, com os dados de endereço, CEP e número, e através do uso de computadores e softwares de geoprocessamento as informações foram localizadas no mapa da cidade.

A qualidade do endereçamento de um registro, ou seja, a sua localização precisa, depende das informações originais dos cadastros (endereço correto e completo, por exemplo), como também da existência do endereço na base de logradouros georreferenciada, que serve para localizar o registro no mapa. Uma rua existente no cadastro original, por exemplo, pode não existir na base de logradouros utilizada para georreferenciamento ou, ainda, esta rua pode ter mudado de nome recentemente e, nestes casos, torna-se impossível endereçar o registro de forma precisa.

Quando não é possível localizar um registro de forma automática, mesmo após a padronização e a correção manual dos endereços originais, um endereçamento aproximado é feito com o uso do CEP. Este fato é normalmente mais freqüente nas áreas de ocupação mais recente da cidade, onde, muitas vezes, a rua declarada no cadastro não consta com a mesma denominação na base de logradouros.

Como o tratamento e a modelagem dos bancos de dados tiveram como referência basilar as coordenadas geográficas que identificam as UPPs, as possíveis imprecisões no endereçamento não comprometem as análises gerais da distribuição da informação no espaço, pois o CEP mais próximo possibilita a identificação do território. Essa técnica permite também que, mesmo para aqueles que moram em um logradouro não regularizado, seja possível realizar consultas por CEP e número, localizando a UPP desejada.

Os sistemas de informação geográficos trazem imensa contribuição para a questão da demanda e local da oferta de bens e serviços públicos. É necessário identificar as pessoas que são o objeto/sujeito das políticas sociais, através de dados sócio-demográficos espacializados e combinados com informações sobre a localidade de equipamentos sociais, infra-estrutura, condições ambientais, etc. As técnicas de geoprocesamento se tornam uma ferramenta indispensável para trabalhar esses elementos.

Para além da apresentação de tabelas, gráficos e listagens, a visualização das informações no mapa, seja ele temático ou de pontos, permite a concretização dos números e estatísticas, caracterizando uma forma diferente de olhar para o espaço de vivência da população. É neste sentido que a linguagem/formato de apresentação dos dados é crucial para garantir a efetiva utilização dos mesmos.

Anexo 8 – Formulário do Movimento Creche Para Todos

2008

Formulário de pesquisa de demanda por Educação Infantil - Movimento Creche para Todos - São Paulo/SP

Nº QUADRA: 1742770000	**Percorrida:** ( ) 1 - ( ) 2 - ( ) 3 - ( ) 4 - ( ) 5
Logradouro: R CLOVIS CANTO	**CEP:** 04852-008

Nº	Compl.	Nome da criança	Tem criança de 0 a 5 anos?	Esta na creche ou CEI?	Se SIM. Qual?	Se NÃO, quem cuida?	Já tentou vaga em creche ou CEI pública?	Fez cadastro para lista de espera na creche?	Atendimento
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar
			( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Particular ( ) Municipal ( ) Conveniada	( ) Família ( ) Crecheira ( ) Outro	( ) SIM ( ) NÃO	( ) SIM ( ) NÃO	( ) Recusa ( ) Ninguém em casa ( ) Imovel Vazio ( ) Retornar

Nº:	Observação:	
Nº:	Observação:	
DATA: ____ / ____ / 2009	Pesquisador: ____	Ficha nº: